



coleção
científica
edicel

3

ALBERT DE ROCHAS

EXTERIORIZAÇÃO DA SENSIBILIDADE

dos seguintes pesquisadores:

BARON, THOMAS
Medicina experimental
CHODAK, WILLIAM
Física e química orgânicas
ENRICH, MICHAEL
Física e química orgânicas
JONES, PETER
Psiquiatria e psicoanálise freudiana
MANNING, JAMES CURR
Física nuclear
MEYER, FRANZ ANTON
Medicina e reprodução humana
ROCHENBACH, BARÃO DE
Física química nuclear
TROJANOWSKI, CASIMIR
Medicina interna

Neste livro o leitor encontrará as descobertas

 EDICEL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Albert de Rochas

Exteriorização da Sensibilidade

Estudo Experimental e Histórico

Título original em Francês
L' Exteriorisation de la Sensibilité
1899

Tradução
de Julio Abreu Filho

Apresentação
de Herculano Pires

Edicel

Repele a opinião e serás salvo
Marco Aurélio

Conteúdo resumido

A importância deste livro está na revelação do que há de real, de positivo e, portanto, de cientificamente verificável nos processos de Exteriorização da Sensibilidade. Não se trata de uma especulação gratuita a respeito, mas de uma exposição de experiências realizadas com métodos rigorosos, segundo um plano bem estabelecido e bem seguido. O professor Albert De Rochas, diretor do Instituto Politécnico de Paris, homem de ciências que deixou impressionante bagagem de trabalhos e livros, surpreende o leitor com uma seqüência de experiências.

Sumário

Apresentação - 03

Prefácio da 1.^a Edição - 07

Capítulo I - Da objetividade dos eflúvios - 10

Capítulo II - A Exteriorização da Sensibilidade - 52

Capítulo III - O feitiço - 77

Capítulo IV - O pó de simpatia - 117

Capítulo V - Cura magnética das feridas e traspasse das doenças - 141

Capítulo VI - As Teorias de Maxwell - 162

NOTA:

A) As Teorias da Escola, o método e as hipóteses novas - 173

B) Extrato do relatório de Jussieu - 185

C) Extrato do relatório Berzelius - 187

D) A vida dos átomos e os sonhos científicos - 191

E) Vitalidade nos membros separados do corpo - 201

F) Eflúvios dos órgãos dos sentidos e dos pontos hipnógenos - 206

G) A radiação cerebral - 209

- H) Ação mecânica das radiações oculares - 219
- I) Sensibilização de substâncias diversas - 221
- J) A exteriorização e o armazenamento - 235
- K) O OD, veículo da força vital - 268
- L) Medicação por traspasse em seres vivos - 285
- M) A simpatia a grandes distâncias - 289
- N) O filtro de Marie de Clèves - 292
- Apêndice - 293

Apresentação

A importância deste livro está na revelação do que há de real, de positivo e portanto de cientificamente verificável nos processos da Feitiçaria. Não se trata de uma especulação gratuita a respeito, mas de uma exposição de experiências realizadas com métodos rigorosos, segundo um plano bem estabelecido e bem seguido. O professor Albert De Rochas, diretor do Instituto Politécnico de Paris, homem de ciências que deixou impressionante bagagem de trabalhos e livros, surpreende o leitor com uma seqüência de experiências que têm a fascinação de um romance de mistérios.

Mas não se assuste o leitor. De Rochas é um homem positivo, um cientista moderno. Revela-nos um curioso panorama histórico da Feitiçaria nos tempos antigos e na Idade Média para provar, com dados e fatos, que o objeto de suas pesquisas constitui uma realidade social e cultural das mais dramáticas e portanto das mais vivas e poderosas. Demonstra que a força da Magia não está na imaginação primitiva ou na superstição popular, mas nas próprias forças biológicas ainda tão pouco estudadas e tão pouco conhecidas, não obstante todo o avanço das Ciências.

Hoje, como ontem e como amanhã, os feiticeiros continuam agindo em toda parte. As mais duras repressões não foram suficientes para extirpá-los do mundo. Na mesma hora em que o homem pisava na Lua pela primeira vez, naquele exato momento, por todo o planeta havia feiticeiros filtrando os raios lunares para fazer despachos ou praticar estranhas, curas. E isso não apenas nas zonas sertanejas, mas também nos grandes centros civilizados, no interior de arranha-céus nas esquinas de campus universitários. Nossas televisões exibem freqüentemente cenas de macumba e entrevistas de feiticeiros. A política e o futebol são feitos na base dos terreiros.

Já muito se sabe sobre a origem primitiva das práticas de feitiçaria, a origem africana e indígena dos nossos terreiros de Umbanda, Quimbanda, Candomblé etc., mas pouco ou nada existe para explicar os possíveis fundamentos biopsíquicos da crença no feitiço. As pesquisas parapsicológicas abriram novas possibilidades nesse campo, mas a charlatanice, de um lado, a ignorância, de outro, e ainda de outro lado a arrogância dos saberetas de nosso meio universitário - onde a moda é ser prá frente à maneira do cágado - confundem de tal forma as coisas que os resultados práticos são nulos. Continuamos estimulando pela própria descrença, pela subestimação mais incoseqüente, pela estupidez pretensiosa o surto das práticas supersticiosas em nossa civilização contraditória.

O trabalho do professor Albert de Rochas, nesse campo como em tantos outros, é uma tentativa de solução racional do problema. Diz a sabedoria popular que onde há fumaça há fogo. De Rochas aplicou o método experimental das Ciências na procura desse fogo e o encontrou. As forças psicológicas do homem possuem a capacidade de exteriorizar-se. As múmies, conhecidas desde a mais alta Antiguidade, utilizadas nas civilizações orientais e no mundo clássico greco-romano, na Idade Média, na Renascença, na Idade Moderna e em nossos dias, provam isso. As múmies (momies em francês) não são

mais do que pedaços de metal, porções de água, de cera, de pano, de madeira e outros elementos que servem para absorver a sensibilidade humana e conservá-la, exatamente como as esponjas absorvem e conservam a água.

O termo vem de múmia. O tradutor, talvez para diferenciar as múmies mágicas das múmias históricas, conservou do francês o e final da palavra em lugar de nosso a. O expediente nos parece útil e válido. Assim como o francês absorveu o nosso feitiço em forma de fetiche (e tão utilmente que nós mesmos nos vemos obrigados a usar fetiche em português) assim podemos observar a momie no francês e dar-lhe uma forma híbrida no português, para evitar confusões. Resta saber se esse termo técnico - múmie - corresponde a uma realidade ou apenas a um ilusão. Este livro nos mostra que as múmies são reais.

A grande virtude de Albert De Rochas é a sua desinibição, o seu arejamento, a sua falta de preconceitos e portanto a sua coragem cultural. Tão difícil essa coragem em nossos dias, quando a esquematização da cultura vai cada vez enleando mais os espíritos na rede dos temores, das inibições e da covardia. De Rochas pega um pedaço de cera e faz bonequinho. Impregna-o com a sensibilidade exteriorizada de um médium e submete-o a experiências que parecem ridículas aos olhos de um cientista pedante. Mas é dessa experiência que resulta o fato; o bonequinho de cera revela estar em ligação estreita com a pessoa de quem absorveu a sensibilidade e se transforma num instrumento através do qual aquela criatura de carne e osso pode ser ferida. De Rochas vai mais longe e inventa uma nova forma de feitiçaria, servindo-se da chapa fotográfica, onde a bromogelatina exerce as mesmas funções absorventes da cera. É um feiticeiro inovador.

A prova científica é feita com rigor. As possíveis influências da imaginação, da sugestão, da comunicação mental são afastadas. De Rochas conclui que a sensibilidade humana se exterioriza e pode ser

armazenada nas múmies. Um feiticeiro pode atingir com sua arte maligna uma criatura humana e prejudicá-la. Mas então - gritarão os energúmenos da ignorância doutorada - um feiticeiro branco pode liquidar um sábio com suas artes ridículas? Não haveria nada demais nisso, nada de impossível, pois muitos sábios já pereceram nas selvas a tacapadas ridículas. Mas não nos precipitemos. De Rochas reconhece o fato mas também lhe descobre os limites. A ação paranormal do feitiço está limitada por condições psíquicas e psicofísicas que o autor explica no seu trabalho. Não basta fazer o feitiço para atingir os outros.

Estas pesquisas de Albert De Rochas, amparadas por numerosas outras pesquisas de cientistas ilustres, que figuram também neste livro, são ainda respaldadas e confirmadas pelo avanço atual da Parapsicologia. De Rochas foi um pioneiro. Os parapsicólogos atuais terão de pisar nas suas pegadas. Ao lado de Ernesto Bozzano, o grande metapsiquista italiano, Albert De Rochas obriga os estudiosos e pesquisadores atuais a lhe farejarem humildemente o rastro, queiram ou não.

Nesta fase em que as experiências com transplantes de órgãos levantam controvérsias no mundo científico, este livro de De Rochas nos propõe a tese do transplante de doenças. As múmies servem para esses transplantes ou traspases, desde que se observem as condições necessárias. E quando De Rochas nos conta a estória de um transplante de nariz que acabou mal porque o antigo dono do apêndice nasal morreu antes de beneficiado, devemos pensar no problema das ligações de órgão transplantado com o corpo de que proveio. A tudo isso, De Rochas acrescenta o problema das vibrações dos fluidos humanos, das ligações hipnóticas entre sensitivos e agentes, da influência dos fluidos elétricos e magnéticos, mentais e vitais nas relações entre médicos e pacientes e entre os próprios pacientes.

É todo um mundo novo que se abre aos nossos olhos, neste momento em que a Fluídica se erige em técnica independente e já começa a transformar-se em nova Ciência. O éter espacial, os fluidos, o od de Reichenbach e outras velharias estão ressuscitando na Física atual e exigindo novas observações. O mundo mecânico de um cientismo pretensioso e ingênuo, superficial, que até há pouco zombou impunemente do passado recente está em agonia. Um novo mundo complexo, maravilhoso, feito de fluidos e vibrações se ergue diante de nós. É a esse mundo que pertencem às pesquisas sobre a Feitiçaria que Albert De Rochas nos apresenta neste volume. Inútil querer esconder a cabeça na areia movediça das teorias superadas. Os feiticeiros estão de vara em punho sob as estréias. É melhor procurarmos conhecer-lhes os poderes ocultos através das pesquisas deste caçador de bruxas, deste analisador impiedoso do feitiço.

Prefácio da 1.^a Edição

Antes de abordar a exposição dos fenômenos extraordinários que constituem o objeto deste livro, não considero inútil chamar a atenção do leitor para a necessidade de se desligar, logo de início, de todo preconceito científico.

Desde que a experiência nos mostra que cada geração repudia as teorias das gerações precedentes, devemos supor que as teorias hoje admitidas terão a mesma sorte e nos lembramos do judicioso conselho de Sir John Herschell: "O perfeito observador, em qualquer ramo da ciência, terá sempre os olhos abertos, por assim dizer, sobre aquilo que se pode encontrar de improviso, em face de tal ocorrência que, conforme as idéias recebidas, não se deve apresentar, e que são os fatos que servem de chave às novas descobertas."

Eis uma opinião muitas vezes expressa e que, entretanto, tem muita dificuldade de entrar no espírito das massas. Se, no seu Prefácio ao Tratado do Vácuo, Pascal julgava dever a isto recorrer (Vide a nota A do apêndice) para se desculpar da sutileza de suas proposições relativas ao peso do ar, facilmente verificável; quanto mais precisamos nós, quando se trata de fenômenos raros e fugidios, difíceis de reproduzir, e de cuja realidade, em geral, não se tem como garantia o testemunho dos próprios sentidos, mas apenas o de pessoas estranhas, de cujas afirmações somos tentados a suspeitar, sobretudo quando se vê um perigo para suas crenças filosóficas ou religiosas?

Ora, é para a solução de problemas tão perturbadores da existência da alma e da natureza de suas relações com o corpo que tendem os estudos dos quais hoje apenas exponho o começo.

Até aqui os filósofos encararam a questão do lado metafísico. Tento abordá-lo pelo método experimental, assim fornecendo o gênero de provas às quais a nossa educação nos tornou particularmente sensíveis. Aliás, desde alguns anos este método nos abriu horizontes, apenas entrevistos por nossos predecessores, sobre a possibilidade de substituir uma vontade estranha à própria personalidade do sensitivo, utilizando, por determinados processos, do agente que serve de intermediário entre o seu espírito e a sua carne.

Quando, neste livro, relatei minhas próprias experiências, fi-lo com toda a sinceridade possível e, por assim dizer, procurei conservar-lhes a fisionomia, de maneira a não permitir lhes fosse atribuído um alcance maior do que o que elas tem em meu próprio pensamento, pois nada é mais perigoso do que uma idéia falsa, quando esta entra em circulação acobertada por uma palavra autorizada.

Acumulei documentos históricos, para mostrar que os fenômenos constatados por mim não são tão novos e, por conseguinte, tão inverossímeis quanto se é tentado a crer. Mas, em minha opinião, teria sido trabalho perdido neles tentar discernir o falso do verdadeiro, pois

o que hoje nos parece impossível bem poderá não o parecer dentro de alguns anos. Limitei-me, portanto, à sua colheita nas verdadeiras fontes e transcrevê-los com exatidão, a fim de dar ao leitor a facilidade de fazer, caso o deseje, o trabalho que me pareceu inútil.

Os sábios do século XVII, aos quais se devem tão grandes descobertas e pontos de vista, ao mesmo tempo tão justos e tão ousados sobre a natureza das coisas, não puderam. Entretanto, subtrair-se inteiramente às falhas de seu tempo. A escolástica da Idade-Média os havia habituado a fiar muito na palavra do mestre e a confundir o domínio da Física com o da Metafísica. Daí uma carência quase absoluta de crítica em relação aos fatos sobre os quais estabeleciam os seus raciocínios e o erro de suas conclusões que, em confiança, davam como gerais, sem ver, entretanto - o que saltava aos olhos - que elas não se aplicavam, na realidade, senão a casos excepcionais.

Em nossos dias por uma falha inversa, a gente é levada a não admitir como realmente demonstrado senão aquilo que pessoalmente se pode perceber, sem refletir que as organizações nervosas, que aqui estudamos, são no homem tão diferentes quanto as organizações intelectuais e morais.

A verdade está entre os dois extremos: há pessoas que, do ponto de vista da extensão e da acuidade dos sentidos, se acham tão acima do comum quanto um Napoleão, um Mozart, um Rafael e um Arquimedes o estão sob outros aspectos. Mas como jamais a natureza procede por saltos, encontram-se todos os graus intermediários.

Se os nossos estudos devessem ser justificados de outra maneira que não por esta nobre inquietude que, segundo a expressão de Sêneca, arrasta sempre a alma humana para as regiões desconhecidas, de onde tira ela a sua divina origem, faríamos observar que a história das crenças populares, como a das doenças mentais ou nervosas, ilumina-se quando se admitem esses graus intermediários de

faculdades anormais, até aqui desconhecidos porque, em falta de aumento suficiente, se assim me posso exprimir, escapavam à análise.

L'Agnélas (Isère) 25 de setembro de 1894.

ALBERT DE ROCHAS

Capítulo I

Da objetividade dos eflúvios percebidos sob forma de luz no estado hipnótico

I

Em todos os tempos foi assinalada a existência de eflúvios luminosos que se desprendem de certas pessoas excepcionalmente dotadas. O Pe. Ribet relata grande número desses casos na sua *Mystique divine* (T. II, Cap. XXIX), e a imaginação religiosa consagrou a sua tradição com a auréola dos santos e os raios que se escapam dos dedos da Virgem ou da frente de Moisés.

Quando das primeiras observações relativas ao magnetismo animal, notou-se que a maioria dos sonâmbulos, dotados de uma hiperestesia sensorial geral, em relação ao seu magnetizador (1) constataavam nele um fenômeno análogo, invisível para as outras pessoas.

(1) Vide nota B (Relatório do senhor Jussieu sobre o magnetismo animal).

A maior parte dos sonâmbulos vêem, diz Deleuse (2), um fluido luminoso e brilhante rodear seu magnetizador e sair com mais força de sua cabeça e das mãos; reconhecem que o homem pode produzi-lo à vontade, dirigi-lo e dele impregnar diversas substâncias. Alguns não só o vêem quando em sonambulismo, mas ainda alguns minutos

depois de despertados. Há para eles um gosto muito agradável e comunica um gosto particular à água e aos alimentos. Algumas pessoas percebem esse fluido quando magnetizadas, embora não em sonambulismo. Encontrei os que o vêem magnetizando, mas esses casos são extremamente raros.

(2) *História do magnetismo animal, 1843, p. 84.*

Pelo meado deste século o doutor Despine, em Aix-les-Bains e o doutor Charpignon, em Orléans, confirmam as observações precedentes e, além disso, por numerosas experiências estabelecem que certos sonâmbulos podiam perceber como um nevoeiro mais ou menos luminoso, não só as radiações, para nos obscura, da eletricidade estática ou dinâmica, mas ainda os eflúvios que se escapam de alguns corpos e, notadamente, dos ímãs, do ouro, da prata.

Mais ou menos na mesma época, um sábio químico austríaco, o barão Reichenbach, descobria que o estado sonambúlico não era necessário para determinar a percepção das sensações luminosas de que acabo de falar e reconheceu que, para certas pessoas; elas se produziam após uma estada de várias horas em profunda obscuridade.

Dotado de notável espírito científico e de rara tenacidade gozando, além disso, de belíssima fortuna, não poupou tempo nem dinheiro para utilizar o novo processo de investigação de que, era inventor. Publicou o resultado de suas pesquisas em diversos livros, infelizmente muito pouco conhecidos na França, e dos quais dei uma impressão sumária numa publicação recente (3).

(3) *O Fluido dos Magnetizadores. Relato das experiências de Barão de Reichenbach sobre suas propriedades físicas e fisiológicas. - Paris, Carré, 1891.*

Encontrar-se-á na nota C o relatório, feito em 1846 por Berzelius Academia das Ciências de Estocolmo, sobre algumas experiências de Reichenbach.

A ação fisiológica do ímã foi recentemente constatada de novo, em Nova York, pelo senhor W. Hamond (Annales de Psychiatrie et d'hypnologie. Novembro de 1894). Eis uma das experiências referidas por este observador:

“Um senhor de trinta anos e de natureza nada impressionável, pedido meu, descobriu o braço direito, arregaçando até a espádua manga da camisa e o estendeu todo

sobre uma mesa. Então, tomei um lenço e lhe vendei fortemente os olhos, exprimindo-lhe o desejo de que tivesse a bondade de me dizer que sensação experimentava no curso da experiência. Tendo-o induzido, assim, a concentrar a atenção sobre essa parte do corpo, conservei um forte ímã em forma de ferradura, em contacto quase imediato acima de sua nuca e a cerca de uma polegada de sua pele”.

"Ao cabo de 32 segundos, por meu relógio, disse ele: Nada sinto no braço, mas experimento uma estranha sensação de entorpecimento atrás do pescoço. - Dez segundos após, exclamava: Agora parece que me passeais um vidro ardente por trás do pescoço. Tirei o ímã e lhe perguntei se nada sentia no braço. - Não, replicou ele, não creio.

"Enquanto ele falava, levei vivamente o ímã acima de sua cabeça, ao mesmo tempo tocando-lhe o braço com um corta-papel. - Sinto, disse ele, que me tocais com alguma coisa, mas o entorpecimento que sentia no pescoço desapareceu e agora se acha justamente acima da cabeça.

"Então afastei o ímã e o fiz mover acima do braço, da espádua à ponta dos dedos, a cerca de uma polegada da pele. Depois de dois ou três passes idênticos, disse ele: Agora sinto algo no braço, experimento uma sensação tal como se me picásseis o braço com alfinete, posto que absolutamente não me fira. Agora parece que o vidro ardente me queima ligeiramente, ao longo do braço.

"Outras modificações da experiência foram feitas, sempre com resultado semelhante. Era evidente que o ímã produzia sensações irritantes sobre as partes do corpo, onde sua proximidade não era suspeitada." E as observações relativas à ação curadora dos ímãs em certas pessoas, desde séculos se contam aos milhares e não deixa a menor dúvida sobre a realidade dos eflúvios que emitem.

Limitar-se-ei a citar aqui alguns extratos de um deles, onde expõe os fenômenos cujos estudos retomei sob uma outra forma (4).

(4) *Lettres odiques et magnétiques*. Stuttgart, 1856.

Conduzi um sensitivo à obscuridade, levei um gato, um pássaro, uma borboleta, - se puderdes conseguir uma - e vários vasos de flores. Após algumas horas de escuridão, ouvi-lo-eis dizer coisas curiosas: as flores sairão da obscuridade e tornar-se-ão perceptíveis; a princípio, sairão do negro da escuridão geral sob a forma de uma nuvem cinza isolada; mais tarde, formar-se-ão pontos mais claros; por fim, cada flor tornar-se-á distinta e as formas aparecerão cada vez mais nitidamente. Um dia, pus um desses vasos em frente ao senhor Endlicher, distinto professor de botânica, que era um sensitivo mediano; ele exclamava com admiração mesclada de pavor: É uma

flor azul, uma glicínia. Era efetivamente uma *Glocinia speciosa*, variedade *coerulea*, que ele tinha visto na escuridão absoluta e que havia reconhecido pela forma e pela cor.

Mas sem a luz nada se poderia ver na obscuridade. Foi preciso a presença da luz a fim de perceber a planta com tal evidência, que não só lhe pôde reconhecer a forma, mas também a cor. De onde vinha esta luz? Saia da planta mesma, que iluminava: germens, anteras, pistilos, corolas, hastes, tudo aparecia finalmente iluminado; podia-se até perceber as folhas, posto que sombrias. Tudo aparecia como numa suave incandescência: as partes genitais eram as mais brilhantes, depois a haste e, enfim, as folhas.

Vossa borboleta, vosso gato, vosso pássaro aparecerão igualmente na obscuridade; certas partes desses animais tornar-se-ão luminosas. Logo o sensitivo declarará que também vos vê... Fixai sua atenção sobre as mãos: a princípio elas terão uma fraca semelhança com uma fumaça cinzenta, depois assemelhar-se-ão a uma silhueta sobre um fundo levemente iluminado; enfim os dedos aparecerão com a sua própria luz. Ele verá em cada dedo um prolongamento luzente, que, por vezes poderá parecer tão longo quanto o próprio dedo. Quando primeiro espanto relativo à faculdade luminosa de todos os homens - até aqui desconhecida - tiver passado e quiserdes dirigir a atenção ao vosso sensitivo para o detalhe desses clarões talvez o ouçais dizer, com uma nova surpresa, que as cores nas diversas partes do corpo, não são semelhantes; que as mãos direitas luzem com um fogo azulado, enquanto que a esquerda parecem amarelo-vermelho e que, por isto, as primeiras parecer mais sombrias que as últimas; que a mesma diferença existe nos pés; também que todo o lado direito do vosso rosto e do corpo inteiro é azulado e mais sombrio que o esquerdo, que é amarelo avermelhado e parece sensivelmente mais claro que outro (Carta 5.)

Fiz meu primeiro ensaio dos ímãs com a senhoril Nowstuy em Viena, em abril de 1744, e o repeti centenas de vezes com outros sensitivos na câmara escura. - De cada ponta da barra imantada se desprende uma chama luminosa, ardente, fumegante e soltando faíscas; azul no pólo norte, amarelo-vermelha no pólo sul. - Se puserdes a barra verticalmente, com o pólo sul para o alto, o sensitivo dirá que a chama cresceu. Se o ímã tiver força suficiente, a chama elevar-se-á até o teto e aí fará um círculo luminoso de 1,2 até 3 pés de diâmetro, tão claro que o sensitivo - se o for bastante - poderá descrever detalhes do teto. Mas eu vós previno que não negligencieis nenhuma das precauções que vos indiquei para a obtenção de uma obscuridade absoluta, preparai os olhos do vosso sensitivo durante horas inteira. Sem isto ele nada verá; trabalhareis inutilmente e a exatidão das minhas afirmações correrá o risco de uma suspeita imerecida (Carta 4).

As experiências de Reichenbach foram repetidas, com o auxílio dos mesmos processos, por um magnetizador de profissão, o senhor Durville, que os determinou por novas observações, cujo resultado deu numa obra de propaganda, intitulada: *Traité expérimental et Thérapeutique du magnétisme* (págs. 99 a 115; Paris, 1886). Como o sábio austríaco, ele ensina que o lado direito do corpo humano é azul no seu conjunto e o lado esquerdo amarelo, com eflúvios de cores correspondentes, lançados pelos órgãos dos sentidos (olhos, ouvidos, narinas, etc.).

Algum tempo depois, fui levado, por meus estudos sobre os estados profundos da hipnose, a reconhecer que:

1.º - A faculdade da visão, atribuída pelos primeiros magnetizadores aos sonâmbulos, em geral só aparecia no estágio que chamei estado de relação, e que desaparecia quando o sono se aprofundava.

2.º - Nos sensitivos muito sensíveis pode-se determinar o estado de relação de um membro qualquer, e em particular dos olhos, agindo magneticamente sobre os órgãos, enquanto que o resto do corpo fica em estado natural;

3.º- Nestas condições, certos sensitivos adquirem uma hiperexcitabilidade momentânea da vista, que lhes permite ver em plena luz os eflúvios, objeto deste estudo.

No serviço do doutor Luys, na Charité, encontrei um sensitivo chamado Albert L., que desfrutava esta faculdade em alto grau e que, além disso era desenhista profissional; de sorte que, graças à atenção do doutor Luys, a quem revelei esta singular propriedade, ficamos ambos de posse de um instrumento de trabalho muito superior àquele de que se serviam os nossos predecessores, pois que, em vez de sermos obrigados, como eles, a nos reportarmos a descrições mais ou menos vagas, podíamos obter desenhos, e até pinturas, às quais o sensitivo tinha facilidade de tratar com toda a precisão desejável, por meio da simples precaução de recolocar os seus olhos de vez em quando, no estado conveniente, estado no qual o doutor Luys fez constar, por meio do oftalmoscópio que o fundo do olho apresenta um fenômeno de eretismo vascular extrafisiológicos, (5) e que os vasos sanguíneos aí quase triplicaram de volume.

(5) *Relatórios da Sociedade de Biologia. Sessão de 17 de junho de 1893.*

As quatro lâminas coloridas, que se acham no fim de capítulo, reproduzem alguns desses desenhos. Nós as demos, tão exatamente quanto possível, para lhes conservar o caráter documentário em estudos onde tudo ainda está longe de explicado.

Segundo as observações do doutor Luys, feitas com o auxílio de Albert L., o lado direito do corpo humano apresenta, em geral (6) uma coloração azul. Os olhos, os ouvidos, as narinas, os lábios emitem irradiações da mesma cor, e essas irradiações são tanto mais intensas quanto mais vigoroso o sensitivo. O lado esquerdo emite eflúvios

vermelhos pelos órgãos dos sentidos, e sua intensidade varia semelhantemente com o estado sensitivo.

(6) Ver-se-á pela continuação, deste estudo, que os sensitivos invertem muitas vezes as colorações que atribuem aos eflúvios; mas então invertem todos da mesma maneira, seja qual for a sua origem.

É assim que, na figura 1. da Lâmina II, o lado direito é indicado em vermelho e o esquerdo em azul; mas nesse caso o sensitivo inverte igualmente as cores que atribui aos pólos de um ímã: vê vermelho pólo norte e azul o pólo sul.

Daí procedem às contradições e as discordâncias que foram reveladas nas afirmações de diferentes autores, e até mesmo nas de um mesmo observador. O doutor Luys, por exemplo, atribui aos eflúvios do pólo norte a coloração azul (Annales de Psychiatrie, de julho de 1892), ora a coloração vermelha (mesmos Annales, de outubro de 1893).

Levando suas experiências na via de suas ocupações profissionais, o doutor Luys observou que nos sensitivos histéricos masculinos e femininos, a coloração dos eflúvios do lado direito torna-se violeta e que, nos casos onde há paralisia pelo desaparecimento da atividade nervosa, as colorações luminosas da pele são semeadas de pontos negros. Ele constatou igualmente que os eflúvios oculares subsistem durante algumas horas após a morte, e que, se se abrir o crânio de um animal vivo, o lóbulo direito do cérebro aparece com um belo azul e o lóbulo esquerdo com um belo vermelho, até que a vida desapareça completamente o que mostra não haver entrecruzamento para esse gênero ação do encéfalo, como para as suas ações motrizes e sensitivas.

Quando o ouvido é duro, isto é, quando a pessoa observada é mais ou menos surda, a radiação luminosa do ouvido diminui consideravelmente. Um peixe vivo, fora da água, emite radiações análogas às dos outros animais; quando, porém, está água as radiações tornam-se invisíveis, provavelmente porque se dissolvem. Eflúvios azuis se desprendem igualmente do pólo norte de um ímã e do pólo positivo de uma pilha, ao passo que os pólos negativos de um ímã e de

uma pilha dão eflúvios vermelhos; as bobinas de indução cobrem-se de um clarão amarelo quando atravessadas por uma corrente.

Todas estas observações precisam ser verificadas muitas vezes antes que possam ser admitidas sem reservas, tanto mais quando reconheci, por experiências desenvolvidas metodicamente, há mais de quinze anos, com numerosos sensitivos, que as descrições que estes faziam das colorações nem sempre eram concordantes, pois o mesmo sensitivo por vezes variava em suas afirmações, de um momento para outro, quer sob a influência de uma modificação em seu estado hipnótico, quer mesmo sob uma orientação diferente do objeto que emite os eflúvios (7).

(7) Acabo de receber (8 de junho de 1897) o relatório de toda uma série de sessões feitas sob a direção do senhor capitão de L., com um jovem de 21 anos, de aparência robusta, inteligência viva e que, desde algum tempo, tornou-se médium vidente, escrevente e de incorporação.

Eis como ele me é descrito:

"Sua cor preferida é o azul; detesta o amarelo e o verde lhe causa uma impressão desagradável, que não pode definir. Sente de novo a influência da orientação e se contrai facilmente quando se colocam perto dele em posição isónoma.

"Vê os eflúvios de uma pessoa estranha sob a aparência de um clarão tanto mais vivo quanto mais a pessoa se aproxima. Este clarão, azul à direita e amarelo-laranja à esquerda, envolve o corpo inteiro e não lhe parece definido como contorno. É mais vivo nos olhos e nas mãos. Quando um magnetizador concentra sua vontade em seu olhar, o eflúvio que escapa dos olhos não é mais longo, mas é mais brilhante, como se o fato de querer produzisse uma aceleração no movimento molecular do eflúvio.

"Esses movimentos moleculares são visíveis para o sensitivo. - São, diz ele, moléculas que giram muito rapidamente em torno de si mesmas umas em redor das outras. - Pretende ele que os movimentos variam em direção e em intensidade, conforme o caráter e o estado de alma da pessoa.

"Se duas pessoas se colocam uma em frente à outra, fazendo face, diz o sensitivo que os eflúvios não se misturam e que ele distingue perfeitamente o azul atrás do amarelo-laranja e reciprocamente...

"Os espíritos evocados lhe aparecem envoltos num clarão análogo aos eflúvios ódicos, mas com intensidade muito fraca. Nos médiuns os clarões reforçados na parte superior do corpo, degradando-se até desaparecer na parte inferior.

O que é constante, o que se deve considerar como provado com os mesmos direitos que tal ou qual fato histórico, do qual nós próprios não pudemos ser testemunhas, é a existência de uma sensação luminosa, percebida por um grande número de pessoas nas condições que indicamos.

Esta sensação é puramente subjetiva, isto é, o simples resultado da imaginação do sensitivo? Ou é objetiva, isto é, ação de uma causa material externa? E, nesta última hipótese, qual pode ser esta causa? Tais são os termos do problema que me propus resolver, empregando os recursos fornecidos pelos conhecimentos físicos atuais e as precauções exigidas por pesquisas tão delicadas.

Tive a boa sorte de poder associar-me como colaborador de um físico distinto, o senhor C. Ele próprio quis redigir o relatório de nossos trabalhos, mas, ocupando como eu uma posição oficial, prefere não ser nomeado, a fim de evitar apreciações malévolas dos quais são completamente estranhos ao gênero pesquisas que nos ocupa.

Neste relatório foram evitadas aproximações com o que havia sido encontrado por outros experimentadores. Aliás senhor C. ignorava inteiramente o histórico da questão e havia combinado que eu não faria qualquer alusão, para evitar influenciar a sua maneira de operar. Quando ele fala do que vêem os sensitivos, não se trata senão daqueles com os quais operamos juntos.

Cabe ao leitor comparar os nossos resultados com os que foram descritos em detalhe nas obras atrás citadas.

II

Tal qual acaba de ser apresentado, o problema requer a solução clara para as sete questões seguintes:

Primeira questão. - Há percepção de um fenômeno real ou a descrição feita pelo sensitivo é devida à sua má-fé a um trabalho de sua imaginação? Se não há senão engano alucinação, a causa esta imediatamente julgada e não há necessidade de ir mais longe. Se, ao contrário, chega-se a constatar que as descrições do sensitivo correspondem a algo real, que persiste de maneira indubitável em numerosas experiências, onde se exerce sobre o sensitivo um rigoroso controle fundado em processos científicos de que ele não pode ter conhecimento, então se dispõe de um terreno sólido para assentar a base do edifício.

Segunda questão. - Então vem imediatamente ao espírito a segunda questão: Se há fenômeno real, por qual órgão se dá a percepção? Com efeito é desnecessária muita pressa para concluir que, desde que se trata de um fenômeno pertencente à categoria dos que chamamos luminosos, forçosamente a percepção deve efetuar-se pela via da retina; é possível que se efetue, em certas condições, por uma outra via (pode citar-se o fenômeno da audição colorida); - e, quando se trata da hipnose, isto é, de um estado que traz tão profundas modificações na sensibilidade das diferentes partes do sistema nervoso, não é fora de propósito procurar fixar o órgão pelo qual se efetua a percepção do eflúvio.

Terceira questão. - Este órgão de percepção dá a cada sensitivo uma sensação que pode depender da natureza mesma do fenômeno e do temperamento próprio de cada indivíduo. É indispensável saber como essas diferentes influências são susceptíveis de agir sobre as descrições dadas por cada sensitivo.

Quarta questão. - Também é natural pensar que o eflúvio, caso exista, ainda pode apresentar certas propriedades variáveis, segundo o gênero de força que o produz. Assim se é levado a determinar a influência das diferentes formas da energia.

Quinta questão. - A hipnose comporta um certo número de estados diferentes. A percepção do eflúvio, se é real, varia se se coloca o sensitivo em tal ou qual desses estados? É necessário resolver esta questão afim de que se possa pôr o sensitivo nas mais convenientes condições para a experiência.

Sexta questão. - Uma questão muito grave consiste na influência que uma sugestão poderia exercer sobre a maneira por que o sensitivo descreve o eflúvio. Aqui entendemos por sugestão uma idéia dirigente e persistente impressa no cérebro do sensitivo por atos ou por palavras anteriormente ao momento em que ele faz as descrições do eflúvio. Da resposta a esta questão deve resultar a indicação das precauções a tomar, se houver lugar, para se pôr ao abrigo de uma séria causa de erro.

Sétima questão. - Enfim, deve-se perguntar se não existe alguma dificuldade ou mesmo impossibilidade de interpretações da produção e da percepção do eflúvio, do ponto de vista teórico. Por outras palavras, a produção e a percepção do eflúvio podem ser explicadas por nossos conhecimentos científicos atuais? É pelo exame desta questão que terminaremos este trabalho.

O programa do nosso estudo estando, assim, bem definida vamos expor as respostas que nossas experiências e os raciocínios trazem a estas diferentes questões.

Objetividade dos Eflúvios

Primeira Questão

Há percepção de um fenómeno real?

Para resolver esta questão, instituimos um certo número de experiências, cujas condições estavam de tal sorte combinada, que

seria impossível ao sensitivo delas se dar conta. Estas experiências eram a aplicação de certas leis físicas claramente caracterizadas, não dando lugar à menor dúvida quanto ao resultado a obter.

Além disso, a fim de nos pormos ao abrigo de toda causa de erro que pudesse provir de uma sugestão sofrida pelo sensitivo, nenhuma palavra susceptível de o influenciar era pronunciada em sua presença, quer em estado de vigília, quer em estado hipnótico. Apenas se lhe fazia a pergunta: "Que vedes?"

Enfim, para afastar qualquer idéia de sugestão, mesmo involuntária, as atribuições dos dois operadores estavam claramente separadas: o senhor de Rochas ocupava-se em pôr o sensitivo no estado conveniente; o senhor C. executava as operações com o desconhecimento do sensitivo, bem como do senhor de Rochas, não se ocupando absolutamente com a parte hipnótica.

Como os detalhes de todas essas experiências nos levariam muito longe, só os daremos para aquelas que são a realização de três princípios de Física cujos resultados são muito bem caracterizados: são a imantação por uma corrente, a refração e a polarização da luz.

Elas foram executadas com o auxílio de um sensitivo, o senhor Albert L., que apresentava a notável particularidade de desenhar e pintar, no momento mesmo da observação e ao natural, os eflúvios que dizia perceber.

Tínhamos, assim, em vez de descrições verbais, forçosamente vagas e incompletas, desenhos coloridos, precisos, mostrando todos os detalhes do que o sensitivo supunha ver.

a - Electro-ímã. O primeiro dos princípios aplicados foi o do electro-ímã.

Eis o dispositivo da experiência:

Uma haste de ferro cilíndrica é colocada no interior de uma bobina de fio de cobre isolado, cujas extremidades são ligadas por dois fios de cobre a dois pólos fixados numa prancheta; dois outros pólos,

fixados na mesma prancheta, se comunicam, por dois fios de cobre, com os dois pólos de uma pilha de bicromato de potássio e um líquido (gênero botelha). Quatro molas, ligadas a esses quatro pólos, apóiam-se num cilindro de substância isolante, no qual estão incrustadas duas placas de cobre. Girando esse cilindro em diversas posições, podem ser realizadas as seguintes combinações: comunicação dos dois pólos da pilha com as duas extremidades da bobina, isto é, passagem da corrente num certo sentido; - ou supressão de qualquer comunicação entre a pilha e a bobina, isto é, interrupção da corrente; - ou a comunicação dos dois pólos da pilha com as duas outras extremidades da bobina, isto é, passagem da corrente em sentido contrário do primeiro (Lâmina IV, fig. I).

Estabelecendo os condutores a ligação da bobina e da pilha com os pólos da prancheta, estavam entrelaçados uns nos outros (eram cobertos de guta-percha), de maneira a dissimular completamente o sentido da corrente para o sensitivo que, aliás, também não podia se dar conta da posição do comutador.

O mecanismo de cada experiência era o seguinte:

Fazia-se girar o comutador, parando-o numa posição qualquer sem procurar determiná-la; levado ao estado hipnótico, o sensitivo era posto diante do eletroímã.

A sessão se realizava entre 2 e 4 horas da tarde, e a luz era a do dia, amortecida por uma cortina.

O sensitivo fazia a sua descrição. Depois era sucessivamente aproximada das duas extremidades do núcleo de ferro do eletro-ímã uma pequena bússola berloque, mantida no côncavo da mão, e que o sensitivo não podia ver. Aliás, se a tivesse visto, a indicação lhe teria sido inútil, porque, nesse momento, descrição já tinha sido feita e registrada.

Assim se determinava se a corrente passava ou não e, caso afirmativo, quais eram a natureza dos pólos e o sentido da corrente.

Esta experiência foi executada um grande número de vez - vinte e duas - ora separadas por alguns minutos, durante os quais o sensitivo era despertado para alguns instantes de repouso, ora com intervalos de vários dias.

As descrições do sensitivo sempre concordaram com o fenômeno realmente produzido. Em cada série, isto é, para um mesmo estado do sensitivo, elas indicavam: um eflúvio azul numa extremidade do núcleo e um eflúvio vermelho na outra, todas as vezes que a corrente passava na bobina; uma mistura azul e vermelho em cada extremidade, quando o sentido corrente era bruscamente invertido; depois, ao cabo de algo segundos, uma inversão das colorações dos eflúvios, isto é, substituição de um eflúvio azul por um vermelho, e reciprocamente; enfim: mais nada se a corrente fosse interrompida.

Também a interrupção foi feita várias vezes sem tocar comutador, destacando, com desconhecimento do sensitivo, um dos fios de comunicação; imediatamente o sensitivo declara que não via mais nada.

Ainda se procurou suprimir a corrente levantando os zínco da pilha, de maneira a trazê-los para fora do líquido: pensa se assim confundir o sensitivo. Ora, este declarou que sempre os dois eflúvios. A bússola foi aproximada e indicou com efeito, que havia uma polarização ainda enérgica do núcleo de ferro e, conseqüentemente, uma corrente muito apreciável. Então a pilha foi examinada e foi fácil constatar que essa corrente era devida a gotas de líquido que tinham sido levadas pelo zinco e tinham ficado aderentes às peças de ebonite, destinadas a separar os zínco e os carvão; essas gotas estavam em contacto com os zínco e os carvão, e bastavam para prolongar a atividade da pilha, como o mostrava muito claramente o jogo do comutador.

Em certas experiências, cujo detalhe é indicado mais adiante (Vide Sexta Questão), um fio de cobre isolado foi enrolado em volta do

núcleo de aço, depois posto em comunicação com os dois pólos da pilha, sem que o sensitivo o soubesse. No momento do estabelecimento da corrente, L. acusou o desenvolvimento de dois eflúvios nas duas extremidades da barra; esses dois eflúvios persistiram após a supressão da corrente. Entretanto era impossível que L. pudesse distinguir, nestes dois casos, o ferro doce e o aço.

b - Refração. - O segundo princípio utilizado foi o da refração da luz, que permite separar e analisar as radiações luminosas, de acordo com os seus comprimentos de onda ou, o que dá no mesmo, de acordo com seu número de vibrações por segundo.

Para tanto, servimo-nos de um espectroscópio composto de um colimador, de um prisma e de uma luneta. Pondo uma fonte luminosa branca diante da fenda do colimador e inclinando a ocular para a direita ou para a esquerda sobre o eixo da luneta, por meio de uma roda dentada, podia-se trazer ao campo da luneta tal ou qual parte do espectro. Se se inclinasse a ocular para a esquerda, poder-se-iam isolar as radiações vermelhas, se se a inclinasse para a direita, não se viam mais que as radiações azuis e violetas.

Assim era fácil controlar, pela posição da ocular, a natureza das colorações que o sensitivo dizia ver na luneta, quando se colocavam diante da fenda eflúvios suficientemente intensos.

Para bem compreender o que vem a seguir, é preciso observar que um mesmo sensitivo nem sempre atribui a mesma coloração ao mesmo eflúvio nem, em geral, a uma fonte luminosa qualquer entre aquelas que, em estado normal, um indivíduo pode perceber.

Esta coloração varia conforme o estado e o grau de fadiga do sensitivo. Assim, um pólo norte de um mesmo ímã, tanto poderá ser visto azul, quanto vermelho, nas diversas séries de experiências. Do mesmo modo, visto diretamente ou por projeção numa tela, o espectro (8) ora é percebido de maneira normal, ora ao contrário, com a violeta em lugar do vermelho e reciprocamente (Vide a Terceira Questão).

(8) A fonte luminosa era a chama de uma lâmpada de gás.

Isto posto eis as experiências que executamos com o espectroscópio.

Em todas fazia-se no local uma semi-obscuridade, mais favorável ao sensitivo L. que a obscuridade completa para a percepção e a descrição dos eflúvios.

Numa primeira série, colocamos à frente e um pouco abaixo da fenda do colimador uma barra imantada de força média. O sensitivo nada vê.

A barra é substituída por uma lâmpada de gás. Então o sensitivo vê o espectro, mas invertido. Desloca-se a ocular, de maneira a isolar o azul e o violeta: L. vê vermelho. A seguir isola-se o vermelho: L. vê violeta.

Repetida várias vezes seguidas, esta experiência dá sempre o mesmo resultado.

Enquanto o sensitivo observa na luneta, estando a ocular disposta para só receber o azul e o violeta reais, o sr. de Rochas coloca a ponta dos dedos em frente e um pouco abaixo da fenda. O sensitivo declara que a luz; que ele via vermelha, tornou-se violeta.

Deslocam-se ligeiramente os dedos, sem que L, o saiba, de maneira a mudar a direção do eflúvio e a desviá-lo do campo da fenda. Logo declara o sensitivo que a luz volta ao vermelho. E experiência e repetida várias vezes com o mesmo resultado.

Ora, essa substituição sensação de uma sensação violeta por uma sensação vermelha não se pode produzir se essa sensação vermelha não vier juntar-se uma outra, azul ou violeta. É preciso daí concluir que a atmosfera da extremidade dos dedos emite radiações que dão a L. uma sensação azul ou violeta. Com efeito, isto é verificado pelas descrições do sensitivo, que vê em azul, mais ou menos violáceo, as extremidades dos dedos. Pode-se mesmo ir mais longe: desde que a posição atual da ocular só permite receber as radiações que realmente

têm uma coloração azul ou violeta, tem-se o direito de concluir desta experiência que a atmosfera da ponta dos dedos na realidade emite radiações cujo comprimento de onda é vizinho dos do azul e do violeta.

Assim, fomos levados a pensar que se o sensitivo nada tinha visto no espectroscópio com um ímã de força média, posto que a fenda estivesse aberta tanto quanto possível, sem dúvida isto era devido a que os eflúvios desse ímã não eram bastante intensos para o grau de sensibilidade, relativamente moderado, do sensitivo. L. atribuía aos eflúvios um comprimento de apenas 1 a 2 centímetros.

A experiência foi retomada noutra sessão, desta vez empregando-se um ímã muito grande, em forma de ferradura. (9)

(9) Composto de 6 lâminas, ele pode suportar 250 kg.

A princípio o espectroscópio foi colocado de tal maneira que o eixo do aparelho passasse pouco acima do pólo norte, a fenda do colimador levada a alguns centímetros à frente do prolongamento da face vertical anterior do ímã, estando na vertical os dois ramos deste. Nestas condições, se houvesse eflúvio, devia ser vertical acima do pólo e, em relação ao espectroscópio, representar o mesmo papel que uma chama.

Reinava uma semi-obscuridade no local e um pano de um negro-mate, estendido do outro lado do ímã, detinha qualquer radiação estranha que se pudesse haver introduzido no aparelho.

Verificou-se a princípio que o olho normal, posto diante da ocular da luneta, não recebia a luz, mesmo dispondo um papel branco diante da fenda.

Eis agora os detalhes das observações feitas:

O sensitivo olha na luneta; por meio da roda dentada, desloca-se a ocular para a direita; o sensitivo diz perceber uma coloração azul muito viva. Leva-se a ocular para a esquerda, o azul diminui e a coloração tende para um vermelho pouco intenso.

Enquanto o sensitivo tem o olho na luneta, desloca-se ligeiramente o aparelho, de maneira que o seu eixo passe ao lado do eflúvio; imediatamente o sensitivo declara que não vê mais nada.

Continua-se o movimento e o eixo do aparelho vem passar acima do pólo sul. Então a ocular está à esquerda. O sensitivo declara que vê uma viva coloração vermelha. Leva-se á ocular para a direita; o vermelho diminui de brilho e dá lugar a um azul mais intenso.

Volta-se ao pólo norte, passando pelo intervalo entre os dois ramos, obtendo-se ainda o mesmo resultado.

O espectroscópio é retirado. Levado em frente ao ímã, o sensitivo descreve dois eflúvios, de 20 a 30 centímetros de altura, um azul, acima do pólo norte, o outro vermelho, acima do pólo sul.

Passa-se a outras experiências, desperta-se o sensitivo, que passa alguns minutos de repouso; depois é levado ao estado hipnótico. Ele é reconduzido ao espectroscópio e repete-se a experiência. Ê vë sempre como precedentemente.

c - Polarização - Estavam postos um em frente ao outro, dois prismas de Nicol, montados sobre pés; cada um podia girar em sua montagem, em torno de seu eixo. A cada posição do polarizador correspondiam duas posições determinadas do analisador, que produziam a extinção da luz que atravessava o sistema, e duas outras posições, a 90° daquelas, dando o máximo de luz, e reciprocamente.

Este conjunto estava disposto diante do grande ímã e dirigido sucessivamente acima dos dois pólos. O local era um pouco iluminado e um pano negro-mate estava estendido por detrás do ímã. É esse fundo era bastante absorvente para que o olho, colocado atrás dos dois Nicols, não pudesse estabelecer diferença entre as várias posições do polarizador e do analisador.

Ainda era tomada a precaução de dirigir o eixo do sistema para uma altura suficiente acima dos pólos, para que fosse impossível perceber no campo os ramos do ímã.

Não havia, pois, no campo do aparelho, senão a tela negra, diante da qual só poderia aparecer um ou outro dos dois eflúvios.

No estado hipnótico, o sensitivo L. olha no aparelho, que é dirigido acima do pólo norte e vê o campo iluminado em azul. Gira-se o polarizador de diversas maneiras, sem qualquer ordem regular. L. descreve muito claramente extinções e reforços muito vivos de luz azul, com variações intermediárias e regulares de brilho de uma a outra posição. Feitas sem a menor hesitação, as descrições correspondiam a posições bem determinadas e sempre as mesmas, do polarizador, pois o analisador ficava fixo.

Estas posições foram marcadas no engaste e, colocando a seguir um papel branco no campo, pudemos constatar que as descrições de L. estavam bem de acordo com as posições reais das extinções e dos máximos de luz.

A seguir o aparelho foi dirigido para cima do pólo sul. O sensitivo então indicou que via uma luz vermelha. A rotação do polarizador produzia os mesmos efeitos e as mesmas variações que no caso precedente e nas mesmas posições.

Enquanto L. olhava, o polarizador foi ligeiramente deslocado, de modo a ser desviado da direção do eflúvio. Imediatamente L. declarou que nada mais via, isto fosse qual fosse a posição da rotação do polarizador.

Essas experiências foram repetidas um grande número de vezes, e deram sempre os mesmos resultados concordantes e conforme as leis da polarização, posto que ora se fizesse girar o polarizador, ora o analisador e mesmo se mudasse, a cada instante, a velocidade e o sentido da rotação de maneira absolutamente irregular.

Aliás, deve notar-se que as posições de extinção e do máximo de luz, dadas pela rotação de um dos dois Nicols dependem da posição do outro. Bastaria, pois, dar uma nova orientação ao Nicol fixo para mudar as posições de mínimo e máximo, dadas pela rotação do Nicol

móvel. Essas mudanças eram feitas sem que o sensitivo tivesse conhecimento delas.

Resumo

Vê-se, pois, que:

a) - Por meio do electro-ímã, fazemos nascer, ou suprimimos, ou invertemos a vontade, às ocultas do sensitivo, os pólos magnéticos do núcleo de ferro doce; não só as descrições do eflúvio concordam perfeitamente com estas operações, nas vinte e duas experiências executadas, mas o sensitivo constata mesmo a passagem da corrente num momento dado, quando o operador julga havê-la suprimido.

Com um núcleo de aço que, é óbvio, o sensitivo não podia distinguir do ferro doce, os eflúvios descritos no momento da passagem da corrente persistem ainda.

b) - As pontas dos dedos e os pólos de um ímã possante, colocados diante da fenda do espectroscópio, dão lugar a colorações muito claras; verifica-se que a descrição de cada coloração concorda bem com a posição da ocular que permite, só, admitir no campo a radiação luminosa correspondente; também se verifica que o sensitivo nada mais vê desde que, sem que ele o sabia, é afastada ou desviada a fenda do espectroscópio, o que é, conforme as anteriores descrições do sensitivo, a localização do eflúvio.

c) - O eixo comum dos dois Nicols é dirigido acima dos pólos do grande ímã, com as necessárias precauções para que o campo não mantenha senão um fundo sombrio; L. vê campo clareado em azul, acima do pólo norte, e em vermelho acima do pólo sul. Se se fizer girar o polarizador ou o analisador, L. descreve muito nitidamente, e sem nenhuma hesitação, variações de intensidade dessas luzes, e constata-se que as posições das máximas e mínimas descritas correspondem bem à que resultam das leis da polarização.

Se o aparelho for desviado da direção dos pólos, L. não vê mais nada.

Estas experiências, repetidas um grande número de vezes nas mais variadas condições, deram constantemente o mesmo resultado.

Em presença destas três ordens de fatos, e em vista das condições em que se processaram, parece-nos difícil não concluir pela existência do eflúvio.

Objetividade dos Eflúvios

Segunda Questão

Por qual órgão se dá a percepção do eflúvio?

Todas as descrições dos sensitivos referem à posição do eflúvio em certas partes bem determinadas do corpo: Ora eflúvio envolve o corpo, ora é localizado nas suas extremidade. Em todos os casos, é absolutamente solidário com a forma e posição do corpo. Isto se vê muito claramente dos desenhos e pinturas executados do natural pelo sensitivo L., no mesmo momento da percepção. Como a percepção do corpo é efetuada pela via da retina, somos levados a concluir que a do eflúvio também se dá pela mesma via.

Por outro lado, as descrições do que se passa no campo do espectroscópio e no dos dois Nicols demonstram também que é o olho, então, o único órgão interessado, que recebe impressão do eflúvio.

Enfim, os sensitivos não têm conhecimento do eflúvio senão quando têm os olhos abertos e olham atentamente o objeto.

Parece-nos, pois, estabelecido que a percepção do eflúvio se faz por via da retina.

Objetividade dos Eflúvios

Terceira Questão

Como é descrito o eflúvio pelos diversos sensitivos?

Nas descrições do eflúvio, feitas por diversos sensitivos, há que distinguir certos caracteres comuns e gerais, que são absolutamente constantes, e outros que, variáveis conforme os indivíduos, podem servir para definir a maneira de ver de cada um destes.

a) - Caracteres constantes. - Todos os sensitivos descrevem o eflúvio como uma chama que sai do corpo, quer por toda a sua superfície, apresentando uma forma arredondada, quer pelas duas extremidades, se tem uma forma alongada.

Neste último caso, cada sensitivo atribui aos dois eflúvios duas colorações distintas.

Esta chama comporta-se de duas maneiras, constantes para todos os indivíduos. Para certos corpos, como os ímãs potentes, quer sejam em forma de barra reta, quer em ferradura, aquela sai no prolongamento dos ramos, sejam estes horizontais; verticais ou numa posição qualquer. O eflúvio dos dedos também está sempre no prolongamento destes. Para outros corpos: o eflúvio é vertical; então sua intensidade também é muito mais fraca.

Ainda se pode obter um efeito intermediário, proveniente da combinação daqueles dois, o que ocorre com os eflúvios de intensidades médias.

b) - Caracteres variáveis. - O comprimento e a intensidade do eflúvio variam conforme os sensitivos. Estas duas qualidades dependem da sensibilidade do indivíduo e podem servir para a definir.

A coloração do eflúvio também é variável. Concebe-se que ela deve ser função da perturbação trazida pelo estado hipnótico ao centro

da percepção visual e aos órgãos intermediários, que transmitem do olho a esse centro a impressão luminosa. Esta perturbação depende do temperamento do indivíduo. Mas, quando dizemos que a coloração é variável de pessoa a pessoa, isto não significa que tal variação se estenda indiferentemente sobre todas as cores do espectro. Os sensitivos, em sua maioria, percebem sobretudo o azul e o vermelho mais ou menos puros, e pouco ou nada as cores intermediárias; vêem mais freqüentemente nos corpos alongados um eflúvio azul numa das extremidades e um eflúvio vermelho na outra. Para outros sensitivos, mas muito menos numerosos, o vermelho é substituído pelo amarelo ou pelo verde, e o azul pelo violeta.

É preciso bem notar que estes três elementos: comprimento, intensidade e coloração de um eflúvio determinado também variam num mesmo indivíduo dentro de certos limites, conforme o seu temperamento e conforme o estado hipnótico a que é levado.

Esta impressão característica pessoal de cada indivíduo poderá ser estabelecida: 1.º - pelo comprimento e intensidade do eflúvio, por meio de um eflúvio constante servindo padrão, como o de um determinado ímã; 2.º - pela natureza das colorações, por meio do espectroscópio que permite analisar uma radiação composta e determinar o comprimento de onda de cada radiação simples, segundo o local do campo em que ela aparece.

Como exemplo, vamos indicar a característica do sensitivo L., levado ao estado ordinário de hipnose, no qual serviu nossas experiências.

Ele atribui a cada um dos dois eflúvios do grande ímã, que temos falado, um comprimento de 20 a 30 centímetros, uma sensibilidade muito moderada, porque outros sensitivos vêem esses dois eflúvios projetando-se até 4 e 5 metros.

Em certas condições, ele vê em seu lugar normal as cores do espectro (lâmpada de gás), por projeções sobre uma tela ou por visão

direta no espectroscópio. O azul e o vermelho para ele têm mais importância do que para nós, e vê mais longe do que nós no infravermelho e no ultravioleta.

Mas também acontece, por vezes, que ele inverte as cores do espectro, isto é, vê em vermelho o azul e o violeta, em azul o alaranjado e o vermelho; o amarelo fica sem modificações sensível.

Aliás, nós nos asseguramos que esse fenômeno não se de a uma inversão da imagem do corpo, pois fazendo o senhor L desenhar, no momento em que inverte essas colorações, objetos de formas muito dessimétricas, a inversão era apenas da coloração.

Do mesmo modo, em certos casos, ele atribui: 1.º - uma coloração azul ao pólo norte do grande ímã, ao pólo positivo da máquina elétrica, à porção do fio ligado ao pólo positivo de uma pilha em um circuito fechado, etc.; 2.º - uma coloração vermelha aos pólos opostos, etc.

Ou ele inverte essas colorações, mudando o azul precedente em vermelho, e o vermelho em azul.

Mas há impressões luminosas, para as quais a inversão não se produz no estado ordinário de hipnose, o único de que nos ocupamos neste momento: são as provenientes das cores de aquarela, de que se serve o senhor L., para pintar as representações dos eflúvios. Esta exceção é muito notável; porque assim se vê o senhor L. num momento em que inverte, pinta na ordem inversa das cores, como o percebe, o espectro que é projetado à sua frente em uma tela.

Objetividade dos Eflúvios

Quarta questão

As descrições do eflúvio acusam uma influência particular dos agentes que representam as várias formas da energia?

Limitados pelo quadro restrito que aqui nos impusemos, reduzimos este estudo às manifestações mais claras e melhor caracterizadas, de eflúvios, isto é, àquelas que se desenvolvem nas electro-ímãs e nos ímãs.

Os efeitos das diversas formas de energia, tais como ações mecânicas, calor, luz, eletricidade, magnetismo e ações químicas, constituíram o objeto das pesquisas de Reichenbach e, se é permitido não admitir as conseqüências teóricas que delas tirou, pelo menos parece que as descrições feitas pelos numerosos sensitivos de que ele se serviu não mais devem ser negligenciadas, agora que cremos haver demonstrado a existência do eflúvio.

Aqui só nos ocuparemos de nossas pesquisas pessoais.

a) - Electro-ímã. - As experiências expostas no estudo da primeira questão estabeleceram que a passagem da corrente pela bobina determina dois eflúvios, um em cada extremidade do núcleo de ferro doce: esses eflúvios desapareciam ao cabo de alguns segundos após a supressão da corrente, quando o núcleo era de ferro doce; se o núcleo fosse de aço, não imantado previamente, os eflúvios determinados pela passagem corrente subsistiam.

Havia que resolver uma questão importante: As colorações dos dois eflúvios dependem da natureza magnética dos pólos do núcleo?

Para o responder, enrolamos em torno de um núcleo ferro doce uma espiral formada por um fio de cobre isolado; depois fizemos passar por esse fio a corrente produzida um elemento de pilha de bicromato, mudando, de vez quando, ora o sentido da corrente, sem tocar no enrolamento ora o sentido do enrolamento, para a direita ou para a esquerda sem mudar o sentido da corrente.

Constatamos, assim, que as colorações dos dois eflúvios dependem, não da natureza magnética dos pólos produz (norte ou sul), mas da situação desses pólos em relação à entrada e à saída da

corrente, seja qual for o sentido do enrolamento (aqui se supondo, como é geralmente admitido, que a propagação da corrente estabelecida se dá do pólo positivo para o pólo negativo da fonte elétrica no circuito exterior). Essas colorações então são as mesmas que as dos fios condutores que ligam as duas extremidades da espiral aos dois pólos da pilha, isto é, que a extremidade do núcleo de ferro, situada à entrada da corrente, dá um eflúvio azul, e a extremidade situada à saída, um eflúvio vermelho, quando L. não inverte (Lamina IV, fig. 3).

A intensidade e o comprimento dos dois eflúvios parecem aumentar e diminuir ao mesmo tempo que a intensidade corrente. Com a espiral empregada, que apresentava uma fraquíssima resistência (cerca de 2 metros de fio de cobre 1 mm. de diâmetro), havia, no momento do fechamento circuito após um longo repouso, uma forte chicotada, seguida de uma rápida diminuição da intensidade; essas variações e acusadas pelas percepções mais ou menos intensas do sensitivo.

Se se tratar de uma barra de aço, ela conserva as colorações do eflúvio, que lhe são afetadas pela primeira passagem da corrente imantadora.

b) - Imãs. - Resulta do que precede que a coloração eflúvio de cada um dos pólos de um ímã, obtido por efeito uma corrente elétrica circulando numa bobina, depende essencialmente da situação que ocupava esse pólo durante a imantação, no tocante ao sentido de propagação da corrente; essa coloração é independente da natureza magnética dos pólos.

Isto explica como é que, entre vários ímãs apresentados simultaneamente a um mesmo sensitivo, os pólos do mesmo nome dêem uns uma coloração azul e os outros uma coloração vermelha.

Muitas vezes tínhamos constatado este fato, cuja explicação nos foi dada ulteriormente pelas experiências executadas com o electro-ímã.

Para o sensitivo L., quando não inverte, a coloração azul corresponde ao eflúvio do pólo de ímã situado mais próximo do pólo positivo da fonte elétrica (seguindo o circuito) que produz a corrente imantadora; e a coloração vermelha, ao eflúvio do pólo de ímã situado mais próximo do pólo negativo da fonte.

Mas nem sempre os ímãs são obtidos por efeito de uma corrente elétrica: utilizam-se ainda outros processos de imantação, que voltam todos ao contacto de um ou dos dois pólos de um ímã forte ou electro-ímã, com a peça a imantar.

Era, pois, interessante examinar o efeito desse contacto. Eis o que obtivemos com o sensitivo L.

Numa barra de ferro, aproximada de um forte ímã, ele nada vê. No momento do contacto, a barra toma a coloração do pólo vizinho. Se a peça de ferro estiver em contacto com os dois pólos do ímã, como ocorre com a armadura posta nas extremidades dos dois ramos de um ímã em forma de ferradura, os dois eflúvios que se projetavam no ar desaparecem, e cada uma das metades da armadura vizinha dos dois pólos do ímã toma a mesma coloração que o pólo correspondente. É, em particular, o espectro apresentado pela armadura do grande ímã, quando este está armado.

Portanto, a coloração comunicada a uma peça de ferro pelo contacto de um pólo de ímã é a mesma que a do pólo, seja qual for à natureza magnética deste; se a peça estiver em contactos com os dois pólos do ímã, cada metade tomará a coloração do pólo vizinho.

Contudo, a questão ainda não está bem elucidada, porque o desenho reproduzido na fig. 2 da Lamina III mostra que o eflúvio do pólo norte de uma barra imantada pode ser completamente repellido por uma barra de ferro doce, posta acima transversalmente.

Enfim, como se comportam os eflúvios de dois pólos; ímãs que se aproximam?

A fig 1 da Lâmina III, desenhada do natural por Alberto L., em cinco posições diferentes dos ímãs, mostra como se repelem quando os pólos são do mesmo nome. A fig. 4 da mesma Lâmina mostra como eles se atraem e se atravessam, quando provêm de pólos de nomes contrários.

Objetividade dos Eflúvios

Quinta Questão

Os diversos estados da hipnose exercem influência sobre a visão do eflúvio?

Certamente a visão é modificada pelo estado de profundidade da hipnose, desde que, em vigília, o sensitivo não vê eflúvios que percebe, quando se age magneticamente sobre seus olhos, e cessa de os ver quando o sono se torna profundo. Mas são esses graus de profundidade que determinam nas inversões nas cores dos eflúvios percebidas? Eis um ponto que tínhamos intenção de elucidar, quando nossas experiências foram bruscamente interrompidas por circunstâncias conhecidas pela maior parte das pessoas interessadas em nossos estudos.

Objetividade dos Eflúvios

Sexta Questão

A percepção do eflúvio pode ser influenciada pela sugestão?

Para pesquisar se a sugestão pode influenciar a maneira de ver o eflúvio, o senhor de Rochas mostrou a L., em vigília, uma barra de ferro, e lhe explicou que a mesma, em vez de imantada como as outras, que têm um pólo em cada extremidade, estava imantada de modo a possuir dois pólos em duas faces longitudinalmente opostas.

Levado ao estado hipnótico, o sensitivo representa sobre essa barra, que na realidade está imantada na maneira ordinária, com dois pólos nas extremidades, um eflúvio em cada extremidade, com uma ligeira volta ao longo das faces, como se houvesse, ao mesmo tempo, imantação parcial no sentido sugerido. (Fig. 3 da Lamina III). A sugestão havia, pois, agido parcialmente.

Entre outras tentativas, feitas em vigília ou no estado hipnótico, umas deram resultado, outras, não. Mas bastou que uma tivesse dado resultado para que ficasse demonstrada a existência da causa de erro.

Por conseqüência, é absolutamente indispensável nada manifestar perante o sensitivo, em palavras ou atos, que o possa influenciar em suas descrições - e isto seja qual for o estado de vigília ou de letargia aparentes, em que se ache. Se se lhe pedir uma descrição verbal daquilo que vê, deve-se-lhe apenas perguntar: "Que vedes?" Se ele desenhar ou pintar, deve ser abandonado a si mesmo na maior calma. Julgamos mesmo que será bom limitar o número de pessoas presentes aos dois únicos operadores, porque um número maior, as mais das vezes determinam uma agitação prejudicial à experiência, como pudemos constatar várias ocasiões.

Objetividade dos Eflúvios

Sétima Questão

A produção e a percepção do eflúvio podem ser explicadas por nossos conhecimentos científicos atuais?

Julgamos ter demonstrado que o eflúvio é um fenômeno real, percebido pela via do olho, como qualquer outro fenômeno luminoso.

Assim somos levados a pensar que o eflúvio deve ser, como toda fonte luminosa, a sede de movimentos vibratórios moleculares que enviam ao olho radiações susceptíveis de o impressionar e de dar a sensação da cor. Esta superexcitação da atividade molecular da atmosfera em contacto com certas partes do corpo observado seria devida a radiações proveniente dos movimentos vibratórios moleculares desse corpo. Concebe-se que mesmo a forma deste possa determinar um efeito mais considerável, em certas direções, sobre as moléculas da atmosfera ambiente.. Mais adiante voltaremos a esta consideração.

De início, vejamos segundo que leis um movimento vibratório pode propagar-se do corpo à porção de atmosfera que é a sede do eflúvio, depois desta ao olho e, enfim, do olho centro de percepção.

Sabe-se que os elementos característicos de todo movimento vibratório são: sua forma, sua amplitude e o número de vibrações por segundo. A intensidade do efeito produzido sobre o olho, ou antes, sobre o centro de percepção, é proporção ao quadrado da amplitude: a natureza do efeito produzido, isto é, a espécie da cor percebida, só depende do número? de vibrações por segundo do abalo recebido.

Destes princípios tomados à física matemática, tiramos seguintes conseqüências:

Consideremos um grupo molecular pertencente a um corpo qualquer, sólido, líquido ou gasoso. Num momento dado, movimentos vibratórios dessas moléculas são definidos por uma certa forma, uma certa amplitude e um certo número de vibrações por segundo. Esse grupo recebe radiações dos corpos vizinhos e ele próprio irradia.

Suponhamos que uma radiação adicional, proveniente o moléculas vizinhas, venha afetar o grupo considerado. Disso resulta, no movimento vibratório anteriormente existente, uma modificação que depende dos elementos dessa radiação adicional. A força viva do movimento vibratório anterior aumentada; como a massa das moléculas do grupo não mudou, é preciso que aumente a velocidade do movimento.

Ora, a velocidade de uma vibração só se acelera por duas maneiras: pelo aumento da amplitude, ou pelo aumento do número de vibrações por segundo. Desde que o aumento velocidade age sobre duas quantidades, uma delas pode permanecer constante, ou mesmo diminuir, com a condição de que a outra atinja um valor suficiente para que a força cresça proporção desejada.

Há, pois, que distinguir as seguintes combinações:

- a) - Aumento de amplitude sem que seja modificado número de vibrações por segundo;
- b) - Maior aumento de amplitude e diminuição do número de vibrações;
- c) - Aumento de amplitude e do número de vibrações;
- d) - Aumento do número de vibrações sem mudança da amplitude;
- e) - Aumento do número de vibrações e diminuição da amplitude.

Tais são as modificações que se podem produzir no grupo molecular que consideramos.

Pela mesma razão, a radiação enviada deste grupo ao corpo vizinho também é modificada, segundo uma destas combinações, e assim por diante, pouco a pouco, desde o corpo produtor do eflúvio até o centro da percepção colorida.

Percepção do eflúvio. - Assim se pode explicar, em particular, como é que a natureza da coloração percebida varia conforme o sensitivo, segundo o seu estado e, mesmo, segundo os caracteres da

radiação que o olho recebe. Não se trata, aqui, de fixar em quais pontos do trajeto entre o olho e o centro da percepção colorida se produzem essas alterações, nem de buscar uma explicação para o aumento extraordinário da sensibilidade, do ponto de vista da percepção dos eflúvios sob a influência da hipnose. Tal estudo pertence ao fisiologista. Basta-nos mostrar que as modificações da radiação, indicadas pela experiência, podem ser consideradas como uma consequência dos princípios que regem a transmissão da energia.

A sensação da cor depende do número de vibrações por segundo do abalo recebido pelo centro de percepção; e este número vai aumentando do vermelho ao violeta. Portanto, a partir do amarelo, por exemplo, que corresponde à sensação média, a sensação colorida tenderá para o vermelho, se o número de vibrações for diminuído, e para o violeta, se for aumentado.

Quanto à intensidade da sensação colorida, é proporcional ao quadrado da amplitude. Mas isto se aplica a uma mesma cor. Sabe-se, com efeito, que as diferentes radiações não afetam o sentido visual e normal da mesma maneira, e que, num mesmo espectro, o máximo ocorre para o amarelo.

Estas considerações mostram como a maneira de ver o eflúvio pode variar de um a outro sensitivo, e no mesmo sensitivo, conforme o seu estado.

Produção do eflúvio. - No que procede, consideramos maneira absolutamente geral as moléculas dos meios sucessivos atravessados pela radiação, sem buscar distinguir as moléculas do éter das moléculas ponderáveis desses meios. O princípio da transmissão da energia, com efeito, se aplica tão bem a uns, quanto aos outros.

Mas essa distinção se torna necessária no que concerne à porção do meio gasoso, que é a sede do eflúvio, desde que busque aprofundar a natureza deste.

Conforme os trabalhos de Fresnel, verificados pela experiência do senhor Fizeau, sobre o arrastamento das ondas luminosas sabemos que as moléculas de éter de um meio gasoso lançado com a maior velocidade que se lhe possa imprimir, não arrastam as vibrações luminosas de maneira apreciável. Sei pois, a observação mostra que um deslocamento do ar produz uma deformação do eflúvio é que as moléculas do éter do meio onde se situa o eflúvio não são as únicas interessadas, e que as moléculas ponderáveis desse meio participam no movimento vibratório, fonte da radiação.

É bem assim: uma agitação do ar pode deformar o eflúvio que, então, oscila à maneira de uma chama (10).

(10) Procuramos nos dar conta da maneira por que se comportariam os eflúvios no vácuo. Mas, então, não tínhamos Albert L. a nossa disposição. O sensitivo era a senhorita Andréé, para quem a orientação do objeto efluviente exerce uma ação predominante na repartição das colorações vermelha e azul. Ela as vê dispostas como os outros sensitivos, quando o objeto forma um ângulo de 45° com o meridiano magnético; mas, para ela, a cor azul tende a invadir tudo o objeto quando este se acha colocado segundo esse meridiano; e é a cor vermelha quando ele é perpendicular ao meridiano. Reichenbach já havia feito analogias observações.

Eis o resumo do nosso registro de experiências, na data 20 de janeiro de 1890:

O ímã em ferradura é posto sob a campânula de uma máquina pneumática; o plano de seus ramos forma um angulo de 45° com o meridiano. As duas chamas elevam-se acima do ímã, o azul acima do pólo norte e o vermelho acima do pólo sul, mas não saem da campânula e parece que se reúnem na parte superior, na bola de vidro que se sobrepõe (Fig. 3 da Lamina IV).

Faz-se o vácuo: na pressão de 4 mm. de mercúrio, toda a campânula está colorida como o ímã, com uma separação mediana que é o prolongamento da separação do ímã; as duas partes coloridas do vidro parecem soldadas uma à outra (Fig. 5 da Lamina IV).

Girando o conjunto da máquina, põe-se o ímã paralelo ao meridiano; todo o ímã e toda a campânula tornam-se azuis (azul sujo, misturado de vermelho).

Pondo o ímã perpendicular ao meridiano, ele e a campânula tornam-se vermelhos (vermelho sujo, misturado de azul).

Parece, pois que as moléculas de oxigênio e de azoto, que constituem o ar, e com as quais o corpo está em contacto, e recebem uma superexcitação de movimento vibratório, em certas direções que

dependem da estrutura, mais ou menos homogênea, mais ou menos complexa, e da forma do corpo, assim como da presença de centros de radiação de energia, como acontece nos corpos organizados. Pode-se, então, explicar porque, num corpo homogêneo e que apresenta uma forma alongada, os eflúvios, se manifestam com mais intensidade nas duas extremidades. Com efeito, nesta direção, a influência que sofre cada molécula de gás ao contacto do corpo provém da soma das influências; da longa série de moléculas que atinge aquele ponto. Os impulsos elementares de todas essas moléculas juntam-se em tensão e dão lugar, na superfície do corpo, a uma resultante que tende a se propagar em linha reta no ar, no prolongamento do impulso dado por esta série de moléculas.

Mas, por outro lado, pode acontecer que a modificação comunicada ao grupo de moléculas de ar, que formam o eflúvio, determine um maior afastamento dessas moléculas, por exemplo, em face de um aumento da amplitude das vibrações. Então diminui a densidade do grupo, em relação à do meio ambiente não influenciado, e o eflúvio tende a elevar-se verticalmente.

A direção do eflúvio pode, pois, variar entre dois limites extremos: a prolongamento da maior dimensão do corpo, suposto homogêneo, e a vertical. Aproximar-se-á tanto mais da primeira direção quanto mais violento for o impulso radiado pelo corpo; e tanto mais da segunda quanto mais diminuída for a densidade do ar nessa região.

Efeitos particulares. - É interessante procurar como explicar, nesta teoria, o fato experimental, segundo o qual os dois eflúvios de um ímã dependem, não da natureza magnética de seus dois pólos, mas da situação destes, em relação ao sentido de propagação da corrente, ou ao ímã influenciador.

Admite-se que o magnetismo tanto determine no ferro correntes particulares, conforme a teoria de Ampère, quanto turbilhões, conforme a de Maxwell, isto é, numa hipótese, como na outra, um

arrastamento das atmosferas moleculares em torno de certas direções ou linhas de força. O movimento vibratório das moléculas de ferro assim recebe, pelo fato da imantação, ao mesmo tempo, uma orientação particular em torno dessas linhas de força, e um aumento de força viva. Esta se traduz de uma das cinco maneiras acima indicadas.

Dos dois elementos: orientação e aumento de força viva o primeiro tem por efeito determinar a natureza magnética dos pólos, conforme o sentido da rotação, ao passo que o segundo age sobre o número de vibrações por segundo. Como é este número que caracteriza a coloração do eflúvio, compreende que a coloração de eflúvio de um pólo de ímã dependa antes do segundo elemento do que do primeiro.

De todas estas considerações, que são gerais e se aplicam a todas as formas de energia, resulta que a produção e a percepção do eflúvio absolutamente não são incompatíveis com os princípios da Ciência atual.

Resumo

Em resumo, cremos haver estabelecido os seguintes pontos:

1 ° - O eflúvio é um fenômeno real (11).

2.° - Sua percepção se efetua pela via da retina.

3 ° - O eflúvio apresenta:

a) - Certos caracteres gerais e coexistentes: sua forma, que é a de uma projeção de chama, e a localização dessas projeções nas extremidades dos corpos, quando estes têm a forma alongada;

b) - Certos caracteres variáveis, conforme os sensitivos: seu comprimento, sua intensidade e sua coloração: esses três elementos constituem a característica de cada indivíduo.

(11) A Rivista di Studi Psicici, dirigida pelos doutores Ermacora e Finzi, em 1895 deu conta de uma comunicação que acabava de fazer Professor Barrett a Society for Psychical Research, de Londres.

O sensitivo, encerrado numa câmara perfeitamente escura, disposta para as experiências de Reichenbach, ao cabo de certo tempo começou a ver o experimentador e contou os dedos que este mostrava à distância. O Professor Barrett, para se assegurar de que não se tratava de uma alucinação transmitida telepaticamente, tirou o relógio do bolso e iluminando o mostrador com os próprios dedos, convidou o sensitivo a ler a hora o que foi feito facilmente. Depois, o Professor Barrett moveu ao acaso os ponteiros de um relógio despertador, de tal maneira que ele marcava uma hora que lhe era inteiramente desconhecida. Então mostrou o despertador ao sensitivo e o iluminou do mesmo modo. O sensitivo não leu mais a hora primitiva, mas a nova indicação. O Professor Barret saindo para o claro, constatou que a leitura era exata.

Declarou-se convencido, por suas experiências, da objetividade emanações luminosas que certos sensitivos, em condições físicas e psíquicas especiais, viam sair do corpo humano e dos ímãs, e chamou a atenção da sociedade para duas cartas a respeito, escritas por dois sábios eminentes, o Prof. F. Fitzgerald e o Doutor W. Huggins, cartas foram publicadas no relatório da S.P.R., vol. I, pg. 236.

4.º - A imantação determina eflúvios nas extremidades de uma peça de ferro em forma de barra ou de ferradura. Esses eflúvios são passageiros no ferro doce e permanentes no aço; a coloração de cada pólo depende do sentido da propagação da corrente imantados; é a mesma que a do eflúvio do pólo imantante ao contacto.

5.º - A característica de cada sensitivo é função do estado da hipnose.

6.º - A sugestão pode alterar, em certa medida, a descrição do eflúvio. É necessário, pois, ter as maiores precauções para se pôr ao abrigo desta causa de erro.

7.º - A produção e a percepção do eflúvio podem ser explicadas por nossos conhecimentos científicos atuais.

Contudo - não será demais repetir - é preciso considerar as nossas experiências como indicações de que nos esforçamos para as tornar tão exatas quanto possível, mas que estão sujeitas à causa de erros, especiais e independentes de nós.

Já disse que nem todos os sensitivos viam do mesmo modo os eflúvios emitidos pelos mesmos objetos. Não só por vezes invertiam as cores, mas, outras vezes, as indicaram como diversamente distribuídas no detalhe, sobretudo para o corpo humano. Isto pareceria provar que nem todos percebem as mesmas radiações, das quais vários sistemas polarizados podem coexistir, sendo um sistema visível para uns, e outro para os outros.

Era condição necessária não basear nossas conclusões senão nas impressões de um mesmo indivíduo. Mas aqui, ainda, apresentou-se uma dificuldade: quando procuramos coordenar nossas diversas experiências, reconhecemos que havia pontos duvidosos, que desejaríamos ter esclarecido, lacunas que almejávamos ter realizado. Infelizmente o sensitivo com quem tínhamos feitos nossas primeiras experiências não estava mais nossa disposição e, para esse complemento de inquérito não nos podíamos servir de um instrumento que não fosse idêntico ao primeiro.

Enfim, há certos pontos para os quais ainda não encontra mos nenhuma explicação mais ou menos satisfatória, tais com as colorações vermelhas, indicadas por Albert, na base de toda as colorações azuis, como se pode ver nas lâminas litografadas que reproduzem tão fielmente quanto possível os desenhos originais, feitos do natural. Tivemos que tomar o partido de provisoriamente negligenciar esse fenômeno, bem como o modo anormal de refração dos eflúvios (Vide pg. 51); mas as nossas teorias que não explicam todos os fatos observados, são, por isso mesmo inexatas ou, pelo menos, incompletas.

III

Do que acabamos de dizer resulta que os eflúvios poderiam ser devidos unicamente às vibrações constitucionais dos corpos (12) transmitindo-se ao ar ambiente. Creio, porém, que é preciso ir mais longe e admitir que, além disso, emissão pelo arrastamento de um certo número de partículas, que se destacam dos próprios corpos.

(12) O estudo dos isômeros levou os químicos a precisar o modo de ação do corpo sobre os nossos sentidos, mostrando, por exemplo, que as quatro essências de terebentina, de flor de laranjeira, de limão e de pimenta, cujos nomes bastam para indicar as diferentes ações fisiológicas tinham uma composição química idêntica: C₁₀ H₁₆

"Não é pois 'diz o senhor Gautier, a matéria mesma, como substância que age sobre os nossos sentidos e nos influencia, mas antes a forma a estrutura dessa matéria, ou melhor ainda, a natureza do movimento derivado dessa forma. Numa palavra, é o dispositivo das massas ou dos átomos que vibram nessa matéria e que nos transmitem suas impressões... O poder e o modo de ação que exerce sobre nós tal ou qual a matéria não residem, pois, somente na quantidade de forças vivas, mas também, no modo de vibração que essa matéria transmite aos nossos órgãos. A força viva está ligada à natureza específica de cada um dos átomos dessa matéria, mas o modo vibratório é, ao mesmo tempo, função dos pesos atômicos e da estrutura molecular, que liga esses átomos intimamente." (Revue scientifique de 3 de janeiro de 1885).

As experiências do senhor Raoul Pictet, com efeito, demonstraram que, nas mais baixas temperaturas, os metais ainda emitem vapores que formam em seu redor uma espécie de atmosfera.

Um ilustre sábio do século XVII, Sanctorius, estabeleceu de maneira indiscutível, por observações sobre si mesmo, prolongadas durante longa série de anos (13), a enorme importância da transpiração insensível nos corpos vivos.

(13) Sanctorius professou medicina, a princípio em Pádua, depois em Veneza. Físico distinto, mecânico engenhoso, inventou para as suas pesquisas um certo número de aparelhos, dos quais o mais conhecido é a balança que tem o seu nome e que é hoje conservada no gabinete de física da Escola Politécnica, para onde foi enviada pelo General Bonaparte, durante a campanha da Itália, em 1798. Era nessa balança que Sanctorius se pesava várias vezes por dia, para se dar conta das variações de seu peso sob a influência da radiação cutânea.

Boyle, que chamava o livro de Sanctorius de pequeno livro todo de ouro declara que teve a curiosidade de verificar essas experiências em si mesmo e acrescenta: "Minhas observações, juntas às de um grande príncipe muito curioso, que tinha uma máquina de

estática (uma balança) para fazer suas observações sobre a quantidade dessa transpiração contínua, as quais tinha a bondade de me comunicar, fazem-me crer que Sanctorius só avançou com muita certeza, como cada um pode verificar, desde que se tome em consideração à diferença do clima, que pode fazer variarem as observações, porque Sanctorius escreveu na Itália, onde a transpiração é mais abundante do que na Inglaterra, onde faço as minhas experiências.

Eis alguns dos resultados por ele formulados em aforismos:

Secção I

AFOR. III. - Aquele que entende bem até onde vai a transpiração no insensível, quando precisa excitá-la e quando necessita reparar o que do corpo ela subtraiu a mais, é o único capaz de trabalhar para conservar ou reparar a saúde dos homens.

AFOR. IV. - O peso do que se exala do corpo de um homem pela transpiração insensível ultrapassa o que dele sai pelas evacuações sensíveis.

AFOR. VI. - Do peso de oito libras de alimentação que se tomar este em um dia, bem cinco libras se perdem pela transpiração insensível.

AFOR. XXI. - No inverno serão transpiradas de um homem bem sadio mais de 50 onças de matéria sutil no espaço de vinte e quatro horas.

AFOR. XXIX. - Numa noite em que se tenha dormis muito tranqüilamente, far-se-á uma transpiração de mais de quarenta onças.

Secção II

AFOR. XXIII. - No verão pesa-se três libras menos que no inverno.

AFOR. XLI. - Desde o equinócio do outono até o solstício de inverno, transpira-se por dia uma libra a menos que de costume; e, depois do equinócio da primavera, a transpiração torna-se sempre mais fácil e mais abundante.

Secção III

AFOR. VIII. - A carne de carneiro se digere facilmente ela é vaporosa, e no espaço de uma noite ela será transpirada pelo menos 5 onças a mais que uma outra carne.

Secção IV

AFOR. V. - Um sono inquieto diminui a transpiração e mais de 5 onças.

AFOR. XX. - Um homem que dorme transpirará por vezes 40 onças em 7 horas, e um homem que vela, 20 onças.

Enfim as leis relativas ao aquecimento dos fios atravessados pela corrente elétrica são inconciliáveis como a hipótese de um simples movimento vibratório dos condutores, de sorte que se é forçado a considerar a corrente como um verdadeiro fluxo de matéria no fio condutor. Esse fluxo não é composto unicamente de matéria imponderável: arrasta consigo moléculas de matéria pesada.

Por outro lado, diz o doutor Fugairon (14), as ações químicas devem sempre ser precedidas de uma rarefação, de um movimento, de uma expansão da matéria; uma certa rarefação desta é uma preparação indispensável às químicas para todos os corpos. A difusão ou a sublimação da matéria é facilitada pela ação química: esta afasta, suprime as partes cuja presença contínua deteria a difusão das moléculas, formando em torno delas uma espécie de atmosfera, que impediria a desagregação das moléculas restantes.

(14) *Essai sur les Phénomènes électriques des corps vivants; Paris Chamuel, 1894, p. 59.*

"Ora, nos corpos vivos, as combinações e as decomposições químicas são incessantes e a difusão das moléculas orgânicas deve aí ser muito grande e o fluxo elétrico deve transportar consigo uma proporção muito mais forte de matéria ponderável do que nos corpos brutos". "Pode-se, pois, estar certo de que a corrente elétrica que circula nos nervos é composta, além do fluido imponderável, de uma

certa quantidade de matéria orgânica, levada a um alto grau de atenuação".

As emissões de corpúsculos não se podem dar senão pelos pros da pele, e a fotografia anexa - Fig. 1 - que devemos à gentileza do senhor Norkievics - Iodko, faz o seu mecanismo saltar aos olhos.

Obtém-se esse gênero de impressões da maneira seguinte:



Fig. 1

Fotografia dos eflúvios do dedo de uma pessoa em comunicação com a bobina de Rhumkorff.

Numa câmara instala-se uma bobina de Rhumkorff, acionada por uma pilha suficientemente possante. Um de seus fios é deixado em comunicação com o ar ambiente; o outro, muito mais comprido, termina por uma proveta de vidro, cheia de água acidulada, na qual sua extremidade é fixada por meio de uma rolha de cortiça. Uma pessoa colocada num quarto vizinho, completamente escuro, toma numa das mãos a proveta e se aproxima um dedo da outra mão de uma placa fotográfica que lhe apresenta, do lado do colódio, uma segunda pessoa sem comunicação direta com a pilha; quando o dedo estiver suficientemente próximo da placa, dele desprender-se-á um fluxo elétrico, que se inscreve por si mesmo sobre a película sensível e que se assemelha inteiramente aos eflúvios que os sensitivos vêem se desprender dos dedos de uma pessoa em estado normal (15).

(15) Muitas pessoas chegam a ver eflúvios se desprendendo de seus dedos, sob a forma de ligeiro vapor luminoso branco, quando, depois haver aproximado a ponta dos dedos, os afastam, a seguir, lentamente, É preciso que o fundo seja escuro e os dedos fiquem numa semi-obscuridade e há apenas um instante para o perceber.

Neste momento se chegou a impressionar placas fotográficas expondo-as, em certas condições, as radiações dos dedos humanos tenta-se assegurar que tais impressões sejam mesmas devidas a um eflúvios únicos e não a decomposições químicas provenientes de outras causas, notadamente do calor.

Os sábios do século XVII tinham pressentido a emissão desses corpúsculos, e ver-se-á, no desenvolvimento desta obra que disto tinham feito a base de sua explicação da exteriorização da sensibilidade. Alguns sonhadores tinham ido mais longe e tinham ousado conceber que esses corpúsculos bem poderiam gozar de uma vida própria, hipótese para a qual tende a ciência moderna (Nota D, *La vie des atomes et les reveries scientifiques*), e que explicaria melhor ainda os fenômenos que vamos expor.

Capítulo II

A Exteriorização da Sensibilidade

I

Procurei demonstrar, no capítulo precedente, que o corpo humano, como muitos outros corpos, entre os quais figuram no primeiro plano aqueles cujas moléculas apresentam uma orientação regular, emitiam eflúvios susceptíveis de agir sobre os sentidos hiperestesiados de certas pessoas que costumam ser designadas sob o nome de sensitivos.

Que esses eflúvios sejam simplesmente movimentos vibratórios comunicados ao éter pelas vibrações constitucionais do corpo ou emissões de partículas materiais, eis aí uma questão secundária. Com efeito, o físico não pode senão observar fenômenos e deles deduzir leis, sem esperar descobrir a sua causa real.

Conservarei, pois, o nome de fluido, conforme o uso consagrado, para o eflúvio especial que se escapa do corpo humano, sem nada prejudicar sobre a sua natureza. (1) Limitar-me-ei a fazer observar que a hipótese do movimento vibratório do éter, tal qual é geralmente exposta, não basta para explicar todos os fenômenos. Ignoramos o que pode ser a matéria no estado de divisão extrema. No estado radiante as experiências de Crookes e de Tezla apenas nos deram algumas indicações a este respeito. Também ninguém se fixou bem quanto à natureza dos odores que apresentam fortes analogias com os eflúvios humanos. Enfim, se podemos admitir que os diversos corpos não passam de condensações diversas desse éter hipotético, base de toda a matéria, se é verdade que todas as nossas sensações são devidas a movimentos vibratórios, também é certo que essas vibrações não se propagam indiferentemente em todas as substâncias: umas são

condutoras da luz, outras do calor outras da eletricidade, outras do som. São precisamente essas modificações diversas do éter primordial, postas em movimento por tal ou qual gênero de vibrações, que os primeiros observadores distinguiram sob o nome de fluido luminoso, fluido calorífico, fluido elétrico, etc.. quando se apresentavam sob uma forma impalpável. Sem dúvida eles teriam chamado o fluido sonoro, se não o tivessem conhecido senão por esta propriedade.

(1) "Alguns fisiologistas rejeitam o agente nervoso para o substituir pelas oscilações de moléculas nervosas. Para começar, essas oscilações são imperceptíveis ao microscópio, e se se quer que as moléculas atômicas das células nervosas que vibram sejam bastante atenuadas para que escapem a todo exame microscópico, então se chega a tal estado de tenuidade da matéria que a aproxima consideravelmente dos imponderáveis, porque o agente nervoso, como os fluidos imponderáveis, por serem invisíveis não deixam de ser coisa substancial." Mas fora desta consideração, como a sensibilidade retorna em trapos de carne referidos? O Professor Jobert, para o explicar, admite uma atmosfera nervosa, porque os filetes nervosos se detém no lugar da cicatriz.

A teoria das vibrações das moléculas nervosas é, pois, tão hipotética Quanto a dois fluidos nervosos, e demais, é menos verossímil, porque é incapaz de explicar muitos fenômenos fisiológicos e mórbidos."Doutor CHARPIGNON, Études sur la médecine animique, p. 122. Trabalhos recentes estabeleceram que o sistema nervoso, em vez de ser composto de nervos contínuos, não passa de um agregado de neurônios, não soldados entre si e deformáveis sob influências psíquicas. Este fato, aproxima da descoberta de Branly sobre as propriedades dos condutores descontínuos (tubos de limalha), do ponto de vista elétrico, sem dúvida permitirá em breve construir uma nova teoria da sensibilidade.

II

Depois de haver constatado, pelos meios precedentemente indicados, a existência do fluido nervoso que, azul ou vermelho (2), se apresenta ao mesmo tempo sob dois estados: um estático sob forma de plumagem brilhante, recobrando a superfície da pele, o outro dinâmico, sob forma de eflúvios a se escaparem pelos órgãos dos sentidos e pelas pontas do corpo humano, procurei saber, conforme o

método de Mesmer e dos magnetizadores seus alunos, qual poderia ser a influência de meus próprios eflúvios sobre outras pessoas.

(2) Nos fenômenos elétricos, os eflúvios se apresentam sempre sob duas cores.

Em 1838, estudando os fenômenos elétricos em tubos contendo gás moderadamente rarefeito, Faraday foi o primeiro a notar que um penacho rosa luminoso se escapava do eletrodo positivo e que uma simples pérola azul se formava sobre o eletrodo negativo. Entre esses fulgores rosa e azul havia uma interrupção da luz, que ele chamou de espaço obscuro.

Recentemente Crookes mostrou que se se fizesse passar uma corrente de indução num tubo cheio de hidrogênio rarefeito, produzir-se-iam no penacho que se escapa do eletrodo positivo, estratificações tricolores: azuis, rosas e cinzentas, separadas por pequenos intervalos obscuros. Perto do pólo negativo está uma zona luminosa azul, depois vem o espaço obscuro de Faraday, a seguir se acham as estratificações, a primeira parte de cada uma sendo azul, a seguinte rosa e a terceira cinza. A um certo grau de rarefação, todas as partes azuis das estratificações passam subitamente para a frente e formam um só disco muito brilhante, deixando entre si e o eletrodo positivo todas as porções rosa e cinza.

Todos esses fenômenos não são mais explicados do que os que temos descrito no Cap. I desta obra. As cores azul e vermelha se comportam como os pólos opostos da luz. Saches mostrou que a planta adormece a luz vermelha e desperta à luz azul; os grãos germinam a luz azul enquanto que a amarela e a vermelha os fazem perecer.

De início reconheci (o que naturalmente devia esperar) que, na maior parte dos indivíduos não obtinha qualquer efeito apreciável nas sessões de ensaio de curta duração. Com os que estavam impressionados, e sobre os quais me decidi a fazer experiências seguidas, obtive a maior parte dos fenômenos assinalados pelos hipnotizadores e pelos magnetizadores. Mas esses fenômenos, que me esforcei em produzir progressivamente, analisando-os com cuidado, se me apresentaram, na grande maioria dos casos, segundo uma ordem muito regular, que expus com detalhes em minhas obras precedentes, e que vou resumir aqui, limitando-me estados menos profundos da hipnose.

Desde os primeiros passes a sensibilidade da pele e a do olfato desaparecem: pode-se pinçar, beliscar e mesmo queimar o sensitivo, pôr amoníaco sob o nariz, sem que ele nada perceba, mas continua a

ver e ouvir. Ao cabo de algum tempo, variável não só com o sensitivo, mas com a natureza das sensibilidades, todas estas reaparecem sob uma nova forma; são especializadas pelo magnetizador e as pessoas ou coisas que ele carrega com o seu fluido (é o que os antigos magnetizadores chamavam a relação); além disso, o sentido do tacto, em vez de se exercer como de ordinário, na superfície da pele, estende-se fora do corpo, segundo leis que há pouco indiquei. Enfim a memória depois de ter pouco a pouco abandonado aos fatos recentes para se reportar aos mais antigos, acaba por se especializar igualmente para o magnetizador, no sentido que o sensitivo tudo esquece, família e amigos, para não mais conhecer no mundo senão duas pessoas: ele e o magnetizador. E, coisa extremamente notável, o sensitivo, mesmo chegado a esse grau de isolamento, conservou absolutamente intactas a sua inteligência e a memória de sua língua, de tal sorte que continua a raciocinar e a falar exatamente como se estivesse acordado.

Esta progressão das faculdades hipnóticas é dividida, a intervalos regulares, como pelos degraus de uma escada, por uma série de fases ditas letárgicas em que, estando paralisado os nervos motores, o sensitivo parece mergulhado no sono ordinário. Os membros são relaxados, as pálpebras caídas e palavra abolida (3). Conforme a sensibilidade magnética dos indivíduos, à escada avança ou recua, deixando aparecer entre os degraus tais ou quais propriedades, que me serviram, nas primeiras experiências, para denominar provisoriamente esses estados da hipnose. O quadro seguinte se aplica a muitos sensitivos de sensibilidade comum:

(3) A saída das fases letárgicas geralmente é marcada por uma profunda inalação e o erguimento das pálpebras. Nalguns sensitivos nos que estão mais ou menos adormecidos nos estados da hipnose, essas fases letárgicas são apenas distintas; mas existem sempre, ao passo que as faculdades variam conforme os sensitivos: há muitos que nem vêem os eflúvios, nem os órgãos interiores.

*Este fenômeno tão constante das letargias sucessivas, que os hipnotizadores modernos não souberam reconhecer, tinha sido observado pelos antigos magnetizadores. Eis o que diz Chardel em seu *Esquisse de la nature humaine expliquée par le magnétisme animal* (Paris, 1826, pg. 276):*

"Pode acontecer que, magnetizando com energia uma pessoa em sonambulismo, ela adormeça novamente, o que lhe serve para passar a um estado magnético superior. Muitas vezes observei tal

fenômeno, que aumenta a lucidez e, o que me ofereceu de mais notável, é que as mesmas gradações se renovam ao voltar à vida comum, e as lembranças ao estado magnético superior apagam-se ao passar ao estado magnético ordinário.

"Toda mudança no modo de afetibilidade é acompanhada por instante de sono; este é causado pela interrupção das relações da sensibilidade com adaptabilidade precedente e serve de passagem a formação das relações com afetibilidade nova... "Quando muda o modo de afetibilidade, há interrupção nas sensações, até que a sensibilidade esteja em relação com afetibilidade nova. Essa interrupção sobre a passagem de um a outro precede o estado magnético e a volta a vida ordinário é chamada sono". (Id. - pg. 231)

| VIGÍLIA | | | |
|----------------------|--|----------------------|---|
| ESTADOS SUPERFICIAIS | HIPNOSE 1. ^o EST. 1. ^a letargia | Credulidade | insensibilidade cutânea e sugestibilidade. Nota — Incluo nesta 1. ^a letargia o estado cataléptico que parece ser apenas uma de suas fases. (Ver <i>Os Estados Profundos da Hipnose</i> , pgs. 80 e 81.) |
| | HIPNOSE 2. ^o EST. 2. ^a letargia | Sonambulismo | |
| ESTADOS PROFUNDOS | HIPNOSE 3. ^o EST. 3. ^a letargia | Relação | Todos os sentidos são especializados para o magnetizador; o sensitivo vê os eflúvios exteriores do corpo. A sugestibilidade é quase nula. |
| | HIPNOSE 4. ^o EST. 4. ^a letargia | Simpatia ao contacto | O sensitivo percebe as sensações do magnetizador, quando êle o toca. A sugestibilidade desapareceu. |
| | HIPNOSE 5. ^o EST. 5. ^a letargia | Visão interna | O sensitivo não vê mais os eflúvios exteriores. Vê os órgãos internos do seu corpo e dos outros, quando põe a mão na superfície dos mesmos. |
| | HIPNOSE 6. ^o EST. 6. ^a letargia | Simpatia à distância | O sensitivo percebe as sensações do magnetizador quando êle não mais o toca, desde que permaneça pouco distanciado. |

Agora vou retomar o estudo das modificações da sensibilidade, servindo-me inicialmente das indicações de um sensitivo A., cujos olhos tinham sido previamente levados ao estado em que percebem os eflúvios exteriores e examinam o que se passa quando eu magnetizo

um sensitivo B., que, em estado de vigília apresenta uma sensibilidade normal.



Fig. 2 - Camadas envolvendo um sensitivo exteriorizado. Croquis feito por Albert L.

Desde que nele a sensibilidade começa a desaparecer, penugem luminosa, que recobre sua pele em estado de vigília parece dissolver-se na atmosfera, depois reaparece, ao cabo de algum tempo, sob a forma de ligeira garoa que, pouco a pouco, se condensa, tornando-se mais e mais brilhante, de modo a tomar, em definitivo, a aparência de uma camada muito fina, seguindo, a 3 ou 4 centímetros fora da pele, todos os contornos do corpo.

Se, como magnetizador, atuo sobre essa camada de maneira qualquer, B. experimenta as mesmas sensações que se eu tivesse agido sobre sua pele, e não sente nada, ou quase nada, se atuo em outro lugar que não nessa camada. Também nada sente se for uma pessoa não em relação com o magnetizador que age.

Se eu continuar a magnetização, A. verá formar-se em torno de B. uma série de camadas equidistantes, separadas por um intervalo de 6 a

7 centímetros (o duplo da distância da primeira camada á pele), e B. não sente os toques, as picadas e as queimaduras senão sobre essas camadas que se sucedem, por vezes até 2 ou 3 metros, penetrando-se e se entrecruzando, sem se modificarem, pelo menos de maneira apreciável, e sua sensibilidade diminuindo proporcionalmente ao afastamento do corpo (4).

(4) Para bem me dar conta de como essas camadas se dispunham em volta do corpo, tomei um cartão que entalhei de tal modo que o sensitivo B. aí pudesse enfiar a mão perpendicularmente; então marquei no cartão os traços das camadas sensíveis concêntricas.

A fig. 2 indica grosseiramente, conforme o croquis de Albert L. como se dispõem às camadas em volta da cabeça e do corpo de um sensitivo exteriorizado.

Depois de um tempo variável, geralmente depois da terceira ou da quarta fase de letargia, as camadas concêntricas apresentam duas máximas de intensidade, uma do lado direito do sensitivo, a outra do seu lado esquerdo, e aí se formam como que dois pólos de sensibilidade (5).

(5) É o lugar para observar que, mesmo fora desta questão de reforço polar, os sensitivos sentem menos uma picada que se faça numa camada sensível em suas costas, num lugar que não podem ver, que a que podem ver. Seria erro atribuir essa diferença de sensibilidade à sugestão. Um dos sensitivos que me ajudam em minhas pesquisas é um jovem instruído e inteligente, neste momento preparando a sua licença de filosofia; gosta tanto quanto eu de se dar conta do que experimenta, e explicou-me que as sensações estavam submetidas às mesmas leis sobre as camadas sensíveis que sobre a pele; sente tanto melhor quanto mais presta atenção, isto é, acumula pela vontade maior quantidade do fluido destinado a transmitir a sensação sobre o ponto onde se exerce a ação a sentir.

E provável que seja por uma causa análoga que os movimentos comunicados a um pendulo cuja haste se toca em certas condições, parem quando não se olha mais o pendulo.

É aí o começo de uma outra ordem de manifestações, que hoje deixo de lado, para me ocupar especialmente disto num próximo livro. Pelo momento, limitar-me-ei a pôr em guarda o pesquisador experimentado contra os perigos muito grandes que as mesmas apresentam, quando as suas propriedades são ignoradas.

O processo de exteriorização da sensibilidade sendo assim conhecido, tornava-se muito mais fácil continuar as observações sem recorrer ao sensitivo vidente A. Então me foi possível reconhecer, por ensaios muito numerosos, que a primeira camada sensível exterior geralmente se formava no terceiro estado, que em alguns sensitivos ela jamais aparecia e que em outros, ao contrário, tais como a sra. Lux, a sra. O. e a srta T. H. ela se produzia sob a influência de alguns passes, desde o estado de credulidade, que é uma modificação quase invisível do estado de vigília, ou mesmo sem qualquer manobra hipnótica após uma emoção, um distúrbio nervoso e talvez uma simples modificação do estado elétrico do ar (6).

(6) A srta. T. H., habitualmente muito saudável, de tempos em tempos tem violentas crises de histeria, durante as quais se exterioriza, por vezes espontaneamente. Então se queixa de que a ferem, quando passam bem perto dela.

Há alguns meses levaram a consultar o doutor Luys, no hospital da Charité, uma jovem que tinha a curiosa enfermidade de não suportar roupas extremamente flexíveis, como a musselina, posto que sua pele fosse insensível. Reconheceu-se que a sensibilidade estava naturalmente exteriorizada nessa criatura, que sentia todo o roçar das roupas postas a alguns centímetros de seu corpo.

A Étoile (abril de 1892, pg. 267) assinalou um caso singular de sonambulismo que acabavam de observar em Hotel-Dieu de Fréjus. Durante os acessos do sensitivo, não se podia tocá-lo, nem tocar num objeto perto dele, sem provocar uma crise "tanto mais violenta quanto o contacto era de uma pessoa mais desconhecida."

"Um inspetor que visitava o hospício não quis atender o aviso que lhe haviam dado a respeito e, por curiosidade, sem dúvida, tocou nas roupas de Louis D. Logo este caiu de costas; tendo o inspetor querido tomá-lo nos braços, para o reter, a crise tornou-se terrível e deixou o doente surdo durante várias semanas."

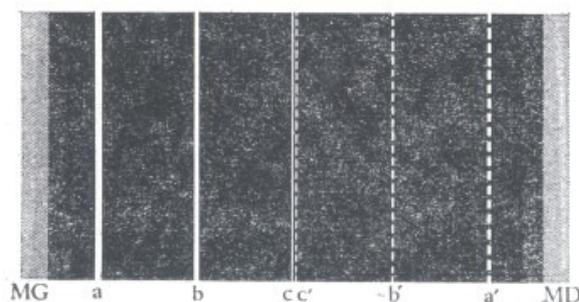


Fig. 3 - Esquema das camadas sensíveis da mão direita e da mão esquerda, com contacto pelas terceiras camadas.

Se é certo que a sensibilidade se traslada sobre camadas concêntricas exteriores, aproximando as palmas das mãos, o sensitivo deverá perceber a sensação do contacto quando duas camadas sensíveis se tocarem. Com efeito é o que acontece, quando, como a fig. 3, as duas camadas **c** e **c'**, dependendo respectivamente da mão esquerda e da direita se tocam. O mesmo resultado produzir-se-ia se a camada **c'**, por exemplo, estivesse em contacto com a camada **b**, se o magnetizador pinça ou queima a camada comum, a percepção se faz simultaneamente nas duas mãos.

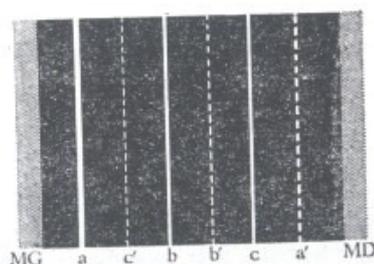


Fig 4 – Esquema das camadas sensíveis da Mão direita e da esquerda, se entrecruzando.

Façamos agora aproximar as duas palmas, de tal maneira que as camadas sensíveis de uma se achem mais ou menos no meio dos intervalos insensíveis da outra, como indica a fig. 4 e passemos lentamente uma chama de **a** para **a'**, o sensitivo sentirá a queimadura, a princípio na mão esquerda, depois na mão direita, depois na mão esquerda e assim por diante, alternativamente. Esta última experiência, que repeti várias vezes, em pessoas que não o esperavam e manifestaram a maior admiração, me parece das mais concludentes.

III

Nos fenômenos que acabo de expor, as coisas se passam como se a sensibilidade, cujo domínio se estende, ordinariamente, do cérebro à superfície da pele, por vezes podia deter-se aquém (7) ou se prolongar além(8). Esta hipótese é tanto mais admissível, ao menos provisoriamente, quanto o sentido do tacto, do qual o gosto é um caso particular, é o único que nos parece necessariamente limitado de ordinário pela periferia de nosso organismo carnal. Também os antigos filósofos, baseando-se naquilo que não vemos, não ouvimos, não sentimos, não gostamos, não sentimos bem senão quando olhamos, escutamos, cheiramos, degustamos e esperamos, já haviam admitido que um dos elementos de nossas sensações era a projeção dos eflúvios materiais lançados pela vontade, da superfície do nosso corpo, ao encontro da radiação dos objetos exteriores (vide Nota F)

(7) Vide: A. DE Rochas, *Les Etats profonds de l'hypnose*, págs. 83 e 84.

(8) O DOUTOR OCHOROWICZ propõe (*De la Suggestion mentale*, pgs. 504 e seguintes) uma longa explicação para o fenômeno, em aparência paradoxal, da transmissão da sensação ao cérebro, fora dos nervos sensitivos.

Suporemos, pois, que em todo homem vivo existe um fluido que circula ao longo de seus nervos, como a eletricidade de uma rede telegráfica circula ao longo dos fios metálicos. Esse fluido vem aflorar à pele pela extremidade de todos os nervos e aí fica no estado estático; escapa-se no estado dinâmico, pelas pontas do corpo (dedos, artelhos), pela respiração e o sopro que dele estão carregados, enfim pelos olhos e os ouvidos, órgãos da vista e da audição.

Ensina-nos a experiência que, em condições normais, a sensação só é percebida quando a ação se exerce sobre o fluido no estado estático; isto é, onde os sensitivos videntes constatarem na pele a existência de um penacho luminoso. Parece que a corrente centrífuga dos eflúvios (estado dinâmico) impede a sensação de subir ao cérebro,

a menos que esses eflúvios não sofram modificações que há pouco indicamos.

Viu-se que, sob a influência dos passes do magnetizador, o fluido do sensitivo ou, em outros termos, o agente transmissor das sensações ao cérebro, se exteriorizava especializando-se e formando camadas sensíveis paralelas à superfície da pele.

Podemos, pois, fazer três perguntas:

1.º - Qual a causa que provoca a exteriorização?

2.º - Porque a sensibilidade é especializada?

3.º - Porque é disposta por camadas, em vez de decrescer regularmente com a distância que separa o corpo do ponto de aplicação da ação mecânica?

Resposta à primeira pergunta

Se se atravessar certos sensitivos (9) por uma corrente elétrica de sentido conveniente (10) fazendo-o segurar numa das mãos quer o pólo positivo de uma pilha, quer a bola correspondente à eletricidade positiva de uma máquina de Wimshurst, e pela outra de suas mãos a bola ou o pólo negativo, não se chegarão a determinar exatamente os mesmos efeitos, mutandis mutatis, senão agindo por meio de passes, isto é, que o sensitivo passará pelas mesmas alternativas de letargias e de estados hipnóticos e que no estado de relação, não estará mais em relação senão com um indivíduo atravessado por uma corrente da mesma natureza e do mesmo sentido que o que adormeceu. O sensitivo será despertado progressivamente, passando pelas mesmas fases em sentido inverso, quando for atravessado por uma corrente da mesma natureza, mas de sentido contrário.

(9) Nem todos os sensitivos são aptos para essas experiências porque ficam mais ou menos fatigados, conforme a natureza das correntes.

(10) Este sentido parece depender da polaridade dos sensitivos, a qual varia conforme eles são destros ou canhotos e, mesmo, conforme seu estado de saúde, como se disse no Cap. I. Em geral o sono é produzido fazendo comunicar a mão direita do

sensitivo com o longo eflúvio vermelho que, numa máquina elétrica, caracteriza a eletricidade positiva e a mão esquerda com a centelha azul formada sobre a bola pela eletricidade negativa. Mas a questão não está suficientemente elucidada, por causa da facilidade de inversão das eletricidades nas máquinas.

É pois natural supor que os passes atuem sobretudo como uma corrente elétrica (11) e que, como os passes de um ímã sobre uma barra de aço, entre outros efeitos, eles têm o de orientar as moléculas do corpo do sensitivo de tal maneira que, cheio de fluido vital, em vez deste escapar pelas extremidades dos membros, escapa-se normalmente pela superfície da pele e por toda a sua periferia. Além disso, é provável que o fluido emitido pelo magnetizador ou pela máquina elétrica ponha para fora do corpo do sensitivo o seu próprio fluido vital, que então jorra por todos os poros com uma abundância anormal.

(11) Esta hipótese deveria ser modificada se fosse certo que os vapores de éter e de clorofórmio produzem efeitos semelhantes aos que obtive pelo fluido nervoso e pela eletricidade. Mas não tive ocasião de verificar por mim mesmo o que a respeito conta RAMON DE LA SAGRA. (L'Ame-démonstration de sa réalité déduite de l'actinn du chlornforme et du curare sur l'éconornie animale - Paris, Germer-Baillière, 1868).

Eis as únicas coisas que observei relativamente aos anestésicos.

14.12.1891 - Submetendo o braço de dois sensitivos (Albert Béatrix) aos vapores do éter, não constato efeito apreciável se o braço não tiver sido previamente magnetizado; mas se o tiver sido e se as camadas sensíveis tiverem começado a aparecer, o éter imediatamente lhes aumenta o número.

3.1.1892 - A mesma observação que acima, relativamente ao efeito do éter na senhora Vix, com contratura a mais.

5.4.1892 - Mesmos efeitos na senhora Lux, pelo aumento do número de camadas sensíveis e a contratura.

Resposta à segunda /pergunta

Para fazer compreender a especialização da sensibilidade, quase não me posso apoiar senão sobre analogias, lembrando que as cordas e os tubos sonoros vibram apenas sob a influência das notas

fundamentais e dos harmônicos pelos quais elas são afinadas (Vide Nota G).

Os eletricitistas admitem igualmente que um condutor, sede de uma descarga elétrica oscilatória, lança no espaço que o rodeia ondas ou oscilações elétricas animadas da mesma velocidade que a luz e da mesma natureza desta; e que, quando essas ondas elétricas encontram um circuito afinado, em relação ao seu período de oscilação, de maneira a ser capaz de vibrar sincronicamente com elas, estas aí dão origem a vibrações elétricas, tendo exatamente a mesma natureza que as do circuito excitador.

O fluido nervoso do sensitivo, invadido por um fluido estranho afina-se com as vibrações próprias deste fluido; é quando está afinado ou em relações, e quando as partes em estado estático foram levadas ao estado dinâmico, que ele pode transmitir as sensações devidas a um objeto qualquer impregnado desse fluido estranho (12) e que não transmite mais senão aquelas.

(12) Resulta das experiências do senhor d'Arsonval sobre as correntes alternativas que os nervos sensitivos e motores são, como o nervo acústico e o nervo ótico, afinados para períodos vibratórios determinados. Como estes, eles não respondem a ondulações cuja frequência seja muito baixa ou muito alta.

Com efeito, mostra a experiência que, para os sensitivos muito sensíveis basta durante algum tempo por os eflúvios de seus próprios dedos sobre o prolongamento dos deles e a pequenas distâncias, para tornar esses eflúvios sensíveis; e isto em todo o seu percurso, sem máxima nem mínima. É assim que ainda se pode, colocando um dos pés no prolongamento e a 1 decímetro, mais ou menos, do pé do sensitivo, depois pressionando bruscamente com o outro pé o intervalo que separa os dois primeiros, determinar no paciente uma viva dor que ele não espera.

Resposta a terceira pergunta

As zonas regularmente alternadas e fixas no espaço (em relação ao corpo) das máxima e das mínima de sensibilidade devem, como em todos os movimentos vibratórios conhecidos (luz, calor, som, eletricidade) ser produzidos por interferências de ondas. (13) Ora, aqui podemos razoavelmente supor que as projeções dos eflúvios concordem com os dois grandes movimentos rítmicos do corpo humano - o do coração e o da respiração, Demais, como esses dois movimentos têm período muito diferentes, sendo o do primeiro cerca de três vezes mais curto que o do segundo, certamente se produzem interferência cuja distância se poderia calcular com exatidão, se se conhecessem bem as velocidades de propagação dos eflúvios. Já sabe aproximadamente, pelas observações de Reichenbach, que elas são bastante lentas no ar, de alguns metros por segundo; os intervalos que eu medi, entre dois máximos consecutivos são, pois, da mesma ordem de grandeza que os que seriam dados pela aplicação das fórmulas matemáticas. (14)

(13) Esses máxima e esses mínima também poderiam explicar-se admitindo emissões de partículas materiais em vez de vibrações do éter. Eis a teoria que dá Crookes a propósito da descarga elétrica nos gases rarefeitos, que compara ao movimento dos transeuntes numa rua muito freqüentada.

"Em certos momentos, quando a corrente dos negócios se produz igualmente nas duas direções, se observarmos de uma janela os que vão e os que vêm, podemos notar que a multidão não está uniformemente repartida sobre o passeio, mas forma uma série de grupos ou, por assim dizer, de pacotes, separados por espaços relativamente vazios. Pode-se facilmente conceber de que maneira são formados esses pacotes e esses grupos. Aquelas pessoas que andam mais lentamente que a média retardam o movimento dos outros que se deslocam na mesma direção ou em direção oposta. Por conseguinte, está criado o ajuntamento temporário. Os transeuntes que vêm atrás aumentam a multidão neste ponto, ao passo que os que vão à frente, e conservam a mesma velocidade, deixam atrás de si um espaço relativamente vazio. Se a multidão se deslocar toda na mesma direção, a formação desses grupos torna-se menos distinta. Nas ruas muito freqüentadas, as viaturas produzem mesmo resultado, como qualquer um pode observar.

"Concebe-se, pois, como simples diferenças de velocidade basta para reunir uma multidão de transeuntes num certo número de grupos e de intervalos alternados.

"Em vez de examinar homens e mulheres em movimento, suponhamos que experimentássemos com pequenas partículas de uma substância por exemplo, de areia, de dimensões aproximadamente iguais. Se estas partículas forem postas em suspensão na água, num tubo horizontal, se lhes imprimir um movimento rítmico, ainda obteremos resultado semelhantes: o pó se dispendo, regularmente e por si próprio, em pedaços separados por intervalos livres.

"Passemos, enfim, a substâncias ainda mais tênues e observemos maneira pela qual se comportam as moléculas de um gás rarefeito quando se o submete à ação de uma corrente de indução. As moléculas aqui estão livres de qualquer vontade caprichosa, e seguem a lei que procuro dar a compreender; e, posto estejam elas, de saída, numa completa desordem, sob a influência do ritmo elétrico, elas se ajuntam em estratificações bem definidas. As porções luminosas indicam as regiões onde se produz a parada do movimento e, por força, atritos, ao passo, que os intervalos sombrios correspondem às regiões do espaço que moléculas atravessam sofrendo um número relativamente fraco colisões."

A teoria das ondulações dá fácil conta das máximas e das mínimas de sensibilidade, que correspondem aos bojos e aos nós de uma corda vibrando. - Com efeito, sabe-se que nada se muda na vibração da corda se se tocar uma corda vibrando no lugar de um dos nós, mas que modifica essa vibração quando a corda é tocada no bojo. Ora, é precisamente a modificação do movimento vibratório que determina a sensação na exteriorização da sensibilidade.

(14) Os comprimentos de onda das radiações em questão provavelmente são intermediários entre as radiações frias, estudadas pelo senhor Langley e as radiações elétricas, estudadas pelo senhor Herz.

Sabe-se que os comprimentos de ondas perceptíveis por olhos normais estão compreendidos entre 0,4 mm e 0,8 mm, assim constituindo uma espécie de oitava na série indefinida que certamente existe.

O comprimento de onda correspondente às radiações emitidas pelo gelo fundente seria de 0,11 mm. Os comprimentos de ondas sonoras perceptíveis pelo ouvido humano estão compreendidos entre 8 mm. e 21 m.

"Ficamos sabendo, diz o senhor Langley, pelas recentes medidas que efetuei, da existência do comprimento de ondas maiores que 0,5 mm e tenho razão para estimar que consegui verificar radiações cujo comprimento de onda ultrapassa 0,3 mm. Assim, medi comprimentos de ondas de cerca de oito vezes os conhecidos por Newton e tenho indicações prováveis de comprimentos de onda muito maiores.

"O abismo entre a mais curta vibração sonora e a mais longa vibração do éter, que se conhece, agora, pois, está cumulado numa certa medida." (Annales de Physique et de chimie, 1880)

Desde essa época, os belos trabalhos de Herz permitiram medir a onda elétrica, que varia de alguns milímetros a vários metros. Mas toda essa questão ainda está obscura por

causa das diferenças de forma da vibração e da natureza do agente transmissor. Os dados das ciências ocultas muitas vezes são mais certos que os da ciência oficial, aos quais o público empresta uma impecabilidade que os verdadeiros sábios estão longe de atribuir.

Notar-se-á que a superfície da pele que está insensível se acha bem no lugar de uma camada de minimum de sensibilidade (Fig. 3 e 4).

Experiências diretas pareceram mostrar que, fazendo variar o ritmo da respiração, determinavam-se variações na distancia das camadas, que dependiam também do estado de saúde do sensitivo (15) mas para matérias ainda tão delicadas e tão cheias de obscuridade, é preciso evitar conclusões prematuras, baseadas em observações muito pouco numerosas (16).

(15) Com certos sensitivos de uma natureza ardente e sentindo uma viva afeição por seu magnetizador, às camadas se inpletam para este, como se ele as atraísse.

16. Vide o IX da nota 4.

IV

Prosseguindo nas conseqüências da hipótese de um movimento vibratório, e tendo constatado que os eflúvios atravessavam paredes (17), fiz construir um prisma reto em gesso, tendo por base um triângulo de 30 cm. de lado e reconheci, tanto pelo testemunho do próprio sensitivo, quanto pelo de um outro de olhos hiperestesiados, que as camadas, ao mesmo tempo luminosas e sensíveis, do sensitivo exteriorizado, em sua passagem por esse prisma sofriam um desvio mais ou menos constante, como se pode ver da figura 4 da Lâmina II, que reproduz um dos numerosos desenhos relativos a esse gênero de experiências. Mas o fenômeno principal complicou-se com fenômenos secundários, cuja chave ainda não me foi possível encontrar, e eu abandonei provisoriamente essa via, para limitar a buscar quais eram os corpos que melhor deixavam passar os eflúvios (os melhores

diódicos, segundo a expressão de Reichenbach), e fui conduzido, assim, à descoberta de fato capital nesta ordem de estudos.

(17) Este fenômeno foi constatado por quase todos os antigos magnetizadores e também, pelo senhor P. Janet, em sua célebre experiência Havre. (Vide Les états profonds de l'hypnose, pgs. 47 e 48).

Eu operava com Albert L., do qual falei no primeiro capítulo. Ele não só percebia os toques sobre as camadas sensíveis, mas ainda via essas camadas sob forma de superfícies luminosas. Eu o fazia estender a mão esquerda perpendicularmente sobre uma mesa recoberta de papel branco, com o externo do dedo mínimo repousando na mesa: do lado da palma da mão eu punha a substância a ensaiar. Depois, com o auxílio de passes locais convenientemente graduados eu traz sua mão esquerda ao estado de exteriorização e os seus olhos ao estado de hiperestesia (18) de tal sorte que ele podia descrever e, se necessário, desenhar o que se passava.

(18) Lembro que nos sensitivos bem dotados pode-se fazer isoladamente cada parte do corpo pelos vários graus da hipnose; e se vai muito longe, a hipnose se propaga até o cérebro, de onde se espalha e por todo o organismo.

Tendo sido disposto para a experiência um, copo cheio de água, eis o que Albert desenhou (Fig. 5). MG, representa a mão esquerda, V o copo d'água, c, c', c'', c''' as diversas camadas luminosas: vê-se que as camadas são interrompidas atrás do copo, que projeta uma espécie de sombra, marcada pela interrupção das camadas luminosas em A e em B. Quanto á água do copo, ela se iluminou rapidamente em toda a massa; e, ao cabo de algum tempo, provavelmente quando estava saturada, dela se desprendeu verticalmente como que uma fumaça luminosa.

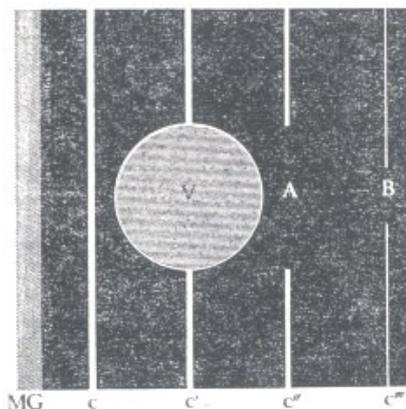


Fig. 5 - Esquema da sensibilização de um copo d'água pela mão esquerda de um sensitivo exteriorizado.

As sensações tácteis confirmavam estas indicações. Porque, picando o ar em A ou em B, o sensitivo nada sentia, ao passa que o sentia quando eu pinçava a água num ponto qualquer, ou uma das camadas luminosas.

Ainda mais, tomando o copo d'água e o levando a alguma distância, constatei que ele ficava sensível, isto é, que Albert sentia os toques que eu lhe fazia sofrer, posto que à mesma distância não houvesse mais traços de camadas sensíveis. Se se afastasse muito, a comunicação de sensação não se efetuava mais; entretanto reaparecia quando novamente era aproximada a uma distância conveniente. Ao cabo de alguns instantes, a água perdia as suas propriedades, se ficasse afastada das camadas sensíveis.

Encontramo-nos, pois, em presença de um fenômeno análogo, até certo ponto, ao que apresenta um corpo fosforescente.

A água carregou-se de sensibilidade, como o sulfureto de cálcio se carrega de luz, e irradia até que tenha reenviado tudo quanto recebeu ou, em outros termos; até que a energia que lhe foi comunicada se haja esgotado.

Diversas experiências que seria muito longo relatar aqui me permitiram precisar esta hipótese e formular, negligenciando o fenômeno secundário dos máximos e dos mínimos, as seguintes proposições:

1.º - As manobras próprias para exteriorizar um sensitivo determinam a formação, em torno dele, de um campo do agente próprio para transmitir ao cérebro as vibrações ordinariamente percebidas pelo sentido do tacto.

2.º - O campo, cuja extensão aumenta com o grau de magnetização do sensitivo, também é, num mesmo grau, tanto mais considerável, quanto mais considerável for a ação mecânica exercida.

3.º - Teoricamente, uma ação de intensidade infinita seria percebida a uma distância infinita.

4.º - Se se colocar, durante um certo tempo, junto a um sensitivo exteriorizado, uma substância própria para sorver esse agente, a substância carregará-se até o limite de sua capacidade própria, do agente, proporcionalmente a esse tempo e a intensidade da radiação do sensitivo no ponto onde ela for colocada, de tal sorte que ela própria tornar-se-á centro de um campo mais ou menos extenso, próprio para transmitir sensações perceptíveis pelo tacto.

5.º - Se, por uma ação mecânica de intensidade i , o raio do campo do sensitivo for r e o da substância sensibilizada f o sensitivo perceberá as ações mecânicas de intensidade igual a i , exercidas quer sobre a substância mesma, quer sobre um ponto qualquer do campo dessa substância (19), enquanto a distância entre o sensitivo A e a substância B for inferior ou igual a $r + f$ (Fig. 6). Mas quando essa distância for superior a $r + f$, haverá um espaço em que o agente será em quantidade insuficiente para transmitir as vibrações de intensidade igual ou inferior a i , e a sensação não mais será transmitida. A comunicação será restabelecida desde que os dois campos, definidos como acima, se tocarem de novo.

(19) *Alguns sensitivos não percebem como luz as camadas sensíveis; mas quando se pinça uma dessas camadas, eles vêem um fulgor partir do ponto pinçado e atingir o ponto onde eles sentem a dor. Se se pinças um ponto do campo de um objeto sensibilizado, em condições tais que a sensação se possam comunicar, eles vêem o fulgor partir do ponto pinçado, ir a princípio para o objeto sensibilizado e daí para o ponto do corpo onde a sensação é percebida.*

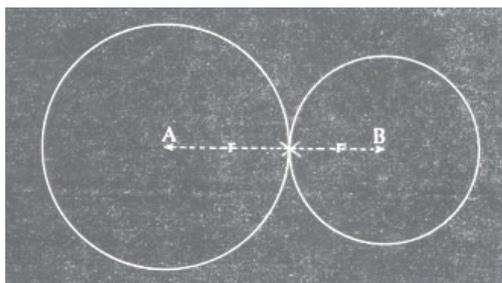


Fig. 6 - Esquema da posição extrema em que o sensitivo A, exteriorizado, percebe as ações mecânicas exercidas sobre o objeto B, sensibilizado.

6.º - A sensação é sempre percebida no ponto do corpo do sensitivo mais próximo do ponto da camada sobre a qual se age, ou do ponto cujos eflúvios serviram para sensibilizar o objeto, se se agir sobre um objeto sensibilizado.

Operando com vários sensitivos, reconheci que as substâncias próprias para armazenar sua sensibilidade eram quase sempre as mesmas que as que armazenam os odores (20): os líquidos, os corpos viscosos, sobretudo os de origem animal como a gelatina, a cera, a pasta de algodão, as fazendas estrutura frouxa ou aveludada, como o veludo de lã.

(20) *A analogia dos eflúvios humanos com os perfumes foi confirmada por uma conferência feita em 1897, pelo senhor Jacques Passy, sobre a Química dos Perfumes, na Associação francesa para o avanço das ciências.*

Lembrou o senhor Passy que, com efeito, desde muito tempo a melhor maneira de obter os perfumes era colocar flores perfumosas numa leve camada de graxa, que dissolvia esses perfumes e que os outros processos tentados tinham o inconveniente de

matar a flor, estancando a fonte do perfume, ou de dissolver matérias estranhas de toda espécie.

"O problema a resolver, "disse ele" consiste em suma em deixar viver a flor e recolher o perfume, à medida que se forma. Ora, há um meio quase tão indiferente e inofensivo para a flor quanto o ar: é a água. Então pensei que imergindo a flor em água, esta encarregar-se-ia do perfume sem o abismar e que bastaria tirar-lhe o perfume por meio do éter ou de qualquer outro veículo. Esta idéia está perfeitamente realizada."

Há toda uma série de experiências novas a tentar, inspirando-se nessas aproximações, e é talvez assim que se chegará a construir um aparelho próprio para revelar e medir esses eflúvios.

Com efeito, sabe-se que os odores têm a Propriedade de absorver de maneira notável o calor radiante e, como fez observar Tindall (La chaleur considérée comme mode de mouvement,) Lição XI: "a quantidade de matéria volátil que uma pessoa deste auditório extrairia de um frasco de álcool numa só aspiração do nariz exerceria sobre o calor radiante uma ação mais forte que a massa total de oxigênio e de azoto da sala."

E bom lembrar que bastam 5/10000 de milésimo de miligramma anilina num litro de ar para que se perceba o seu odor. Igualmente basta depositar 1/100000 de milésimo de miligramma de almíscar artificial num vidro de relógio para que se sinta o odor durante alguns minutos.

Concentram-se os perfumes dissolvidos em gordura agitando fortemente com álcool. O álcool dissolve o perfume, mas não dissolve a gordura.

Há, entretanto, algumas exceções e parece, mesmo, que natureza das substâncias sensibilizáveis varia com o estado moral do sensitivo. Na Nota final I encontram-se detalhes sobre esta ordem de fenômenos.

Igualmente experimentei se se podiam exteriorizar outras sensações (21), além das sensações tácteis: por exemplo, colocando um copo d'água no trajeto dos eflúvios do ouvido, depois falando em voz baixa contra a água levada a uma certa distância. Assim, não produzi sobre a maioria de meus sensitivos habituais senão uma ligeira sensação de prurido no ouvido do mesmo modo para os olhos. A srta. Andrée e a senhora Vix me deram algo mais. Eis, com efeito, o que leio no relato de minhas experiências, em data de 24 de fevereiro de 1892:

(21) Um dos meus amigos, escritor muito conhecido e sensitivo muito sensível, exterioriza-se para mim depois de um simples contacto de alguns instantes. Nele o sentido

do olfato se especializa no mesmo tempo. Então me sente, atribui-me um odor balsâmico absolutamente particular, que sente apenas em mim.

O padre Ribet (Mystique divine, II, 318) relata um fato que ter a mesma explicação:

Santa Catarina de Gênova, cheirando a mão do padre que dirigia a sua alma, sentia um odor de inefável suavidade, que lhe reconfortava ao mesmo tempo, a alma e o corpo, e cuja virtude era tal que lhe parecia que os mortos, segundo sua expressão, deveriam ressuscitar. O confessor teria querido gozar do mesmo favor; mas por mais que cheirasse a sua mão, para ele não existia o odor maravilhoso."

"A srta. Andrée foi adormecida pelo senhor Reybaud e levado até o estado de relação.

"O senhor Reybaud me põe em relação com ela. Constato a insensibilidade da pele e a sensibilidade a 2 ou 3 centímetros depois máxima e mínima pouco sensíveis até 30 ou 40 centímetros, depois, mais nada.

"Condensando a sua sensibilidade num copo d'água, ela me sente até 3 ou 4 metros.

"Pondo na água sensibilizada essência de louro-cereja, ela começa por se sentir muito feliz, depois sente necessidade de se ajoelhar, acaba executando o movimento.

"A senhora Vix é adormecida por uma corrente de pilhas tendo em cada mão um dos cilindros de cobre, que terminam os reóforos.

"Quando chega ao estado de relação, não percebe mais que os toques das pessoas que têm ao menos um dos cilindros da mesma mão que ela o tinha.

"Está exteriorizada. Sensibilizo um copo d'água; aí introduzo um dos cilindros, o que lhe faz experimentar uma sensação muito penosa; depois uma garrafa contendo valerianato de amoníaco, e bem tampada a esmeril, tendo o cuidado de fazê-la tocar no cilindro. Ao cabo de cerca de um minuto, nada se produzindo, passei a outras experiências sem nada dizer, quando ela manifestou um grande desgosto e o desejo de me dar unhas."

Sabe-se pelas experiências dos doutores Bourru, Burot e Dufor, bem como pelas minhas que em muitos sensitivos a inalação da

essência de louro-cereja ou de valerian determina o êxtase religioso para a primeira e as atitudes de gato para a segunda.

O senhor Routin, engenheiro eletricista e antigo aluno da Escola Politécnica, ainda foi mais feliz, porque em fevereiro de 1844, escrevia-me:

"Já vos assinalei o fato que constatei com o mesmo sensitivo (Marguerite de P.) e que consiste em que a exteriorização não afeta nela apenas o sentido do tacto, mas, também, a vista, o olfato e a audição. Falando bem perto de um copo d'água sensibilizada, eu lhe telefonava o que tinha a dizer. Aliás assegurei-me que era impossível atribuir o fenômeno à sugestão mental. Mergulhando flores perfumosas num copo d'água sensibilizada, colocado numa sala vizinha, a srta. M. de P. reconhecia as flores."

Infelizmente as circunstâncias não permitiram ao senhor Routin, nem a mim repetir essas experiências com aquela jovem, que era um sensitivo novo e de primeira classe: eis o que acontece muitas vezes numa ciência em que o objeto do estudo não é comprado no vendedor de produtos químicos.

Resulta do que precede, que um animal, posto ao lado de um sensitivo exteriorizado pode carregar-se de sua sensibilidade e as partes destacadas do corpo desse sensitivo, tais como o cabelo (22), o sangue, o suor, as aparas das unhas, as dejeções devem comportar-se como objetos sensibilizados (23).

(22) O autor dos *Entretiens sur le magnétisme animal* (Paris, 1823) refere que tendo levado para casa cabelos cortados da cabeça da sua sonâmbula, e então puxando esses cabelos, a sonâmbula, que estava longe dali, experimentava a mesma sensação que se lhe tivessem puxado os cabelos da cabeça.

O mesmo efeito tinha lugar, mesmo quando a sonâmbula estava desperta.

"Em seguida", acrescentou ele, "sem ter os seus cabelos, fez minhas mãos atuarem da mesma maneira que quando os tinha, e com a intenção de lhe produzir o mesmo efeito: ela experimentou a mesma sensação. Depois disto me dei um leve bofetão, com vontade que ela o recebesse: ela sentiu também a bofetada."

(23) *Encontrar-se-ia nesse fenômeno uma base física para explicar a eficácia das relíquias.*

Igualmente não seria absurdo admitir que fora das causas espirituais, de que não nos queremos ocupar, as curas por imersão na piscina de Lourdes podem ser ajudadas: 1.º - pelo sobressalto devido à água teria que, nos sensitivos, determina o estado de credulidade em que se firmam as auto-sugestões; 2.º - pela carga magnética da piscina em auxílio dos eflúvios de certos doentes poderosamente exteriorizados sob a influência da fé.

Com efeito é o que acontece (24) e mais que ninguém o magnetizador goza desta propriedade, pois que, provavelmente, ele tem a troca de fluidos por uma espécie de endosmose.

(24) *Vide a Nota E, sobre a persistência da vitalidade.*

Agora é possível compreender o que se possa no estado que chamei a simpatia ao contacto. O fluido do sensitivo encontra nos nervos do magnetizador que o toca uma, substância infinitamente mais condutora que o ar ambiente; assim se escoia por esta via, de preferência a qualquer outra e as sensações se comunicam ao longo dos dois sistemas de nervos, postos em contacto algum tempo antes que o organismo do magnetizador tenha absorvido bastante sensibilidade para irradiar por sua vez e transmitir suas sensações, mesmo sem contacto, com acontece no estado de simpatia à distância.

(25)

(25) *Nos Estados Profundos da Hipnose (pg. 44 e 45) dei alguns exemplos de comunicação da doença de uma a outra pessoa.*

O senhor Féré (Revue des deux mondes, maio de 1893) citou diversos exemplos de agorafobia, transmitida por homens aos cães. Eis um outro que se passou em 1819, e que foi contado por Bendson (Arkeiv, für thierischen Magnetismus. IX.T.153).

"Pus em contacto uma pessoa sujeita a convulsões com um cão, fazendo-o tocar com as patas os pés da doente. O cão esforçava-se para se desembaraçar desse contacto, mas em vão. Que resultou? De repente o cão revirou os olhos, a espuma lhe cobria a goela; dobrava as patas de maneira convulsiva e, em suma, fazia movimentos como a doente, durante a crise..."

Quanto aos fenômenos da visão dos órgãos internos, poder-se-iam explicar admitindo que o sensitivo atravessasse por suas camadas sensíveis que penetram através dos corpos. Mas esta lucidez, que é

análoga, senão idêntica, à visão tão discutida dos sonâmbulos através dos corpos opacos, ainda não está suficientemente estudada.

Talvez a exteriorização da sensibilidade um dia seja observada nos animais e se reconheça que ela se desenvolve ou se atrofia na razão inversa dos outros sentidos e conforme as condições do meio (26). Estamos bem certos de que ela não existe, em estado mais ou menos consciente, nos cegos que muitas vezes nos causam admiração pela percepção dos objetos que os cercam?

(26) Sabe-se que várias espécies de insetos, nos quais não se pode descobrir nenhum órgão especial da visão, não são menos capazes de evitar os obstáculos que se apresentam à sua frente.

Nos capítulos seguintes vou mostrar como, em diversas épocas, procuraram utilizar as múmias (27), quer para o bem, quer para o mal, isto é, as substâncias carregadas de sensibilidade humana.

(27) A palavra múmia, adotada pelos discípulos de Paracelso com o sentido que lhe conservo e que uma outra forma do vocábulo. (momie) pertence à língua árabe e se deriva do persa moun, significando cite ou substância balsâmica.

Capítulo III

O feitiço

I

As experiências que acabo de relatar certamente trouxeras ao espírito do leitor velhas histórias de figurinhas de cera que eram traspassadas com alfinetes, na crença de que as feridas, assim feitas na imagem repercutiriam na pessoa representada.

Tal prática, por mais absurda que pareça, remonta às primeiras idades da humanidade e são encontradas em todos os tempos, bem como em todos os países. É, pois; extremamente provável que tenha sua origem num fato muito real e relativamente bastante freqüente (1). É mais certo ainda que a imaginação dos homens, naturalmente levada para o maravilhoso, prontamente transformou este fenômeno primordial de mil maneiras diversas (2).

(1) "Será demonstrado, "diz Xavier de Maistre," que as tradições antigas são todas verdadeiras, que o paganismo inteiro não é senão um sistema de verdades corrompidas e deslocadas, que se deveria limpar por assim dizer, repondo-as no lugar, para as ver brilhar com todos seus raios."

Acrescentemos que, segundo observa Bacon (De secr. op. Artis et natura, Cap.I), os primeiros possuidores desses segredos sobrecarregaram de acessórios fúteis e mentirosos a expressão dos fatos reais, a fim de ocultar as descobertas dos sábios a uma multidão indigna de conhecer.

(2) Eis um exemplo dessas transformações. O Doutor A. Legué, dando conta de minhas experiências numa crônica que fez a volta da imprensa assim se exprimia:

"Não há muito tempo, o senhor de Rochas, administrador da Escola Politécnica, tinha grupado algumas pessoas, às quais queria demonstrar de maneira quase palpável, o fenômeno do feitiço na Idade Média. Com esse objetivo arranjou uma boneca de cera e em apoio á sua teoria avisou uma de suas ouvintes e declarou que a pessoa designada por ele nesse mesmo instante sentiria a impressão das manipulações que faria sofrer a boneca. Com efeito, atravessou várias vezes o coração e os braços da figurinha, e a

senhora X experimentava as sensações desses toques de uma maneira proporcionada ao grau de vontade que o experimentador punha em ação.

"Terminada a experiência, todos se levantaram, com exceção da senhora X, que ficou um pouco afastada: Uma das expectadoras curiosamente tomou o objeto de que se havia servido o senhor de Rochas e o revirou em todos os sentidos.

"OuvIU-se, então, a senhora X murmurar lamentosa:" Então ainda não acabastes de me fazer sofrer?..."

O leitor poderá julgar, pela continuação deste capítulo, da imensa diferença entre a realidade e o relato. Entretanto, trata-se de um fato que acabara de se passar abertamente, na mesma cidade: o doutor Legué não devia procurar senão dizer a verdade e nunca inspirar o terror por um poder oculto, o que era contrário ao objetivo dos feiticeiros de outrora.

São as suas variantes que, de início, vou rebuscar.

II

O Padre Charlevoix visitou a América Central no começo do século XVIII. Conta que os Illinois fazem pequenas figurinhas para representar aqueles cujos dias querem abreviar, e que lhes atravessam o coração.

Um outro missionário, o Padre Garcia, achou um costume análogo nas Ilhas Marquesas. O feiticeiro toma a vossa saliva e, envolvendo-a numa folha de árvore, que conserva consigo, torna-se senhor de vosso corpo e de vosso espírito.

O Padre Léon-Marie Guerrin, sub-procurador da Grande Chartreuse, respondendo a uma pergunta que eu havia apresentado a Intermédiaire des Chercheurs et des Curieux, escreve isto:

Durante os três anos (1864 a 1867) que passei na China, em Kouai-thao, província de Cantão, muitas vezes ouvi velhos cristãos falar de processos consistentes em fazer morrer pessoas à distância, por meio de figurinhas de barro, de pequeníssimas dimensões (ordinariamente representando porcos), que são colocadas nos túmulos

ou nas casas, depois que as figurinhas receberam uma espécie de bênção da parte dos bonzos.

Monsenhor Chourry, prefeito apostólico de Kuang-si (China) me deu a conhecer uma prática análoga, ainda em uso em Kuang-si e em Kuang-fong.

Uma pessoa fugiu de uma casa sem que se possa saber o que lhe aconteceu; um ladrão conseguiu sumir da mesma maneira, com os objetos roubados. Assegura-se que bastou, para fazer o tipo voltar, descobrir o seu rastro no solo e chamar um bonzo, não o primeiro surgido, mas um mestre. Este depois de forças afetadas e invocações de espíritos, e depois de haver aspergido com sangue de cachorro aqueles rastros, aí enterra, em golpes redobrados, um pedaço de madeira ou de bambu e assim inflige ao indivíduo - ao que se pretende cólicas e dores nas entranhas, de uma extrema intensidade nele excitando uma tal necessidade de voltar ao seu ponto partida, com a persuasão de obter assim a sua libertação, que não tem mais repouso, se não for executado, confessando, mesmo se se tratar de um ladrão, os objetos que havia roubado. Assim que chega, recobra o estado normal.

A imensa desproporção entre os efeitos e a causa (de um lado uma causa em si ineficaz, assim operando a distâncias indeterminadas enquanto os rastros ficarem aparentes, do outros dores intensas com a necessidade para o paciente de voltar seu ponto de partida para se livrar); a profissão do agente que é um sacerdote de ídolos, a circunstância de uma especialidade reservada a certo sujeito, de preferência aos seus colegas, práticas supersticiosas que acompanham a operação: tudo parece indicar uma intervenção diabólica, e tal é, sobre este ponto a opinião universal no país.

Na Nova-Caledônia, entre os Canacas, "os feiticeiros são malfeitores. Suas práticas são das mais simples. Um sacrifício no cemitério, algumas mumerias, de que se apressam e avisar a vítima

designada para a amedrontar, e esta cai doente. Diz-se, então, que ela é comida. Pude constatar três vezes mortes ocorridas nessas circunstâncias, e que os negros não cessavam de imputar às práticas misteriosas do feiticeiro, mas que tenho toda a razão para atribuir a tumores provenientes talvez, de um regime exclusivamente vegetal." (Patouillet Trois Ans en Nouvelle-Calédonie; Paris, Dentu, 1873, pg. 201).

Um artigo publicado em janeiro de 1863 pela Revue Deux Mondes, sob o título de A Caça às Cabeças (pg. 154) fala de uma velha feiticeira de Borneo, acusada de ter feito perecer uma jovem "fazendo uma imagem de cera, que punha todas as manhãs diante de um fogo brando. À medida que a efígie se ia fundindo, a mulher Lia, a rival condena cada vez mais pálida e mais febril, enlanguescia e se fundia também.

Eis ainda o que relata o doutor A CORRE? (Nos créoles, Paris, Savine, 1890, pg. 123) falando das Antilhas Francesas:

"...Algumas velhas comadres - mulatas e negras - sabem mais do que isto. Praticam a feitiçaria, mas um feitiço simplificado e segundo um processo bem local. O anoli, pequeno lagarto verde, tão gracioso, tão alerta, que se instala e corre ao sol, sobre as árvores ou nas savanas de nossas colônias, substitui a imagem de cera dos nossos avós. Amarram-no em retalhos de pano ou de papel, que devem lembrar as vestes da vítima e, sobre esse representante forçado da pessoa oferecida aos gênios infernais, declamam as conjurações de um ritual fantasista. Contudo, esse novo encarregado de imprecações não é fatalmente condenado à morte, como não o é a criatura humana, cujo lugar usurpa, malgrado seu. Trata-se muitas vezes de paralisar certas vontades. É um modo inédito de sugestão mental a longa distância. Duas negras, após uma disputa, acompanhada de socos e dentadas, são chamadas ao tribunal correcional. A fim de prevenir os efeitos de um interrogatório que tem sérios motivos para temer, uma delas executa

um grande jogo. Quatro anolis, enfeitados com uma pequena touca de magistrado, são metidos numa garrafa; o maior tem a goela amarrada: é o procurador, que não poderá tomar a palavra no momento psicológico, porque on a maré langue li (amarraram-lhe a língua)...

Em 1895, o sucessor de Béhanzin no trono do Dahomey, tendo tido que se queixar dos franceses, não encontrou nada melhor que os fazer enfeitiçar por um feiticeiro tsaussá. Este último preparou uma pasta especial, que um outro feiticeiro deveria enterrar no campo dos franceses, nos lugares onde os brancos passavam de preferência. O feiticeiro ajudante teve medo e não ousou ir cometer a sua perversidade. Veio contar tudo ao capitão do posto ameaçado. Interrogado "pelos brancos" quanto à ação que deveria ter produzido o malefício, respondeu "A cada um de vossos passos sobre a dita pasta, encarregada de vós representar, devia suceder para vós um grande mal-estar, depois, a breve prazo, a morte." (Doutor J. REGNAULT. - La Sorcellerie, 1897. pg. 18).

Nas ilhas Marquesas procuravam obter a saliva da pessoa a quem queriam fazer mal. Envolviam-na numa folha de árvore e assim se tornavam senhores de sua saúde e de sua vida (Ibidem, pg. 24).

O senhor Leclère, num artigo da Revue Scientifique sobre Feitiçaria entre os Cambodgianos (2 de fevereiro de 1895) assim se exprime:

"Dizem que há feiticeiros que sabem fabricar rups, ou estatuetas de cera, que chamam pelo nome da pessoa que querem ferir ou matar, desde que a atravessam com uma faca, pronunciando palavras mágicas. Então, contaram-me, a pessoa representada pela estátua é ferida ou morta no próprio instante em que a estatueta é atravessada pelo feiticeiro.

Outros fazem uma estatueta de cera, dão-lhe nome, depois a colocam num lugar atingido pelos raios do sol. Então, à medida que se alteram os traços da estátua, altera-se a saúde da pessoa por ela

representada e da qual recebeu o nome. Quando a estátua se extingue, a pessoa morre".

O senhor Errington de la Croix contou-me que costumes idênticos existiam na Malásia. Eis ainda alguns fatos relatados por outros viajantes.

Entre os polinésios, para fazer mal a um inimigo, obtinha qualquer coisa que lhe tivesse pertencido, uma mecha de cabelos, um pedaço da roupa, um pouco de seus alimentos, etc; sobre tais objetos recitavam certas fórmulas, depois os enterravam. (Tylor, *New Zealand and its inhabitants*).

Entre os tasmânicos que habitavam a terra de Van Diém e cuja raça está hoje extinta "a feitiçaria ainda estava na infância: não se cita senão uma única prática de magia em uso entre esses melanésios: era uma espécie de feitiço Para os praticar, bastava arranjar um objeto qualquer tendo pertencido a um inimigo, envolvê-lo em graxa e o expor ao fogo. A saúde do proprietário da coisa assim tratada devia declinar a medida da fusão da graxa." (LETOURNEAU - *L'évolution religieuse dans diverses races humaines* - 1892, pg. 30).

"Para o australiano é coisa séria dar parte de sua cabeleira. Ele crê que todo homem que possua uma mecha de seus belos tem o poder de o matar; e citam-me casos em que a pessoa, que se julgava enfeitiçada por esse meio, durante meses perseguiu o seu imaginário perseguidor, até atingi-lo e matá-lo (D. CHARNEY, *Six mois en Australie; Tour du Monde* 1889, T. 92.)

III

Os antigos rituais do Egito fazem freqüentes alusões ao Feitiço (3) e o senhor Lenormand encontrou os seus traços entre os assírios. Em seu livro sobre a *Magie des Chaldéens*, reproduz um grande quadro, proveniente da biblioteca do palácio real de Nínive, contendo uma

série de vinte e oito fórmulas de encantação deprecatória contra a ação dos maus espíritos, os acidentes e as doenças. O todo forma uma longa litania que, dividida em parágrafos, terminando todos pela mesma invocação sacramental, provavelmente era recitada: como as nossas ladainhas atuais, à hora das preces.

(3) *MASPERO, Histoire ancienne des peuples d'Orient - 137, 142. O termo envoutement ou vem do velho francês volt ou vout, imagem (vultos) em latim, ou do verbo latino vovere, votar. Em Tibulo e Ovídio devovere significa submeter a encantamentos, enfeitiçar.*

Eis o sexto versículo:

Aquela que forja a imagem, aquele que encanta, a face malfazeja, o olho malfazejo, a língua malfazeja, o lábio malfazejo a palavra malfazeja.

Espírito do Céu, lembra-te dele! Espírito da terra, lembra-te dele!

Se passarmos aos gregos, encontraremos um texto de Platão:

"Há entre os homens duas espécies de malefícios, cuja distinção é muito embaraçaste. Uma é a que acabamos de expor claramente, quando o corpo prejudica ao corpo, pelos meios naturais. O outro, por meio de certos prestígios, de encantamentos e daquilo que é chamado de ligaduras, persuade aos que empreendem fazer mal aos outros, que assim lhes podem fazer e aos que, empregando essas espécies de malefícios, realmente os prejudicam. É muito difícil saber ao certo o que nisto há de verdadeiro: e quando se o soubesse não seria mais fácil convencer aos outros. É mesmo inútil tentar provar a certos espíritos fortemente prevenidos que não se devem inquietar com pequenas figuras de cera, que tivessem posto à sua porta, ou nas encruzilhadas, ou no túmulo de seus antepassados e exortá-los a os desprezar, porque têm uma fé confusa na verdade desses malefícios... Aquele que se serve de magia, de feitiços e de quaisquer outros malefícios desta natureza, com o fito de prejudicar prestígios, se for adivinho ou versado na arte de observar os prodígios, que morra! Se, não ten nenhum conhecimento dessas artes, estiver convicto de haver

usado malefícios, o tribunal decidirá o que deve sofrer na sua pessoa ou nos seus bens. (Leis, liv. XI, tradução do senhor Cousin VII, pgs. 324-325).

É conhecida a reputação das feiticeiras da Tessália, que causavam a impotência e uma morte lenta, perfurando diàriamente a imagem de cera da pessoa a quem queriam prejudicar.

Ovídio lembra este costume nas suas Héroides, a propósito de Medéia.

Devovet absentes simulacraque cerea fingit
Et miserum tenues in jecur urges acus (4)

(Epist. 6: hypsipila, v. 91 e 92).

(4) Ela enfeitiça os ausentes; fabrica imagens de cera e pica o fígado dos infelizes com finas agulhas.

Também Horácio nas suas Sátiras:

Lanea et effigies erat, altera cerea: major
Lanea, quae poenis compesceret inferiorem;
Cerea suppliciter stabat, servilibus utque
Iam peritura modis (5)

(5) Havia também uma boneca de lã e uma de cera; a de lã, maior parecia dever castigar a outra; a de cera era mantida em postura súplice como prestes a morrer de maneira miserável.

(Liv. 1.º, sat. 8, v. 29-33).

A tradição desse malefício conservou-se entre os povos cristãos, tanto no Ocidente, quanto no Oriente, mas muitas vezes se complicou com práticas sacrílegas que, no espírito de seus autores, de início tinha por efeito aumentar, pela administração dos sacramentos, a semelhança da figura com a pessoa visada, depois desfrutar e excitar o zelo do demônio: que chamavam em seu auxílio, pela profanação das espécies consagradas.

A respeito pode consultar-se Tertuliano (6) e a história bizantina, bem como os escritos da maioria dos jurisconsultos e dos exorcistas do século XVI, tais como Delrio, Afonso de Castro, Le Loyer.(7)

(6) *De Spectac.*, Cap. X, pg. 90; *De Resurrectione carnis*, Cap. XVI, pg. 389.

(7) Em 337 o imperador Constâncio condenou à fogueira os que "de longe fazem morrer os seus inimigos." Existem várias ordenações dos reis de França contra esse gênero particular de feitiçaria: 742, Ordenação de Quilpérico III; 1470, Ord. de Carlos VIII; 1560, Ord. de Carlos IX; 1569, Edit. de Henrique III; 1628, Ord. de Luís XIII; 1672, Ord. de Luis XIV.

Era a pena de morte que geralmente se pronunciava contra os culpados.

Um dos exemplos geralmente citados é o de Duff, rei da Escócia, que sucumbiu todo seco, em consequência de manobras mágicas de uma feiticeira que, diariamente num braseiro, fundia a estatueta daquele príncipe. Vou dar alguns detalhes sobre casos escolhidos em diversas épocas e colhidos em outras fontes.

Sob o reinado de Luís X, Enguerrand de Marigny, guarda do tesouro foi preso sob a acusação de crime de concussão e de alteração das moedas. O rei estava disposto a tratá-lo com moderação, quando os seus inimigos, determinados a perdê-lo, relataram a Luís X "que um necromante profissional, solicitado pela esposa e pela irmã de Enguerrand, tinham fabricado certas imagens de cera com a semelhança do rei, do Conde Carlos de Valois e de outros barões, a fim de, pelo feitiço, obter a libertação de Enguerrand e de lançar um malefício sobre o rei e sobre aqueles senhores. As imagens malditas eram trabalhadas de tal maneira que, se tivessem durado muito, o rei, os condes e os barões diariamente não teriam feito senão diminuir, secar e enlanguescer até à morte (8)." Para dar algum peso a estas alegações, mostraram ao rei figuras atravessadas e sangrentas que, asseguraram, haviam sido encontradas em casa do necromante. Espantado, Luís X concordou com a condenação de seu favorito, que foi enforcado em Montfaucon.

(8) *Crônica de São Denis*.

Em 1317, João XXII, segundo Papa de Avignon, escrevia que os seus inimigos tinham querido enfeitiçá-lo: "Os magos Jacques, dito Brabançon, e Jean d'Amant, médico, prepararam beberagens para nos envenenar, a nós e a alguns cardeais nossos irmãos. E, não tendo tido

a possibilidade de no-las fazer beber, fizeram imagens de cera com os nossos próprios nomes, para atacar nossa vida, picando essas imagens. Mas Deus nos preservou e fez cair em nossas mãos três dessas imagens diabólicas." (Bibl. arch. hist. Tarn-et- Garonne, T. IV, 2.º trim. 1876).

Em 1333, Robert d'Artois foi acusado, entre outros crimes de haver tentado enfeitiçar a mulher e o filho de Felipe VI de Valois. Fizeram-lhe um processo solene, cujas sessões foram todas na corte de justiça do Louvre e presididas pelo próprio rei, assistido pelos pares e pelas maiores figuras do reino.

As peças originais deste processo ainda existem no Tesouro de Chartes (9); além disso foram conservadas cópias no manuscrito n. 18437 (ancien fonds Saint-Germain), da Biblioteca Nacional. Elas foram reproduzidas num certo número de memórias históricas, entre outras na que Lancelot inseriu no tomo X das Memórias da Academia das inscrições e belas letras. É deste último que extraímos o documento que se segue, cuja ortografia alteramos ligeiramente, a fim de o torna mais compreensível.

(9) O Tesouro de Chartes é o fundo propriamente dito dos arquivos reais de França, de Felipe-Augusto a Carlos IX. Atualmente faz parte integrante dos Arquivos Nacionais, dos quais forma a série J. Subdivide-se: em cartões denominados Layettes, sob a cota J, que contêm pergaminhos e papéis constituindo peças originais; e em registros sob cota JJ.

As peças relativas ao processo de Robert d'Artois estão compreendidas no registro JJ. 20 (de 1329 a 1337) e nas Layettes J. 439 e 440. Os Arquivos Nacionais contêm ainda, além do Tesouro de Chartes, uma secção judiciária, onde foram reunidos nos registros, os documentos relativos aos mais célebres processos. O de Robert d'Artois ocupa, ele três registros U. 816-818.

A alguns dias dali, isto é, entre a festa de Saint-Remy e Todos os Santos do mesmo ano de 1333, o Irmão Henry (10) foi chamado à presença de Robert, o qual, depois de muitos agrados, começou a lhe fazer novamente uma falsa confidência, a lhe dizer que seus amigos lhe haviam mandado da França um volt ou voust, que a rainha tinha feito contra ele. Irmão Henry lhe perguntou: "O que é um voust?" -

uma imagem de cera, respondeu Robert, que mandam batizar para lesar aqueles a quem se quer prejudicar. - "Neste país elas não são chamadas voust, replicou o monge, são chamadas manies (11).

(10) O Irmão Henry de Sagebran, da ordem da Santíssima Trindade cura da Igreja de Busi, diocese de Liège, era o capelão do Avoué de Huy, um dos mais calorosos partidários de Robert d'Artois.

(11) Maniae, segundo Festas, são figuras feitas com pasta de farinha (Ficta quaedam ex farina in hominum figuras), provavelmente como os bonecos em pão de farinha, que ainda se fabricam. Suponho que seja uma corruptela de munie.

Robert não sustentou essa impostura por muito tempo confessou ao Irmão Henry que o que acabara de dizer da rainha não era verdade, mas tinha um segredo importante a lhe comunicar, e que só lhe diria depois que ele jurasse guardá-lo sob o segredo da confissão. O monge jurou "com a mão no peito."

Então Robert abriu um pequeno escrínio, de onde tirou "uma imagem de cera, envolta num barrete, cuja imagem era a semelhança de um jovem e tinha o comprimento de um pé e meio e se via bem pelo barrete que era muito sutil e tinha em volta da cabeça como que cabelos, assim como um jovem."

O monge quis tocá-la. "Não toque, Irmão Henry", disse-lhe Robert, "ela está preparada, foi batizada e me foi mandada da França já preparada e batizada; nada mais é preciso fazer e foi feita contra João de França e em seu nome, e para o prejudicar. Isto eu vos digo em confissão, mas eu desejava ter uma outra, que queria que fosse batizada." - "E para quem esta outra?" perguntou o Irmão Henry. - "É contra uma Diaba", disse Robert, "é contra a Rainha, não rainha, mas uma diaba; enquanto ela viver não fará o bem, não fará senão me prejudicar e enquanto ela viver eu não terei paz quanto junto ao Rei, porque dele farei tudo quanto quiser, não tenho dúvida. Se lhe peço que a batize, porque tudo está feito, só faltando o batismo e eu já tenho os padrinhos e madrinhas e tudo que é mister, salvo o batismo..."

É só fazer como uma criança a batizar, e dizer os nomes que lhe como a uma pertencem."

O monge recusou seu ministério para tais operações, insistiu que era mal acreditar nisto, que tal não convinha a "um homem tão alto como ele; "quereis fazê-lo contra o Rei e Rainha que são as pessoas do mundo que mais nos podem honrar." - "Senhor", respondeu Robert, "eu gostaria mais de estrangular o diabo do que o diabo me estrangulasse."

Vendo que o monge não se queria prestar ao que lhe pedia, Robert o encarregou de encontrar alguém que fizesse o batismo.. O Irmão Henry excusou-se e lhe disse que mandasse procurar aquele que havia batizado o outro. "Ele veio da França" replicou Robert, vendo que não podia induzir o monge.

Conhecem-se todos os detalhes da deposição do Irmão Henry feita juridicamente a 31 de janeiro de 1334, em presença do bispo de Paris, na prisão em que estava, do bispo de Arras, etc. Elas foram confirmadas por uma outra deposição que Jean Aimery, sacerdote da diocese de Liège, também prisioneiro nas prisões do bispo de Paris, fez no mesmo dia 31 de janeiro de 1334, em presença das mesmas pessoas. Ele depôs que o Senhor Arnoul de Courtray, cânone de Saint-Albin-de-Namur lhe propôs ligar-se ao Senhor Robert d'Artois, que era tão poderoso que lhe poderia fazer muito bem, e que lhe daria centenas de moedas de ouro. - "Que serviço lhe poderei fazer?" perguntou o padre, "para ganhar tão grande soma? Não estou acostumado a receber tal ganho, nem tão grande. Sinto-me bem pago apenas quando ganho oito, ou doze, ou quatorze dinheiros por dia, cantando minhas missas." O Senhor Arnoul replicou: "É rei de França. O Senhor Robert o fez Rei; ele não teria sido rei se não fosse o Senhor Robert d'Artois. Sois um homem que tem estado por todo o país além dos montes e alhures e visto muitas coisas que muito não sabem; e se quiserdes fazer o que vos será dito, o rei da França não será rei dentro

de um ano." - "E como? replicou o padre. - "Sabeis bem," dizem-lhe, "fazer manies ou feitiçarias, ou outras coisas pelas quais o Rei poderá morrer brevemente." Esta proposta irritou o padre. Ele disse ao cânone, que aproveitou para si e fez o trabalho que devia saber mais que ele.

Em 1347 um sacerdote da diocese de Clermont, chamado Pépin, foi acusado, entre outros crimes de feitiçaria, de ter querido enfeitiçar o bispo Mende, com o auxílio de uma figura de cera. (12)

(12) Un Envoûtement en Gévaudan en L'année 1347, por Edmond Falgairrolles, substituto do procurador da República em Nimes. Nimes Catelan, 1892.

Interrogado a 24 de novembro pelo comissário da corte eclesiástica de Mende, Pépin declarou que:

Há quatro anos, achando-se em Langeac, onde dava ciência da pedra filosofal com o nobre Guérin de Chateauneuf Senhor de Apcher e Guillaume Laborte, resolveu fazer a imagem. Possuindo a cera virgem, veio ao lugar de Vedrines, terra de Apcher, trazendo aquela cera à casa do médico do lugar, onde se demorou durante seis semanas. Um certo dia pensou na imagem e, com a cera que havia trazido, cerca de duas libras, fez a imagem com as próprias mãos, fabricando-a com água quente e sem outra mistura. Durante a fabricação tinha à sua frente o famoso livro (13) e pronunciava as palavras necessárias a essa operação.

(13) Era um livro de feitiçaria, que tinha copiado num castelo, perto de Perpignan.

Interrogado sobre se havia batizado a imagem, respondeu negativamente e reconheceu haver pronunciado algumas palavras ao confeccionar a imagem.

Pediram-lhe que declarasse se o bispo ressentir-se-ia do mal que alguém fizesse a essa imagem, ou da perda do membro que lhe fosse cortado. Respondeu que o acreditava, porque as imagens de cera têm esta propriedade.

Além disso, perguntaram se o bispo de Mende morreria em consequência da amputação de um membro dessa estátua, e ele respondeu afirmativamente e declarou que só ele poderia evitar ele morresse, porque qualquer outra pessoa seria incapaz. Confesso que sobre o peito da imagem, ao fazê-la, pôs os nomes dos anjos das Dominações.

Fez essa imagem numa sexta-feira. O anjo do dia chamava-se Anhoel, nome que está escrito no peito da mesma imagem, ao mesmo tempo que seis outros nomes de anjos, que esqueceu, e sobre a fronte da imagem escreveu o do bispo para se conformar à ciência dessa operação.

A seguir conta como veio esconder secretamente essa imagem em um buraco da parede do andar superior da torre do castelo de Arzence, pertencente ao Senhor d'Apeher. Essa imagem só deveria operar no mês de janeiro. Em outros interrogatórios declara que em suas viagens, e especialmente em Toledo e em Cordova, encontrou livros de magia (14) que ensinavam a fazer imagens e que leu que essas imagens eram capazes de fazer perecerem homens e animais que as calcassem aos pés; que era até perigoso tocá-las. Aliás, era a primeira que ele havia feito, e isto sob a pressão do Senhor d'Apcher que queria desembaraçar-se do bispo.

(14) – Um desses livros, De Naturalibus, composto pelo rei da Maiorca, lhe havia sido dado por este príncipe, muito hábil na ciência mágica.

Tratava-se de um mago noviço. Assim, os inquisidores dele não puderam tirar senão uma confissão de sua ignorância sobre a maneira pela qual a figura de cera podia agir sobre o bispo.

Na Inglaterra, durante o reinado de Henrique IV, o cardeal de Winchester, invejoso do crédito que sobre o espírito do rei tinha o Duque de Gloucester, levantou a acusação de feitiçaria contra a esposa deste. Conseguiu subornar testemunha que declararam que a duquesa tinha entrevistas freqüentes com um sacerdote acusado de

necromancia e uma feiticeira, chamada Marie Gardemain. Dessas testemunhas ainda asseguraram que a duquesa e seus dois cúmplices entregavam-se a prática diabólicas e faziam fundir em fogo ardente uma efígie de cera de Henrique IV (a fim de esgotar as forças deste: príncipe abreviar-lhe a vida, que se extinguiria quando a cera fosse consumida.) Tal acusação foi admitida pelos juízes. Mal agrado os protestos de inocência dos acusados e da alta posição da duquesa, os três foram declarados culpados: a duquesa foi condenada à prisão perpétua, o sacerdote foi enforcado e suposta feiticeira queimada.

Depois do assassinato do duque e do Cardeal de Guise um grande número de sacerdotes pertencentes à Liga, duram a missa punham sobre o altar estatuetas de cera, feitas à imagem de Henrique III e as picavam no coração, pronunciando as palavras mágicas, a fim de dar a morte àquele rei, que chamavam o tirano Herodes.

No processo do Marechal d'Ancre foi estabelecido que este e sua mulher, para obras de feitiçaria, serviam-se de imagens que conservavam em túmulos.

No tomo II dos *Jours caniculaires*, de Simon Mayol d' Ast bispo de Valtoure (15) encontra-se a história de uma senhora de bem, que havia sido ameaçada por uma feiticeira. "Poucos dias depois a senhora sentiu-se cruelmente atingida por grande dores no ventre; parecia-lhe que lhe atravessavam os intestino de lado a lado, tanto que gemia amargamente e suas lamentações inquietavam os vizinhos. Ora, como alguns vinham vê-las para a consolar, entre outros um oleiro, que lhe assegurou que ela estava enfeitiçada, fez cavar a soleira da entrada, para ver se não havia algum feitiço. Assim, cavaram e entre outros feitiços encontraram uma imagem de um palmo de comprimento, traspassada dos dois lados por uma agulha. Tomaram o sortilégio e lançaram tudo ao fogo: então a paciente achou-se aliviada de seu mal."

(15) *Paris, 1610-1612, 3 vols. in-4.º.*

Em suas *Recherches sur l'envoutement* (Chamuel, 1898), o senhor de Kerdaniel deu o relatório de um processo ocorrido em 1723, perante o Senado de Savoia, em consequência do qual o senhor André Philibert, Conde de Pléorz, do Ducado de Aosta, foi condenado à morte por ter querido enfeitiçar sua mulher, por meio de figuras de cera que fazia fundir ao fogo.

O tomo IV dos *Amusements des eaux de Spa*, publicados em 1782, contêm o relato de uma conspiração contra a vida dos reis de França e da Espanha, que queriam matar de apatia pelo feitiço.

O caso passou-se em Livorno.

Diz o narrador que foi descoberto pelo cônsul da França em Livorno e que estava em casa do senhor Cardeal de Sanson quando o correio, despachado pelo cônsul francês lhe trouxe o relato desse atentado execrável, meditado - dizia-se - pelo cônsul de uma das primeiras potências da Europa. O principal ator desta peça era um mau padre da paróquia de Notre Dame de Montevero, chamado D. Giovanni Gastioni, natural de Burgue e súdito do Grão-duque de Toscana. Este miserável estava associado a um genovês conselheiro do grão-duque, e a algumas pessoas menos conhecidas, cujos nomes esqueci. O cônsul de em Livorno, chamado senhor Et..., emprestou-lhes a sua casa, e a esse complô atraiu o seu vice-cônsul, que era inglês. Esta não foi obra de um dia; passaram mais de quinze a fazer os seus preparativos. Folhearam todos os livros de magia que puderam encontrar, entre outros os livros de Cornelius Agrippa, a *Clavicule de Salomon*, etc.; e não omitiram nenhuma das rubricas profanas que estes autores prescrevem; trabalharam na alva de que deveria revestir-se esse mau padre; fizeram com muitas cerimônias as velas que deveriam ser usadas e abençoadas por esse celerado, e prepararam a cera de que deveriam formar as figuras de Suas Majestades muito cristãs e católicas; mal disseram o incenso, posto no

incensório de terra, feito de certa maneira, e, finalmente, o cônsul de... forneceu e pagou tudo o que deveria servir para este uso abominável.

Um provençal, chamado Charles Méret, admitido em confiança, traiu os seus cúmplices e denunciou a trama ao grão duque e ao Cardeal de Médicis. O caso foi instruído com o maior segredo pela Inquisição. O mais difícil era poder apanhar o corpo de delito, isto é, os livros e instrumentos mágicos. Méret fez saber que o cônsul de... havia alugado duas câmaras no alto de uma certa torre, que indicou, onde deveria operar-se o abominável sacrifício. Segundo as leis mágicas, era preciso que a cena se passasse num lugar aberto ao oriente e ao ocidente, que não tivesse qualquer vista do lado de Notre Dame-de-Lorette, e nesse lugar não houvesse nenhuma imagem do Senhor e da Virgem. A hora indicada o Inquisidor, conduzido por Méret, precedido pelo..., e seguido pelos esbirros de Livorno, entrou na torre e apanhou o sacerdote. Este já estava revestido com a alva, folheava o livro de magia com a varinha mágica, e só esperava a volta de Méret para atravessar as, figuras. Encontraram na câmara uma caixa de pinho, no tampo da qual estava escrito: Ao Senhor Et... cônsul de... Essa caixa continha as duas figuras, coroadas e com o cetro na mão, com os cabelos na cabeça, circunstância necessária, dizem os magos, para essa operação maldita. O Inquisidor apoderou-se de todas as peças, bem como dos livros. Acharam entre os papéis do padre duas súplicas escritas pela mão do infeliz e assinadas com o seu sangue. Ele aí tratava o demônio por "Sagrada Majestade" e a ele se dava para sempre, com a condição de ter consigo um gênio assistente, bastante poderoso para o ajudar a atacar quem bem lhe parecesse.

Acareado com Méret, esse miserável confirmou os fatos depostos por aquele, e declarou que pelas ordens do cônsul de..., deveria fundir pouco a pouco e por quinze graus diferentes essas duas figuras coroadas, e que, por meio de sua arte, os dois príncipes que elas

representavam deveriam perecer de apatia, dentro de seis meses. Mas o cônsul o tinha obrigado, com um punhal na garganta, a lhe prometer que faria com que os príncipes morressem em quinze dias, que é o termo mais curto que sua arte lhe permitia. O mau padre tinha cortado os próprios cabelos atrás da orelha esquerda e os havia aplicada na cabeça das figuras, com caixas sagradas, água-benta e os havia envolvido em tecidos cheios de caracteres e com a cruz. Esses cabelos foram reconhecidos pelo padre e foram vistos ainda os lugares de onde tinham sido cortados.

Seria erro pensar que estas práticas abomináveis estejam completamente abandonadas em nossos dias. Livros recentes, tais como *Là-bas*, de Huysmans e *le Diable au xix siècle*, do Doutor Bataille pintam-nos os subterrâneos da imaginação humana, cuja existência, de minha parte, eu teria dificuldade de admitir, se o ruído que se tem feito em torno de algumas de minhas experiências não me tivesse muito involuntariamente posto em contacto com o mundo onde ainda floresce a magia negra.

Uma dezena de pessoas mais ou menos perturbadas me escreveram ou me vieram procurar (e aí não está um dos menores inconvenientes deste gênero de estudos) pedindo-me que os protegesse contra inimigos que os tinham enfeitiçado ou lhes haviam lançado uma praga, pois geralmente confundem as ditas coisas. Mas o mais interessante documento que colhi é a história seguinte, que se teria passado numa grande cidade do Sul, e cujos atores eu conheço. Limito-me a reproduzi-la sem a discutir, apenas trocando os nomes.

A srta. Jeanne, quase sem fortuna desejava vivamente casar-se com um seu parente, o senhor Paul, de quarenta anos mais que ela, mas muito rico. A irmã do senhor Paul, sra. Louise, opunha-se a esse casamento, que teria tida por provável efeito privar seus próprios filhos da herança de seu tio. A srta Jeanne e sua irmã, senhora Berthe, tiveram a idéia de ir consultar uma feiticeira de reputação na cidade

onde moravam. Essa feiticeira, em cuja casa iam pela primeira vez, lhes contou que a senhorita desejava casar-se, que uma senhora se opunha, mas que era possível dela se desembaraçar sem sair de casa.

A senhorita Jeanne e sua irmã senhora Berthe, pensaram que fosse uma pilhéria; mas Jeanne, que era mimada e muito curiosa, teimou em ver como a feiticeira agiria.

Fizeram a senhora Berthe sair da sala. Quando a feiticeira se achou só com a srta. Jeanne, mostrou uma estatueta de cera, perguntou o nome da senhora que era preciso eliminar, batizou a com esse nome, depois deu à moça um alfinete para que a picasse.

A sra. Jeanne a picou no ventre.

Na mesma tarde as duas irmãs jantaram em casa de um parente, quando trouxeram a este um telegrama anunciando que a sra. Louise tinha morrido subitamente pela manhã, na igreja, durante uma missa de casamento.

Naturalmente elas ficaram muito emocionadas e pediram esclarecimentos. Alguns dias mais tarde souberam que a sra. Louise tinha morrido de uma perfuração do intestino... Apenas decorrido um ano e o senhor Paul se casava com a srta. Jeanne, o que quase pareceria provar que o drama foi menos negro do que me disseram.

O feitiço ainda está em uso entre os feiticeiros modernos do Béarn. Eis o que a respeito diz o senhor Probst-Biraben (Initiation, maio de 1898).

Se o inimigo se apossa de um pouco d'água tocada por eles, de uma mecha de seus cabelos ou de uma peça de sua roupa, um grande perigo os ameaça e eles são enfeitiçados.

Os objetos roubados em segredo devem fornecer a matéria do volt, e o negócio é muito sério. Parece que, neste caso, o feiticeiro põe a água a macerar, os cabelos ou o pano num vaso exposto à luz da Lua. Depois de três dias de exposição noturna, toma de um ovo, quebra-lhe o lado grosso, tira a clara e a substitui pelo volt. Feito isto, tampa o

ovo com um pedaço de cera cteiforme. Depois enterra o ovo num lugar deserto e pronunciam ás seguintes palavras, pensando no enfeitado:

Bem, bem, bem crebo coum u cão

Et puix surtout, soufreches placa

(Vá, vá vá, arrebeta como um cão, e depois, sobretudo, sofre muito).

Prevenida da operação por um sofrimento agudo do lado esquerdo, a vítima faz, então, e sem demora, um contra-feitiço. Toma um coração fresco de carneiro, pronuncia o nome do feiticeiro, suspende-o na cremalheira, depois de o haver atravessado por pregos. Muitas vezes mesmo, suspendendo-o acima do fogão, diz em bearnês: Haût biste tournes d'oun bienes (vamos, depressa, volta para de onde vieste).

Desejoso de ter ainda outros detalhes sobre estas questões, o leitor poderá consultar o excelente livro do Doutor Regnault, intitulado: *La Sorcellerie. Ses rapports avec la science biologique.* - Paris Alcon. 1897.

Aliás nunca seria demais insistir sobre o fato de que absolutamente não afirmo a realidade dos fatos contidos nos relatos que transcrevo. Sou apenas o cronista de uma tradição que, por sua persistência e sua universalidade, merece ao menos atrair a atenção dos que estudam os progressos e as aberrações do espírito humano.

Há processos ainda mais complicados. Eis como os descreve o senhor Stanislas de Guaita (16).

(16) *Le Temple de Satan, Paris, 1891, pg. 185.*

O volt do encantamento mágico é a figura, modelada em cera, da pessoa cuja perda se quer. Quanto mais perfeita a semelhança, maior chance de êxito do malefício. Se, na composição do volt, o feiticeiro pode fazer entrar, de um lado, algumas gotas de santo creme ou fragmentos da hóstia consagrada; de outra parte aparas de unha, um

dente (17) ou cabelos de sua futura vítima: ele pensa que lá estão outros tantos trunfos de seu jogo. Se a ela pode roubar alguns velhos objetos, se ela tiver muitas portas, ele se julga feliz de aí cortar o pano com que vestirá a figurinha, o mais possível à semelhança do modelo vivo.

(17) *De onde essa locução popular de ameaça, que se tornou uma vaga forma de ódio ou simplesmente rancor: Que ele tome cuidado; tenho um dente contra ele (St. de G.).*

A tradição prescreve administrar a essa boneca ridícula todos os sacramentos que pôde receber o destinatário do sacrilégio: Batismo, Eucaristia, Confirmação, Sacerdócio e, até, a Extrema-Unção, se se dá o caso. Depois a execração se pratica, picando esse objeto de arte com alfinetes envenenados, com uma grande explosão de injurias para excitar o ódio, ou então o escorchando em certas horas fatídicas, por meio de pedaços de vidro ou de espinhos envenenados, todos pingando sangue corrompido.

Um sapo, ao qual se dá o nome daquele que se deseja enfeitiçar, por vezes também substitui o volt de cera; mas as cerimônias imprecatórias ficam idênticas. Uma outra receita quer que se ligue o sapo vivo com cabelos adquiridos previamente; depois de ter cuspidido sobre esse pacote vil, enterra-se-o sob a soleira do inimigo, ou em qualquer outro lugar que ele freqüente diariamente por necessidade.

O doutor Bataille, cujo livro, cheio de insanidades, encerra alguns detalhes interessantes do ponto de vista histórico (com a condição de não os aceitar senão como indicações cuja exatidão é preciso controlar), conta uma luta de enfeitiçamento que se teria passado há alguns anos, entre Albert Pike, um dos grandes mestres da maçonaria, e o doutor Gorgas, médico da Universidade de Baltimore, chefe de um rito escocês dissidente.

O reformador do paladismo enfeitiçava à sua maneira, o mais das vezes servindo-se de uma boneca de cera. A falta de cabelos ou de

aparas de unhas, ele usava um pedaço qualquer da roupa usada por seu inimigo. Na sua luta contra Gorgas, ele tinha conseguido obter da lavadeira do doutor um lenço deste.

Inicialmente ele mergulhava esta fazenda num banho de água fortemente salgada, depois de ter dito três vezes, ao lançar o sal na água: Sagrafim melanchtebo rostomouck elias phog. Depois fazia secar o pano diante de um fogo alimentado por galhos de magnólia. Depois disto, durante três semanas, cada sábado, às onze horas da manhã, dirigia uma invocação a Moloch, durante a qual tinha o pano sobre as duas mãos abertas e estendidas para a frente, como se o daimon invocado estivesse presente, visível e que lhe tivesse apresentado o objeto em oferenda. No terceiro sábado, às sete horas da noite, ele queimava o pano numa chama de álcool, salmodiando um canto luciferiano de sua composição, e recolhia as cinzas numa espécie de prato de chumbo coberto de hieróglifos gravados com a ponta de uma faca consagrada a Lúcifer; nesse dia ele tinha o cuidado de ficar em jejum até as três horas da tarde e seu único repasto do dia compunha-se de peixe, biscoitos e frutas secas.

Depois disto, no dia seguinte, ele amassava a cera misturada com as cinzas do pano do inimigo, e modelava sua boneca, que chamava Dagyde. A Dagyde de Gorgas tinha trinta centímetros de altura. Mas Pike não atravessava com alfinetes, nem fazia fundir a Dagyde que representava seu inimigo: colocava-o sob um globo de cristal, cujo pedestal era munido de uma pequena bomba pneumática, e assim fazia o vácuo no interior do globo. A pessoa enfeitiçada experimentava então toda sorte de mal-estar bizarro, cuja causa não podia suspeitar.

O mais curioso é que os demônios, favorecendo esses sortilégios, forneciam aos seus adoradores meios de os combater por outras práticas do mesmo gênero.

O paladista que se sabe objeto de um feitiço pela dagyde, confecciona uma boneca, a cuja cera mistura seus próprios cabelos e

suas aparas de unhas. Esta figurinha que o representa é consagrada de acordo com um cerimonial diabólico e ele lhe aplica os remédios tornados à magia especial de Albert Pike. Os ocultistas da alta-maçonaria chamam a isto "o método de Paracelso invertido."

Na Grécia, onde o príncipe do inferno é invocado sob o nome de Satã, provoca-se sobretudo o feitiço do sapo, escolhido macho ou fêmea, segundo o sexo da pessoa que se quer combater. Para se proteger leva-se consigo um sapo numa caixa de chifre. Os satanistas afirmam que é, então, este infeliz animal que sofre os tormentos destinados ao seu portador.

IV

O historiador árabe Ibn Kadoun, que viveu no século XIV, e ao qual devemos observações extremamente notáveis a propósito dos fenômenos estudados mais tarde sob o nome de Magnetismo animal, dá-nos sobre o feitiço detalhes precisos, ao mesmo tempo que uma teoria do fenômeno:

"Vimos com os próprios olhos um desses indivíduos fabricar a imagem de uma pessoa que queria enfeitiçar. Essas imagens compunham-se de coisas cujas qualidades têm uma certa relação com as intenções e os projetos do operador, e que representam, simbolicamente, e com o fito de unir ou desunir, os nomes e as qualidades daquele que deve ser a sua vítima. Em seguida o magista pronuncia algumas palavras sobre a imagem que acaba de pôr diante de si e que oferece a representação real ou simbólica da pessoa que quer enfeitiçar. Depois sopra e lança fora da boca uma porção de saliva aí acumulada e ao mesmo tempo faz vibrar os órgãos que servem para anunciar as letras dessa fórmula malfazeja; então estende acima dessa imagem simbólica uma corda preparada para este fim e nela dá um nó, para significar que age com resolução e persistência

que faz um pacto com o demônio que era seu associado na operação, no momento em que cuspiu e para mostrar que age com a intenção bem firmada de consolidar o encantamento. A esses processos e a essas palavras malfazejas é ligado um mau espírito que, envolvido em saliva, sai da boca do operador. Então vários espíritos maus descem, e o resultado é que o magista faz cair sobre a vítima o mal que lhe deseja."

Cem anos mais tarde, Paracelso ainda era mais explícito.

Em seu livro sobre o Ser Espiritual (*De ente spiritum*) assim se exprime:

"Sabeis que, segundo a vontade de um espírito em luta com um outro, se se cobrir de terra e de pedras uma imagem de cera, o homem em vista do qual a imagem foi feita é inquietado, atormentado no lugar em que as pedras foram amontoadas, e só é aliviado quando a imagem for trazida à luz; então é libertado de suas ansiedades. Notai, ainda, que se se quebrar uma perna dessa imagem, o homem se ressentido dessa fratura: dá-se o mesmo com as picadas e outras feridas semelhantes, feitas na imagem. (Cap. VII).

É preciso observar isto relativamente às figuras de cera, se, animado de ódio contra alguém, eu quiser fazer-lhe mal, é necessário para o êxito que me sirva de um intermediário, isto é, de um corpo. É assim que é possível que meu espírito traspasse ou fira uma outra pessoa com minha espada sem o auxílio de meu corpo, pelo efeito de meu ardente desejo, e isto pode fazer-se porque, por minha vontade, eu fixo o espírito de meu adversário numa imagem; posso assim chegar a tornar esse adversário disforme ou coxo, à minha vontade, por meio da cera... Deveis ter como certo que a ação da vontade é de grande importância em medicina; e, assim como alguém que quer mal pode sentir todo o mal que deseja, porque a maldição é do campo do espírito, também pode acontecer que imagens sejam afligidas em consequência de maldições, por moléstias tais como febre, epilepsia,

apoplexia e outras semelhantes, quando foram bem preparadas (Cap. VIII).

Se sobre uma parede for pintada uma imagem à semelhança de um homem, é certo que todos os golpes e feridas feitas sobre a imagem serão recebidas por aquele a quem a imagem é semelhante. Isto se deve a que o espírito desse homem, pela vontade de um outro espírito que assim se pinta, passa para essa figura... Assim, seja qual for o castigo que peçais contra esse homem, ele o sofrerá se o infligirdes à sua imagem, porque o vosso espírito fixou o espírito desse homem nesta figura, de sorte que ele se tornou vosso escravo e é forçado a sofrer tudo o que vos agrada lhe infligir (Cap. IV).

Dissemos que o espírito infligia doenças aos corpos. Isto pode fazer-se de duas maneiras: uma, quando os espíritos se atacam mutuamente, sem a vontade e o assentimento dos homens, excitados pelo ódio ou a inveja que carregam, ou por outros estimulantes do mal. A segunda via pela qual os espíritos enviam doenças é esta: por nossos pensamentos, por nossos sentidos, por nossa vontade. Quando tudo isto está bem de acordo, procuramos infligir, e podemos fazê-lo, qualquer mal a outrem. Essa vontade firme e determinada é a mãe que gera o espírito malfazejo (Cap. V)."

Assim, segundo Paracelso, é a vontade a principal causa dos efeitos produzidos (18) posto que, provavelmente, não seja única: *Quamvis multae aliae causae huc afferri possint.* (Cap. VIII).

(18) Esta poderosa ação do espírito sobre o corpo, que explica os efeitos das sugestões, era bem conhecida pelos ilustres mestres da idade Média, cuja inteligência vigorosa planava sobre o conjunto dos conhecimentos humanos.

Toda idéia concebida na alma, diz São Tomás, é uma ordem à qual obedece o organismo, assim como a representação do espírito produz no corpo um vivo calor, ou o frio; ela pode mesmo gerar ou curar a doença, e nada há aí que deva surpreender, pois que a alma, forma do corpo, é uma mesma substância com ele."(Suma teológica 1.^a parte, pg. 110, art. 2).

"Se é viva, a imaginação força o corpo a lhe obedecer, porque, segundo a doutrina de Aristóteles, ela é na alma um princípio natural do desenvolvimento. Com efeito, a

imaginação comanda todas as forças da sensibilidade; por sua vez, esta governa os batimentos do coração e por ele põe em movimento os espíritos vitais; assim, todo o organismo é logo modificado. Entretanto ela não poderia, por mais vivacidade que se lhe empreste, mudar a forma da mão, do pé, ou de um outro membro." -(Ibid. 3ª parte., pg. 13, Art. 3).

"Não só uma forte imaginação pode causar ao corpo a febre ou a lepra, mas, segundo Avicena, se for muito pura, livre das paixões carnis e dotada de grande vivacidade nas suas concepções, os próprios corpos exteriores lhe obedecem; a tal ponto que por uma viva representação interior, ela pode dar saúde aos doentes ou produzir outros efeitos análogos." (Suma contra os gentios, Cap. CIII).

O persa Gazzali, que, como Avicena, vivia no século X, vai ainda mais longe, segundo uma citação feita por Richard de Midletown, em suas Questions sur les facultés de la vie animale (Paris - 1519).

"Se a alma, diz ele, se representa vivamente a queda de um animal; isto basta para que ele tombe; daí o provérbio: " Com um olhar Deus precipita o homem e o camelo na fossa."

Mas o que há, ao justo, senão esses espíritos que agem um sobre o outro?

Para definir o ser espiritual, diremos que é um poder perfeito ou completo, pelo qual todo o corpo pode ser afetado ou precipitado em toda sorte de doenças... Refleti que nem o diabo nem nenhum efeito ou inspiração vindo dele pode ser compreendido nisto. Com efeito, o diabo não é um espírito, um espírito também não é um anjo. O nosso espírito é o que se produz no corpo vivo de nosso pensamento sem matéria. O que nasce de nossa morte e a alma (Cap. IV).

Este espírito, como tu, tem pés e, mãos; é morto e mata; com efeito, tu e teu espírito, sois uma só e mesma coisa. Mas retém bem isto: não é teu corpo que recebe esta ferida, ainda mesmo que seja palpável e visível em teu corpo; esse estigma é produzido por teu espírito, que tem a posse de teu corpo e de teus membros. Daí se segue que não é ao teu corpo que é preciso aplicar os remédios; seria trabalho perdido. Cura o teu espírito e o corpo tornar-se-á são, porque é o espírito que está ferido e não o corpo. (Cap.VII).

Enfim alguns ocultistas modernos foram mais longe e, apoiando-se na hipótese do corpo astral ou fluídico, do qual falarei em outro livro, assim descreveram e explicaram o feitiço num vôo de Espírito:

Para o executar precisais de ter á vossa disposição um sensitivo hipnotizado, cujo corpo astral (de natureza fluídica) sob as vossas ordens, abandone o corpo material e, por vossa vontade, se dirija contra o vosso inimigo.

Assim exteriorizado, ou o corpo astral penetra a vítima designada, e a sufoca pela só penetração, parando, por exemplo os movimentos do coração, ou o envenena por meio de tóxicos que tivestes a arte de volatilizar.

Terminada a operação, reintegrais o seu corpo astral no corpo material do vosso sensitivo, e o despertais.

Temendo certas indiscrições possíveis, certos feiticeiros se dirigem a um corpo astral já desencarnado, isto é, ao corpo astral de um morto (19)

(19) Ed. Dubus, " *L'Art d'envouter*" (*Figaro* de 20 de fevereiro 1893).

V

Vê-se pelo que precede, que no enfeitiçamento tradicional entram três fatores:

- 1.º - À vontade do feiticeiro, agindo diretamente como força;
- 2.º - A intervenção de espíritos malfeitores por meio de sortilégios;
- 3.º - Uma ação física determinada pelo uso de objetos que estiveram em contacto com o enfeitiçado.

Para os que me conhecem, desnecessário é dizer que apenas do terceiro fator eu me tenho ocupado, e são os meus ensaios a respeito que agora vou expor.

Depois de haver constatado que a cera a modelar fazia parte das substâncias próprias para armazenar a sensibilidade do maior número de sensitivos exteriorizados, confeccionei uma estatueta com essa cera, coloquei a estatueta verticalmente diante de um desses sensitivos, de maneira a efluvia-la e reconheci que, se picasse a estatueta na cabeça, o sensitivo experimentava um mal-estar na parte superior do corpo; ele a experimentava na parte inferior, se eu picasse a estatueta embaixo dos pés. Isto era apenas o resultado do armazenamento, pela cera, dos eflúvios mais próximos. A prova é que o contrário se produzia se eu tivesse o cuidado de colocar a estatueta de cabeça para baixo, quando a carregava de sensibilidade.

Cheguei a localizar a sensibilidade cortando, durante o seu sono, uma mecha de cabelos na nuca do sensitivo e a implantando na cabeça da estatueta. Quando o sensitivo foi despertado, ignorava a operação que eu acabara de lhe fazer. Coloquei-me fora de suas vistas e puxei os cabelos fixados na cera. Imediatamente o sensitivo se voltou, dizendo: "Mas quem me puxa os cabelos?" - A experiência foi também clara com a barba de um outro sensitivo; uma outra mais confusa com uma apara de unha.

Em geral, a sensação não era transmitida senão a uma distância de 5 ou 6 metros. Um dia, entretanto, o sensitivo, senhora Vix, tinha terminado a sua sessão, na qual eu havia experimentado com a figura de cera. Ela voltava para casa e eu a seguia com os olhos num grande pátio que ela atravessava, quando Monsenhor B., que estava comigo, teve a idéia de picar a cera; imediatamente vi a senhora Vix baixar-se e coçar a perna. Chamei-a e pude constatar que ela possuía um ponto hipnógeno precisamente no lugar onde havia experimentado a sensação. O ponto hipnógeno, de certo modo tinha representado o papel de um orifício, pelo qual os eflúvios se teriam escoado com mais violência do que pelo resto do corpo. (20)

(20) *Chamam-se pontos hipnógenos certos pontos do corpo da maioria, dos sensitivos e que basta pressionar para determinar o sono magnético.*

Esses pontos são sensíveis em estado de vigília e constituem o que, nos processos de feitiçaria, são chamados os estigmas do diabo. Muito freqüentemente a sensibilidade é exteriorizada em face desses pontos, que, de certo modo, são furos no envoltório carnal, por onde se escapam os eflúvios sensitivos, de sorte que, mesmo em estado de vigília, pode produzir-se uma mumie, apresentando, em relação a esses pontos, um objeto capaz de armazenar eflúvios.

Refletindo sobre o fato de que os eflúvios das várias partes do corpo se fixavam sobretudo nos pontos da matéria absorvente que estavam mais próximos, fui levado a supor que eu teria uma localização bem mais perfeita se chegasse a reunir, em certos pontos da matéria absorvente, os eflúvios de tal ou qual parte do corpo e a reconhecer tais pontos. Como os eflúvios se refratam de maneira análoga à luz uma lente, reduzindo a imagem do corpo desempenharia a primeira parte do programa. Se apenas se tratasse de ter uma matéria absorvente, sobre a qual se a fixasse a imagem reduzida, pensei que uma placa de gelatina-bromureto poderia funcionar, sobretudo se fosse levemente viscosa.

Daí meus ensaios com um aparelho fotográfico, ensaios que irei contar depois do meu registro de experiências.

30 de julho de 1892. - Fotografei a senhora Lux, primeiro desperta, depois adormecida e exteriorizada, tendo o cuidado de me servir, neste último caso, de uma placa que tinha tido o cuidado de fazer demorar alguns instantes contra o seu corpo, em seu chassis, antes de a colocar no aparelho.

Constatarei que, picando a primeira placa com um alfinete a senhora Lux nada sentia; com a segunda ela sentia um pouco; com a terceira, sentia vivamente. Tudo isto alguns instantes depois da operação (21).

(21) *Por uma curiosa coincidência, foi precisamente no momento em que eu fazia minhas primeiras experiências fotográficas que um romancista, o senhor Lermine,*

concebia uma operação semelhante e a realizava numa novela intitulada *O Feiticeiro*, publicada pela *Initiation*, (número de julho de 1892). Eis o seu resumo:

- *Credes, não é verdade, continuou ele, que não há nesta reprodução de uma forma, de uma fisionomia, senão um jogo de luz... Ignorantes! Entre o corpo que se posta ante a objetiva e a placa sensibilizada estabelece-se uma corrente, tirando do ser, como numa operação de galvanoplastia inúmeras partículas de sua própria matéria, de sua substância, de sua vida... A Química as fixa, nada mais; e, compreendi-me bem, entre essa representação que vos parece morta, e o ser que lá está vivo, existe um laço que nada jamais pode romper. De um a outro inúmeros fios subsistem como um feixe de cordões elétricos; e quando toco, quando firo, quando lacero esta imagem, batidas, feridas, lacerações, como o sinal ou o telégrafo, como a voz ou o telefone, vão repercutir sobre o ser vivo... que não compreende porque sofre, porque geme, porque morre..."*

Balzac já havia emitido uma teoria análoga para explicar o daguerreótipo. Com efeito, eis o que conta Nadar do primeiro número de *Paris-Photographe*, pg. 16:

"Segundo Balzac, cada corpo na natureza é composto de uma série de espectros, em camadas superpostas ao infinito, foliáceas em películas infinitesimais, em todos os sentidos em que a ótica percebe os corpos.

"Não podendo jamais o homem criar - isto é, de uma aparição, do impalpável construir uma coisa sólida, ou do nada fazer uma coisa, - cada operação daguerreotípica vinha, pois, surpreender, destacava, retinha, aplicando-se-lhe uma das camadas do corpo objetivado. Daí para o dito corpo, e a cada operação renovada, perda evidente de um dos espectros, isto é, de uma parte de sua essência constitutiva. Havia perda absoluta, definitiva, ou este desperdício parcial se reparava consecutivamente no mistério de um renascimento mais ou menos instantâneo da luz espectral? Suponho mesmo que Balzac, uma vez partido, não era homem para se deter em tão bom caminho e que devia marchar até o fim de sua hipótese. Mas este segundo ponto não se achou abordado entre nós."

Encontrar-se-á na nota D (*La vie des atômes et les rêveries scientifiques*) uma concepção da fotografia em cores, devida a um escritor do século XVIII.

2 de agosto de 1892. - Estando presente a senhora Lux, experimentei a sensibilidade das placas que tinham sido impressionadas a 30 de julho, e que tinham sido reveladas. A primeira não deu em nada, a segunda muito pouca coisa; a terceira estava tão sensível quanto no primeiro dia. Querendo ver até onde iria a sensibilidade dessa terceira placa, dei dois fortes golpes de alfinete sobre a imagem da mão, de maneira a rasgar a camada de gelatina-bromureto. A senhora Lux, que estava a 2 metros de mim e não podia ver a parte que eu feria, caiu logo em contratura, soltando gritos de

dor. Tive bastante trabalho para fazê-la voltar ao estado normal: ela sofria na mão e, alguns segundos depois, vi aparecer na mão direita, cuja imagem eu havia picado, dois pequenos traços vermelhos, cuja localização correspondia às picadas. O Doutor P..., que assistia à experiência, constatou que a epiderme não estava atingida e que a vermelhidão estava sob a pele. Além disso, constatei que a camada de gelatina-bromureto (que era muito mais sensível que a placa que a suportava) emitia radiações com máxima e mínima, como o próprio sensitivo; mas essas radiações quase não se apresentavam do outro lado da placa.

5 de outubro de 1892. - A sra. Lux não foi magnetizada por ninguém desde 2 de agosto. Eu a adormeço e a exteriorizo fortemente por passes prolongados. Carrego de eflúvios uma placa fotográfica, a princípio colocando-a em suas mãos, depois, movimentando-a lentamente diante de seu corpo. O senhor B. faz a operação da pose, que duram vinte segundos. Estando o dia sombrio, o senhor B. vai revelar a chapa; a senhora Lux nada sente durante essa operação, que se faz a uma distância de mais de 100 metros. Trazida a chapa, a senhora Lux sente quando toco na mesma, mas nada sente quando é o senhor B. quem a toca, a menos que eu toque no senhor B. (22) Ela sente os toques, mesmo nas partes cobertas pelos vestidos.

(22) *Alguns dias depois, Paris-Bruxelles publicou, sob a assinatura de Arzac, o seguinte artigo:*

"Vimos repetir a experiência da chapa fotográfica sensibilizada. Os fenômenos relatados se produzem cada vez que as alfinetadas eram dadas pelo experimentador, pela pessoa que havia mergulhado o sensitivo no sono; na ausência do hipnotizador podia-se, nove vezes em dez, picar o retrato sem que a hipnotizada sentisse qualquer dor. Jamais o sensitivo testemunhou a menor dor quando o clichê era picado por uma pessoa que ignorasse totalmente o objetivo da experiência. Estamos, pois, inclinados a concluir que aquilo que tem sido tomado como fenômeno de enfeitiçamento não é senão um fenômeno de sugestão. O enfeitiçamento é possível; mas no momento não pode ser reproduzido senão em certas condições claramente definidas. O que é preciso reter das experiências do senhor de Rochas é que a exteriorização da sensibilidade é, desde agora; um fato adquirido."

A observação do senhor d'Arsac sobre a necessidade de relação confirma as minhas, mas não prova absolutamente que aí haja um fenômeno de sugestão ou, para falar mais exatamente, transmissão de pensamento. Eu sempre piquei sem olhar a posição das mãos e o sensitivo ignorava, ainda mais que eu, onde ia produzir-se o arranhão que se repercutia em sua epiderme. Aliás, jamais pude produzir com a senhora Lux qualquer transmissão de pensamento. A única auto-sugestão admissível é a que com respeito à produção do estigma sob a influência da imaginação no ponto em que o paciente tinha sentido a dor.

Dou uma alfinetada na imagem de uma das mãos: a senhora Lux desmaia. Quando volta a si, constato que um arranhão que ela tinha na mão antes da operação fotográfica tornou-se mais aparente. Digo-lhe que é efeito da picada, mas ela me responde que não foi ali que se sentiu picada e que dói: dois ou três minutos depois aparece uma raia vermelha com ligeira depressão da pele no lugar sensível. O estigma aumenta de intensidade a olhos vistos.

NOTA. - Antes desta experiência eu havia constatado pela segunda vez que, quando estou bem em relação com a senhora Lux, basta-me pinçar a mão para que, ao cabo de alguns minutos, a marca de minhas unhas apareça no ponto correspondente de minha própria mão, reproduzindo assim, mais ou menos, a célebre experiência do doutor Janet com a senhora B no Havre (vide Revue Philosophique n. 8 de abril, 1886).

7 de outubro. - Propunha-me experimentar se a senhora Lux percebera as ações sobre a placa fotográfica de anteontem, desde que ela estivesse em minha presença e sem que a tivesse Mosto em relação comigo por simples contactos. Infelizmente ela chega lacrimosa, doente, em consequência de pesares domésticos, e sou obrigado a adormecê-la para a acalmar.

Quando ela está adormecida e exteriorizada, constato que a placa conservou todas as suas propriedades: a senhora Lux percebe mesmo os toques sobre a camada de gelatina-bromureto, em torno de sua figura, mas então não os percebe senão como um vago mal-estar não

localizado. Ela percebe nas várias partes do corpo os toques feitos sobre a imagem das roupas que cobrem essas partes.

Constato pela segunda vez que a placa de gelatina-bromureto também emite eflúvios com máxima e mínima de sensibilidade alternadas. Mas aqui a primeira camada sensível está sobre a própria imagem, e os intervalos são menores.

Mesmas observações que a 5 de outubro sobre a pouca sensibilidade da placa de vidro. Pareceu-me que uma das camadas sensíveis, dependendo de seu próprio corpo, mudava de lugar no espaço, quando eu colocava a placa sensibilizada em frente a ela, de maneira a produzir, conforme minha hipótese, interferências com os eflúvios da placa.

9 de outubro de 1892. - A senhora Lux está melhor. Desde sua chegada levo para perto dela a chapa fotográfica de 5 de outubro e pico a placa; ela ainda sente a picada, posto que completamente desperta.

Então a adormeço e rasgo violentamente com um alfinete a camada de gelatina-bromureto. A senhora Lux experimenta a dor na parte do corpo correspondente à da imagem que rasguei, mas não desfalece nem se produz qualquer estigma.

Eu tinha uma prova em papel, tirada pela manhã, isto é, três dias e meio depois da sensibilização da placa. Ela apresenta uma certa sensibilidade, mas vaga. Quando se a toca um pouco fortemente, a senhora Lux sente uma espécie de formigamento por todo o corpo; esse formigamento é desagradável se pico a imagem agradável se a acaricio. 31 de outubro de 1892 - Refaço a experiência da fotografia com a sra. Lux, servindo-me de uma chapa previamente efuviada, rasgo a camada de gelatina-bromureto, ainda fresca, desde que foi fixada: o sensitivo experimenta uma sensação desagradável, mas não muito viva, provavelmente porque a película foi rasgada sem esforço.

Pico vivamente duas vezes essa mesma película: ela o sente, mas menos que nas experiências precedentes, em que a película estava seca. Talvez o sensitivo esteja menos sensível hoje, porque há cinco ou seis expectadores e porque, no caso, ela está em relação menos exclusiva comigo. Entretanto, ao cabo de um ou dois minutos, os dois estigmas aparecem nas partes do corpo correspondentes aos pontos picados da imagem.

26 de abril de 1893. - A sra. O., que se exterioriza muito facilmente, mesmo em vigília, quis vir comigo à casa de Nadar, para tentar a experiência da placa sensibilizada. As seguintes experiências foram feitas em presença do Doutor Barlemont e dos srs. Paul Nadar e Anthony Guerronean.

1.^a Experiência.. - Depois de haver posto o chassis, contendo a placa, nos joelhos da sra. O., desperta mas exteriorizada, e de aí o haver deixado alguns minutos, para estabelecer a relação, o chassis foi colocado no aparelho e deixado posar durante uns vinte segundos, sob uma luz bastante fraca.

Em seguida descí com a sra. O. e o operador para o andar inferior, para a câmara escura. A sra. O. teve a sensação da frescura da água, quando a placa foi posta na cuba para revelar.

Quando a placa estava revelada, constatamos que a sra. O. colocada a certa distância, sentia um mal-estar, cada vez que se tocava na placa, mas não localizava a sensação no ponto tocado de sua imagem. Em compensação, sentia dores no coração, cada vez que se movia a cuba contendo o líquido servido para a revelação e que se achava a alguns metros. Concluí que o agente transmissor da sensibilidade se havia redissolvido quase todo nas águas da lavagem.

2.^a Experiência. - Adormeci fortemente a sra. O. e recomeçamos a operação da mesma maneira; mas a sra. O., ficou adormecida em sua cadeira enquanto o operador ia ao laboratório para revelar a chapa. Num dado momento a sra. O. fez contorções como se sentisse dores

no estômago; constatou-se que nesse momento Ooperador, por acidente, quebrava a placa ao pô-la no banho.

A placa quebrada foi repostada na cuba; o sensitivo sentia ainda um vago mal-estar, não localizado, quando se picava a sua imagem; igualmente sentia dores no coração quando se agitava a água da cuba (23).

(23) Essas dores no coração quando se agita a água sensibilizada se produzem em quase todos os sensitivos; foram-me assinalados notadamente por várias senhoras que as experimentam, mesmo em estado normal, quando se agita, a pouca distância, as águas que acabam de servir à sua toilette.

3.^a Experiência. - Enquanto o sensitivo ainda dormia, tinha-se feito uma segunda prova de sua pessoa e também se havia tirado uma fotografia da palma da mão direita, mais ou menos em tamanho natural, de maneira a encher uma placa do mesmo tamanho que aquela em que se achava o retrato da sra. O.

Estando a sra. O. desperta e conversando conosco, o operador, oculto atrás de um pára-brisa nas proximidades, colocou a fotografia de minha mão acima da do sensitivo, com as duas camadas de gelatina voltadas uma sobre a outra, conforme minhas instruções dadas sem conhecimento do sensitivo, que nem suspeitava que deveria ser tentada uma experiência desse gênero.

Eu tinha suposto que, desde que eu adormecia a sra. O. simplesmente apresentando à distância a palma de minha mão direita diante de sua frente, minha mão irradiasse, e que essa irradiação poderia ser armazenada numa placa de gelatina, como a irradiação do próprio sensitivo, quando exteriorizado. Essa imagem de mão, voltando por sua vez a agente do qual se havia encarregado, devia comunicar as vibrações produzidas da hipnose à imagem da sra. O. que, servindo simplesmente as transmitia à própria sra. O. se esta se achasse bastante perto.

Aconteceu o que eu havia previsto: no momento em que o operador, oculto pelo pára-brisa, colocava as duas placas, a sra. O. cessava de falar e adormecia quase que instantaneamente.

Eu mesmo passei por detrás do pára-brisa e despertei o sensitivo, soprando sobre a sua imagem.

Depois recomeçamos a experiência, com o sensitivo ignorando, como de regra, que tinha sido adormecido e depois desperto. O segundo ensaio teve êxito como o primeiro.

Então prevenimos a sra. O. do que se havia passado; ela custou a acreditar. Como é muito pouco sugestionável, mesmo em estado de hipnose, ela assegurou que iria resistir à vontade de dormir, se realmente se produzisse, e que nós não conseguiríamos adormecê-la em sua casa. O operador levou as duas placas em apreço à sua presença, e a luta quase não durou mais de um minuto: ela ainda adormeceu (24).

(24) A sra. O. sofreu durante três dias em consequência desta sessão; atribuía tal sofrimento à ruptura da placa.

A 2 de junho de 1898 reproduzi a experiência da fotografia sensibilizada com a srta. Lina, em casa do fotógrafo Ener (Boulevard Malesherbes 112), em presença de 6 ou 7 pessoas, entre as quais se achava o senhor Gaston Méry, que assim dela deu conta no *Echo du Merveilleux* de 15 de junho.

"Começou-se adormecendo a srta. Lina bem profundamente, por meio de passes; depois foi posta em suas mãos uma placa fotográfica em seu chassis, para estabelecer o laço.

"Depois de alguns minutos, foi retirado o chassis com a placa, colocado no aparelho e foi despertado o sensitivo, que não conservava nenhuma lembrança do que acabava de se passar.

"Pediram-lhe, então, para posar e a seguir foram revelar chapa no laboratório situado no andar superior.

"Os espectadores não tardaram a ver o sensitivo empalidecer e queixar-se de dores no coração e uma frieza geral. - Era a placa que agitavam em água fria.

"Quando a placa foi revelada, trouxeram-na para perto do sensitivo e picaram em vários pontos a camada de gelatina; o sensitivo de cada vez sentia as picadelas, mas sempre no vazio de estômago, onde se acha o mais sensível de seus pontos hipnógenos.

"A relação entre a placa e o sensitivo diminui rapidamente; o sensitivo que, no começo da experiência, percebia o que se passava sobre a placa (frio e movimento) a uma dezena de metros de distância na câmara escura, quase não sentia mais, ao cabo de um quarto de hora, os golpes de alfinete dados nessa mesma placa a um metro dela. Soprando sobre a placa, acabaram tornando-a completamente inerte."

Tais são as únicas experiências que fiz, para transformar em muniões as placas fotográficas. Eu as contei em detalhe, para bem estabelecer a realidade do fenômeno e, ao mesmo tempo, delimitar o seu alcance físico. Duas novas citações da obra do doutor Bataille há alguns anos espalhadas em profusão no clero católico, por assim dizer vão apanhar em flagrante delito a gênese de uma dessas superstições que desonram ainda o nosso século elas mostrarão até onde pode ir a impudência de certas imaginações, como os absurdos se infiltram no espírito das massas e porque o sábio Gabriel Naudé, médico de Luís XIII, tinha escrito, em 1625, um livro intitulado: *Apologie pour tous les grands personnages qui ont été faussement soupçonnés de magie*.

"O modo de enfeitiçamento que o Coronel de Rochas se aplicou sobretudo a estudar é o enfeitiçamento fotográfico. Pode, mesmo, dizer-se que é o seu inventor. Consiste em fazer, sobre uma fotografia cujo clichê foi obtido em certas condições, picadelas de alfinete do velho jogo que a maioria dos ocultistas fazem nas bonecas de cera. A pessoa que tem sua fotografia assim maltratada sente dores em todas as partes do corpo onde seu retrato é picado.

Este processo ainda está no estado de experiência. Não obstante, desde que foi conhecido, os paladistas se preocuparam em lhe achar uma contra-partida, como para o sapo e a boneca de cera. O velho Walder pretendia que, para triunfar do enfeitiçamento fotográfico, tinha descoberto uma receita maravilhosa.

Inútil dizer que essa receita é um novo pretexto para sortilégios. "Quando a gente se sabe enfeitiçada, afirmava ele, segundo o processo posto em moda pelo senhor de Rochas, é preciso; todas as segundas-feiras, desde que soa a sétima badalada do meio-dia impregnar o corpo, nas têmporas, em redor do pescoço e na região do coração, de um linimento composto de essência de terebentina e de hóstia concentrada, reduzida a pó; fazendo esta fricção, repetir-se-á todo o tempo o verdadeiro J.: B.: M.: (Jesus Bethlemitus Maledictus). Além disso, cada um dos outros dias da semana, assim que se sai do leito, fica-se-á três minutos com o polegar dobrado e oculto na palma da mão, tanto da mão direita, quanto da esquerda; e dir-se-á em voz alta, em grego, a fórmula da hora sexta, tal qual a dá o divino Apolônio de Tiana no Nuctemeron, fórmula que se interpreta assim: "O espírito mantém-se imóvel; vê os "monstros infernais marchando contra ele e não tem medo". Seguindo fielmente suas prescrições, ter-se-á a invulnerabilidade garantida contra todo e qualquer assalto do feiticeiro e, no trigésimo terceiro dia o volt fotográfico terá perdido definitivamente toda a força maligna (25).

(Le Diable an XIXI siècle, pg. 256)

(25) - Há alguns meses a imprensa ocupou-se de um sacerdote que deixara a batina, o padre Boullan, que em Lyon havia fundado a seita mística do Carmelo. Diz-se que ele tomava estatuetas de santos e santas, as batizava com o nome de pessoas a quem queria fazer mal e as torturava, fazendo invocações ao diabo. Por seu lado, tinha inimigos que contra ele agiam do mesmo modo; e chegou-se até a dizer que sua morte era devida a uma causa desse gênero. Em todo caso, a curiosidade pública estava bastante despertada para que o senhor Phil Auquier publicasse, a 7 de fevereiro de 1893, no Figaro, um artigo intitulado: *Le Roi des exorcistes*, no qual encontramos sobre contra-feitiços do dito padre Boullan, 'ensinamentos que parecem tomados a um livro de magia da Idade Média.

"Se, temendo um feitiço, consultardes o apóstolo, ele começará adormecendo uma vidente e fazendo-a explicar, desde que esteja em sono sonambúlico, a natureza do sortilégio sofrido. Se caso fosse grave, ele recorreria "ao sacrifício de glória de Melquisedeque", que se pratica assim:

"Sobre um altar, composto de uma mesa, um tabernáculo de madeira, em forma de casinha, sobremontado por uma cruz cercada no frontão pela figura do Tetragrama, o oficiante faz trazer o cálice de prata, pães ázimos e vinho. Depois, tendo revestido hábitos sacerdotais, uma longa túnica vermelha, fechada no tronco por um cordel branco e vermelho, e um manto branco cortado no peito em forma de cruz invertida, começa a ler as preces do sacrifício.

"O consulente é posto perto do altar. Continuando suas orações, o sacerdote põe a mão esquerda sobre a cabeça do enfeitiçado; depois, estendendo a outra mão, suplica ao arcanjo São Miguel que assista e esconjure as gloriosas legiões dos anjos que encadeiem os espíritos do mal. Enfim vem o momento da prece deprecatória, e o oficiante a clama por três vezes, depois de ter posto sobre o altar a mão do consulente. O pão ázimo e o vinho são em seguida oferecidos a este último e o sacrifício chega ao fim."

Mais longe (pg. 285), o Doutor Bataille reproduz em parte um artigo do senhor Horace Blanchon, relatando as experiências que me viu fazer na Charité, sobre três doentes do serviço do senhor Doutor Luys: a sra. B., a chamada Jeanne e a chamada Clarisse; e acrescenta:

Esta citação não é útil o escritor reproduz, tendo fielmente relatado o que viu. E sua imparcialidade é tanto mais indiscutível quanto, pessoalmente, declara na conclusão que absolutamente não está convencido pelas experiências que assistiu, em casa do senhor de Rochas, "cuja boa fé científica, diz ele, aliás não está absolutamente em causa." O senhor Horace Blanchon pensa que os sensitivos empregados pelo coronel são boas simuladoras, e eis tudo. A verdade é que não há em tudo isto nem resultado científico natural, nem também embuste, pois o senhor de Rochas não é um ingênuo a quem os farsistas se imponham. Na obra do Diabo, nem mais, nem menos, e é o que muitos cometem o erro de não querer compreender. Não é a ciência dos homens, mas a da Igreja somente que é capaz de explicar e explica esses fenômenos estranhos e perturbadores.

Infelizmente ainda não são elas de completa atualidade, estas linhas de Naudé? (L. c. pg. 93).

"Incluso que seria uma grande simplicidade crer que não houve senão os que entraram no Círculo, praticaram invocações e exerceram a Magia, que podem escrever ou fazer livros nesta, desde que cada um pode facilmente discorrer à fantasia sobre uma coisa, na qual não há preceitos, nem ordem, nem método e que basta mesclar os caracteres dos doze signos e dos sete planetas, os nomes de alguns anjos da Escritura, o Tohu e o Bohu, o Urim e o Thumin, o Beresith e o Merchava, o Eusoph e o Agla dos Cabalistas com o Hippomanes, o Pergaminho virgem, o Pentalpha, o Sudário, a Teste de morte, o sangue de mocho, de morcego e algumas preces e conjurações do Flagellum Daemonum para fazer uma infinidade desses livros e tratados misteriosos, que se comunicam às ocultas, e se vendem muito caro pelos que não tem outro meio de prover as necessidades senão praticando fraudes e enganos à custa de muitos espíritos fracos, supersticiosos e melancólicos, que se persuadem de haver encontrado o meio de fazer muita coisas maravilhosas e extraordinárias pelo encontro desses enganadores e charlatães.

"... Tam magna est penuria mentis ubique!

In nugas tam prona via est!...

Capítulo IV

O Pó de simpatia

I

O feitiço teria como resultado fazer alguém sofrer, agindo à distância sobre o seu sistema nervoso. Se o fato é real, a contra-partida necessariamente deve existir. Com efeito, bastou-me compulsar as tradições desdenhadas pela história oficial das ciências para aí encontrar a prova de que o agente nervoso exteriorizado pode tão bem transmitir ações favoráveis quanto prejudiciais.

Como parece que o mal sempre teve para os homens maior atrativo que o bem, não é senão nos tempos relativamente recentes que vemos aparecerem as curas à distância com o auxílio dos remédios simpáticos. Mas esta circunstância tem, pelo menos, a vantagem de nos permitir reencontrar as primeiras observações e as estudar, antes que tenham sido deformadas pelas circunstâncias mais ou menos maravilhosas, com que a imaginação das multidões não tardou a cercá-las.

II

Segundo a opinião de nossos pais, o pó de simpatia curava as feridas, por sua simples aplicação sobre os panos que haviam servido para as pensar. Não era outra coisa senão o vitríolo azul ou sulfato de cobre triturado e empregado em certas condições. Sabe-se que o sulfato de cobre tem uma poderosa ação contra os micro-organismos e que cura as feridas por contacto. Os fumantes, sujeitos a ter aftas na boca, curam-se simplesmente tocando essas pequenas ulcerações com

um cristal de vitríolo; desde alguns anos ele é empregado em grande quantidade contra o oídium, uma das moléstias da vinha.

Aquele que sobretudo o fez conhecer é um grande personagem, que em seu tempo desfrutou de imensa reputação como homem de estado, como homem de guerra, como sábio e como bibliófilo: o cavalheiro KENELM DIGBY.

Nascido em 1643, numa ilustre família da Inglaterra, foi comparado, desde a infância, a Pico de la Mirandola, devido à sua prodigiosa memória, sua rara sagacidade e suas brilhantes qualidades físicas e morais.

Em 1628 os ingleses tiveram uma altercação com os venezianos e os algerranos. Digby, com apenas 25 anos, levantou uma esquadra à sua custa e, com a autorização de seu rei, velejou para o Mediterrâneo, onde bateu os dois poderosos inimigos.

Alguns anos mais tarde, obrigado a deixar a Inglaterra por motivos políticos, pôs-se a viajar. Foi ver os sábios mais célebres, notadamente Descartes e demorou-se diversas vezes na França. Em 1644 publicou em Paris uma exposição de seu sistema filosófico, sob o título de *Traité de la nature des Corps*. Passou os anos de 1657 e 1658 em Montpellier e foi nessa época que, perante a assembléia da Universidade, pronunciou o discurso relativo ao pó de simpatia (1), ao qual tomamos os documentos que seguem:

(1) Discurso feito numa célebre assembléia pelo cavalheiro Digby, chanceler da rainha da Grã Bretanha, etc. relativo a cura das feridas pelo pó de simpatia. Paris, Cairbé, 1658, pequeno in-8.º.

Esta obra foi impressa várias vezes, notadamente em 1673, em Ruão, in-12, com uma pequena Dissertação sobre o mesmo assunto, por Nicolas Papin. Uma outra edição foi dada em Paris, em 1681, por Jacques Osmont.

Digby - diz ele - (2) aprendeu o segredo do pó de simpatia de um religioso Carme, que tinha viajado na China, na Pérsia e na Índia.

*(2) Não creio muito nessa história do Carme viajante. Mais de um século antes, Paracelso havia publicado (*Archidoxis magicae, lib. I*) a receita de seu unguento vulnerário, composto de sangue humano, gordura humana, (um musgo recolhido num*

crânio humano exposto à umidade), óleo de linho, óleo de rosa, bolo armênio, etc. Bastava, para curar uma ferida sem dor nem emplastro, mesmo a 20 milhas de distância, mergulhar no unguento um pedaço de madeira embebido do sangue do ferido. - Alhures (*De tumor, pust., et ulcer morbi gallici, Ibid. 116. x*) ele recomenda o emprego do vitríolo tirado do cobre para curar certas úlceras. Aliás, eis como ele explica as ações curativas dos remédios: "Os remédios agem por uma expansão de suas forças, por uma virtude dinâmica, por um odor, um gosto cuja ação por vezes é instantânea. Quando aplicais um emplastro sobre uma ferida, não pensais que esse emplastro se mude em carne; ele opera magneticamente apenas por sua presença. Dá-se o mesmo com os remédios internos: quanto mais espiritual é a sua natureza, maior é a sua virtude medicinal."

Durante a infância de Digby, as idéias de Paracelso sobre a persistência, durante um tempo bastante longo, de um laço vital entre as partes destacadas do corpo de um animal e este mesmo animal tinham sido largamente postas na ordem do dia, a propósito do caso desse Bruxelense que, tendo perdido o nariz num combate, tinha ido mandar refazê-lo por um especialista, o célebre cirurgião Gaspar Tagliacozzi, de Bolonha. Mas como temia a incisão a fazer no braço, levou consigo, para este efeito, um carregador, de cujo braço lhe tiraram o nariz, mediante um preço convencional. Cerca de treze meses após, o Bruxelense, de volta a sua pátria, sentiu o nariz resfriar-se de repente e cair em putrefação ao cabo de alguns dias. Buscando a causa dessa queda inopinada, reconheceu-se que no momento preciso em que o nariz se resfriou, o carregador havia expirado. O célebre Van Helmont, tendo conhecido testemunhas oculares do fato, compôs, em 1627, um tratado intitulado *De magnetica vulnerum curatione*, que foi impresso só em 1621 e teve imensa repercussão. Aí invoca como explicação uma porção de fenômenos análogos, que Digby lembra igualmente em seu discurso.

Maxwell, que lembra o fato no IIº livro de seu tratado da *Médecine Magnétique*, ajunta: *Ouvi contar uma história semelhante por um de meus amigos, doutor em medicina, que jurou haver sido testemunha ocular.*"

Digby o deu ao rei Jacques, que o experimentou em várias ocasiões, depois a Théodore Turquet de Mayenne, primeiro médico do rei de França. (3) Turquet o passou ao Duque de Mayenne, seu protetor, que foi morto em 1621, no cerco de Montauban. Tendo-o o cirurgião do duque vendido a várias pessoas, mediante somas consideráveis, não tardou a cair no domínio público.

(3) Depois de ter sido médico de Henrique IV, Turquet passou à Inglaterra, onde se tornou médico de Jacques I e de Charles I.

O método e a maneira prescrita para se servir desse remédio simpático era, diz Digby (4) tomar apenas vitríolo (mesmo o mais

comum), como vinha dos droguistas, sem nenhuma preparação ou qualquer adição e dissolvê-lo em água de fonte, ou melhor, de chuva, em tal quantidade que aí mergulhando ferro polido (por exemplo, uma faca), este saia todo carregado de cor, como se tivesse mudado em cobre (5). E, nesta água, mergulhava-se qualquer pano manchado de sangue da ferida que se queria sarar, se o pano estivesse seco; mas se ainda estivesse fresco e úmido do sangue, bastava polvilhá-lo com o pó de tal vitríolo, de sorte que este pó se incorporasse e embebesse no sangue ainda úmido; e guardar um e outro temperado; por o pó numa caixa no bolso e a água (que não permite tal comodidade) em qualquer quarto onde o calor seja moderado. E, de cada vez que põe nova água vitriolada, ou novo pó em novo linho ou outro pano ensangüentado, a pessoa sente um novo alívio, como se então a ferida tivesse sido efetivamente pensada por qualquer medicamento soberano.

(4) *Discours fait en une célèbre assemblée... Paris, 1658, pg. 179.*

(5) *Vê-se que o vitríolo de Digby era bem sulfato de cobre e não de ferro, como, por erro, indicam a maior parte das obras modernas.*

E por este meio, assim se repetia tal maneira de curar, à noite e de manhã. Mas agora a maioria dos que não se servem deste remédio de simpatia fazem diligência para ter vitríolo romano ou de Chipre; depois o calcinam a luz do sol. Além disso, alguns adicionam goma de tragaganta: *Falice est inventis addere*. Por mim, também vi grandes efeitos só do vitríolo de dezoito dinheiros a libra, como do pó que hoje se prepara.

Eis agora, tirado do mesmo livro, o relato bem claro e circunstanciado, de um dos casos de cura, obtidos pelo pó de simpatia:

O senhor Jacques Howell, secretário do Duque de Buckingham (bastante conhecido na França por seus escritos e, particularmente, por sua *Dendrologia*, traduzida em francês pelo senhor Baudoüin ao que me parece), um dia viu dois amigos batendo-se em duelo. Julgou dever separá-los; meteu-se entre os dois; com a mão esquerda segurou

a guarda da espada de um dos combatentes, enquanto a direita nua empunhou a lamina da outra. Tomado cada um de fúria contra o adversário, fazem esforços para desfazer o impedimento que o amigo comum lhes opunha, e matar-se reciprocamente. Puxando bruscamente a espada, que não podia ser retida pela lâmina, corta até os ossos todos nos nervos, músculos e tendões da mão do Senhor Howell, e, ao mesmo tempo, o outro livra a sua guarda e dá um golpe de espada de dois gumes na cabeça de seu adversário, mas vai alcançar a de seu amigo que, para aparar o golpe, atravessa a mão já ferida que, assim, tanto foi cortada por fora, como o estava por dentro... Vendo o rosto do senhor Howell todo coberto de sangue caído da mão erguida correram para o assistir; depois de terem examinado as feridas, pensaram-nas com uma de suas jarreteiras, a fim de fechar as veias, todas cortadas e sangrando abundantemente. Levaram-no para casa, buscaram um cirurgião; e o primeiro chegado serviu para lhe por o primeiro aparelho. Para o segundo, quando foi aberta a ferida no dia seguinte, foi mandado o cirurgião do Rei, por sua própria Majestade, que tinha muita afeição pelo dito Senhor Howell.

Eu estava alojado muito perto dele. Uma manhã, quando me vestia, quatro ou cinco dias após o acidente, ele veio ao meu quarto, pedir que lhe desse algum remédio ao seu mal. Disse haver sabido que eu os tinha muito bons para ocasiões semelhantes; que sua ferida estava em muito mau estado e os cirurgiões temiam que aparecesse a gangrena: se isto acontecesse seria preciso cortar a mão. Com efeito o seu rosto denunciava a dor que suportava e que ele dizia insuportável, com uma extrema inflamação. Respondi que o serviria de boa vontade; mas quando ele soubesse de que maneira eu curava os feridos, sem necessitar tocá-los, nem os ver, talvez não o quisesse mais, porque pensaria que tal maneira de curar fosse supersticiosa e ineficaz. - Por último, (disse ele) as grandes maravilhas que várias

peessoas me contaram de vosso medicamento não me deixam duvidar de sua eficácia. E para a primeira, tudo quanto tenho a dizer está compreendido neste provérbio espanhol: *haga se el milagro, y hagalo Mahoma*.

Então lhe perguntei sobre que peça de pano ou de linho haveria sangue das feridas. Imediatamente mandou buscar a jarreteira que lhe havia servido de primeiro penso. Entrementes pedi uma bacia com água, como se fosse para lavar as mãos e tomei um punhado de pó de vitríolo, que tinha numa caixa sobre a minha mesa e dissolvi imediatamente. Logo que a jarreteira foi trazida, meti-a na bacia, observando o que neste somenos fazia o senhor Howell. Conversava com um gentil-homem a um canto de meu quarto, sem atentar para o que eu fazia; de repente estremeceu e fez um gesto como se sentisse uma grande emoção. Perguntei-lhe o que tinha e o que sentia. - Não sei, disse ele, o que tenho, mas sei bem que não mais sinto dor. Parece-me um frescor agradável, como se estivesse um guardanapo molhado e frio estendido sobre minha mão, e que me tivesse tirado a inflamação que eu sentia. - Pois então, repliquei, Já que sentis tão bom efeito de meu medicamento, aconselho-vos a tirar todos os vossos emplastos; ficai apenas com a ferida limpa e em estado moderado e temperado de calor e de frio. (6)

(6) Vide a observação do cirurgião americano na nota E.

Isto foi logo comunicado ao senhor de Buckingham e, pouco depois, ao rei, que ficaram curiosos por saber a marcha da coisa e que, só depois do jantar tirei a jarreteira da água e a pus para secar em um grande fogo. Apenas estava bem seca (e para isto era preciso que antes fosse bem aquecida), eis que o lacaios do senhor Howell veio me dizer que o seu senhor, depois de pouco tempo, sentia dor como nunca, e ainda maior, com um calor tão extremo, como se a mão estivesse entre carvões ardentes. Respondi que, posto isto lhe tivesse acontecido no momento, eu sabia a causa desse acidente, que daria ordem e que seu

senhor ficaria livre de sua dor e inflamação antes que ele estivesse de volta, para o assegurar. Mas, se caso isto não acontecesse que voltasse para me advertir; do contrário, não precisava voltar. Com isto ele se foi. E, no instante, pus a jarreteira na água. Assim, embora houvesse apenas dois passos da casa de seu senhor, ele o encontra completamente sem dor; e mesmo antes de chegar, esta havia cessado inteiramente. Para ser breve, ele não mais sentiu dor e em cinco ou seis dias sua ferida estava cicatrizada e inteiramente curada (pg. 7 e seguintes Ed. de 1681).

O sensitivo percebe, pois, as ações exercidas sobre o sangue de sua ferida, que conserva um lugar sensível com o corpo, desde que a distância não seja muito grande. Porque Digby nota que o seu alojamento era muito próximo do de Jacques Howell. Mas esta comunicação de sensibilidade não se limita a uma ação curadora: ela é completa no sentido que o calor e o frio igualmente se fazem sentir a distância. Além disso, certas ações destroem a relação ou laço, como o indica Digby à página 146.

Eu disse que a luz, levando os átomos de vitríolo e de sangue e os dilatando numa grande extensão no ar, a ferida os atrai e, a princípio é aliviada e a seguir curada pelos espíritos do vitríolo, que é balsâmico.

Mas se puserdes a bacia ou o pó com o linho manchado de sangue num armário feito numa parede em qualquer canto de um quarto frio, ou num buraco, onde não entra luz nem sai o ar (e, portanto, é corrompido), neste caso a ferida não terá melhora e não haverá qualquer efeito desse pó. E a mesma coisa acontecerá se, havendo posto a bacia ou pó em qualquer recanto, os cobrirdes com muitas coberturas espessas, abafantes e esponjosas, que embebem os átomos que daí poderiam sair, e que retém a luz e os raios que aí entram, e que demoram e se perdem.

Também se deixais esfriar em gelo a água vitriolada, onde o linho é metido, o ferido sentirá no começo um grande frio na ferida. Mas

quando tudo estiver gelado, ele não sentirá nem bem nem mal, porquanto esse frio congelante constipa os poros da água, a qual, então, não deixa transpirarem ou saírem os espíritos.

Se se lavar o linho manchado em vinagre ou barrela (que, por sua acrimônia penetrante levam todos os espíritos do sangue), antes de lhe aplicar o vitríolo, não haverá nenhum e feito.

Mas se não se lavar senão com água simples, não deixará de fazer alguma coisa (porque não leva tantos); não obstante, o efeito não será tão grande como se o linho não tivesse sido lavado, porque então está cheio de todos os espíritos do sangue.

A mesma cura se faz aplicando o remédio na espada que feriu a pessoa, a não ser que a espada tenha sido fortemente aquecida ao fogo, porque faria evaporar todos os espíritos do sangue: o que tornaria a espada imprópria para a cura.

E eis a razão pela qual se pode tratar da espada. É que os espíritos sutis do sangue penetram na substância da lamina da espada, até a extensão que a lâmina penetrou no corpo do ferido e eles aí fazem a sua morada, sem que nada os possa expulsar, exceto o fogo, como eu disse. Como prova, tende-a sobre um calor de fogo brando e vereis sair da face da lamina oposta uma pequena umidade, que parecerá a mancha que o sopro faz sobre um espelho ou sobre a mesma lâmina polida; e, se olhardes através de um vidro que aumenta os objetos, vereis que esse orvalho de espíritos consiste em pequenas bolhas ou gotículas. E, uma vez evaporadas inteiramente, não as verei; mais sobre a espada, se esta não for enfiada novamente no corpo de algum vivo, nem mesmo, desde o começo, não as vereis em outra parte senão precisamente na parte da lamina que entrou na ferida. (7) Ora, enquanto os espíritos estiverem na chaga, a sua sutil penetração servirá para curar o feridos (8) mas depois que o fogo os expeliu, o remédio aplicado a essa espada nada faria. Além do mais, se algum calor violento acompanhar esses átomos, ele inflama a ferida; mas o

sal comum pode remediá-lo: a umidade da água umedece a chaga e o frio causa um arrepio à pessoa ferida...

(7) *O Abade de Vallemont (Pkysique occulte, pg. 217) diz que esta experiência, serve aos cirurgiões para conhecer a profundidade da ferida sem a sondar, porque só na parte da espada que penetrou é que se forma esse vapor.*

(8) *Paracelso (Archidoxis magicae, pg. 699; Genève 1668) já havia indicado a aplicação de um unguento na arma que havia ferido, para curar a ferida: Unguentum armorum - Hoc modo unguentum quoque parare potest, quod vulnera citra omnem dolorem sanescant, si arma, quibus aliquis vulneratas est unguento illo olinas.*

Este unguento tinha a mesma composição que o unguento vulnerário, do qual falei na nota 2. Mas Paracelso diz que é bom juntar mel e sangue de touro.

Parece-me que meu discurso vos mostrou com muita evidência que nesta cura não é preciso admitir uma ação por um agente distante do paciente. Eu vos tracei uma comunicação real de um ao outro: a saber, de uma substância balsâmica que se mistura corporalmente com a ferida.

É uma mesquinhez e prova de espírito tacanho, uma crassa ignorância do entendimento pretender algum efeito de magia ou de encantamento e limitar todas as ações da Natureza a grosseria dos nossos sentidos, quando não temos considerado suficientemente, nem examinado as causas e os princípios sobre os quais convém fundar nosso julgamento. Desnecessário recorrer a um demônio ou a um anjo para essa dificuldade:

Nec Deus intersit, nisi dignus vindice nodus.

Inciderit...

III

O pó de simpatia gozou de imensa voga até o fim do século XVII.

O Senhor Papin, "doutor em medicina e dos mais famosos da cidade de Blois (9), compôs sobre ele uma longa dissertação, da qual eis o prefácio:

(9) Aviso posto pelo senhor Rault à entrada da tradução francesa que publicou em 1681 da dissertação latina de Papin sobre o pó de simpatia. Trata-se aqui de Nicolas Papin, tio de Denis Papin, inventor da máquina a vapor.

Sêneca, nas suas *Questions Naturelles*, assegura-nos que a Natureza, mãe de todas as coisas, não é tão pródiga do que tem de mais raro e mais secreto, que ela o exponha tudo ao mesmo tempo. Nem todos penetram confusamente em seus mistérios, e estes não são assim conhecidos de cada um: ela os reserva como um lugar sagrado. Assim é que num tempo só se descobre um, em um outro, outro. Certamente se em nosso século se descobrir um segredo admirável na medicina, que deva confirmar esta opinião, este deve ser a maravilhosa maneira de curar as feridas recebidas no corpo humano, pela aplicação do pó de simpatia, cuja descoberta é inteiramente nova e que, tendo o aplauso de todo o mundo, por suas raras e freqüentes experiências, merece levar vantagem sobre todas as outras espécies de medicamentos...

Desde que ouvi falar nesta maravilha, persuadi-me de que era alguma invenção quimérica ou digna de riso. Mas, tendo sabido que tinha a aprovação das mais consideráveis pessoas, comecei eu mesmo a me maravilhar. Enfim, tendo-me assegurado da verdade por freqüentes experiências que fiz, vi-me obrigado a tomar o seu partido com toda a segurança. Não estou mais pesquisando se a coisa é constante, mas o que há nela e de que maneira ela se verifica. Contudo, não deixava de me encontrar em dificuldades bastante grandes, que duraram mais de um ano, até que, tendo embarcado para Cândia, fomos obrigados a descer em Zante, devido ao mau tempo. Aí sendo bem-vindo no famoso colégio dos médicos da cidade, aconteceu-me na ocasião discorrer sobre a virtude maravilhosa do pó

de simpatia e de fazer sua discussão pública. O número dos sábios era grande, dos quais uma parte teve dificuldade de conter o riso, só ao ouvir designá-lo; outros que absolutamente não duvidavam da verdade, após freqüentes experiências, que um cirurgião muito hábil e muito sábio da mesma ilha tinha feito publicamente, tinha seus efeitos acima da natureza e condenava o seu uso, dando como toda a razão, que os que dele se serviam tinham feito algum pacto com o demônio.

Papin entrega-se a seguir a longas discussões baseadas nas teorias, então em voga, do Espírito universal, discussões hoje tornadas muito obscuras para nós, que temos outras idéias e nos servimos de outros termos tão científicos, que também parecerão incompreensíveis aos nossos sucessores. Aliás, eis a sua conclusão: Com a virtude, que se aplica a um objeto equívoco, a porção mais sutil e mais etérea do espírito que ficou no sangue ou no pus também se espalha com eles; segundo participe ainda em algo de elementar, misturado ao que tem de mais celeste, ela se torna o principal instrumento das mutações das primeiras qualidades elementares de que se enche como sendo seu próprio objeto para as levar à parte ferida, assim como a virtude aglutinante, que vem das gomas misturadas com o pó, semelhantemente da virtude sarcótica ou cicatrizante, que procede do vitríolo. Todas essas coisas, a bem dizer, não dariam resultado tão bom, não teriam tanto êxito se a operação se fizesse num lugar muito distante do ferido, e se aguardasse o linho ou o pano manchado de sangue e borrifado de pó a um espaço de várias horas."

O célebre Recueil de recettes duement esprouvées, impresso em 1676, em Lyon, pelos cuidados da Senhora Fouquet, mãe do infeliz superintendente das finanças, lhe dá duas preparações diferentes e a recomenda contra as hemorragias.

Numa carta datada de 28 de janeiro de 1685, Madame Sevigné fala de uma ferida que tinha na perna. Diz ela: "Felizmente eu ainda tinha a divina simpatia; meu filho vos dirá o bom estado em que eu

estou. É verdade que uma pequena ferida que julgávamos fechada, fez cara de se revoltar, mas não era senão para ter a honra de ser curada pelo pó simpático...

Numa outra carta, escreve ela: "O bálsamo tranqüilo não, fazia mais nada; foi o que me fez correr com transporte ao vosso pó de simpatia, que é um remédio divino." E para prova de sua maravilhosa eficácia, acrescenta ela: "Minha ferida mudou de aspecto, está quase seca e curada. Enfim se, com o socorro deste pó que por vós Deus me enviou, posso mais uma vez andar à minha vontade, não serei mais digna de que tenhais a menor preocupação com minha saúde."

Não sabemos como Madame de Sevigné empregava seu divino remédio e se a sugestão não entrava em jogo, como em todas as novidades que não curam senão enquanto estão na moda. Sempre há quem, pouco a pouco, confunda, como já fizemos notar, o sulfato de ferro com o sulfato de cobre. Aí adicionaram matérias estranhas inertes e administraram a torto e a direito, sem suspeitar que o remédio não era eficaz senão em certas organizações e em certas circunstâncias. Também não era mais considerado pelos historiadores da medicina senão como uma dessas loucuras que não resistiriam ao mais ligeiro exame (10) O julgamento é sumário; mas quantas vezes já não temos visto asserções tão categóricas, cruelmente desmentidas pela experiência?

(10) *Doutor Ménière, lês Consultations de Mme. Sevigné, 1864, pg. 101.*

Por minha parte, não tive ocasião de dirigir minhas experiências neste sentido e eis as únicas notas que encontro em meus papéis

30 de julho de 1892. - Piquei no polegar a Senhora Lux, adormecida e exteriorizada. O sangue veio dificilmente; colhidas algumas gotas num lenço, ficavam sensíveis transmitindo ao paciente as sensações, de um a outro canto do apartamento. (cerca de doze metros).

"Manchado o lenço, mergulhado numa dissolução de sulfato de cobre produzia-lhe uma sensação de frescor muito agradável. A sensação não se produzia quando mergulhado em água pura.

Procurei reconhecer o laço que unia o seu sangue no lenço com o seu corpo. para ver se de seu polegar à mancha de sangue, havia uma linha sensível, com uma sensibilidade decrescente segundo o afastamento. A Senhora Lux acusou máxima e mínima, mas muito mais aproximadas que as das curvas ordinárias que a envolviam. - Fenômenos a estudar mais completamente.

6 de janeiro de 1893. - A Senhora Lux cortou-se no dedo; enfaixou-o com uma tira de linho que está manchada de sangue; peço-lhe a faixa, sem lhe dizer por que motivo e, de volta à minha casa, mergulho-a numa solução de sulfato de cobre. No dia seguinte a Senhora Lux mostrou-me o pequeno corte cicatrizado e me disse que não havia doído desde a véspera. - Esta experiência não é bem clara e só tem interesse aproximando das outras.

Em compensação, um dos meus amigos dirigia-me de Maëstricht a interessantíssima carta que segue:

"Ultimamente conversava com um sacerdote muito instruído em vossas admiráveis revelações científicas relativas à exteriorização da sensibilidade. Ora, ele não manifestou tanta surpresa quanto eu esperava. Disse-me ele:

"Há muito tempo Santo Alphonse de Liguori ocupou-se de questões análogas. Consultado a respeito da licitude do em prego do pó simpático agindo à distância, ele opinou que os teólogos respondiam em geral negativamente, porque parecia incompreensível que as qualidades desse pó pudessem agir à distância.

"O teólogo Elbel, não obstante, é de opinião que essa prática pode ser tolerada em casos urgentes e desde que a ferido não esteja muito afastado, por exemplo, a uma distância de trezentos passos (sic) e que se tome a precaução de fazer restrições contra a ação demoníaca.

"Constata-se que o pó em questão é chamado simpático porque, espalhado sobre sangue extraído de fresco da ferida, cura essa ferida e faz cessar toda hemorragia. Não se compreende que isto possa produzir-se de outro modo senão pelo escoamento da substância (sensibilidade?) ou pelos vapores do vitríolo que, amalgamando-se com as partículas ainda quentes do sangue, movam-se na direção da ferida e fechem as pequenas aberturas por onde o sangue se escapa, com a ajuda de pequenas cunhas (sic)."

Se relato estes detalhes, é unicamente para vos permitir fazer uma triagem. Talvez aí encontreis alguma particularidade ou qualquer indício que possa servir aos vossos estudos.

Eis um pequeno relato que ouço do mesmo padre, reitor de um colégio. Posso atestar a sua veracidade; informações que tomei permitem-me acrescentar que as práticas em apreço não são raras no Brabante setentrional.

Um estudante do colégio sofreu ferimentos horríveis, ao cair através de uma vidraça. O pulso estava cortado e, retirando bruscamente o braço, o infeliz fizera um corte profundo nas carnes do braço, a ponto de pôr o radio à mostra. O sangue jorrava como uma fonte, de duas grossas artérias abertas. Um médico prestou os primeiros socorros. Mas, em presença da violenta hemorragia, pediu a ajuda de um confrade. O caso parecia desesperador. Dores atrozes faziam o pobre menino rugir durante vários dias. Uma das feridas continuou sangrando; era para temer o tétano. Os médicos estavam sem mais recursos. Foi então que um dos compatriotas do menino sugeriu o emprego de um remédio estranho. Ele conhecia um homem do povo que, por certos processos, não só fazia cessar toda hemorragia, mas acalmava imediatamente as dores. Bastaria mandar-lhe um linho molhado no sangue da ferida. Ele mantinha o linho junto ao corpo para o conservar no grau de calor natural e, enquanto o linho

assim era mantido, cessavam a dor e a hemorragia. Mas se o sangue do linho se esfriasse, o paciente recairia no seu estado precedente.

Não se tinha escolha e, embora perfeitamente incrédulos, mandaram imediatamente o linho embebido de sangue. Desde que o homem o recebeu, a hemorragia e a dor cessaram como que por encanto. Foi um alívio imenso para o pobre menino e para as suas relações.

É preciso crer que o possuidor do Pint (é assim que chamam o poder desse homem) levasse cuidadosamente o linho exteriorizados, para que a cura fosse pronta e perfeita.

Jules S.

Os feiticeiros modernos do Béarn conservaram tradições análogas e eis o que diz o senhor Probst-Birabon na *Initiation* de maio de 1898:

Eles prezam muito a cura das chagas pelo pó de simpatia e o tratado do cavalheiro Digby é um de seus breviários. Tomam um linho do doente, que tenha tocado a ferida e sobre ele põem sulfato de ferro em pó. Parece que mesmo à distância o doente se cura. Coisa extraordinária, pretendem que um mau feiticeiro, com um linho semelhante, poderia causar ao doente uma febre mortal, pela simples exposição do linho a uma chama do fogo.

IV

Terminarei este capítulo por alguns outros extratos da obra de Digby, que mostram como o sábio inglês tinha procurado explicar os fenômenos por ele observados.

a) Forma das moléculas dos corpos e dos cristais.

Cada espécie de corpo afeta uma figura particular. Vemo-lo claramente entre as diversas espécie de sal. Pilai-os separadamente,

dissolvi-os, coagulai-os e mudai-os quanto vos aprouver, eles voltarão sempre, após cada dissolução e a mesma figura. O sal comum se forma sempre em cubos de faces quadradas, o sal nítrico em colunas de seis faces, o sal amoníaco em hexágonos de seis pontas, do mesmo modo que a neve é sexangular, o sal de urina em pentágonos... e assim com diversos outros sais.

Os destiladores observaram que se se derramam novamente sobre a cabeça morta (11) de qualquer destilação a água que dela foi destilada, esta aí se embebe e se mistura incontinente; ao contrário, se derramais qualquer outra. água, ela sobrenada e tem grande dificuldade de se incorporar. A razão é que esta água destilada, que parece um corpo homogêneo, é, entretanto, composta de corpúsculos de diversas naturezas e, por conseqüência, de diferentes figuras (como os químicos o mostram à vista), e esses átomos, sendo expulsos pela ação do fogo para fora de suas câmaras, como dos leitões que lhes eram apropriados com muita exata justeza, quando voltam às suas antigas moradas, isto é, a esses poros que deixaram vazios em suas cabeças mortas, aí se acomodam, juntando-se admiravelmente e se comensurando juntos.

(11) Os antigos químicos chamavam coput mortuum ou cabeça morta o resíduo de suas operações.

E o mesmo acontece quando chove depois de uma grande seca. Porque a terra bebe incontinente essa água que tinha sido atraída pelo sol ao lugar em que todo e qualquer outro licor estranho não entraria senão com dificuldade.

Ora, que haja poros de diversas figuras em corpos que parecem homogêneos, afirma-o o senhor Gassendi e procura prová-lo pela dissolução dos sais de diversas figuras em água comum. Quando (diz ele, ou para esse efeito) aí tiverdes dissolvido sal comum, tanto quanto ela pode aceitar, suponhamos, por exemplo, uma libra, se aí puserdes ainda apenas um escrúpulo, ela o deixará correr ao fundo, como se

fosse areia ou gesso; agora ela ainda dissolverá uma boa quantidade de sal nitro. E, quando não tocar mais este sal, ela dissolverá tanto sal amoníaco, e assim outros saís de diferentes figuras (Pg. 75 e seguintes).

b) Moléculas da mesma natureza se atraem-se.

Em nossa terra (e creio que é o mesmo aqui) faz-se provisão para todo o ano, de patê de gamos e cervas, na estação em que sua carne é melhor e mais saborosa, que é durante os meses de julho e agosto; cozem-nos em panelas de barro ou de casca dura de centeio, depois de bem temperada com especiarias e sal; e, estando fria, cobrem-na com seis dedos de manteiga fresca fundida, para impedir que o ar a atinja. Nota-se, entretanto; depois de todas as diligências que podem ser feitas, que quando os animais vivos, que são da mesma natureza e espécie estão no cio, a carne que está nessas panelas cheira forte, é grandemente alterada e tem o gosto forte, por causa dos espíritos bodes, que nessa época saem dos animais vivos e são atraídos para a carne morta de sua mesma natureza. Então tem-se trabalho para impedir que essa carne se estrague. Mas, passada essa estação, não há mais perigo para todo o resto do ano.

Os negociantes de vinho observam nesta terra, e por toda a parte onde há vinho, que na estação em que as vinhas estão em flor, que o vinho que está na adega fermenta e expele uma pequena borra branca (que me parece a chamada madre), para a superfície do vinho, o qual está em desordem até que tenham caído as flores da vinha; e então essa agitação ou fermentação, uma vez serenada, todo o vinho volta ao estado em que antes se achava. E não é apenas hoje que se faz tal observação. Porque (para nada dizer dos diversos outros que falam disto) Santo Efraim, o Sírió, em seu último testamento (há cerca de mil e trezentos anos), refere esta mesma circunstância do vinho que

sofre uma agitação e fermentação no tonel, ao mesmo tempo que as vinhas exalam seus espíritos no campo. É que esses espíritos vitais, que emanam das flores, encham o ar por todos os lados... são detidos nos tonéis pelo vinho que lhes completa a fonte e que tem semelhantes espíritos em abundância. E esses novos espíritos voláteis sobrevindos excitam os espíritos mais fixos do vinho e exercem uma fermentação como se se derramasse aí vinho doce ou vinho novo... E é por esta mesma razão que uma toalha ou guardanapo manchados de vinho tinto são facilmente limpos lavando-os na estação em que essas plantas florescem, enquanto que, em qualquer outro tempo, essas manchas não cedem à barrela (12).

(12) *Ouvi dizer por uma senhora, residente no campo, numa grande região vinícola, que as manchas de vinho feitas em guardanapos e toalha reaparecem no momento das misturas, posto que aquelas peças pareçam completamente brancas depois de passadas na barrela.*

*Goethe faz alusão a um fenômeno da mesma natureza quando diz**

Wenn die Reben Wieder blühen

Ruhret sich der Wein im Fass.

(Quando os brotos da vinha começam a florir, o vinho trabalha nos tonéis).

Na Inglaterra, onde não temos bastante vinhas para fazer vinho, a mesma coisa se observa e ainda uma outra particularidade. Embora não se faça vinho em nosso país, temo-los entretanto, em grande abundância, vindos de fora. Vêm principalmente de regiões das Canárias, da Espanha e da Gasconha. Ora, estando estas regiões em diferentes climas e graus de latitude, e, por conseqüência, uma mais quente que a outra e onde as mesmas árvores e plantas florescem umas antes que outras, acontece que essa fermentação dos nossos vinhos avança mais ou menos, conforme as vinhas de onde eles provêm florescem mais cedo ou mais tarde em sua terra. É conforme a razão que cada vinho atraia melhor os espíritos das vinhas de onde provêm do que os outros.

Nesta ocasião não me poderia impedir de fazer esta pequena digressão para desenvolver um outro efeito da Natureza que vemos

muitas vezes e que não é menos curioso que o principal, de que tratamos. Talvez pareça ter causas e molas ainda mais obscuras: não obstante depende em várias circunstâncias dos mesmos princípios, posto que em outras sejam diferentes. É no tocante às marcas das crianças, quando, durante a gravidez, suas mães têm vontade de comer alguma coisa. Para proceder na minha ordem costumeira, apresentarei antes um exemplo. Uma senhora de alta posição, conhecida por diversas desta. assembleia, ao menos pela reputação, tem no colo a figura de uma amora, tão exata quanto poderia representá-la um pintor ou um escultor, pois não só tinha a cor, mas o tamanho, avançando acima da carne como se estivesse um pouco em relevo. Estando grávida dela, a mãe dessa senhora teve vontade de comer amoras; e sua imaginação ficou cheia; a primeira vez que as viu, uma lhe caiu no colo por acidente. Logo enxugaram com cuidado a mancha sangrenta dessa amora e no momento ela nada sentiu. Mas, nascido o menino, notaram a figura de uma amora em seu colo, no mesmo lugar em que o fruto tinha caído sobre o de sua mãe. E todos os anos, na estação das amoras, esta impressão, ou melhor dito, esta excrescência se enche, cresce, dá comichão e se inflama. Uma outra filha, que tinha semelhante marca, mas de um morango, ainda era mais incomodada, porque, na estação dos morangos, não só tinha comichão e se inflamava, mas arrebentava como um abcesso, do qual corria um humor acre e corrosivo, até que um hábil cirurgião lho tirou até às raízes, por meio de um cautério. E desde então ela jamais sentiu qualquer mudança naquele ponto que antes tanto a incomodava, pois ficou apenas uma cicatriz (Pg. 82 e seguintes).

c) Os restos de vida.

A grande fertilidade e riqueza da Inglaterra consiste em pastagens para o gado. Temo-las as mais belas do mundo e também abundância

de animais, principalmente bois e vacas. A mais modesta morada tem alguma vaca para lhe fornecer leite. É o principal alimento da gente pobre, tanto quanto na Suíça. Por isso são muito cuidadosos do bom estado de suas vacas.

Se acontece que, fazendo ferver o leite, ele sobe tanto que se derrama da panela e cai no fogo, a dona da casa ou a empregada abandona imediatamente tudo quanto está fazendo e corre à panela, que retira do fogo e ao mesmo tempo, toma um punhado de sal, que é mantido sempre junto à chaminé, para se manter seco, e o atira sobre as brasas onde o leite se espalhou.

Perguntai-lhe porque faz isto e ela vos dirá que é para que a vaca que deu o leite não fique doente das tetas. Porque, sem isto, ela ficará com as tetas duras e ulceradas e deitará sangue; enfim estaria exposta a morrer; não que tal extremo ocorresse da primeira vez, não obstante ficasse doente. E se isto acontecesse várias vezes, por fim a vaca morreria.

Poderia parecer que houvesse alguma superstição ou loucura nisto. Mas a infalibilidade do efeito garante o resultado. E, entretanto, vários acreditam que a doença da vaca seja sobrenatural e que o efeito vem de feitiçaria e assim, o remédio que acabo de dizer é supersticioso. Mas é fácil de os afastar dessa persuasão, declarando-lhes como a coisa se dá segundo os fundamentos que eu apresentei... (13)

(13) Digby explica que, caindo sobre o fogo, o leite se evapora e os seus átomos se espalham no ar, indo até ao úbere da vaca, onde atraídos por simpatia, levando consigo átomos de fogo que irritam o tecido glandular e tenro da teta. - Quanto ao sal crepitando sobre o fogo, ele age por meio de seus átomos, que se apoderam dos do fogo e os precipitam, assim os impedindo de ir mais longe, do mesmo modo que abate os átomos de fuligem inflamada, quando a gente se serve de um fogo de chaminé. Aliás, se alguns átomos de fogo se escapassem e fossem até à teta, seriam acompanhados por átomos de espírito de sal, que são, eles próprios, remédios contra a queimadura.

Na prática, os magnetizadores rompem o laço, agitando violentamente o ar entre os dois objetos em relação.

Este efeito tocante à conservação do peito da vaca, depois da queimadura de seu leite, faz-me lembrar o que várias pessoas me disseram ter visto na França e na Inglaterra.

Quando os médicos examinam o leite de uma ama para a criança de alguma pessoa de condição, experimentam-no por diversos meios, antes de julgar definitivamente se está bom, como pelo gosto, pelo cheiro, pela cor, por sua consistência, etc. E alguns o fazem ferver até a evaporação, para ver seus resíduos e outros acidentes e circunstâncias que se conhecer, e se discernem melhor por esse meio. Mas aquelas de cujo leite se faz esta última prova sentiram-se muito atormentadas na mamela e no bico do peito e, particularmente, enquanto ferviam o seu leite. Portanto, uma vez suportado esse mal, elas não mais queriam consentir que levassem o seu leite fora de suas vistas e presença, posto que se submetessem de muito boa vontade a qualquer outra prova, menos a do fogo. (14)

(14) Relata Van Helmont que, em sua terra, as amas que se querem privar do leite, fazem-no correr sobre carvões ardentes e que, depois de um certo número de operações desse gênero, os seios secam.

"Todas as coisas, diz ele, que saem de qualquer modo do corpo dos homens ou dos animais, quer naturalmente, quer por força de doença, são impregnadas do espírito vital e têm uma vida comum com o corpo. Daí resulta que, sendo mais semelhantes aos corpos dos quais saem do que as coisas que jamais estiveram num corpo, rapidamente imprimem a um corpo semelhante a qualidade que tomaram do corpo."

Ver-se-á mais adiante (Cap. VI) a opinião de Maxwell sobre esta questão.

Para combinar esta experiência da atração que a teta da vaca faz do fogo junto com o vapor do leite queimado, vou dizer-vos uma outra, de natureza semelhante, cuja verdade eu mesmo verifiquei mais de uma vez, e que facilmente podeis experimentar.

Tomai as sujeiras de um cão todas as vezes que ele fizer e lançai-as sempre no fogo. No começo vê-lo-eis apenas um pouco esquentado e comovido; mas em pouco tempo vê-lo-eis como se estivesse todo queimado, ofegante e tremendo a língua como se tivesse corrido muito.

Ora, esse mal lhe acontece porque seus intestinos, atraindo o vapor de seus excrementos queimados e, com esse vapor, os átomos do fogo que os acompanham, alteram-se e se inflamam; de sorte que o cão, tendo sempre febre e não mais podendo alimentar-se, seus flancos se fecham e se encolhem e, por fim, disto ele morre.

Não seria bom divulgar esta experiência entre algumas pessoas e povos muito inclinados a se servirem disso para o mal. Porque a mesma coisa que acontece aos animais aconteceria aos homens, se se fizer o mesmo com os seus excrementos.

Aconteceu uma coisa notável, a tal propósito, a uma pessoa de nossos vizinhos, durante minha estada na Inglaterra. Tinha um menino muito belo e muito delicado. A fim de o ter sempre a vista, mandou a ama vir para sua casa. Eu o via sempre, porque era um homem de muita manha nos negócios e eu então tinha necessidade de tal personagem. Um dia encontrei-o muito triste e sua mulher muito abatida. Perguntando a razão disto, disseram-me que o pequeno passava mal, que tinha febre e o corpo todo inflamado, o que se via pela vermelhidão do rosto; que a todo o momento fazia esforços para ir à privada e, entretanto, quase nada expelia que não fosse carregado de sangue; e que recusava mamar. E o que mais os fazia sofrer é que não podiam conjecturar nenhuma causa real para toda essa desordem; porque se a ama passava bem, tinha seu leite tal qual podiam desejar, e em todas as outras coisas tinha-se tido a cuidado necessário. Disse-lhes imediatamente que a última vez que havia estado em sua casa, tinha tido intenção de os avisar, mas que no momento outra coisa me havia distraído e que depois não mais me havia lembrado de lhes dizer. É que, tendo a criança feito sinal de querer ser posta no chão, assim que o foi deixou cair as fezes; e a ama incontinenti havia tomado uma pá de cinzas e brasas, com que as cobriu, depois jogando tudo no fogo. A mãe pos-se a pedir-me desculpas por terem sido tão negligentes em corrigir esse mau jeito da criança. dizendo que quando

avançasse em idade ele próprio corrigir-se-ia. Repliquei-lhe que não era por tal consideração que lhe dizia tais palavras, mas por ter achado a causa do mal de seu filho e a seguir o remédio. Então lhes relatei um acidente semelhante, sobrevindo dois ou três anos antes, a uma criança de um dos mais ilustres magistrados do parlamento de Paris, que era criada em casa de um médico de grande reputação na mesma cidade. Disse-lhes, também, o que acabo de reportar relativamente aos excrementos dos cães, e os fiz refletir sobre o que já tinham ouvido diversas vezes e o que se faz bastantes vezes em nosso país.

É que nas aldeias que ficam muito enlameadas durante o inverno, acontece que há algum fazendeiro mais limpo que os outros e que tem mais limpos os caminhos de sua casa que os vizinhos; os vadios sentem-se à vontade para aí descarregar o ventre; tanto mais que nessas vilas quase não há sanitários; além disso, em tais lugares bem asseados, esses vadios galantes estão fora do perigo de se atolarem na lama que noutras partes poderia subir acima de seus sapatos. Mas as mulheres da limpeza, abrindo pela manhã a porta da casa, aí encontram um presente de odor desagradável, que lhe enche de cólera. As que estão instruídas nesse jogo, vão incontinentemente esquentar uma brocha ou uma pá no fogo, depois o enfiam assim quente no excremento; e quando o fogo está extinto, elas a reaquecem e repetem a coisa muitas vezes. Entrementes, o malandro que fez a sujeira sente dor e cólicas no intestino, uma inflamação nas nádegas; uma vontade contínua de ir à privada e, apenas se desimpede, sofre febre durante todo o dia. Isto não obsta que ali volte outra vez. E essas mulheres, por se garantirem de semelhantes afrontas, ignorantemente passam por feiticeiras e por terem feito pacto com o diabo, pois que dessa maneira atormentam pessoas sem as ver nem as tocar.

Esse gentil-homem não rejeitou o que eu acabava de lhe dizer e, ainda mais confirmou quando lhe disse que olhasse as nádegas de seu filho, que sem dúvida as encontraria muito vermelhas e inflamadas e

que, examinando-as, logo viu que estavam cheias de pústulas e como que escoriadas.

Em pouco tempo a pobre criança enlanguescia, tinha muita dor e dava gritos dolorosos; por pouco que fossem as fezes, em vez de as atirar ao fogo ou cobri-las de brasas, eu as fiz pôr numa bacia com água fria e levar para um lugar fresco. Isto continuou a ser feito, cada vez que o menino dava lugar. Ele começou a melhorar à mesma hora e em dois ou três dias estava bom (15) (Pg. 170 e seg).

(15) Em sua Magie magnétique (Paris, 1858, pg. 441), Cahagnet refere um fato que vem em apoio das observações de Digby. Mas, nunca seria demais repetir, não se deve esquecer que, mesmo admitindo que estas histórias sejam exatas, não se deve nelas ver senão casos tão excepcionais quanto as faculdades dos sensitivos susceptíveis de entrar em estados hipnóticos.

"Ainda muito jovem - contou-lhe um de seus amigos - quando eu fazia meu giro na França, encontrei trabalho numa loja, cuja dona apaixonou-se por mim. Não tardei, dada a minha idade e pouca experiência, em dela obter o que me oferecia de boa vontade. Mas, como estava velha e tinha uma filha mais ou menos de minha idade, sentia-me mais apaixonado pela filha do que pela mãe e a deixei perceber. Fiz mesmo condição de nossa ligação que as conhecesse a ambas. A mãe tudo prometeu, mas queria esposar-me antes de me conceder a filha. Achei a proposta tanto mais espantosa quanto o marido dela vivia e dirigia nosso atelier. Fiz-lhe a observação. Ela me disse: "Vês a cara que ele tem; vai sair de guarda no primeiro dia: trabalho para me livrar dele; era duro de assar, mas há mais de quinze dias que faço essa tarefa. Mas antes de três meses ele terá partido. - E que tarefa fazes? perguntei. - Todas as manhãs, respondeu ela, vai sujar sobre a palha e eu vou ali lançar uma pitada de... (O homem citou uma substância que não posso revelar). Vês, continuou a mulher, que diarréia tem ele, etc. etc. Não há mais esperança!!"

" O homem me disse que tal revelação lançou tal perturbação em sua alma, que nada teve de mais apressado do que deixar a cidade. Assegurou-me estar informado da saúde anterior de seu patrão, que era das melhores e que, efetivamente, desde cerca de quinze meses, tinha uma disenteria incurável."

Capítulo V

Cura magnética das feridas e traspasse das doenças

I

Conforme as crenças do século XVII, não só se podia aliviar ou fazer alguém sofrer à distância, operando sobre uma mumie, como acabamos de ver nos dois capítulos precedentes, mas ainda se tinha a pretensão de curar grande número de doentes, extraindo de seu organismo o fluido malsão, causa da moléstia, por meio de certas substâncias que possuíam a propriedade de o absorver.

Numerosos volumes foram escritos pró ou contra esse gênero de medicação, que é suficientemente bem exposto no Cap. IX da *Physique occulte* do abade Vallemonte (1). Reproduzo suas principais passagens, intencionalmente deixando subsistir a enumeração de certos fatos, que nossa geração reconheceu falsos, para mostrar que os raciocínios melhor estabelecidos nem sempre bastam para nos manter na verdade e que, nas ciências naturais, o que, antes de tudo, é preciso estabelecer é a realidade dos fenômenos.

(1) Este livro, publicado pela primeira vez em 1693, teve muito sucesso, pois tenho em mãos a segunda edição, impressa em 1696, que contém um certo número de digressões, acrescentadas por um curioso da natureza.

II

Quando um bom ímã toca um ferro, dá-se nessa pedra um escoamento magnético de corpúsculos que imantam esse metal, isto é, que lhe comunicam a virtude do ímã, como se vê na agulha da bússola. Há médicos que pretendem que os doentes exalam

corpúsculos morbíficos, podendo, por esta via, transmitir sua doença a um outro e dela se libertar por uma cura que chamam magnética, por causa de certa analogia que tem, com os escoamentos que passam do ímã ao ferro.

Sobre este ponto há uma grande querela entre os sábios. Uns dizem que há mesmo uma propagação de moléstias que é apenas muito efetiva, mas que a pretensa transplantação é uma coisa inteiramente quimérica. Hermanus Grube é desta opinião e sustenta, num pequeno livro que tem por título *De transplantatione morborum analysis nova*, impresso em Hamburgo em 1674, que nada é mais incerto e menos possível que esta cura magnética.

Bartholin (2) defende com todas as suas forças a transplantação. Por vários exemplos mostra que a coisa é possível e não deixa de apelar à razão para provar que essa cura é muito natural. O *Journal des Savants*, há alguns anos, deu o extrato desse livro, que é muitíssimo curioso. Há um grande número de pessoas cultas que são da opinião de Bartholin e explicada muito claramente pela filosofia dos corpúsculos. Eis mais ou menos como fala o *Journal des Savants*:

(2) *Thomas Bartholin, nascido em Copenhague, em 1616, morto em 1680. Foi professor de medicina em Copenhague e fez várias descobertas anatômicas, notadamente sobre os vasos lácteos, torácicos e linfáticos. Suas principais obras são: Anatomia, 1641; De uce animalium, 1647; De monstro in natura medicina, 1662.*

"A transplantação das moléstias é quando uma pessoa é curada de um mal, comunicando-o a qualquer animal, ou a uma árvore, ou a uma planta. É assim que Bartholin diz que uma pessoa atacada de uma febre foi curada pondo pão quente sob a axila e o dando, todo embebido em suor, para tem cachorro comer. E que uma outra foi curada de icterícia fazendo um bolo amassado com urina e farinha e o dando a comer a um gato.

Conta Robert Fludd (3) a como, por meio de transplantação, um tal de Joannes Rumélius Pharamandus curava sistematicamente de gota. Esse Robert Fludd, doutor em medicina, pegava unhas dos pés e

pêlos das pernas dos gotosos e os punha num buraco feito num tronco de carvalho até à medula; e, tendo tampado o buraco com uma cavilha feita da mesma madeira, cobria o exterior com excremento de vaca. Se a moléstia não voltasse no espaço de três meses, concluía que o carvalho tinha bastante força para atrair a si todo o mal (*Philosophia Mosaica. lib. 2*).

(3) Nascido em Milgat, no condado de Kent, em 1575 e morto em 1637, R. Fludd foi um dos sábios mais singulares de seu tempo. Mostrando-se partidário decidido das doutrinas da Kabala, cujos mistérios havia sondado, gostava das ciências exatas e dava provas de raro espírito de observação. Ninguém tinha conhecimentos mais variados; era, ao mesmo tempo, filósofo, médico, anatomista, químico, matemático e físico. Tinha construído máquinas que causavam admiração aos contemporâneos. Tinha renome em toda a Europa como astrólogo, necromante e quiromante.

Os que buscam aliar as ciências ocultas com as ciências positivas devem tomar Robert Fludd por modelo. Seus escritos, que não são muito comuns, parecem ter sido concebidos sobre o plano desta aliança.

Se Robert Fludd tivesse sido apenas um filósofo místico, planando em regiões abstratas do pensamento, tê-lo-íamos passado em silêncio; mas foi, ao mesmo tempo, um investigador sagaz que, auxiliado pela experiência, chegou a estabelecer princípios próprios para exercer grande influência na marcha das ciências físicas. O método experimental empregado pelo autor lembra-nos, pelo rigor matemático, os princípios da filosofia natural de Newton. (FERD HOEFER. Histoire de ta Chimie, T. II, pg. 177).

Pretende este sábio inglês que essa transplantação se faz muito naturalmente pela efusão da Mumie ou dos espíritos que residem no sangue, e que pode fazê-los passar a um animal, a uma árvore, ou a uma planta (4) *Mumia spiritualis cujus sedes est in sanguine microcosmico ex corpore humano, mediante quadam substantia magnetica ex eodem subjecto electa extrahi potest atque in bestiam, arborem, vel plantam transplantari; ita ut hac etian ratione morbus aegroti possit ab eo in dictas creaturas transferri.*

(4) ANDRÉAS TENZEL. (Medicina diastatica, Ch. VII) diz que a sensibilidade de uma pessoa pode ser transferida a uma planta, enterrando sob a planta uma mumie, isto é, um objeto saturado dessa sensibilidade, como, por exemplo um pedaço de carne. "Sobretudo é preciso prestar muita atenção, para não prejudicar o arbusto ou a planta que assim foi saturada de uma parte do membro da mumie; ao contrário, é preciso tratá-lo e cuidar de ajudar seu crescimento."

Prova-se esta efusão de espíritos pela experiência de vários cães que, tendo perdido o seu dono, o procuravam numa grande feira, seguindo-o por toda a parte por onde ele havia passado, posto que a cavalo, e enfim o encontravam, guiados pelo sentimento da mumie específica, que transpirava incessantemente do corpo do dono, e que deixava traços de sua pessoa no ar, mesmo durante muito tempo após a sua passagem.

Considerando-se isso como constante, não se trata mais, para a transplantação das doenças, do que de achar uma matéria à qual a mumie da parte doente se possa ligar facilmente, para que esta matéria lhe sirva como veículo para a transportar a um animal, a uma árvore ou a uma planta, para fazé-la adaptasse, como diz Paracelso, aos animais ou vegetais.

Assim, segundo Robert Flud, para a tísica ou pulmonia, há que aplicar, na região do coração, grãos de linho ou de genebra; para a hidropisia, é preciso pôr pimpinela ou absinto sobre o ventre do doente: para as suturas ou contusões, toma-se tanchagem ou hiperição; nos tumores ou feridas, aplica-se persicária ou borragínea (pequena ou grande); nas dores de dentes ou dos olhos recorre-se à persicária manchada.

Aplica-se também sobre o mal, com o grão ou a planta, um pouco de terra preparada, misturada com outras terras, na qual se mete, em seguida, o grão ou a planta. Deixam se crescer essas plantas até que tenham atraído as mumies a si. Depois do que são queimadas com a terra, se a doença é úmida; ou então são postas a secar, se a doença não excede o calor, nem a umidade. E, à medida que a planta morre e seca, o doente recobra a saúde. Se a moléstia vem do calor, como nas pulmonares, atiram-se a planta e a terra em água corrente.

Enfim, se se faz comera planta impregnada de corpúsculos morbíficos a qualquer animal mais robusto que o doente, o animal ficará com a doença e o doente ficará liberto.

Eis a operação da transplantação das doenças, tal qual ensina Robert Fludd, e como ela foi praticada por ele e por seus amigos.

É preciso observar que esta mumie não se tira somente por transpiração insensível, mas ainda pelo suor, pela urina, pelo sangue, pelos cabelos, recolhendo os que caem da pele, quando se esfrega um pouco forte (5).

(5) As aparas de unhas e os cabelos cortados do sacerdote de Júpiter deviam ser enterrados sob uma árvore feliz (Aulu-Gelle, X, 15). Aproxima-se este costume do dos Persas, que enterravam sempre as aparas de unhas e os cabelos cortados.

Assim, um homem de qualidade na Inglaterra curava da icterícia um doente muito afastado, desde que tivesse a sua urina. Fazia o seguinte: misturava a urina com cinza de freixo, formando 3,7 ou 9 bolinhas que furava cada uma de lado, enfiando no buraco uma folha de açafão e enchendo-o de urina. A seguir colocava as bolas afastadas, onde ninguém as tocasse e desde logo o mal começava a diminuir. Robert Fludd assegura que mais de cem pessoas de todas as condições foram curadas por este senhor inglês.

Também Balthazar Wagner assegura que muitas vezes curou a vermelhidão e a inflamação dos olhos aplicando na nuca raiz de malva colhida quando o sol está pelo décimo quinto signo de Virgo.

Se forem tomadas unhas dos pés e das mãos de um hidrópico, se forem presas às costas de um caranguejo e o atirarem no rio, o doente ficará bem curado.

Se esfregarem as verrugas fortemente, até sangrar, com um pedaço de carne de boi, e se se enterrar esta carne, à medida que ela apodrece as verrugas secam e desaparecem.

Assim um homem de qualidade curava da gota aplicando no lugar dolorido um pedaço de carne de boi, umedecida com um pouco de vinho; retirando-a seis horas depois, encontrava a apodrecida e a dava a comer a um cachorro, para o qual a moléstia passava, depois de

várias operações semelhantes. Pode curar-se a epilepsia da mesma maneira.

Passarolus diz que se as hemorróidas forem tocadas com uma cebola de tuberosa seca; se ela se corromper acontecerá o mesmo às hemorróidas. Por isto recomenda muito que se ponha a cebola a secar na chaminé (Fascicul. arcanor.; I, pg. 210).

Jamais tive boas razões para combater essa transplantação das doenças. Mais de metade da questão já está decidida pela certeza e pela triste experiência, que se tem, de que há moléstias como a peste, que se comunicam com terrível facilidade. Presentemente restaria saber se a pessoa que comunica a moléstia, a perde. Gostaria de o distinguir e tratar a coisa com método.

Diria que uma moléstia, fortemente arraigada no sangue, nos humores e na medula dos ossos, não poderia transplantar-se de modo que o doente se libertasse. Um gotoso, por exemplo, que tem o seu mal daquele mesmo de quem recebeu a vida, o tem por sua conta e duvidaria muito que a transplantação pudesse livrá-lo. O mesmo se pode dizer de uma pedra nos rins ou de uma veia rompida no corpo, de um olho perdido.

Não é o mesmo com uma moléstia que não se firmou nem lançou raízes profundas e eu acreditaria mesmo que a transplantação aí poderia se fazer naturalmente, desde que os sensitivos estejam presentes e na atmosfera dos corpúsculos que transpiram do doente.

Vários médicos ergueram-se contra essa cura magnética e pretenderam que fosse supersticiosa. Bartholin, que Frommann chama de Astro brilhante da Dinamarca, prova, ao contrário, que ela não encerra nenhuma superstição, pois que só se usam coisas naturais e tudo se faz sem palavras, sem caracteres e sem qualquer cerimônia. Acrescenta que há exemplos na Sagrada Escritura; que Moisés praticava coisa semelhante (6), e mesmo o Filho de Deus, quando fez o demônio passar do corpo de um possessa para a manada de porcos

(Cent. 3; histor. 56). E na ocasião do pequeno livro de Hermannus Grube contra a transplantação das moléstias, Bartholin fez uma carta onde estabeleceu, tanto por experiências sagradas quanto profanas, que essa transplantação é uma coisa verdadeira e natural. As suas razões principais são tiradas da transpiração insensível e dos escoamentos da matéria sutil, que sai do corpo do homem pelos poros...

(6) *Lê-sé em Cabanis (Rapport du physique et du moral de l'homme, T. II, pg. 540): Vemos no terceiro livro dos Reis, que David deitava-se com lindas moças para se aquecer e ganhar um pouco de forças. Pelo relato de Gallien (Methodus medendi, lib. III, cap. XII) os médicos gregos desde muito haviam reconhecido no tratamento de diversas consumpções a vantagem de fazer mamar numa ama jovem e sadia; e a experiência lhes havia ensinado que o efeito não é o mesmo quando se limitam a fazer o doente tomar o leite, depois de o ter recebido num vaso. Cappivaccius conservou o herdeiro de uma grande casa da Itália fazendo-o deitar-se entre duas jovens fortes. Conta Forestus que um jovem polonês foi retirado do mesmo estado, passando os dias e as noites junto de uma ama de leite de vinte anos; e o efeito do remédio foi tão pronto que logo temeram ver o convalescente perder de novo as forças com a pessoa que as havia dado..."*

Diz o Doutor Pigeaire (Puissance de l'électricité animale, pg. 231) que não há senhoras que não saibam que não é sadio para a criança dormir com uma pessoa idosa, embora esta goze de saúde perfeita... Havia outrora, nas montanhas do Auvergne, um costume que é bom mencionar. Quando um viajante fraco, doentio ou transido de frio chegava a uma hospedaria, perguntavam-lhe se queria um leito aquecido ou abrasado. O viajante respondia naturalmente: "Desejo um leito bem quente." No momento de se deitar ficava muito surpreendido ao ver sair de seu leito um rapaz bochechudo, bem posto e muito corado, envolto da cabeça aos pés num gabão de tela bem limpo. No dia seguinte o nosso viajante se apressava em se informar se era uso dar um leito onde um outro estava deitado. - Senhor, pedistes que o vosso leito fosse quente; se tivésseis querido abrasado, teriam posto bacia com brasas. - Qual a diferença entre os dois métodos? - Oh! senhor, é muito diferente: o leito aquecido por uma pessoa jovem, sã e vigorosa restaura e fortifica muito mais.

Desde que se pode adquirir uma moléstia pelos poros, porque não se pode dela livrar-se pela mesma via? (7)

(7) *Vide notas H e K.*

Assim Fromman assegura que um escolar que tinha uma febre maligna, a deu a um cão que fazia deitar-se em seu leito; o escolar escapou e o cão dele morreu. (De fascinat magic p. 1014/34)

Thomas Bartholin conta como seu tio, que tinha uma cólica muito violenta, dela se curou por um cão que lhe aplicaram ao ventre, e que para ele passou. Disse que sua criada, tendo encostado o mesmo cão no seu rosto, ficou aliviada de uma dor de dente muito forte e que, ao escapar, pelos movimentos e pelos gritos, o cão fez ver muito bem que o mal havia passado para ele.

Diz Hoffmannus que um homem, atormentado pela gota dela se livrou por um cão que a tomou, porque dormia em seu leito e que, de tempos em tempos, o pobre animal tinha a gota, como antes o seu dono (loc. cit. p. 367).

Sobre isto diz Borellus que é o verdadeiro meio para conhecer as doenças que são ocultas no corpo humano. Porque, diz ele, se se puser durante quinze dias um cãozinho para dormir com um doente, se se alimentá-lo com os restos de comida do doente, se ele lambe os seus escarros, é certo que tomará o mal daquela pessoa. Depois disso é só abrir o cão e descobrir-se-á, na parte que contraiu a moléstia, a do doente que é preciso aliviar. Até ordena que se ponham cãesinhos no leito dos gotosos para que ao menos atraiam uma parte da moléstia, de sorte que se os vejam em pouco tempo num estado em que apenas se podem sustentar. (BORELLUS, Cent. 3, observat. 28).

III

Seria muito longo aqui reproduzir a teoria do sábio padre sobre o fenômeno da transplantação. Ela não é nem mais nem menos aventurosa que a que nós mesmos poderíamos dar. Mas não é sem interesse mostrar, ao que me parece, pelo enunciado dos princípios filosóficos sobre os quais se apóia, que os homens de bom senso

raciocinavam há dois séculos como hoje e que tinham de combater as mesmas objeções, os mesmos preconceitos. Assim, desnecessário é rejeitar levianamente o seu testemunho, como fazem muitas pessoas, para as quais o espírito científico só nasceu no momento preciso em que elas apareceram no cenário do mundo.

a) O poder da Natureza.

Não devemos medir a extensão do poder da Natureza pelos estreitos limites de nossa inteligência. Sem dúvida seria uma conseqüência má dizer: "Não concebo como isto pode acontecer; portanto isto não é natural; então há diabrura." Irá mesmo muito a dizer sobre tal raciocínio, pois nele se supõe, como princípio, que se conhece tudo o que é natural, no que, certamente, a gente se engana muito. Porque há - diz Plínio - muitas coisas ocultas no seio da Natureza, que não nos é possível penetrar. *Natura vero rerum vis atque majestas in omnibus momentis file caret* (Hist, nat. lib. VII, cap. I).

Posto que, entre vários desses efeitos maravilhosos, que não são referidos pelos físicos, alguns haja fabulosos, e que não se sustentam senão pela tola credulidade dos espíritos simples, que nunca examinam coisa alguma, não se deixará de concordar que há grandíssimo número de efeitos puramente naturais, que aqueles que mais têm estudado a Natureza jamais puderam explicar e que, portanto, seria ridículo atribuí-los ao demônio...

É, portanto, uma injustiça atribuir à magia efeitos cujo mecanismo não se compreende (8). Acusemos a fraqueza do nosso espírito em vez de o fazermos á Natureza! Cremos que ela jamais age senão a descoberto e sensivelmente? Será preciso que ela sempre empregue agentes visíveis e palpáveis, para que lhe conservemos a honra de um prodígio? Desde que ela se subtrai aos nossos sentidos, será preciso

que esteja exposta à censura do nosso espírito? Tudo quanto não se fizer sob as nossas vistas será sempre feito pelo diabo? Haverá somente o demônio como agente invisível? Não há também pequenos corpúsculos que se podem invisivelmente comportar como agente sobre o paciente e juntar, por um contacto físico, dois corpos que parecem desunidos aos olhos e afastados um do outro? Quantos maquinistas fazem coisas por sua arte, que nos parecem encantos e que não compreendemos? Com mais forte razão, quantas coisas fará a Natureza, que nos ultrapassam infinitamente mais, desde que ela, como diz muito bem Galiano, é o mais hábil operário que há no mundo?

(8) Van HELMONT (*De cura magnética vulneram*, núm. 36) já deplorava o mal que a crença na magia faz às ciências e em particular a física: *Quod dolendum summopere atque admirandum magis artes mecanicas proficere quotidie, solum vero naturalium studium consuris iniquis terreri et retroire.*

Segundo Bartholin (*De natur. mirabilib.*, pg. 72) a Natureza é um abismo que não se deve sondar apenas pelo ministério dos sentidos: estes são juízes subalternos, cuja jurisdição é muito limitada para julgar a extensão de seu poder. Quando pomos o espírito como guia dos nossos sentidos, quanto nos acontece ainda, muitas vezes, permanecer obtusos diante de numerosos efeitos que se apresentam diariamente. E, após muito trabalho e aplicação de espírito, muitas vezes temos que nos contentar em explicar por analogia diversos efeitos que, por nós mesmos, não poderíamos desenvolver com precisão. O grande Scaliger não estava errado exclamando creio que contra Cardan: "Tu, que és o sábio, dize-me bem claramente, o que é uma dessas pedras que encontras tantas sob os teus pés?" *Dic mihi formam lapidis, qui tamen quotidie tuis observatur oculis et Phillida solus habeto...* (cap. XVI).

Não podem crer que possa ocorrer algo na Natureza além do que conhecem. Tudo quanto não compreendem não pode ser natural.

Por isso o mundo está cheio de tantas fábulas grosseiras e ridículas, tocante aos feiticeiros. Os que sabiam um pouco de grego e de hebreu, há algumas centenas de anos, passavam por Mágicos. Aconteceu várias vezes a ignorantes tomar figuras de matemática por caracteres mágicos. Jean Schiphower, da ordem dos Hermitas de Santo Agostinho, do convento de Osembrug, no Condado de Edimburgo, falando da imprensa, ali por 1440, disse que nesses primeiros começos, os supersticiosos e ignorantes a faziam passar por uma arte em que podia haver a mais criminosa magia. Não há pelotiqueiros cujas sutilezas não passem por feitiçarias junto a muita gente, ainda no mesmo espírito que hoje vemos acusarem de magia as operações da radiestesia, porque a causa lhes é desconhecida. (Prefácio).

b) O mecanismo da Natureza

É preciso notar, de início, que por Mecanismo da Natureza não se quer significar um ser que, sem ser Deus, agiria por todo o mundo, como o entenderam os filósofos pagãos, porque eles imaginavam que a Natureza era uma alma universal, que animava e punha em movimento todas as coisas corporais. Mas, por Mecanismo da Natureza entenderemos sempre as leis gerais do movimento, que o Criador estabeleceu, e segundo as quais governa o Universo.

Ainda é preciso notar que, como é constante que não há efeito sem causa, desde que nada pode produzir-se por si mesmo, é igualmente certo que nenhuma causa pode agir sobre algum indivíduo, senão o tocando, conforme este princípio natural, que jamais deve ser esquecido, que **NADA AGE SOBRE O QUE ESTÁ DISTANTE** - nihil agit in rem distantem.

Suposto isto, digo que a Natureza, agindo sempre pelas vias mais simples e jamais fazendo nada em vão, quando opera maravilhas não

tem outra conduta senão aquela que tem, por assim dizer, nas obras comuns e cujas molas estão inteiramente a descoberto. Este princípio é de máxima importância; e, por não ser considerado na explicação dos fenômenos da Natureza, os filósofos escolásticos e a massa popular lançaram-se nos extremos opostos que igualmente retardaram o progresso que os homens podiam fazer no estudo das coisas naturais.

Acostumada a não se elevar acima das coisas sensíveis, e não podendo imaginar que a Natureza empregasse agentes que não fossem visíveis e palpáveis, a massa popular atribuiu aos feiticeiros e aos demônios todos os efeitos cujo mecanismo ela não podia explicar.

Os filósofos escolásticos, ao contrário, não querendo rastejar com o povo nas coisas grosseiras e sensíveis, tomaram o caminho oposto. Quando se tratou de explicar os surpreendentes fenômenos da Natureza, eles apelaram para as qualidades reais, para as formas substanciais e para os termos pomposos simpatia, antipatia e virtudes ocultas, sob os quais quiseram ocultar sua ignorância, pelo que sempre foram censurados..

Para nós, o nosso desígnio é marchar entre esses extremos (Cap. III).

c) A divisibilidade da matéria.

Basta um pouco de atenção para se compreender algo da extrema pequenez dos corpúsculos insensíveis e para se assegurar da existência dos que ultrapassam de muito os outros em tenuidade.

1. - É certo que os corpúsculos que estão na pista de uma lebre caçada por um cão e pelos quais este é dirigido, são mais sutis que os átomos que transpiram do musgo e do âmbar, pois que os corpúsculos da lebre escapam ao nosso olfato, ao qual as partículas odoríferas são muito sensíveis.

2. - É certo que os corpúsculos do ar devem ser mais sutis que a matéria transpirada pela lebre, pois que esta matéria é sensível ao olfato do cão e que o ar não é da jurisdição de nenhum dos nossos sentidos.

3. - É certo que os raios do sol são mais sutis que o ar e que a água, pois os corpúsculos de luz passam através dos vidros, o que não podem fazer as partículas do ar e da água.

4. - É certo que os corpúsculos magnéticos que se escoam do ímã são mais sutis que os raios do sol; porque a matéria magnética faz mover uma agulha de bússola através da madeira, do marfim e dos metais mais duros, que são coisas impenetráveis aos átomos luminosos.

5. - Talvez haja ainda corpúsculos infinitamente mais sutis que os do ímã. Com efeito, nada impede que julguemos que esses pequenos animais, só visíveis ao microscópio, tenha um sangue composto de partículas ainda mais finas que tudo quanto acabamos de considerar. Esses pequenos animais, que o olho jamais tinha visto antes da invenção do microscópio, sem dúvida tem órgãos e condutos para tomar e digerir os alimentos; tem ovos para a propagação de sua espécie; há nesses ovos outros animais ainda menores, que aí se alimentam (9) (Cap. X).

(9) O senhor METZGER (*Essai sur le spiritisme scientifique*, pg. 52) refere, segundo o Professor Mac-Pherson, algumas experiências feitas na Inglaterra sobre o olfato, sentido que parece muito particularmente agudo nas pessoas ocupadas nas farmácias.

Entre elas escolheram 60 homens e 40 mulheres, A seguir tomaram drogas, diluíram-nas tanto e tanto que parecia impossível que ficasse algum cheiro perceptível. Os homens mostraram um apuro de olfato duplo do observado para as mulheres. Alguns descobriram ácido prússico em 2 milhões de partes d'água. Noutra experiência, os odores foram diluídos e disseminados numa sala com 9 mil pés cúbicos de ar. Houve sensitivos que perceberam uns trezentos milionésimos de clorofenol e a milésima parte dessa quantidade de mercaptan.

Ver-se-á na nota L que a transplantação das moléstias com o auxílio dos animais e das plantas não cessou de estar em uso entre os magnetizadores e o povo. Recentemente foi introduzida nos grandes hospitais de Paris, com uma forma particular, sob o nome de Traspases.

Em 1885 o doutor Babinski, chefe de clínica do senhor Charcot, na Salpêtrière, comunicou à Sociedade de Psicologia Fisiológica (sessão de 25 de outubro). uma nota resumindo uma série de experiências divididas em duas categorias.

As primeiras se referiam a duas moças histero-epilépticas, tendo cada uma, uma hemi-anestesia sensitiva sensorial e ambas facilmente hipnotizáveis. Colocaram-nas sentadas, costas contra costas, mas sem necessidade de contacto, e aproximavam um ímã de uma delas. Observava-se, então, que uma das duas doentes, de hemi-anestésica que era, ao cabo de alguns instantes tornava-se anestésica total, ao passo que a outra recobrava a sensibilidade no seu lado anestesiado, conservando-a no lado oposto. Depois operava-se um novo traspasse, mesmo quando se afastava o ímã, isto é, a primeira doente, tornada anestésica total recuperava a sensibilidade em toda a extensão do corpo e, por sua vez, a segunda tornava se anestésica total. Produzia-se, assim, uma série de oscilações consecutivas, provavelmente devidas a que se fazia agir simultaneamente e sem método, os dois pólos do ímã. Quando se afastavam as duas doentes, retornavam rapidamente ao estado apresentado antes da experiência, isto é, ambas hemi-anestésicas. Os fenômenos ocorriam quer estivessem elas em estado de vigília, quer no de sonambulismo.

Em seguida produziram-se por sugestão, numa das doentes, monoplegias braquiais, monoplegias crurais, hemiplegias, paraplegias, umas flácidas, outras espasmódicas: coxalgias e até mutismo. Esta doente era então posta ao lado de sua companheira, perto da qual se

colocava o ímã. Ao cabo alguns instantes produzia-se o traspasse; a enfermidade deixava a primeira e, como que atraída pelo ímã, passava para a segunda, com seus caracteres e localização exatos. Depois sobrevinham oscilações análogas às indicadas acima. Quando se afastava uma doente da outra, aquela sobre a qual a enfermidade se achava no momento a conservava, e era preciso tirá-la por sugestão.

O sonambulismo foi transferido também de um sensitivo adormecido ao outro desperto, sob a influência do ímã.

Na segunda série de experiências, diz o doutor Babinski, "tomamos doentes histéricos, homens ou mulheres, apresentando manifestações histéricas, tais como paralisias flácidas ou espasmódicas, não mais artificiais, mas naturais, isto é, sobrevindas independentemente de qualquer sugestão de nossa parte, e que motivaram a admissão desses doentes no hospício. Na maioria esses doentes jamais foram hipnotizados e, nas experiências seguintes foram deixados em estado de vigília. Colocamos os doentes em estado de relação com um ou outro dos dois sensitivos de que falamos acima que mergulhávamos no período sonambúlico do grande hipnotismo e ao lado do qual púnhamos o ímã.

"Observamos que, sob essa influência, o sensitivo hipnotizado não tardava a apresentar os mesmos acidentes que o histérico, ao lado do qual se achava. Entretanto, a transmissão dessas paralisias se faz com menos pureza do que nas experiências da primeira categoria. Mas uma diferença muito maior separa as experiências da primeira das da segunda categoria. Com efeito, nestas últimas, a bem dizer não há traspasses. Os acidentes histéricos se transmitem ao sensitivo hipnotizado, mas persistem com todos os seus caracteres nos doentes primitivamente por eles atingidos. Contudo, repetindo essas experiências um certo número de vezes, talvez se chegasse a fazer tais paralisias desaparecerem e aí estaria um método de tratamento. Com efeito, observamos num caso, em face de duas experiências

consecutivas, uma contratura espontânea de um membro inferior atenuar-se notavelmente. Aliás, propomo-nos a prosseguir tais pesquisas".

Foi o doutor Luys quem as retomou no hospital da Charité e lhes deu uma grande repercussão. Limitar-me-ei aqui a dar um golpe de vista sumário.

Seu primeiro método consistia em pôr o doente em comunicação, pelas mãos, com o sensitivo ante o qual estava sentado. Por um processo qualquer esse sensitivo era levado à primeira fase de letargia da hipnose, depois um operador determinava a fusão, por assim dizer, dos dois estados nervosos, passeando o pólo norte de um grande ímã, sempre no mesmo sentido, ao longo do círculo formado pelos braços e as espáduas dos dois pacientes.

Ao cabo de alguns passes levava-se o sensitivo até o sonambulismo e então era constatado que ele havia tomado a personalidade nervosa e psíquica do doente, lastimando-se dos mesmos mal-estares e apresentando as mesmas enfermidades. A seguir curava-se o sensitivo por sugestão e o despertavam. Depois, durante um certo número de dias recomeçava-se a mesma operação e, em muitos casos, ao cabo de uma dúzia de sessões, chegava-se a uma notável melhora no estado do doente.

Assim vi curar, ou pelo menos modificar de maneira muito feliz, paralisias, vertigens, cefalalgias e mesmo batimentos do coração, etc.

Mais tarde o doutor Luys limitou-se a colocar um ímã em forma de ferradura, primeiro na cabeça do doente (os pólos para a frente, o pólo norte sobre a têmpora direita), durante cinco a seis minutos, depois sobre a do sensitivo, posto previamente em letargia hipnótica. Eis como, a 10 de fevereiro de 1894, ele dava contas à Sociedade de Biologia, de algumas de suas experiências

O senhor d'Arsonval entreteve a Sociedade de Biologia, na última sessão, conforme comunicação de um físico inglês, com a persistência

numa barra imantada, da ação do fluido magnético tendo, de certo modo, conservado a lembrança de seu estado anterior. - Minhas pesquisas nesta ordem de idéias me levaram a constatar, desde muito tempo, fenômenos análogos, com o auxílio das coroas imantadas postas na cabeça de um sensitivo em estado hipnótico. - Neste caso trata-se não mais do armazenamento das vibrações de natureza magnética, mas antes das vibrações de natureza viva, de verdadeiras vibrações cerebrais, propagadas através da parede craniana, e armazenadas numa coroa imantada, na qual elas persistem durante um tempo mais ou menos longo.

Para constatar esse fenômeno, não me sirvo de um instrumento físico incapaz de responder, mas de um reativo vivo de um sensitivo hipnotizando e, pelo fato, tornado ultra-sensível às vibrações magnéticas vivas.

Apresento à Sociedade a coroa imantada, da qual já lhe fiz ver diversos modelos. Com o auxílio de um sistema de correias, ela se adianta sobre a cabeça, abraça-a circularmente e deixa livre a região frontal.

Constitui, assim, um ímã curvo, com um pólo positivo e um negativo. - Esta coroa foi colocada, há mais de um ano, na cabeça de uma mulher atingida de melancolia com idéias de perseguição, agitação e uma tendência para o suicídio, etc. A aplicação dessa coroa na cabeça dessa doente trouxe, depois de cinco ou seis sessões, uma progressiva melhora de seu estado e, depois de dez dias julguei poder sem perigo despedi-la do hospital. Ao cabo de uma quinzena, tendo a coroa sido isolada, tive a idéia, puramente empírica, de a por sobre a cabeça do sensitivo aqui presente.

Este sensitivo é homem hipnotizável, histérico, atingido por freqüentes crises de letargia. Qual não foi a minha surpresa ao vê-lo, em estado de sonambulismo, proferir lamentos, proferidos quinze dias antes, pela exatamente os mesmos, doente curada!

A princípio ele havia tomado o sexo da doente; ele falava no feminino; ele acusava violentas dores na cabeça; ele dizia que ia ficar louca, que seus vizinhos entravam no quarto para lhe fazer mal, etc. Numa palavra, graças à coroa imantada, o sensitivo hipnótico havia tomado o estado cerebral da doente melancólica. A coroa imantada, tinha, pois, agido suficientemente para subtrair o influxo cerebral mórbido da doente (que se havia curado) e para o perpetuar, como uma lembrança persistente, na textura íntima da lamina magnética. Eis um fenômeno que reproduzimos muitas e muitas vezes, desde vários anos, não só no sensitivo presente, mas em outros.

Esta comunicação é na ordem dos fenômenos fisiológicos, semelhantes à do senhor d'Arsonval sobre a duração de certos estados anteriores em corpos inorgânicos: ela vai suscitar - não tenho dúvida - muita admiração e acessos de ceticismo em pessoas não habituadas às pesquisas de hipnologia.

Vão pôr em dúvida a sinceridade do sensitivo, sua disposição para produzir o maravilhoso, sua tendência ao arrastamento e talvez, também, a aquiescência muito fácil do operador.

A todos estes subentendidos responderei apenas uma coisa: que este fenômeno da transmissão dos estados psíquicos de um sensitivo, com o auxílio de uma coroa imantada, que guarda as impressões percebidas, já entra na ordem dos fenômenos precedentemente comunicados pelo senhor d'Arsonval. - E, por outro lado, a primeira vez que fiz esta experiência, ela o foi malgrado meu, de maneira toda empírica. A coroa impregnada foi posta na cabeça do sensitivo hipnótico cerca de quinze dias depois de ter sido posta na da doente. Houve fatalmente uma primeira operação, cujos resultados eu ignorava absolutamente; mas, assim como o sensitivo hipnotizado, não sabíamos o que se ia passar, e o sensitivo impressionado reagiu, moto próprio, sem excitação outra senão a coroa magnética.

Pode-se pois dizer sem buscar deduzir conseqüências ulteriores outras, que certos estados vibratórios do cérebro, e provavelmente do sistema nervoso, são susceptíveis de conservação numa lamina curva imantada, como o fluido magnético numa barra de ferro doce e de aí deixar traços persistentes. Bem mais, como nas experiências do senhor d'Arsonval, para destruir essa propriedade magnética persistente, é preciso matá-lo pelo fogo. Como diz ele, a coroa necessita ser levada ao rubro para cessar de agir (10).

(10) Igualmente podem ser destruídas as propriedades múmicas da coroa, fazendo mergulhar os dois pólos em água e constatei que a água se carregava então, à custa do ímã e se tornava ativa para os sensitivos (vide pg. 172).

A 19 de abril de 1892, no serviço do Doutor Luys, eu mesmo assisti ao seguinte fato, que encontro sumariamente em minhas notas e que, talvez, seja aquele ao qual o Doutor Luys alude na citação precedente.

"Uma coroa imantada havia servido quinze dias antes, para o tratamento de uma doente. Desde então a doente tinha saído do hospital, curada ou mais ou menos curada e a coroa guardada num armário. Puseram-na à cabeça de um sensitivo em letargia hipnótica e ele apresentou os sintomas da doente e as disposições psíquicas de há quinze dias; a coroa as tinha registrado e reproduzido como o fonógrafo registra e reproduz a voz.

"O mesmo fenômeno certamente ter-se-ia produzido se o doente tivesse morrido; de modo que, por esse processo, poder-se-ia ter uma espécie de evocação de uma personalidade que não estivesse mais neste mundo."

A 25 de dezembro do mesmo ano e no mesmo lugar, vi colocarem uma coroa imantada, primeiro na cabeça de um gato, depois na de um sensitivo em estado de receptividade; depois na de um galo e de um outro sensitivo, igualmente preparado. Em ambos os casos, os

sensitivos tomaram atitudes e o grito dos animais, dos quais lhe haviam feito o traspasse, assim como o estado psíquico.

No caso do galo, pedi ao doutor Luys que forçasse o ponto da memória sonambúlica do sensitivo desperto (pois tinha perdido a lembrança do que se havia passado em seu sono), e que lhe perguntasse em que pensava quando dormia. O sensitivo respondeu que pensava em suas galinhas.

O ímã seria, pois, uma substância particularmente própria a servir de mumie nas doenças do sistema nervoso.

Tendo em conta nossas idéias modernas sobre a constituição da matéria e experiências relatadas no primeiro capítulo desta obra, poder-se-ia supor que o estado vibratório especial dos eflúvios do doente modifica o estado vibratório do ímã (11) depois, que o ímã, assim posto em sintonia com o doente, por sua vez age sobre o sensitivo para fazer vibrar da mesma maneira o seu sistema nervoso.

(11) Um dia fiz por a coroa imantada na cabeça de uma criança afetada pela dança de São-Guido. O sensitivo vidente. Albert L., pretendeu que os eflúvios da coroa que, antes da imposição, tinham a aparência de chamas regulares, tinham tomado, após a imposição, movimentos sacudidos.

Poder-se-ia igualmente supor que o ímã seja um condensador do fluido nervoso humano, sobre o qual age absorvendo-o e o dissolvendo, para o expelir a seguir, quando as condições não forem mais às mesmas. É assim que, conforme as experiências e segundo a expressão de Graham, o ferro e o paládio fecham o hidrogênio e os colóides fecham facilmente os gases susceptíveis de liquefação.

Nestas condições, a cura far-se-ia retirando pouco a pouco em cada operação, o fluido viciado que seria substituído por fluido puro, fornecido pelo meio ambiente.

Em todos os casos, do ponto de vista curativo, parece inútil fazer o traspasse para uma outra pessoa. Bastaria modificar o estado nervoso do doente, quer pelo ímã, quer por qualquer outra substância capaz de agir como mumie (12) É com efeito, o que ocorre.

(12) Se esta maneira de ver for justa, poder-se-ia revivificar a coroa; todas as vezes que fosse empregada, como o indiquei na nota da página 165, ou, mais simplesmente, procurar a mumie especial para cada pessoa o que constitui o princípio da metaloterapia; ou, enfim, limitar-se e envolver a cabeça do doente em panos molhados, mudando-os com freqüência, pois a água é uma mumie em quase todo o mundo.

Aí estão simples deduções, que não tive ocasião de verificar.

Diz o senhor Ochorowicz (Suggestion mentale, pg. 182) "Tiredores de cabeça de centenas de pessoas pela simples imposição das mãos. Por este meio, velho como o mundo, tiro a dor de cabeça 80 vezes em 100 dentro de alguns minutos.

Em 1850 escrevia Cahagnet: "A imposição da mão na parte doente faz desaparecer por encanto os engurgitamentos. Quando a mão demora dez minutos sobre um ponto muito inflamado, faz o efeito de uma cataplasma carregando-se do calor que essa parte contém: sente-se esse logo, que ganha o antebraço e o cotovelo, a ponto de tornar-se insuportável, Nesse instante, se algum incrédulo duvidar dessa ação de homem sobre homem, pode-se-lhe propor que suporte essa mão assim carregada, por exemplo, na face e aí deixá-la o mesmo tempo que ficou sobre o mal. Ele não tardará a reconhecer, pela dor que sentirá naquele lugar, que estava errado em duvidar: depositastes sobre a sua face sã aquilo que o mal havia depositado em vossa mão." (Guide du magnétiseur).

No caso dos noevi, ou manchas de vinho, notavelmente diminuídas pelos passes do ímã, provavelmente entrava sugestão, e é muito verossímil que a sugestibilidade do doente pudesse ser o resultado do equilíbrio nervoso que se estabelecia com o sensitivo eminentemente sugestionável com o qual o emparelhavam.

Aliás, todos esses fenômenos devem ser reestudados com métodos e no silencio do gabinete, em vez de serem apenas constatadas mais ou menos as carreiras, numa consulta de hospital, no meio de causas de erro, provenientes das relações entre as pessoas e das explicações fornecidas ao público pelo operador.

Capítulo VI

As Teorias de Maxwell

I

Maxwell, de quem só se conhece o que diz de si mesmo, na única obra que nos deixou, pode ser considerado o pai do magnetismo animal. Com efeito, o Doutor Thouret mostrou que as teorias de Mesmer em parte tinham sido bebidas nas de Maxwell (1).

(1) Recherches et doutes sur le magnétisme animal, Paris, 1784.

Onde este último havia bebido as suas? Eis o mais difícil de determinar. Suas idéias sobre a matéria primeira, sobre a formalidade dos seres e a influência dos astros derivam-se claramente da doutrina tomista, que reinava na escolástica, no momento em que escrevia; mas, para tudo o que se refere à teoria das mumies, ele foi mais longe que Paracelso (1493-1541) e Van Helmont (1577-1634), que o precederam de alguns anos. Pode supor-se que fora de suas próprias observações, foi ajudado pelas revelações de alguns desses sensitivos lúcidos, que existiram em todos os tempos. Infelizmente ele erigiu em aforismos simples deduções mais ou menos lógicas, de fatos realmente observados (2) demais, apresentou-nós como gerais, leis que, se fossem justas, não se poderiam aplicar senão a naturezas inteiramente excepcionais: assim, as mais simples experiências (3) a não tardaram a fazer considerar como um tecido de sonhos um livro que, entretanto, tem apreciações notáveis. Pensei que não deixaria de ter interesse a sua análise aqui, tanto mais quanto é extremamente raro e nunca foi traduzido em francês.

(2) Certamente Maxwell foi um experimentador em magnetismo, porque diz, no Cap. XIII, desenvolvimento da conclusão XII: " Non satis tutum de his agere propter pericula. Ansam praebere potest luxurrosae libidinis explendae, vel maximam. Imo, si haec conclusio clare explicaretur (quod avertat Deus), patres de filiabus, mariti de uxoribus, imo feminae de semetipsis certae esse nequirent." - E, aliás, "Tibi animum ad nefanda non addam; si quidquam ex meis scriptis damnanda sequentia erveris, non non propalabis (cap. XI)... cum enim hajus artis mirabilia viderim maximasque utilitates, tum etiam innumera mala ex debito usa vel incauto abusu..." (praef.)

3) Tais são as que relata, por exemplo, nos capítulos XIV e XV do livro II: " Intestinorum fecibus, ut capite superior superiore dictum est, omnes intestinorum morbi; purgatum etiam corpus, et fluxus inducitur, excitantur et curantur ani vitia et multa alia perficiuntur, quae tui proprio ex periculo, si sedulus es, invenies. Quando applicantur ulcera antiqua, carcinomata, fistulasque curare possunt. Imo, quod pro secreto magno apud quosdam conservatur, unguenti armarii vires sine omni praeparatione eleganter subplent. Tum vero ex homine sano, robustique corporis eligendae sunt, ne imbecillioribus nocumentum ille apparatus inferat. Fecibus hisce herbis salutaribus adhibitis, multa commoda transplantatione inferri possunt.

"Hanc ex multis causam unam puto, cun rustici et qui rure, habitant, salubriores longioresque nobilibus et civibus dies degant: hi enim capsulis feces reconditas vel putrescere sinunt, vel in loco insalubri projiciunt: illi autem terrae eosdem mandantes, herbis salubribus, transplantatione mediante a languoribus immunes maxima pro parte vitam agunt.

"A morbidorum excrementis in genere supra cavere jussimus; hic vero particulatum consilium dare libet, nempe, ut in locis, ubi aegrota aluvum exonaverint, feces non deponas tuas: sic enim multa mala nonnunquam inferuntur; cognovimus enim quosdam tetro odore laesos; allos, licet odorem non perciperint, cum in eodem loco feces deposuerint, in quo prius fluxu correptus idem fecerat, statim fluxu correptos, nulla alia causa procatartica praecedente.

"Causa vero hajus tam mirabili rei ex superioribus satis partet, ab iisque petenda, nec hic repetenda.

"Praeterea cavendum est ne feces super herbas malignas exuberantes sive violenter purgantes deponamus; hisce enim saepius, causa latente, dysenteria periculosa inducitur, quae vix nisi herbis putrefactis, ullis medicamentis cedit. Denique in locis inimicis perviis haec excrementa deponere inconsultum est. Auem dolorem carbo accensus cum spiritu vini sale mixto in hisce excrementis immissus causset, nulli non notum est... Urina... habet cum hepate, renibus et vesica, magnam affinitatem; per has namque partes transit propterea de horum partium morbis per urinam judicant medici...

"Unum tamen miram experimentam hic addam quod tale est. Si in vesica suilla cujuscumque urina ponatur, atque vesica orificium deligenter claudatur, et in camino suspendatur, lotium illius, cajuus urina inibi est, tam valide retinet, ut nullo modo, nullisque

remediis auxiliis mingere in aeternum poterit, nisi ex vesica suilla suspensa lotium, quod impositum erat, dematur...

"Cavendo ergo imprimis est, ne pueri in ignem mingant: saepe enim, illa mictione (nutricum constam affirmatio est) dolorem nephreticum sibi pariunt, alioque plurima mala hinc oriuntur. Nec equidem super herbas venenosas acres et violenter urinam venenosa qualitate cientes mingere convenit; hoc enim modo exulcerado renum et vesica acquiratur. Nec ergo quidem in matula ubi quis, foetido harum partium morbo laborans primo minxerit, urinam redderem, et lotium meum, mixta ejus urina, fermentatione daret."

II

O livro de Maxwell é intitulado: De medicina magnetica libri III, in quibus tam Theoria quam Praxis continetur; auctori Guillelmo Maxvello, D. D. Scoto-Britano Francofurti, MDCLXXIX.

Compõe-se de várias partes:

Um Prefácio do editor Georgius Francas, datado de Heidelberg, 17 de setembro de 1678. Começa por este belo pensamento de Sêneca: *Nobilis et inqueita mens homini data est. Nunquam se tenet: spargitur, et cogitationes suas in omnia nota atque ignota dimittit, vaga et quietis impatiens et novitate rerum laetissima; quod non miraberis, si primam ejus originem adspexeris: non solum terreno et gravi concreta corpore. Ex illo coelesti spiritus descendit. Coelestium enim natura semper in motu est.* (Consolatio ad Helviam. cap. VI).

O Doutor Francus acrescenta que, desde vários anos, foi vivamente solicitado a publicar as obras de Maxwell; que para isto se havia posto em contacto; com Henricus Oldenburgius, secretário da Sociedade Real da Inglaterra, mas que as doenças e as ocupações profissionais ainda não lhe haviam permitido lançar senão este pequeno volume.

Vem a seguir, um prefácio no qual o próprio Maxwell explica que o amor à verdade e o desejo do bem público, apenas, o decidiram a expor opiniões tão contrárias às em curso e a produzir uma obra que,

pelo que sabia, jamais havia sido tentada anteriormente. Pobre e muito ocupado, não foi senão graças ao muito nobre, ilustre e muito douto Cavaleiro Edmond Stufford, que pôde imprimir esta primeira obra, mas espera que a generosidade de um Mecenaz e seus próprios trabalhos lhe permitam dar a conhecer um dia, para o bem público, coisas ainda mais admiráveis.

"Se", diz ele ao terminar, "não sabes mais que a filosofia vulgar ensinada nas escolas, e se, médico, só conheces Galeno, rogo-te que te abstenhas da leitura deste tratado. Os sofismas te bastam, a filologia te agrada, alegra-te discutir sobre as impossibilidades e as quimeras? Eu me absteve de tudo isto. Não me ocupando senão de coisas úteis e necessárias nada tenho em comum com os teus hábitos, não empreendi este trabalho para ti, e não me propus revelar os arcanos a ti e aos teus. Que estas páginas sejam dedicadas a Musas mais independentes..."

O LIVRO I compõe-se de doze Conclusões, que reproduzirei mais adiante, com algumas explicações em notas.

O LIVRO II é consagrado à aplicação prática dessas conclusões e composto de 20 capítulos, cujos títulos são:

Cap. I - Das coisas necessárias ao médico para abordar a prática da medicina magnética.

Cap. II - Das coisas que purgam e da purgação.

Cap. III - Da flebotomia.

Cap. IV - Dos cautérios.

Cap. V - Dos medicamentos reconfortantes.

Cap. VI - Da escolha dos remédios que devem ser empregados nesta arte.

Cap. VII - Do tempo em que é preciso escolher aplicar os remédios.

Cap. VIII - Da maneira por que se devem aplicar esses remédios para trazer o sangue a um corpo doente.

Cap. IX - No qual se trata do traspasse e das diversas maneiras porque ele se realiza.

Cap. X - Da maneira de fazer a aplicação a nu.

Cap. XI - No qual se trata do MAGNETO (Magnos) necessário nesta arte e em que se publicam várias descrições até aqui pouco conhecidas.

Cap. XII- Do uso do ímã nesta arte.

Cap. XIII - Dos Médiuns (De Mediis) com os quais se efetuam as curas nesta arte, sem recorrer ao magneto.

Cap. XIV - Dos excrementos lançados pelo anus.

Cap. XV - Da urina.

Cap. XVI - Do suor e da transpiração insensível.

Cap. XVII - Dos pêlos.

Cap. XVIII - Das aparas de unhas e de dentes.

Cap. XIX - Da saliva e da mucosidade nasal.

Cap. XX - Do sangue e do pús.

Este segundo livro termina por cem AFORISMO, dos quais muitos para nós ainda são enigmas.

O LIVRO III deveria compor-se da aplicação do método em todos os seus detalhes magnéticos e astrológicos, às diversas moléstias. Mas diz Maxwell que, distraído pelas preocupações privadas, não pede dar senão um só exemplo, que trata da dor de cabeça. E este exemplo comporta nove páginas cuja leitura, muito pouco compreensível, é inteiramente própria para dar o mal que o autor quer curar.

III

As Conclusões de Maxwell

I - A alma (4) não está apenas no seu próprio corpo visível, mas também fora do corpo e não é circunscrita pelo corpo orgânico.

(4) *"O mundo animado é a alma primeira e suprema e é por isso que possui em si as razões seminais de todas as coisas. Essas razões, que provém do esplendor das idéias do primeiro intelecto, são como os instrumentos pelos quais esse grande corpo é governado, e como os elos da grande cadeia de ouro da Providência.*

"Enquanto as operações da alma seguem ao seu curso, o corpo é gerado, isto é, produzido, pela força da alma e formado de maneira diversa, conforme a sua imaginação. É daí que vem a força dominadora que tem sobre o corpo e que não poderia ter, se este dela não dependesse inteira e plenamente." (Aforismos I e II).

Aliás Maxwell define a imaginação do mundo: "a força que inspira na matéria as razões seminais."

II - A alma opera fora do que se chama seu próprio corpo.

III - De todo o corpo escapam raios corporais, nos quais a alma opera por sua presença e aos quais dá energia e a força para agir. Esses raios não são apenas específicos do corpo, mas ainda das diversas partes do corpo. (Sunt vero radii hi on solum corporates, sed et diversarum partium).

IV - Esses raios, que são emitidos pelos corpos dos animais, têm afinidade com o Espírito Vital (5) (*spiritu vitali gaudent*) pelo qual se efetuam as operações da alma (6).

(5) *"Enquanto a alma fabrica um seu corpo, produz-se ainda vi outra coisa que serve de meio (mediam) entre ambos, que une mt intimamente a alma ao corpo e por meio da qual se repartem todas operações das coisas naturais. Essa outra coisa é chamada o Espírito vital.*

"As operações naturais das coisas são repartidas por esse espírito em seus próprios órgãos, segundo a disposição do órgão.

"A disposição do órgão depende, de início e principalmente inteligência que dispõe de tudo; em segundo lugar, da alma do mundo que se fez um corpo segundo as razões seminais das coisas; em terceiro lugar, do espírito universal que mantém as coisas no estado elas estão." (Aforismos III a V).

"Descendo do céu puro, claro e sem manchas o espírito vital universal e o pai do espírito vital particular, existente em cada coisa; e ele que o procria e o multiplica no corpo; e dele que os corpos recebem o poder de se propagar.

"Esse espírito desce perpetuamente do céu e a ele volta, e nesse fluxo perpétuo, fica sem manchas. É por isto que pode, por um hábil artifício, e em maneiras admiráveis, ser unido a uma coisa qualquer lhe aumentar a virtude." (Aforismos XVIII e XXIX).

Aliás Maxwell volta a esta idéia nestes termos: "Esta matéria tão sutil se escapa sucessiva e continuamente de todo misto, sobre a forma um eflúvio ou de raios projetados,

e uma outra substância semelham mas nova, chega a tocar esses mesmos mistos; daí resultam, necessariamente, por esse fluxo e refluxo, regenerações e destruições."

"Os emplastos e unguentos, diz Agripa, que fazem juntos as virtudes das coisas naturais e das coisas celestes sobre o nosso espírito podem multiplicar, mudar, transformar o nosso espírito de outra maneira e atrair o seu traspasse, pela forma daquelas de que são compostos, modo que não só possa agir sobre o seu próprio corpo, mas sobre o que lhe está próximo e lhe dar esta qualidade pelos raios visuais, pelos sortilégios e pelos toques. Ora, sendo o nosso espírito um vapor de sangue sutil, puro, brilhante, aéreo e untuoso, é por isto que é bom compor esses emplastos e esses unguentos de semelhantes vapores que tenham mais relação de substância com o nosso espírito, que o atraíam mais por sua semelhança e o transformem." (La philosophie occulte liv. I, chap. XLI).

(6) Em seu segundo livro, assim Maxwell desenvolve suas conclusões V, VI e VII:

"Suponho que nenhum médico negará que as excreções dos animais retêm uma porção do espírito vital. Com efeito, as coisas que demoram bastante tempo no corpo se impregnam desse espírito e a ele se unem a tal ponto que interceptam os raios emitidos pelas partes mais nobres do corpo. Bem mais, as excreções, tendo sofrido uma espécie de coação, tornam-se mais semelhantes aos corpos nos quais foram digeridas, e é por isto que atraem os raios com os espíritos mais evidentemente que qualquer outra coisa que participe menos em tal digestão ou semelhança, e aí o espírito se insinua mais facilmente.

Aliás vemos uma experiência comum que o prova.

Um fluxo muito grande de um excremento qualquer não arrasta penosos sintomas, a fraqueza e, por fim, a morte, não tanto porque subtrai o alimento, como porque esgota o espírito? E ainda como o escoamento da água dos hidrópicos por uma ferida causaria a fraqueza e a morte, senão porque a água, escapando carregada desses espíritos, e num tempo muito curto para que o corpo o possa suportar. Do mesmo modo para um abscesso interno, onde a grande quantidade de pus enche a cavidade do tórax; se, pela incúria dos cirurgiões, o pus se escoar todo a um tempo, vê-se sobrevir a morte ou, pelo menos, uma perigosa debilidade, precisamente pela mesma causa.

"Com efeito o corpo não pode subsistir muito tempo, se não estiver cheio, por toda parte, desse espírito nas proporções requeridas. Este espírito é alimentado pelo céu, graças ao intermédio do ar e pelo espírito vital do alimento, tão longamente quanto o corpo persista na simetria que lhe convém.

"Portanto, todas as coisas que, seja como for, saem do corpo do homem ou dos animais, naturalmente ou por força da doença, estão impregnadas do espírito vital e têm uma vida comum com o corpo, como será dito mais tarde.

"Daí resulta que, sendo mais semelhantes aos corpos de onde saem, do que às coisas que jamais estiveram em um corpo, elas rapidamente imprimem a um corpo semelhante às qualidades tomadas ao corpo. É por isto que é preciso tomar muito cuidado, para que os excrementos e o pús, ou o sangue corrompido e todas as coisas semelhantes, que se

produzem durante as doenças contagiosas não sejam queimadas. Com efeito, elas poderiam servir para produzir grandes males, se, por acaso, caíssem nas mãos de iniciados mal intencionados. Mas se a cremação dos corpos, à moda antiga, não for permitida, os magistrados deverão, ao menos, vetar para que as sepulturas sejam bastante profundas, em lugares afastados das pastagens do gado e tão úmidas quanto possível, porque os males mais graves são consequência de sepulturas rasas e feitas com negligência. Por mim, atribuo sobretudo a esta causa as extraordinárias devastações causadas pelas pestes em Londres nestes últimos anos. Com efeito, temo que aqueles a quem eram confiados os cuidados das sepulturas, no começo tenham realizado a inumação muito negligentemente. Poderia aqui louvar os ritos dos antigos e dar razões probantes para tal louvor; mas foram estabelecidos outros hábitos, que não mudariam minha razão. Contudo, convém que os magistrados não mostrem negligência em um assunto desta importância.

"Não é duvidoso que as excreções sejam ligadas por raios recíprocos ao corpo e principalmente às partes de onde saíram mais imediatamente. Dai conclusões numerosas e variadas, que exporemos no curso desta obra. Aqui pensei que bastaria dizer em poucas palavras que era desta ligação que dependia toda a medicina magnética... Dissemos que esta ligação não se rompia por uma separação, mesmo muito longínqua... porque como essa ligação depende da alma, estende-se segundo a força da alma... Esses raios se estendem até muito longe e agem sobre nós de muitas maneiras, sem que a saibamos. Somos afetados de diversos modos por sua ligação, ignorando a causa de nossas moléstias. Eis porque, em todas as doenças, é preciso retificar, reconfortar, multiplicar esse espírito. É assim que todas as moléstias serão curadas facilmente. É o que, sobretudo, entregamos à reflexão dos médicos. Ninguém negará que o que já dissemos das excreções e das partes separadas do corpo não convém também ao sangue... no qual a Santa Escritura coloca a sede da alma - porque é ele que possui a maior quantidade de espírito vital e que mais facilmente se prejudica por um maior escoamento."

V - As excreções dos corpos dos animais retém uma porção do espírito vital. Assim, não se lhes pode recusar uma vida. E esta vida é da mesma espécie que a vida do animal, isto é, ela provém da mesma alma.

VI - Entre o corpo e as ex-ereções do corpo há um certo laço (concatenatio quaedam) de espíritos e raios, mesmo quando as excreções estão muito afastadas do corpo (7). Dá-se o mesmo para as partes separadas do corpo e para o sangue.

(7) *Que é este laço (haec concatenatio)?*

É uma emissão perpetua de raios que saem de um corpo para entrar em um outro, e reciprocamente. Aqui devo dizer, em poucas palavras, que é deste laço que depende toda a medicina magnética."(Cap. VII).

VII - Esta vitalidade não dura senão enquanto as excreções ou as partes separadas ou o sangue não forem transformados em outra coisa.

VIII - Basta que uma parte do corpo seja afetada, isto é, que o seu espírito seja lesado para que as outras fiquem doentes. (8)

(8) As doenças não pertencem essencialmente ao corpo; mas não há nenhuma que não dependa do enfraquecimento ou da expulsão do espírito vital. Não há também indisposição que possa subsistir muito, quando esse espírito está em todo o vigor. É ele que dissipa todos os males; é ele que constitui a natureza de que os médicos não são, ou pelo menos não devem ser senão os ajudantes. Daí se deve concluir a possibilidade de uma medicina universal."(Développement de la Conclusion VIII).

IX - Se o espírito vital for fortificado em qualquer parte, será fortificado pela mesma ação em todo o corpo. (9)

(9) No desenvolvimento da Conclusão IX, pg. 42, Maxwell diz que se o espírito vital do homem se fortificar em um ponto, fortificar-se-a por inteiro, porque é de uma natureza ígnea e celeste." Este reconforto acrescenta ele, logo se espalha sobre toda a extensão do espírito, porque é impossível que uma coisa tão ágil, tão espiritual, tão luminosa, tão etérea, experimente alguma coisa em uma de suas partes, sem logo não a experimentar no todo." E mais adiante (pg. 45), a propósito da Conclusão X: "Posto que o espírito vital considerado em si mesmo não tenha partes heterogêneas e seja um todo inteiriço e por toda parte como a luz, muito semelhante a si mesmo, entretanto, quando unido a um corpo, varia segundo as partes do corpo, por causa de certas junções... Eis porque os raios provindos de uma cabeça doente contém um espírito modificado como o da cabeça por essa disposição. Também há que tomar o espírito nu afetado pelas disposições da cabeça, quando a raiz da doença está na cabeça e lhe aplicar remédios."

X - Onde o espírito estiver mais a nu, aí é mais depressa afetado. (10)

(10) "Nada do que é material tem energia em si, a menos que, de alguma sorte, não sirva de instrumento ou de forma a esse espírito; o que é completamente material é completamente passivo.

"Se queres produzir grandes efeitos, tira das coisas o máximo possível da matéria, ou junta espírito à matéria, ou excita o espírito entorpecido. A menos que não faças alguma destas coisas ou não saibas unir a imaginação da alma do mundo a uma imaginação que já se esforça por se transformar, jamais farás nada de grande.

"É impossível tirar esse espírito todo inteiro ao que quer que seja, porque é o laço que retém as coisas para que estas não caiam na matéria primeira ou no nada.

"Este espírito se acha algures, ou antes, por toda parte, quase livre de corpo, e aquele que sabe uni-lo com o corpo conveniente possui um tesouro que deve ser preferido a todas as riquezas do mundo.

"Este espírito separa-se do corpo tanto quanto possível, por meio da fermentação ou ainda pela atração por um irmão livre (um outro espírito livre." (Aforismos VI a X).

"Um espírito é evocado por um espírito irmão quando esta exposto à sua ação (eidem nimium expositus).

"Em certas coisas não pode ser evocado por um irmão por causa de sua estreita união com o corpo, mas atrai esse irmão e assim se fortifica admiravelmente.

"A fermentação é a ação do calor sobre o úmido, pelo que o humor se aquece e é submetida ao espírito; ou então, ainda, o efeito do espírito circulante no corpo, porque não pode ficar imóvel, devido à propriedade efluvante (fluxibilitatem) da matéria (as vibrações das moléculas do corpo?)

"Aquele que, servindo-se do espírito universal, pode excitar o espírito particular de uma coisa qualquer até a fermentação natural, e em seguida acalmar os tumultos naturais, repetindo a operação, poderá fazer as coisas crescerem em poder até o milagre. É o maior segredo dos filósofos.

"Quem não sabe, com a ajuda da fermentação, fazer jorrar das coisas do espírito tão puro que isso pode considerar-se como arte? Mas quase todos o fazem fruto de multiplicação, porque não sabem unir o irmão ao pai.

"Tudo o que é fermentado age mais fortemente porque nas coisas fermentadas os espíritos se acham mais livres. As coisas ficam neste estado da natureza enquanto possuem bastante espírito para realizar estas operações a elas assinadas.

"Por aí se vê clara a causa natural do fim das coisas. Todas tendem à maturação como à perfeição. E, apenas madura, já o espírito começa a exteriorizarem as suas forças e, agindo, se dissipa e se esvai, que acaba causando a morte.

"Aquele que pudesse apoderar-se desse espírito que se esvai aplicá-lo ao corpo de onde sai ou a outro da mesma espécie, faria coisa admiráveis.

"Desta fonte saíram todos os filtros naturais. Com efeito, o espírito, imbuído das qualidades de outro corpo, produz facilmente corpos da mesma espécie uma semelhança real, que é uma violenta crise de amor".

"As coisas mais aptas a captar na passagem este espírito particular são as que têm mais semelhança com as partes da união mais natural, ou que, aplicadas a um corpo vigoroso, tornam-se mais fluorescentes por tal contacto. Isto deve entender-se dos corpos animais especialmente humanos, onde, sobretudo, são aplicados os filtros.

"Ali onde o espírito de um corpo casado às qualidades desse corpo se comunica a um outro corpo, cria-se uma certa simpatia, devida fluxo e refluxo mútuo dos espíritos para o seu próprio corpo. Aforismos XLIX a LX.

XI - Nas excreções, no sangue, etc., o espírito não é tão imerso quanto no corpo. Por isto é mais rapidamente afetado.

XII - A mistura dos espíritos produz a simpatia e desta nasce o amor. (11)

(11) Vide nota N (O filtro de Marie de Clèves).

NOTAS DA OBRA

NOTA A

As Teorias da Escola, o método e as hipóteses novas

Limitemos este respeito que temos pelos antigos. Como a razão o faz nascer, também deve medi-lo; e consideremos que se tivessem ficado nessa prudência de nada ousar adicionar aos conhecimentos que tinham recebido, ou que os seus contemporâneos tivessem feito a mesma dificuldade de receber novidades que aqueles lhes ofereciam, eles próprios e a posteridade teriam sido privados dos frutos de suas invenções.

Como eles não se serviram das que lhes haviam sido deixadas senão como meios para as obterem novas, e esta feliz ousadia lhes havia aberto o caminho para grandes coisas, devemos tomar as que adquiriram do mesmo modo e, pelo seu exemplo, delas fazer meios e não o fim de nossos estudos e, assim, cuidar de os ultrapassar, imitando-os.

Porque, o que há de mais injusto do que tratar os antigos com mais prudência do que tiveram para com aqueles que os precederam, e ter por eles esse respeito inviolável, que não mereceram de nós, porque não tiveram um respeito semelhante por aqueles que sobre eles tiveram a mesma vantagem?

Os segredos da natureza são ocultos. Posto que ela aja sempre, nem sempre se lhe descobrem os efeitos; o tempo os revela de idade em idade e, embora sempre igual em si mesma, nem sempre é igualmente conhecida.

As experiências que nos dão a sua inteligência multiplicam-se continuamente e, como são os únicos princípios da física, as conseqüências se multiplicam proporcionalmente. (1)

(1) Pascal exprimiu alhures a mesma idéia, empregando uma bela imagem: "O conhecimento humano é semelhante a uma esfera que cresce incessantemente; à medida que aumenta o seu volume, cresce o número de seus pontos de contacto com o desconhecido."

É desta maneira que hoje podemos ter outros sentimentos e novas opiniões, sem desprezar os antigos e sem ingratição, pois que os primeiros conhecimentos que eles nos deram serviram de degrau aos nossos e que, com essas vantagens, nós lhes somos devedores do ascendente que temos sobre eles; porque, tendo-se elevado até um certo grau onde nos levaram, o menor esforço nos faz subir mais alto e, com menos esforço e menos glória, encontramos-nos acima deles. É daí que podemos descobrir coisas que lhes era impossível percebera. Nossa vista tem mais alcance e, embora conhecessem tão bem quanto nós o que podiam observar da natureza não obstante não conheciam tanto, e nós vemos mais do que eles.

Entretanto é estranha a maneira por que reverenciamos os seus sentimentos. Considera-se um crime contradizê-los e um atentado fazer adições, como se eles não tivessem deixado verdades por conhecer..

Pascal

A filosofia tem seus ensaios e suas contradições. Ora queremos que todos os homens se assemelhem a despeito da diferença dos tempos e dos climas; ora julgamo-nos os únicos capazes de certos esforços: A verdadeira luz só luziu depois que nós vivemos. Confundem-se tempos antigos diferentemente distanciados do berço do mundo; e lhes fazemos graça da estupidez, ai não tem senão ignorância e trevas Mas a ignorância está em nós, que conhecemos mal: as trevas são da distância, que escurece os objetos, apequenando-

os. A estima de mesmos nos engana: julgamo-nos no topo da escada, e aí não estas estamos; cremos igualmente que ninguém ali subiu antes de nós, porque o tempo que faz desaparecerem os humanos também apaga os seus traços passageiros.

Bailly

Eu não poderia aprovar o mistério em que se envolvem os sábios sérios que hoje vão assistir a experiências de sonambulismo. A dúvida é uma prova de modéstia que raramente prejudica o progresso da ciência. Outro tanto não se poderia dizer da incredulidade. Aquele que, fora das matemáticas pronuncia a palavra impossível, falta prudência. A reserva é, sobretudo, um dever, quando se trata da organização animal.

Arago

Foi dito muitas vezes que para fazerem descobertas eram preciso ignorantes. Esta opinião, falsa em si mesma, oculta, entretanto uma verdade. Significa que mais vale nada saber que ter idéias fixas no espírito, apoiadas em teorias nas quais sempre se busca a confirmação desprezando tudo quanto não se refere ao caso. Esta disposição de espírito e das piores, e é eminentemente oposta à invenção. Com efeito em geral uma descoberta é uma relação imprevista e que não se acha compreendida na teoria, porque, sem isto, seria prevista. Um homem ignorante, desconhecendo a teoria, com efeito estaria, sob esse aspecto nas melhores condições de espírito; a teoria não o aborreceria e não o impediria de ver fatos novos, não percebidos por aquele que esta preocupado com uma teoria exclusiva. Apressemos-nos, porém, em dizer que aqui não se trata de erigir a ignorância em princípio. Quanto mais se é instruído, quanto mais conhecimentos anteriores se possuem, melhor disposto ter-se-á o espírito para fazer descobertas grandes e fecundas. Apenas é necessário guardar a liberdade de

espírito e crer que, natureza, o absurdo segundo as nessas teorias nem sempre é impossível.

Penso que não haja para o espírito senão uma maneira de raciocinar, como não há para o corpo senão um modo de andar. Apenas quando um homem avança por um terreno sólido e plano, num caminho reto, conhece e vê em tudo a sua extensão, marcha para o seu objetivo com um passo seguro e rápido. Quando, ao contrário, um homem segue por um caminho acidentado e desconhecido, teme os precipícios e só avança com precaução e passo a passo. Antes de dar um segundo passo, deve assegurar-se de que o pé posto antes está num ponto resistente, depois avançar assim verificando a cada instante, pela experiência, a solidez do solo e sempre modificando a direção da marcha, conforme o que encontra. Tal é o experimentador que, em suas pesquisas, jamais deve ir além do fato, sem o que arriscar-se-ia a se extraviar...

A situação do naturalista é bem diferente da do matemático; a proposição geral a que chegou ou o princípio sobre o qual se apóia fica relativo e provisório, porque representa relações complexas, que não tem certeza de jamais conhecer todas. Desde então seu princípio é incerto, porque é inconsciente e não adequado ao espírito; desde então as deduções, embora muito lógicas, ficam sempre duvidosas e, então, é preciso invocar a experiência, para controlar a conclusão desse raciocínio dedutivo.

Esta diferença entre os matemáticos e os naturalistas é capital, do ponto de vista da certeza de seus princípios e das conclusões a tirar deles. Mas o mecanismo do raciocínio dedutivo é exatamente o mesmo para ambos. Partem igualmente de uma proposição; apenas o matemático diz Dado este ponto de partida, tal caso particular resulta necessariamente. O naturalista diz: Se este ponto de partida fosse justo, tal caso particular resultaria como consequência.

Claude Bernard

Os fatos que chamamos de sobrenaturais respondem a duas condições diferentes: inicialmente não lhes conhecemos a causa; depois não os vemos ocorrer comumente. Enquanto os homens não souberam explicar os eclipses, neles viram fatos sobrenaturais, pois os eclipses representavam uma anomalia na ordem astronômica cotidiana e nenhuma inteligência lhe penetrava a causa. O sobrenatural tornou-se fenômeno natural, desde que a ignorância da causa foi dissipada.

O fato da queda de uma pedra não é verossímil e não nos parece natural senão porque se dá com freqüência. Pelo conhecimento íntimo das coisas seria absolutamente sobrenatural.

Charles Richet

Já foram feitas tentativas por Sir W. Thomson e Maxwell para reduzir ao movimento o conjunto dos fenômenos magnéticos, elétricos e luminosos. Estranha e complicada é a constituição que esses físicos são obrigados a atribuir mesmo aos mais simples dielétricos, mesmo ao éter... Contenhamos o riso ante a bizarra máquina composta por Maxwell e Sir W. Thomson: talvez ela seja a verdade incontestável de amanhã - esperando se torne o erro incontestado de depois de amanhã.

É que, com efeito, a hipótese dominante da teoria admitida e admirada por uma geração, era reputada como um erro manifesto pelos homens da geração precedente; os homens da geração seguinte a tratarão como um testemunho de ignorância de seus antepassados. A história da ótica é disto um exemplo contínuo; os pensadores do século XVIII repudiam com desdém o sistema da emissão; os sábios do século XVIII são cheios, de confiança nesse sistema e de desprezo pelo sistema das ondulações; os físicos do século XIX retomam este último e se espantam que se tenha podido considerar o primeiro como uma teoria séria.

Quando uma teoria nova se levanta, vê-se que em poucos anos multiplica suas descobertas e dá conta dos fenômenos até então abandonado incompreendidos; depois, alentada por seus primeiros sucessos, logo imagina que as hipóteses sobre as quais repousa são certitudes, que sua representação do mundo exterior é a expressão adequada da natureza das coisas; mas, no primeiro choque, ela escapa de ponta a ponta, e os físicos se apressam em varrer os restos, a fim de dar lugar a uma teoria que não se eleve, por sua vez, senão para afundar-se.

Duhem

Parece que até a consumação dos séculos os mesmos preconceitos devem fazer cometer os mesmos descuidos. Homens isolados ou corpos constituídos, a experiência dos outros é de um proveito medíocre. Cada um de nós faz um pequeno mundo talhado sobre o padrão do nosso cérebro, e entendemos que nada vem deslocar os limites que nos aprouve traçar às potências da Natureza. Os maiores cientistas têm essas fraquezas; os filósofos não estão delas isentos. Que se lembrem esses professores de Pisa, que, em nome de não sei que princípio de metafísica baseado no número sagrado - sete - recusavam crer nas descobertas, então novas, de Galileu. "Mas ao menos olhai no meu telescópio, antes de negar", disse-lhes ele. Em vez disto, eles lhe viraram as costas e persistiram melhor em suas negações.

No último século, quando se tratou de novo e seriamente da queda dos aerólitos, Lavoisier julgou para sempre fechar a boca dos que não admitiam a possibilidade por esta resposta, julgada peremptória: "Não há pedras no céu; então dele não podem cair na terra":

Felizmente habituada, desde muito tempo, a todas as gritarias as especulações muitas vezes ocas dos metafísicos, como aos cálculos estreitos de certos homens de ciência, a Natureza continua

invariavelmente a sua rota, sem se meter nas ninharias debatidas por seus detratores.

Metzger

Cada século é prematuro para as descobertas que não vê nascer, porque não se apercebe de sua própria incapacidade e dos meios que lhe faltam para fazer as ditas descobertas.

A repetição de uma mesma manifestação, imprimindo-se nos cérebros, prepara os espíritos e os torna cada vez menos incapazes de descobri as leis às quais essa manifestação está submetida.

Quinze ou vinte anos bastam para fazer admirar por todo o mundo uma descoberta chamada de loucura no momento em que foi feita; ainda agora as sociedades acadêmicas riem da homeopatia e do hipnotismo; quem sabe se os meus amigos e eu, que rimos do espiritismo, não estamos no erro precisamente como o estão os hipnotizados; graças à ilusão que nos cerca, talvez sejamos incapazes de reconhecer que nos enganamos; e, como muitos alienados, colocando-nos ao oposto do verdadeiro, rimos dos que não estão conosco.

Lombroso

Sem dúvida certos cientistas estudaram estas questões (o magnetismo animal) para sua própria satisfação; outros não buscam senão pôr-se em evidência e, com o espírito aberto, suspendem o julgamento; mas não passam de exceções A grande maioria - creio ter o direito de o dizer - é hostil a essas pesquisas e deliberadamente oposta à sua discussão. E isto não após um exame prolongado, o que justificaria a oposição, mas muitas vezes sem qualquer exame. Algumas fraudes nas sessões públicas, os artifícios de um charlatão, bastam para que declinem de qualquer exame ulterior.

Que indivíduos tenham esta linha de conduta é, em suma, bastante natural, ocupados e interessados que podem estar noutras pesquisas. Ninguém é obrigado a tudo examinar; mas é de uso, na maioria dos ramos da atividade humana, que os que ficaram fora das pesquisas feitas numa especialidade, se informem com os que com elas se ocuparam.

Quando do aparecimento da teoria de Copérnico, Galileu, posto que plenamente convencido da justeza dessa teoria, absteve-se de ensiná-la durante alguns anos, querendo, antes de desencadear a tempestade de controvérsias, que não deixaria de provocar o abandono do sistema de Ptolomeu, esperar que a situação universitária fosse mais bem assentada. A mesma prudência se encontra hoje. Conheço homens que hesitam em testemunhar qualquer interesse (não quero dizer em dar fé, o que seria prematuro) pelos fenômenos de que se trata, antes de haver conquistado uma situação incontestada por seus trabalhos em outras vias.

Em matéria científica a prudência é necessária e o verdadeiro progresso é lento; mas - não temo dizê-lo - essa hesitação que encontrei em muitos, em face de fatos não ortodoxos, não está de acordo com as altas tradições científicas.

Suponho que estamos um pouco amedrontados com o que pensam os outros. Temos um grande respeito pelas opiniões dos nossos mais velhos e dos nossos mestres; e como o assunto lhes é desagradável, ficamos silenciosos. Aliás, esta atitude silenciosa alia-se muito bem à desconfiança que sentimos relativamente às nossas próprias forças. Sentimos bem que além de nossos conhecimentos atuais estende-se uma vasta região em contacto com diversos ramos, já conhecidos, da ciência, e que um espírito culto está a ponto de abordar, mas também sabemos que, por falta de exploração científica, impostores se apoderaram, há séculos, desse domínio, e que hoje, a menos que lhe

demos uma atenção excessiva, arriscamos a nos aventurar e cair nalgum barranco...

A barreira que separa os dois mundos, (o espiritual e o material), podem cair gradativamente, como muitas outras barreiras, e chegaremos a uma percepção muito mais elevada da unidade da natureza. As coisas possíveis no universo são tão infinitas quanto a sua extensão. O que sabemos é nada, comparado com o que nos resta saber. Se nos contentarmos com o meio-terreno atualmente conquistado, trairemos os interesses mais elevados da ciência.

Lodge

Sustento, sem medo de contradição, que cada vez que os homens de ciência, de qualquer época que seja, negaram, segundo bases a priori, os fatos assinalados por investigações de acaso, sempre se convenceram do erro.

Desnecessário fazer mais que lembrar os nomes universalmente conhecidos de Galileu; de Harvey, de Jenner. As grandes descobertas; que eles fizeram eram, como o sabemos, violentamente contestadas por todos os cientistas contemporâneos, aos quais elas pareceriam absurdas e incríveis. Mas temos muito mais perto de nosso tempo mesmo, exemplo não menos chocantes. Quando Benjamin Franklin apresentou a Sociedade Real o problema do pára-raios, foi olhado como um sonhador e sua memória não foi admitida nas *Transaction Philosophiques*. Quando Young trouxe suas maravilhosas provas da teoria das ondulações luminosas, foi igualmente apupado como inepto pelos escritores científico; vulgarizadores da época. A *Revue d'Edimbourg* concitou o público meter Thomas Gray numa camisa de força, porque sustentava a praticabilidade das estradas de ferro. Sir Humphry Davy dava gargalhadas a idéia de que Londres fosse iluminada a gás. Quando Stephenson propôs empregar as locomotivas sobre via férrea de Liverpool a Manchester homens instruídos se

meteram a provar que era impossível que essas máquinas pudessem dar ao menos 12 milhas por hora. Uma outra grande autoridade científica declarou não menos impossível, para os navios vapor no Oceano, jamais atravessarem o Atlântico. A Academia de Ciências da França escarneceu do grande Arago, quando este quis nada menos que discutir o assunto do telégrafo elétrico. (2) Médico: ridicularizaram o estetoscópio, quando este foi descoberto. As operações executadas sem dor, durante o coma mesmérico, foram declaradas impossíveis e, portanto, imposturas. Mas um dos casos mais chocantes, porque é um dos mais recentes desta oposição (ou antes, desta recusa de crer nos fatos em contradição com a fé corrente do dia, entre homens que geralmente podem ser acusados de ir muito longe no outro sentido) é o da doutrina da Antiguidade do homem... Nesta ocasião os observadores, humildes e, muitas vezes, desconhecidos, tinham razão, e os homens da ciência que rejeitavam as suas observações estavam errados. Os observadores modernos de certos fenômenos, habitualmente qualificados de sobrenaturais ou de incríveis, são menos dignos de atenção que aqueles acima citados?

(2) *Relata Arago, na Histoire de ma jeunesse, a seguinte anedota:*

"O Imperador... passou a outro membro do Instituto. Este não era um recém-chegado; era um naturalista conhecido por belas e importantes descobertas era o senhor Lamarck. O velho apresenta um livro a Napoleão.

- "O que é isto? pergunta este. É a vossa absurda Météorologie; é uma obra na qual fazeis concorrência a Mathieu Laensberg, esse anuário que desonra os vossos velhos dias; fazei, pois, história natural, e eu receberei vossas produções com prazer. Não tomo este volume senão por consideração aos vossos cabelos brancos. – Tomai! passou o livro ao seu ajudante.

"O pobre Lamarck que, ao fim de cada uma das palavras bruscas e ofensivas do Imperador, inutilmente tentava dizer: "É uma obra de história natural, que vos apresento", teve a fraqueza de fundir-se em lágrimas."

Uma cena mais ou menos Parecida me foi feita por um general inspetor aconselhando-me a pedir demissão porque "ele não podia tolerar que se ocupas sem de Ciências ocultas numa escola militar." Limitei-me a responder-lhe que como o nome indica, a Escola Politécnica não era só uma escola militar - que todas as ciências tinham sido ocultas antes de sua descoberta; mas, desde este momento, tive que abandonar as

experiências que havia planejado num dos laboratórios de física do estabelecimento com o fito de definir a força psíquica pelas reações recíprocas que se podem exercer entre esta e as outras forças conhecidas.

Sir Alfred Russel Wallace

Em cada fase de seu progresso, a ciência tem cortado cerce as questões, por soluções superficiais.

Spencer

Antes que a própria experimentação possa ser empregada com proveito, há um estágio preliminar a transpor, o qual depende puramente de nós mesmos: é despojar e lavar o pensamento absolutamente de qualquer preconceito, e tomar a determinação de ficar de pé, ou sucumbir, ante o resultado de um apelo direto aos fatos em primeira instância, e abraçar as deduções estritamente lógicas de suas conseqüências.

Sir John Herschell

Uma boa experiência é mais preciosa que a engenhosidade de um cérebro, ainda que fosse o de Newton. Os fatos são mais úteis, mesmo quando contestados, do que as teorias recebidas, mesmo quando se sustentam as mesmas.

Sir Humphrey Davis

No tocante à questão do Milagre, apenas posso dizer que o vocábulo "impossível", a meu ver, não é aplicável em matéria de filosofia; que as possibilidades da Natureza são infinitas. Eis um aforismo com o qual costumo estimular os meus amigos.

Huxley

O presunçoso ceticismo, que rejeita os fatos, sem examinar se são reais, é, sob certos pontos, mais censurável que uma credulidade não raciocinada.

Humboldt

Tentar experiências sem ordem e sem método é marchar às apalpadelas. Mas quando feitas com certa ordem e visando a um certo objetivo, é como se fossemos guiados pela mão.

Bacon

É preciso supor ordem, mesmo entre as coisas que não se seguem naturalmente umas às outras.

Descartes

As hipóteses são postes indicadores que guiam os trabalhadores.

Crookes

As idéias preconcebidas, submetidas ao severo controle da experimentação, são a chama vivificante das ciências de observação; as idéias fixas são o seu perigo. Lembrai-vos da bela frase de Bossuet: O maior desregramento do espírito é crer nas coisas porque se quer que elas existem.

Pasteur

A ciência experimental é essencialmente positiva, no sentido de que em suas concepções, jamais faz intervir a consideração da essência das coisas, da origem do mundo e de seus destinos. Ela não tem nenhuma necessidade disto. Sabe que nada teria a aprender de qualquer especulação metafísica. Entretanto não se priva da hipótese. Ao contrário ninguém a usa mais que o experimentador; mas é apenas

a título guia e de agulhão para a pesquisa e sob a reserva de severo controle.

Cl. Bernard

É bom ir avante pelo ato, quando possível, mas sempre pelo pensamento. É a esperança que impele o homem e lhe dá a energia c grandes ações. Uma vez dado o impulso, sc nem sempre se realiza aquilo que se previu, realiza-se urna outra coisa e, muitas vezes, ainda mais extraordinária. Quem teria ousado anunciar, há cem anos, fotografia e o telefone?

Berthelot

NOTA B

Extrato do relatório de Jussieu sobre o magnetismo animal

Vários doentes, ante os quais eu passeava o dedo a uma polegada de distância de seu corpo, acreditavam sentir um vento leve, ora quente ora frio, que formava um rastro. Esse movimento, continuado ao longo do braço e da perna, apoiados e em repouso, os entorpecia por vezes, e a seguir, aí praticava beliscões mais ou menos vivos, sobretudo quando os membros estavam paralisados. A doutrina do magnetismo admite, nos corpos animados, pólos diretos, que não devem exercer ação um sobre o outro, e pólos opostos, cuja ação recíproca é mais constante. Nem sempre reconheci esta correspondência. Assina-se ainda ao novo fluido uma corrente de alto a baixo, provavelmente para lhes fazer sofrer ação dos nervos, considerados como seus principais condutores. As experiências de móveis e vasos magnetizador, de sensações operadas pela reflexão dos vidros, jamais me pareceram bastante satisfatórias para lhes emprestar

algum valor. Mas, posto ao lado do balde (le baquet de Mesmer), em face a uma senhora, cuja cegueira, ocasionada por duas belidas bem espessas, tinha sido, um mês antes, constatada pelos comissários, eu a vi entrar com passo muito tranqüilo e, durante um quarto de hora, parecendo mais preocupada com o ferro do balde, dirigido para os seus olhos, do que com a conversa sobre outras moléstias. No momento em que o ruído das vozes era bastante para lhe perturba audição, dirigi, à distância de seis pés, uma vareta para o seu estômago que sabia muito sensível. Ao cabo de três minutos ela pareceu inquieta e agitada; voltou-se na cadeira e assegurou que alguém, posto atrás dela ou ao seu lado, a magnetizava, embora eu tivesse antes tomado a precaução de afastar todos os que pudessem tornar duvidosa a experiência. Quinze minutos depois, aproveitando as mesmas circunstância, renovei a prova, que ofereceu exatamente o mesmo resultado, Todas as precauções tomadas em semelhante lugar não haviam sido negligenciadas. Eu estava certo de que a doente não havia tirado outras vantagens de seu tratamento senão entrever confusamente certos objetos, a três ou quatro polegadas de distância... Os menores movimentos magnéticos faziam sobre uma outra doente uma impressão tão viva, que, ao passear várias vezes o dedo a meio pé de suas costas, sem que ela o pudesse prever, era imediatamente tomada de movimentos convulsivos e de sobressaltos repetidos, que lhe anunciavam a ação exercida, e duravam tanto quanto a ação... Se se agitava, sem que tivesse conhecimento, o dedo sobre sua cabeça ou ao longo das costas, sem a tocar, e mesmo a alguma distância, saltava, às vezes com vivacidade, voltando a cabeça para ver a pessoa colocada às suas costas... Esses fatos são pouco numerosos e pouco variados, porque não pude citar senão os que estavam bem verificados, e sobre os quais eu não tinha qualquer dúvida. Eles bastarão para fazer admitir a possibilidade ou a existência de um

fluido ou agente que vai do homem ao seu semelhante e por vezes exerce sobre este último uma ação sensível.

NOTA C

Extrato do relatório anual sobre o progresso da Química, apresentado a 31 de março de 1846, à Academia de Ciências de Estocolmo, por Berzelius, Secretário perpétuo.

Química animal

Sistema nervoso. - Antes de dar conta dos trabalhos de Química animal propriamente dita, que foram publicados, desejo dizer algumas palavras sobre uma pesquisa do senhor Reichenbach que, no fundo, não é do campo da Química, mas na qual ele assinala um certo estado do sistema nervoso como um reativo que ultrapassa em sensibilidade todos os que foram propostos para uma porção de fenômenos físicos e químicos. Sua memória foi publicada em alguns cadernos suplementares dos *Annales de chimie et de pharmacie* para 1845, dos srs. Liebig e Woehler.

Sabe-se que existe um estado particular de doença do sistema nervoso que ocasiona um sonambulismo natural, ou que se pode produzir artificialmente. O último caso é chamado, em geral, mas muito impropriamente, de magnetismo animal. As opiniões ficaram muito divididas, e o são ainda, quanto à realidade desse estado. De um lado, disposição para tudo acreditar com inteira convicção, mesmo as coisas fisicamente absurdas e impossíveis e, do outro lado, não se acredita em nada e se rejeita tudo o que foi dito a respeito, como preconceitos e fraudes. Em meio a tudo isto, os mais razoáveis observam e se calam. Não se pode negar, entretanto, que no fundo

existe alguma coisa e que bem vale a pena procurar conseguir alguns fatos positivos e fazer pesquisas que possam conduzir a resultados bem constatados. Porque até agora toda as que as foram feitas o foram por homens que tinham uma crença ilimitadas nesta questão e não buscavam provas, ou se contentavam com provas insuficientes. Os mais razoáveis naturalistas julgavam melhor se absterem, e sempre evitaram ocupar-se com isso. Atendendo, é certa a que a experiência muitas vezes nos oferece, em todos os ramos da ciência, fenômenos que são incompreensíveis e dos quais se subtraem mais facilmente declarando que são erros ou fábulas. Tal não é entretanto, a verdadeira maneira por que se deve proceder: também é necessário provar que o que se defronta como errôneo o é realmente demonstrar que o verdadeiro é verdadeiro; e o verdadeiro sábio não recua nem diante de uma coisa, nem de outra.

Quem não se lembra da história da queda das pedras meteóricas passada em nosso tempo, e como era grande o número dos que declaravam que os relatos anteriores e recentes de pedras caídas do céu eram fábulas ou erros de observação? Quando Howard leu na Sociedade Real de Londres um relato das primeiras pesquisas aprofundadas que tinham sido feitas sobre o assunto, o célebre naturalista genebrino Pictet estava presente. Passando por Paris, de volta a Genebra, este último comunicou à Academia de Ciências de Paris o que tinha ouvido e Londres. Mas como se exprimia em termos que denotavam uma inteira convicção de sua parte, foi subitamente interrompido por Laplace, que exclamou: "Conhecemos bastantes fábulas semelhantes." E Pictet ter que parar.

Alguns anos mais tarde, uma deputação da Academia constatou, no departamento do Aisne, uma queda de mais de duas mil pedras meteóricas caídas de uma vez.

O senhor Reichenbach admite que o sistema nervoso das pessoas sujeitadas ao sonambulismo está num estado doentio dotado de uma

sensibilidade maior que no estado normal, e que elas podem ser impressionadas por influências que absolutamente não afetam pessoas saudáveis, a tal ponto que estas últimas podem ignorar completamente a existência dessa influência. Acontece como com os animais que podem seguir um som ou um odor que escapam completamente aos órgãos do homem. E designa essas pessoas pelo nome de sensitivos e tentou estudar impressões que experimentam em certas circunstâncias que influem sobre elas exteriormente, aliás sem se ocupar com os fenômenos fisiológicos que acompanham esse estado, que é designado pelo termo geral o magnetismo animal (3).

(3) Observações da mesma ordem já tinham sido feitas antes. Com efeito eis o que se lê em L'Ami de la nature, por SOUSSELIER DE LA TOUR (Lauzanne, 1784, in-13):

"Apresentai a todo corpo que julgais conter matéria (elétrica) a palma mão; se ela existir, vós aí sentireis um ventinho fresco; é a parte mais sensível a esse ventinho, proveniente da matéria elétrica.

"Tomei na mão uma tabaqueira lisa de ouro; apresentei-a ao sol e recebi os raios refletidos na palma da outra mão, que estava na sombra; aí senti ventinho fresco, semelhante aquele de que falei e que se sente quando apresenta a esta parte um corpo qualquer que contenha matéria elétrica no grau ou no mesmo mais fraca.

"Fiz a mesma experiência com um espelho, e senti o mesmo vento, embora menos fresco.

"Concluí dessas experiências que os raios da luz do sol são os raios atmosféricos de uma natureza desconhecida, que aumentam a nossa matéria elétrica e lhe dão mais energia."

Em primeiro lugar examinou o efeito dos dinamidos sobre pessoas sensitivas. Notou e comparou as impressões de indivíduos diferentes; e a concordância que apresentavam o conduziu à conclusão de que as pessoas sensitivas são todas afetadas da mesma maneira por influências que eram inapreciáveis por ele mesmo e por outras pessoas com boa saúde. Ele, por esta maneira, pode chegar a um conhecimento mais íntimo dos fenômenos dos dinamidos do que por nossos sentidos em estado normal. Assim ele se assegurou, pelo acordo perfeito das asserções de várias pessoas sensitivas, que a polaridade magnética exerce uma influência sobre elas, que experimentam uma sensação

diferente para o pólo norte do que para o pólo sul, e que se apercebem imediatamente quando se volta o pólo que estava para o seu lado, posto que o ímã esteja numa sala diversa da delas (4). Na obscuridade elas vêem uma luz fraca, que emana dos pólos e que foi desenhada conforme a sua descrição. Verificou que pessoas sensitivas, cujo sono era agitado quando seu leito se achava na direção norte-sul, dormiam tranqüilamente quando o leito era posto na de leste-oeste. O que prova que a polaridade magnética da Terra exerce uma influência sobre elas. Grandes cristais sobre elas exercem uma influência diferente, conforme a extremidade que se lhes apresente e para especificar a natureza da sensação que produzem, elas a comparam a uma sensação de calor ou a uma de frio. Os corpos electro-positivos e electro-negativos também influem sobre elas de maneira diferente, de tal sorte que os puderam distinguir uns dos outros, embora tivessem sido cercados do mesmo invólucro.

(4) A revista italiana L'Electricita cita, em seu número de 17 de junho de 1897, o caso de duas pessoas, o professor Murani e um rapaz de laboratório, que influenciavam a agulha de um galvanômetro por sua simples presença, mesmo sem vestimentas. O peito agia como pólo Norte e as costas como pólo Sul.

Meu objetivo não é aqui fazer um resumo do trabalho do senhor de Reichenbach, que é estranho a este relatório, mas apenas atrair a atenção dos sábios para as pesquisas do senhor Reichenbach, dos quais diversos tiveram a mesma sorte que a comunicação de Pictet, de que tratamos acima. Este assunto merece ser explorado por um grande número de sábios, direi mesmo, por todos quantos se acham nas circunstâncias necessárias para tanto, e os seus resultados devem ser julgados severa e rigorosamente. Quem faz pesquisas sobre esta questão se acha na mesma posição de um juiz, que deve julgar um delito do qual não foi testemunha ocular, e que deve pesar e fazer uma escolha de todos os detalhes dos depoimentos das testemunhas. O sábio deve possuir aqui a mesma finura para interrogar, igualmente fazer abstração de toda opinião preconcebida e examinar todas as

asserções com o mesmo rigor que um juiz, para não acreditar levianamente, nem se deixar induzir em erro por testemunhas astuciosas ou mentirosas. Esta pesquisa, em razão dessas diversas condições, torna-se uma das mais difíceis que um sábio possa empreender, e, realmente, deve-se admirar a coragem do sábio que, tendo descoberto alguma coisa a explorar a esse respeito, e que desfruta uma consideração justamente merecida nas ciências, ousa afrontar os preconceitos, os espíritos limitados, as presunções e, mesmo, a zombaria, e perseguir ousadamente o objetivo que se propôs. Um assunto de pesquisas não deve ser abandonado porque é difícil de explorar, ou porque é erroneamente negligenciado ou desprezado por seus contemporâneos.

NOTA D

A vida dos átomos e os sonhos científicos

Segundo Claude Bernard, o nosso corpo é composto de milhões de milhares de pequenos seres ou indivíduos vivos, de espécies diferentes esses elementos da mesma espécie se reúnem para constituírem os nossos tecidos, e os nossos tecidos se misturam para constituir os nossos órgãos, e todos reagem uns sobre os outros para concorrerem com harmonia para um mesmo objetivo fisiológico... Unem-se e ficam distintos, como homens que se dessem às mãos. (*Revue des Deux-Mondes* 1864. 1.º de setembro, *Le Curare*).

Em 1865, sir John Herschell escrevia na *Fortnight Review*:

“Tudo o que é atribuído aos átomos, seus amores e seus ódios, suas atrações e suas repulsões, seguindo as leis primitivas de seu ser, não se torna inteligível se não admitirmos neles a presença de elemento mental”.

Esta hipótese não é nova; fazia parte das tradições transmitidas pelos iniciados.

Na sua *Monadologie* assim se exprime Leibnitz:

"§ 1. - O mundo é uma substância simples, servindo para fazer compostos: simples quer dizer sem partes.

"§ 2. - As mônadas são os verdadeiros átomos da Natureza, o elementos das coisas.

"§ 8. - As mônadas têm qualidades, sem o que não seriam entidades.

"§ 9. - Se concordamos em dar o nome de alma a tudo quanto tem percepções e desejos, todas as substâncias simples ou mônadas podem ser chamadas almas, no sentido que acabo de indicar.

Segundo Paracelso: "Todos os elementos tem uma alma e são vivos. Não são inferiores ao homem, mas são diferentes nisto que não têm uma alma imortal. São as Forças da Natureza, isto é, são eles que fazem que geralmente se atribui à Natureza. Podemos chamá-los seres, mais não são da raça de Adão."

"Não há uma coisa no mundo, um broto de erva, sobre o qual não reine um espírito, diz a Kabala dos Judeus. Sua vida não tem como centro um princípio eterno: por sua morte, tudo para eles está acabado".

Os micróbios, que muita gente imaginava terem sido descobertos em nossos dias, eram conhecidos, ou pelo menos pressentidos, desde longa data. Eis como deles fala um sonhador do século XVII, Cyrano de Bergerac (5).

(5) *Oeuvres, edit. de 1707, t. II, pg. 89.* - A primeira edição dessas obras data de 1650.

"Imaginai, pois, o Universo como um grande animal; que as estrelas que são Mundos, estejam nesse grande animal, como outros grandes animais, que servem reciprocamente de Mundos a outros povos tais como nós, nossos cavalos, etc.; e que nós, por nossa vez

sejamos também mundos, em relação a certos animais ainda menores, sem comparação do que nós: como são certos vermes, piolhos, ouções; que estes sejam a terra de outros mais imperceptíveis; que assim, do mesmo modo que pareçamos cada um em particular um grande mundo a esse pequeno povo, talvez que a nossa carne, o nosso sangue, os nossos espíritos, não sejam senão uma tessitura de pequenos animais que se entretém, nos dão movimento pelo seu próprio e se deixam conduzir cegamente pela nossa vontade, que lhes serve de cocheiro, nos conduzem a nós mesmos e produzem, tudo junto, esta ação que chamamos vida... O prurido não prova o que digo? O oução, que o produz, não é outra coisa senão um desses pequenos animais, que se desligou da sociedade civil para estabelecer-se como tirano de seu país... Quanto a esta ampola e esta crosta, cuja causa ignorais, e preciso que cheguem, ou pela corrupção de seus inimigos, que esses gigantes massacraram, ou pela peste produzida pela necessidade de alimentos de que os sediciosos se fartaram e deixaram apodrecer na montanha dos pedaços de cadáveres; ou que esse tirano, depois de ter expulsado de em torno de si seus companheiros, cujos corpos entupiam os poros do nosso, tenha dado passagem a pituita, que extravasada da esfera da circulação no nosso sangue se tenha corrompido... E para provar ainda esse prurido universal, basta que considereis, quando ferido, como o sangue afluí à ferida. Vossos doutores dizem que ele é guiado pela natureza providente, que quer socorrer as partes debilitadas: o que faria concluir que, além da alma e do espírito, haveria em nós umas terceiras substâncias intelectuais, que teria suas funções e seus órgãos a parte: eis porque acho muito mais provável dizer que esses pequenos animais se sintam atacados, mandando pedir socorro aos vizinhos, e que, chegando de todos os lados e o país se achando incapaz para tanta gente, morram de fome ou abafados no aperto. Essa mortalidade acontece quando o apostema está maduro. Porque, para testemunhar

que então esses animais estão asfixiados, é que a carne apodrecida se torna insensível; que, posto muitas vezes a sangria que se ordena para derivar a fluxão aproveite, é porque se tendo perdido muito pela abertura que esses pequenos animais tratam de tapar, eles recusam ajudar a seus aliados, só tendo mediocrementemente o poder de se defender cada um em seu lugar."

Cyrano fala, aliás, algumas páginas adiante (pg. 106) "de bolas transparentes, que serviam para a iluminação e nas quais se havia fixado a luz sem calor." É ainda o problema que os nossos eletricitas buscam resolver.

Todo o mundo conhece, ao menos pela reputação, sua *Histoire comigue des États et Empire de la Lune*; mas o que se sabe menos é que ele ali descreve um verdadeiro balão montgolfier e um verdadeiro pára-quedas, a propósito de um dos personagens que põe em cena!

"Ele enche de fumaça dois grandes vasos que fechou hermeticamente e os ligou sob as axilas; logo a fumaça, que tendia a elevar-se e que não podia penetrar o metal levou os vasos para o alto, de modo que levou, também esse grande homem... Quando ele subiu até a Lua... desligou prontamente os vasos que tinha cingido como asas em torno de suas espáduas, e o fez com tanta felicidade que, apenas estava no ar, quatro proezas acima da Lua, despediu-se de suas natatórias. A elevação, entretanto, era bastante grande para o ferir muito, sem a grande roda de sua roupa, onde o vento se engolfou e o susteve docemente até que pôs o pé em terra (l. c. pgs. 14 e 16).

O próprio fonógrafo então estava em uso em nosso satélite. Conta Cyrano, com efeito (l. c. pg. 109) que o gênio que lhe serve de guia lhe dá para se distrair, alguns livros do país; esses livros são encerrados em caixas.

Ao abrir a caixa, encontrei dentro um não sei que de metal, quase semelhante aos nossos relógios, cheio de não sei que pequenas peças e de máquinas imperceptíveis: na verdade é um livro, mas um livro

milagroso, que não tem folhas, nem caracteres: enfim, é um livro onde, para aprender, os olhos são inúteis. Só se tem necessidade dos ouvidos. Quando, pois, alguém necessita de ler, liga com uma grande quantidade de toda sorte de pequenos nervos essa máquina, depois gira a agulha sobre o capítulo que deseja ouvir e, ao mesmo tempo, dele sai, como da boca de um homem ou de um instrumento de música, todos os sons distintos e diferentes, que servem entre os Grandes Lunares para a expressão da linguagem."

Nosso contador talvez tivesse tomado esta idéia do número de abril de 1632 do *Courrier Véritable*, pequeno jornal mensal onde muitas vezes se divertiam em registrar novidades fantasistas:

"O capitão Vosterloch está de volta de sua viagem às terras austrais que tinha empreendido para o comando dos Estados da Holanda, há dois anos e meio. Entre outras coisas, refere-nos que tendo passado por um estreito abaixo do de Magalhães, desembarcou num país onde a natureza forneceu aos homens certas esponjas que retêm o som e a voz articulados como as nossas fazem com os líquidos. De sorte que, quando querem ordenar alguma coisa ou falar de longe, falam apenas perto de alguma dessas esponjas, depois as enviam a seus amigos que, tendo-as recebido as tomam delicadamente, fazem delas sair tudo quanto havia de palavras e sabem por esse admirável meio tudo quanto seus amigos desejam."

Talvez Cyrano tivesse sido inspirado pela passagem seguinte de Rabelais (livro IV, Cap. LVI).

"Como, entre as palavras geladas, Pantagruel encontrou palavras de garganta.

"O piloto respondeu: "Senhor, de nada vos assusteis. Aqui é confim do mar glacial, no qual houve, no começo do último inverno passado, grande e felônica batalha, entre os Arimaspianos e os Nefelibatas. Quando gelavam no ar as palavras e gritos dos homens e mulher os chaplis das massas, os hurtis dos arreios dos bardos, os relinchos dos

sons grossos que vinham no degelo, uns como tambores e pífaros, outros como clarins e trombetas. Crede que nisso tivemos um grande passatempo. Eu queria por de reserva algumas palavras de goela, dentro do óleo, como se guardam a neve e o gelo, dentro de um forro bem limpo. Mas Pantagruel não o quis; dizendo ser loucura daquilo de que jamais se sente falta e que sempre se tem à mão, como são palavras de garganta entre todos os bons alegres Pantagruelistas. Aí Panúrgio olhou um pouco o irmão Jean, e o fez entrar em sonho, porque o queria falando quando menos pensava, e o irmão Jean o ameaçou de fazê-lo arrepender-se de semelhante modo como se arrependeu G. Jousseaulme, vendendo sob palavra lençóis ao nobre Patelin, e vendo que era casado tomou-o pelos cornos como um veado, pois que o tinha pegado na palavra como um homem. Panúrgio lhe fez babu, em sinal de troça. Depois exclamou, dizendo: "Praza a Deus que aqui, sem mais procedimento, eu tivesse a palavra da divina garrafa!"

Um outro sonhador, Tiphaigne de la Roche, publicou em 1760, sob o título de Giphantie, anagrama de seu nome, um curioso opúsculo, onde previa a fotografia em cores e a fez descrever pelo chefe dos Gênios elementares, a cujo palácio se achou transportado. (6).

(6) *Giphantie, na Babilônia, M. D. cc LX, in-12; 1.ª parte, Cap. XVII: La Tempete, pp. 131-133.*

Alguns anos antes (1690), escrevia Fénelon em Voyage supposé: "Não havia nenhum pintor no país, mas quando se queria ter o retrato de um amigo, de uma bela paisagem ou um quadro que representasse algum objeto, punha-se água numa grande bacia de ouro ou de prata, depois se levava essa água ao objeto que se queria pintar. Em breve a água se congelava, tornando-se como um espelho de gelo, onde a imagem dos objetos ficava impagável. Levava-se onde se queria. Era um quadro tão fiel quanto o mais polido vidro de espelho."

"Tu sabes que os raios de luz, refletidos dos diversos corpos fazem quadro e pintam esses corpos sobre todas as superfícies polidas, sobre a retina do olho, por exemplo, sobre a água, sobre os vidros. Os

espíritos elementares procuraram fixar essas imagens passageiras; compuseram uma matéria muito sutil, muito viscosa e muito pronta a secar e endurecer, por meio da qual um quadro é feito num abrir de olhos. Eles aí induzem uma peça de tela e a apresentam aos objetos que querem pintar. O primeiro efeito da tela é o do espelho: aí se vêem todos os corpos vizinhos e afastados, cuja imagem pode ser trazida pela luz.

"Mas o que um vidro não poderia fazer, a tela retém os simulacros por meio de seu conduto viscoso. O espelho vos mostra fielmente os objetos, mas não guarda nenhum. Nossas telas não os mostram menos fielmente, mas os guardam todos. Esta impressão das imagens é questão do primeiro instante em que a tela o recebe.

É tirada imediatamente e colocada num lugar escuro; uma hora depois, o induto está seco e tendes um quadro tanto mais precioso quanto nenhuma arte lhe pode imitar a verdade, e o tempo de modo algum o estraga. Tomamos na fonte mais pura, no corpo da luz, as cores que os pintores tiram de diversos materiais, que o tempo jamais deixa de alterar. A precisão do desenho, a variedade da expressão, os toques mais ou menos fortes, a gradação das nuances, as regras da perspectiva, abandonaremos tudo isto á natureza que, com esta marcha segura, que jamais se desmentiu, traça nas nossas telas imagens que se impõem aos olhos e fazem a razão duvidar se o que se chama realidades não são outras espécies de fantasma que se impõem aos olhos, ao ouvido, ao tacto, a todos os sentidos ao mesmo tempo.

"O espírito elementar entrou, a seguir, nalguns detalhes físicos 1.º, sobre a natureza do corpo colante, que intercepta e guarda os raios 2.º, sobre as dificuldades de o preparar e o empregar; 3.º, sobre o fogo da luz e desse corpo seco. Três problemas que proponho aos físicos de nossos dias, e que abandono à sua sagacidade."

Para terminar esta revista de invenções contemporâneas, que já haviam recebido uma espécie de existência virtual na imaginação dos

homens desse fecundo século XVII, nosso verdadeiro pai no domínio das ciências, lembrarei ainda que o telégrafo elétrico está indicado por Strada, numa vintena de versos de suas *Prolusiones academicae*, publicadas em Roma em 1617.

Para ele é um jogo de espírito, um simples voto:

O! utinam haec ratio scribendi prodeat usu

Cautior et citior properaret epistola!

A maneira pela qual imaginava o instrumento foi reproduzida por todos os cientistas da época e notadamente por um jesuíta loreno, o padre Leurechon, nas suas *Hilaria mathematica*, publicadas em 1624. Tomo a passagem, onde se trata do assunto, à tradução francesa publicada dois anos mais tarde, em Pont-à-Mousson, com o título de *Récréations mathématiques*, sob o pseudônimo de Van Etten.

"Alguns quiseram dizer que, por meio de um ímã ou outra pedra semelhante, as pessoas ausentes poderiam intercomunicar-se. Por exemplo estando Cláudio em Paris é João em Roma, se um e outro tivessem uma agulha friccionada nalguma pedra cuja virtude fosse tal que à medida que uma se movesse em Paris, a outra se mexesse do mesmo modo em Roma, poder-se-ia fazer que Cláudio e João tivessem um mesmo alfabeto e que tivessem convencido a falar de longe todos os dias, às seis da tarde; tendo a agulha feito três voltas e meia, seria sinal que é Cláudio e não outro quem quer falar com João. Então Cláudio lhe querendo dizer que o rei está em Paris, fará mover e parar sua agulha sobre o L depois sobre o R, o O e o I, e assim por diante. Ora, ao mesmo tempo a agulha de João, concordando com a de Cláudio, ir-se-á movendo e parando sobre as mesmas letras e, pois, facilmente poderia escrever ou ouvir o que a outra lhe quer dizer."

"A invenção é bela, acrescenta o padre Leucheron, que a respeito pensava como Strada, mas não creio que haja no mundo um ímã que tenha tal virtude."

Somos realmente tentados a tomar ao pé da letra este paradoxo de um filósofo matemático. (7)

(7) REVEL, *Esquisse d'un système de la nature fondé sur la foi du hasard*. D. 50, ed 1892.

"Tudo quanto é concebível é possível, e reciprocamente, tudo quanto é possível é concebível. Ora, em virtude da lei do jogo, todos os possíveis foram realizados e realizar-se-ão. Portanto, tudo o que é concebível realizou-se e realizar-se-á."

As pesquisas de nossos astrônomos não dão razão a este modesto pensador que, em 1823, escrevia numa obra anônima: (8)

(8) *Traité philosophique sur la nature de l'âme et de ses facultés...* Paris, m-16 (par OEAGER).

"Para mim, não coro ao confessar publicamente que em absoluto não me parece impossível, nem acima das forças da natureza, que um dia se estabeleça uma comunicação de nossa terra com outros globos do firmamento, como se estabeleceu entre o velho e o novo mundo. Creio mesmo que uma comunicação desse gênero necessariamente já deva existir nas praias incomensuráveis do firmamento, onde rolam tantos mundos e habitam tantos seres diferentes! Não me persuadiria de que a Natureza tivesse absolutamente isolado todos os globos na imensidade. Não veria mais essa unidade de plano, esse conjunto que a razão e a filosofia reclamam e que a atração newtoniana está bem longe de realizar. É verdade que as esperanças cristãs de uma comunicação entre as inteligências puras depois desta vida, mostram, até em certo ponto, essa unidade de plano do Criador. Mas, além disso - repito-o - não me parece absolutamente acima das forças da Natureza que se estabeleçam relações de um globo a outro, mesmo no atual estado de coisas. As cabeças fracas rirão de conjecturas tão ousadas. Mas eu me consolarei com alguns pensadores de meu conhecimento, que nada têm de comum com os espíritos acanhados nem, sobretudo, com os maquinistas do século."

Em todo o caso, certamente podemos dizer como Beaumarchais, em *Le Mariage de Figaro*:

"Velhas loucuras tornam-se sabedoria e as antigas mentiras se transformam em belas pequenas verdades."

NOTA E

Persistência da vitalidade nos membros separados do corpo.

A vitalidade por vezes pode subsistir em certas partes do corpo dos animais muito depois que esses corpos não estão mais animados (Cf. Gibier, *Analyse des Choses*, pgs. 228-230).

Ambroise Paré (Liv. XVIII) fala de um cadáver que ele havia embalsamado e que guardou vinte anos sem corrupção, e cujas unhas tornavam-se muito longas, posto as cortasse muitas vezes.

No comércio da pelaria, chamam-se repugnantes as peles cujo couro foi preparado e nas quais a vida continua a subsistir, muito depois da morte do animal, manifestando-se por pelos que crescem dentro da pele de tal sorte que não é muito raro ver peles, especialmente de marmota de opossum e de castor, cobertas de pelos dos dois lados do couro.

Citam-se, porém, outros fatos bem mais extraordinários, ocorridos em nossos dias, que confirmam as histórias relatadas por escritores do século XVII, a respeito da persistência possível de um liame entre o corpo e uma excreção ou parte desse corpo.

O primeiro foi recolhido por um cirurgião americano nas Montanhas Rochosas, em 1881:

"Eu visitava", conta o cirurgião, "uma serraria mecânica com amigos. Um deles escorregou e seu antebraço foi apanhado por uma

serra circular, que o mutilou. Foi necessária a amputação. Estava-se grande distância de uma cidade. Feita a amputação, o braço cortado foi posto numa caixa cheia de pó de serra, e enterrado. Pouco tempo depois meu arraigo, em pleno caminho de cura, queixava-se de sofrer no braço ausente, acrescentando que sentia a mão cheia de serragem e que um prego lhe teria o dedo. Persistindo as queixas a ponto de lhe tirar o sono, os que o rodeavam temiam por sua razão, quando me veio a idéia de voltar ao lugar onde se dera o acidente e, por estranho que pareça quando lavava o membro desenterrado para o desembaraçar do pó da serra, constatei que um prego da tampa da caixa estava metido no dedo. Não é tudo. O ferido, que se achava a algumas milhas dali, dizia ao seus amigos: "Derramam água na minha mão, tiram o prego e isto vai muito melhor."

O senhor Lermina, a quem tomo a história, assim continua (Magie pratique, pg. 203)

"Uma aventura mais ou menos semelhante aconteceu a um tal Samuel Morgan, empregado das máquinas de costura Singer. Amputado em consequência de um acidente, queixava-se de dores na espádua e de câibras nos dedos ausentes. Reconheceu-se então que o membro amputado tinha sido metido tão violentamente numa caixinha, onde tinham fechado para enterrar, que a mão estava dobrada sobre si mesma de modo a causar no membro - se estivesse vivo - a dor de que se queixava o ferido.

"Aliás, basta consultar os internos de nossos hospitais para constatar numerosos fatos análogos, atribuídos, como sempre, a uma sugestão da imaginação. Mais espertos, os americanos experimentaram utilizar essas constatações para a melhor cura do paciente. Não hesitam em declarar que a dor física tem uma repercussão durável na forma espiritual do membro amputado. A gangrena que se declara depois das amputações é, segundo eles, a resultante da decomposição do membro cortado. Queimando esse membro, desaparece o perigo.

Somente como o paciente sofre durante a cremação do membro destacado, como se estivesse aderente ao corpo, importa anestesiá-lo durante a operação."

As reflexões do senhor Lermine farei a mesma censura de quase todos os que escreveram sobre estas questões: eles deixam supor que as exceções que apresentam são a regra, de tal sorte que a experiência diuturna, não justificando os seus raciocínios, são olhados como falsos os fatos entretanto reais, sobre os quais eles se apóiam.

O padre Hanapieu tentou, na sua *Tératoscopie du fluide vital* publicada em Paris em 1822, dar uma explicação da sensação percebida pelo amputado num membro ausente.

Diz ele: "Para começar (pg. 84) é preciso reconhecer com o dr. Richerand, que o fluido vital, ou se se preferir, o princípio da vida, anima, isto é, vivifica cada molécula viva do nosso corpo, cada órgão, cada sistema de órgãos. Conforme esta verdade incontestável, pode dizer-se que temos dois corpos: um composto de matéria bruta, e outro composto de fluido vital, que vivifica, que organiza o da matéria bruta. Esse corpo, composto de fluido vital, comporta-se, diz o dr. Richerand, à maneira de um fluido; ele se consome, repara-se, distribui-se igualmente e se renova sem cessar no corpo da matéria bruta, que dele faz um desperdício contínuo. Não se deve esquecer que é o fluido vital apenas que ao cérebro leva todas as sensações.

"No caso suposto de uma perna amputada, o fluido recebe sempre a mesma modificação, o mesmo impulso, a mesma direção que antes da amputação; conseqüentemente deve dar-se com a mesma modificação o mesmo impulso e a mesma direção nos lugares que ocupam antes da amputação e, por conseqüência, no lugar que ocupava a perna cortada. Se, pois, a pessoa que sofreu essa operação sentir uma dor no pé, é o fluido vital, que se acha no lugar onde a dor se faz sentir, que a leva ao cérebro. Ela não se enganou, porque a dor

existe realmente no fluido vital, que subsiste sempre depois da amputação da perna da matéria bruta.

"Entretanto o pé de fluido vital que sente uma dor, quando a atmosfera está sobrecarregada de eletricidade, não pode experimentar as mesmas sensações que antes da amputação.

1.º - Porque no lugar que ocupa não mais se encontra na mesma proporção e, por conseqüência, com a mesma sensibilidade; não mais está revestido da epiderme que impedia seu grande desperdício na perna amputada; assim, é preciso uma comoção extraordinária da atmosfera elétrica para lhe fazer experimentar uma sensação dolorosa, que jamais é tão forte quanto teria sido se a perna não tivesse sido amputada.

2.º - A pessoa cuja perna foi amputada não pode experimentar as mesmas sensações que antes da amputação porque, ou essa pessoa fixa a atenção sobre a privação de sua perna, ou leva a atenção para qualquer outra coisa: no primeiro caso, a reflexão de que está privada da perna não lhe permite experimentar a mesma sensação que antes da amputação; no segundo caso, a sensação que poderia realmente experimentar seria anulada por uma sensação mais viva, que fixasse exclusivamente a sua atenção.

3.º - Se eu tivesse mais experiência, talvez pudesse citar muitos exemplos de pessoas, cujos membros foram amputados e que, esquecendo totalmente a amputação, usam sua perna de fluido vital como se a perna amputada ainda existisse, sem refletir que delas estavam privadas. Conheço uma jovem cuja coxa tinha sido amputada. Várias vezes ela se ergueu e deu alguns passos com ambas as pernas, isto é, com a não amputada e com a de fluido vital. Ordinariamente era ao sair da cama; sua mãe, testemunha, era obrigada a exclamar: Ah! infeliz tu não tens tua perna de pau! Um médico de meus amigos garantiu-me ter visto um oficial cuja coxa havia sido amputada, marchar até o meio de seu quarto sem perceber que não estava com a

perna de madeira e não se detinha senão quando fazia a reflexão; então a perna de fluido vital não tinha mais força para suportar o peso do corpo.

"Sem dúvida ficar-se-á admirado de ver uma perna de fluido vital, essa substância invisível, impalpável, imponderável, suportar o peso do corpo. Mas dever-se-ia ficar mais admirado de ver uma perna de carne de matéria bruta, suportar o mesmo fardo. Sem dúvida a resposta é a perna de carne é vivificada e que é a vida que lhe dá força necessária para suportar todo o corpo. Mas eu responderei, por minha vez, que o fluido vital que dá a vida e a força a essa perna de carne e que fluido vital não perde a sua força, por estar separado da perna de carne sobretudo quando é dirigido pela vontade da alma ou por qualquer outro agente que substitui, de qualquer sorte, a vontade.

"Não posso exprimir melhor o meu pensamento do que comparando ação do fluido vital, no caso de uma perna amputada, a um jacto de água.

"Quando se quer ter água à vontade, no primeiro andar de uma casa, de começo se faz um reservatório à altura do primeiro andar, de onde parte um cano de descida e um de elevação, que leva a água ao mesmo nível que a do reservatório no apartamento onde se a quer fornecer. Se se fizer a amputação, ou antes, se se suprimir o cano de subida, a água do reservatório não subirá com menos força do que o fazia pelo cano de subida, que foi retirado; o cano não dava força à água que continha; não servia senão para a dirigir de modo conveniente e dela dispor à vontade. Assim a amputação do membro que continha o fluido vital não impede que este ceda ao impulso que recebia do reservatório de onde partia; a perna não servia senão para a dirigir de maneira conveniente e dispor segundo a intenção da vontade. Na primeira suposição a supressão do cano de subida produz um jacto d'água; na segunda, a amputação do membro produz um jacto de fluido vital. Numa suposição, como na outra, os dois fluidos

experimentam o mesmo impulso e seguem a mesma direção que antes da amputação."

NOTA F

Eflúvios dos órgãos dos sentidos e dos pontos hipnógenos

Segundo Tales e seus discípulos, a visão é produzida por uma infinidade de raios que, projetados pelos olhos, vão, como outros tantos braço invisíveis, tatear e pegar os objetos percebidos.

Pitágoras e seus discípulos admitiam, ao contrário, que os objetos luminosos emitem, em linha reta e em todos os sentidos, uma infinidade de imagens. Essas imagens, que eram chamadas ídolos, simulacros efígies, eflúvios, são como películas tiradas da extrema superfície do corpo e produzem o fenômeno da visão, quando ferem os olhos.

Platão combina as duas hipóteses e supõe que a visão é devida vibrações produzidas pelo encontro dos eflúvios etéreos, emitidos pelos corpos luminosos com os eflúvios da mesma natureza que saem do olho.

Em seus *Probos de table* (liv. V., quest. 7), Plutarco refere assim a explicação dada por Demócrito ao mau olhado ou à fascinação.

"Diz este filósofo que sai das imagens dos olhos dos que são invejosos feiticeiros, e isto não sem algum sentimento e alguma inclinação, assim estando cheios de inveja e maldade dos que as lançam fora de si, com a qual vindo a se emplastrar, ligar-se e parar com aqueles que assim são invejados, perturbam e ofendem a seus corpos, alma e entendimento.

"Mas ser ofendido apenas por ser olhado, acontece como já dissemos mas, por ser bem difícil achar a causa, descrêem (não o crêem): e, contudo, digo eu, parece que estás no caminho e achaste o rastro, tendo tocado a defluxão que se faz dos corpos. Porque o olfato, e a voz, e a palavra e o hálito são fluxões e destilações que saem dos corpos dos animais, e partes que abalam os sentimentos naturais, os quais ao recebê-los, são alterados e afetados. E é ainda mais verossímil que tais defluxões se façam fora dos corpos dos animais pelo calor e pelo movimento, quando são esquentados e agitados, e que os espíritos vitais lhes façam um aumento da pulsação e um batimento mais rápido, com o qual sendo o corpo agitado e sacudido, lança fora de si, continuamente, algumas defluxões: e aí parece que tanto isto se faz pelos olhos, como por qualquer outro conduto que seja. Porque a vista, sendo uma sensação muito ligeira e móvel, espalha uma maravilhosa força inflamada, quando é o espírito que a dirige, de maneira que o homem, por meio dessa vista, faz e sofre vários efeitos notáveis, e recebe coisas que quer, prazeres e desprazeres não pequenos. Porque o amor, que é uma das maiores e mais veementes paixões da alma, tem sua fonte e origem na vista, de tal modo que aquele que é empolgado pelo amor, se funde e se escoa todo olhando a beleza da pessoa que ama, como se nela entrasse. Por meio de que, com razão poder-se-ia dizer, como há quem confesse, que o homem bem pode sofrer e ser prejudicado pela visão, e acha estranho que ele faça mal e cause prejuízo pela mesma visão. Porque o olhar das pessoas que estão na flor da beleza, e o que lhes sai dos olhos, seja em luz ou em fluxão de espíritos, funde os amorosos e os consome com não sei que volúpia, mesclada de dor, que eles chamam agridoce. Porque não são tão feridos e ulcerados nem por ouvir, nem por tocar, senão por olharem e serem olhados, tão profunda é a penetração e grande a inflamação pela vista, de sorte que me parece que aqueles jamais sentiram nem experimentaram o que é o amor, que

se maravilham com a Nafta de Babilônia, a qual se acende apenas lhe mostrando o fogo de longe; porque os olhos das belas criaturas acendem um fogo dentro das almas e nas entranhas dos amorosos, mesmo quando não olham senão de bem longe."

O bispo Heliodoro, que viveu no século IV de nossa era, na Tessália, compôs um romance intitulado les Ethiopiques, onde dá detalhes sobre a vida do egípcios.

Aí se vê uma jovem doente, depois de ter sido ferida de mau olhado. Um amigo explica "que se desprendem de cada um de nós átomos impalpáveis, que se propagam pelo ar, de sorte que numa reunião numerosa de homens, há os que flutuam por todos os lados, levando em si o poder de realizar os desejos daqueles de onde foram emitidos."

No processo outrora seguido contra os leprosos, no número das proibições que lhes eram impostas, a fim de evitar o contágio, acha-se esta:

"Não mirarás, nem olharás nos poços, fontes ou lagos, susceptíveis de receber ou refletir a tua imagem."

Notar-se-á que são as águas estagnadas as mais próprias a se sensibilizarem, que são aqui especificadas.

Observações que ainda não tive ocasião de verificar, sobre um grande número de assuntos, para me permitir afirmar a generalidade do fenômeno, me provaram que nalguns dentre eles os pontos hipnógenos eram:

1.º - Insensíveis na superfície da pele;

2.º - Que por esses pontos se desprendiam, mesmo em vigília, eflúvios que transmitem ao cérebro a sensação de ações mecânica, exercidas sobre eles, fora da pele;

3.º - Que os máxima e mínima de sensibilidade eram dispostos por camadas semelhantes às que se produzem nos mesmos sensitivos,

sobre toda a periferia do corpo, em consequência de passes magnéticos.

4.º - Que as ações mecânicas exercidas sobre as mumies repercutem de preferência sobre esses pontos; é mesmo graças a esta propriedade que pude reconhecer a maioria dos pontos hipnógenos nos sensitivos.

NOTA G

A radiação cerebral

Discurso pronunciado a 1.º de março de 1892, ante Sessão de Eletricidade do Instituto Franklin, pelo senhor

Edwin Houston

Pensei que não seria sem interesse para o público examinar aqui as pesquisas quase extravagantes a que me entreguei durante estes últimos anos, mas que até agora não quis publicar. Seguindo a idéia que me tinha sido sugerida por um amigo, esforcei-me por estabelecer uma certa correlação entre os fenômenos do pensamento e os fenômenos físicos mais materiais. Posto que as informações que posso fornecer para apoiar uma hipótese do mecanismo das operações cerebrais sejam confesso-o - incompletas e talvez improváveis, contudo decidi-me expô-las em público, com o pensamento de que talvez interessassem mundo científico.

Não ignoro, bem entendido, que as operações psíquicas do cérebro até aqui têm desafiado toda explicação. Geralmente se está convencido que a sede da atividade psíquica é o cérebro. Contudo, a maneira pela qual esse órgão age para produzir, conservar e reproduzir o pensamento é desconhecida e provavelmente o será sempre.

Partindo desta consideração única, que a operação cerebral ou pensamento, qualquer que seja o mecanismo exato, é acompanhada de vibrações moleculares ou atômicas da matéria cinzenta, ou de qualquer outra matéria desta parte do cérebro, chamada cerebelo, que me permito propor a seguinte hipótese, para dar conta da telepatia (ação à distância) do mesmerismo da transmissão do pensamento, do hipnotismo e de outros fenômenos conexos.

Depois de haver pedido me concedessem, como "postulatum", a existência do éter universal, que é geralmente aceita hoje por todos os sábios, e pensando que esse éter atravessa a matéria, mesmo a mais densa, tão facilmente quanto a água passa por uma peneira, segue-se que os átomos ou moléculas do cérebro, que são a causa da operação cerebral, banham-se completamente no éter. Ora, desde que o éter é um meio de alta elasticidade e muito móvel, o pensamento, ou operação cerebral, se acompanhado de vibrações, necessariamente deve dar origem, no seio do éter, a movimentos ondulatórios tendo por centro os átomos ou moléculas do cérebro. Em outros termos, o ato do pensamento, ou operação cerebral, exige um gasto de energia, porque, necessariamente, supõe a movimentação dessas partículas atômicas ou moleculares do cérebro, cuja existência admitimos.

A natureza exata desses movimentos que, por hipótese, acompanham um estado ativo do cérebro, deve necessariamente permanecer desconhecida, enquanto ignorarmos a natureza exata do mecanismo que é posto em movimento. Mas se um cérebro em atividade desenvolve pensamento, porque algo é posto em movimento, segue-se naturalmente que um cérebro absolutamente livre de produzir pensamento deve estar em repouso, no que se refere a esse gênero de movimento. Uma libertação absoluta de pensar, num cérebro são, é, provavelmente, um estado que existe raramente. Ao contrário, o repouso relativo deve ser muito comum.

Parece resultar da facilidade com que esta curiosa função do cérebro, chamada memória, o põe em estado de lembrar facilmente as particularidades passadas, que as células da matéria cinzenta, ou outra do cérebro, que concorrem à produção do pensamento, podem ser levadas a entrar em certos grupamentos ou em certas relações umas com as outras. Graças à contínua repetição de certos ordens de pensamentos, como no estudo ou nas observações repetidas, os movimentos particulares, necessários à reprodução desse pensamento, provavelmente recebem um vinco ou uma tendência a formar grupamentos mais ou menos permanentes. Assim, pois quando o cérebro é posto em movimento e, de qualquer maneira, tocado como um instrumento, esses movimentos se produzem e certas lembranças despertam.

Como se podem produzir tais movimentos? A resposta certa parece ser que se manifestem sob a dupla influência de dentro e de fora. Pode bem ser que o afluxo do sangue num cérebro em atividade - o fato é bem notório - que acompanha toda operação cerebral ativa, não seja apenas destinado a nutrir e reconstituir esse órgão, mas também a lhe fornecer a força puramente mecânica, que não tem senão que agir sobre esse instrumento tão maravilhosamente concedido para despertar os pensamentos cuja impressão já recebeu, ou para fazer julgar as combinações novas, que jamais se lhe tinham apresentado.

Mais tarde submeterei uma explicação sobre a maneira pela qual essas impressões talvez sejam excitadas de fora.

Seja qual for a origem dessas vibrações ou a maneira por que são excitadas, é preciso um dispêndio de força para as produzir e, como o reconhecerá de boa vontade a pessoa que pensa, esse dispêndio de força acarreta, muitas vezes, um considerável esforço nervoso.

A energia cerebral, ou energia gasta, como acabamos de o dizer, para produzir o pensamento, é dissipada quando se comunicam

movimentos ondulatórios ao éter ambiente, e esses movimentos se espalham em todas as direções, partindo do cérebro, por exemplo, para os olhos.

Sem dúvida não há provas absolutas da existência das vibrações moleculares ou atômicas das partículas do cérebro, cuja existência admito. Contudo, esse movimento não é improvável e, mesmo, certos fatos, conhecidos pelos médicos, estão longe de estar em desacordo com esta hipótese. O cérebro, para funcionar normalmente, deve receber uma certa pressão devida à do sangue. Quando esta pressão aumenta além de certo limite, como, por exemplo, no caso de fratura do crânio, ou uma parte do osso entrou pela fratura, de maneira a produzir uma compressão sobre a matéria cerebral, todo pensamento, ou trabalho cerebral, cessa imediatamente. Mas quando esta pressão é suprimida pela trepanação, não só o trabalho cerebral recomeça, mas - coisa curiosa! - geralmente retoma no ponto em que o paciente o havia deixado, no momento do acidente.

Suponhamos, pois, que as radiações, ou ondas cerebrais, sejam emitidas de todo cérebro dotado de sentimento ou em atividade, e que estas ondas passem no espaço que circunda o cérebro, mais ou menos como as ondas que são comunicadas ao ar em torno de um diapásão.

As radiações cerebrais não são tão materialmente captáveis quanto as do som. Seus comprimentos de onda certamente são muito menores. São comunicadas ao éter universal.

Se essas ondas, que chamarei ondas cerebrais, se acham no éter que enche todo o espaço, será interessante pesquisar quais fenômenos se podem esperar ver produzidos.

Admitindo que essas vibrações se produzam no seio do próprio éter é inútil pôr em dúvida tanto quanto discutir sua natureza geral. É de presumir que entrem na classe das vibrações transversais, que se encontram no éter, por ocasião dos fenômenos de calor, luz, magnetismo e eletricidade.

Em conseqüência, um cérebro em atividade pode ser encarado como dispendo do éter que o cerca segundo ondas cerebrais, que irradiam fora dele em todos os sentidos. Deste ponto de vista assemelha-se bastante a um condutor no qual passa uma descarga oscilatória, produzindo estas ondas que, como tão magnificamente demonstrou Hertz, assemelham-se às vibrações produzidas pela luz.

Assim, pois, admitido que as radiações cerebrais têm a natureza das radiações termiais, luminosas, elétricas ou magnéticas, a explicação seguinte da telepatia, ou transmissão do pensamento, não é absolutamente improvável, para nada mais dizer.

Creio poder explicar a possibilidade da transmissão de vibrações cerebrais específicas de um cérebro ativo a um cérebro passivo, ou receptor, pela simples ação daquilo que cientificamente é conhecido sob o nome de vibrações simpáticas.

Examinemos, por exemplo, o caso de um diapasão vibrando, emite ondas sonoras através do espaço e está afastado de um segundo diapasão, a principio em repouso, mas que pode vibrar em unísono como o primeiro. Como se sabe, o diapasão ativo, ou receptor, entra pouco a pouco em vibração. A energia do diapasão transmissor se comunica através do espaço, por intermédio das pulsações, ou ondas produzidas na atmosfera ambiente, e o fenômeno pode produzir-se malgrado uma distância relativamente considerável dos aparelhos.

Considerai ainda o caso de vibrações simpáticas excitadas por ondas luminosas. A energia solar é irradiada ou transmitida através do espaço existente entre o céu e a terra, por ondas ou oscilações do éter luminoso. Caindo sobre uma folha de estrutura delicada, essas ondas sofrem uma espécie de seleção, porque certos comprimentos de onda são absorvidos, e outros, rejeitados. As ondas absorvidas excitam ou produzem vibrações simpáticas nas moléculas do ácido carbônico contido na folha, e tem por efeito provocar movimentos vibratórios do carbono e do oxigênio, movimentos cuja amplitude ou energia cresce

até o momento em que sua afinidade química ou atração atômica é ultrapassada ou em que se produz a dissociação. Então o oxigênio é expelido da folha para a atmosfera e o carbono é retido nos órgãos da planta.

Eis ainda o caso mais interessante, daquilo a que Hertz chama de ressonância elétrica. Hoje é geralmente reconhecido pelos eletricistas que um condutor, sede de uma descarga elétrica oscilatória, lança no espaço que o cerca ondas ou oscilações elétricas animadas da mesma velocidade da luz, de sua mesma natureza. Se essas ondas elétricas encontram um circuito adequado, em relação a seu período de oscilação, de maneira a ser capaz de vibrar sincronicamente com elas, estas aí originam oscilações elétricas, tendo exatamente a mesma natureza que as do circuito excitador.

Em razão destes fatos, não me parece improvável que um cérebro, absorvido por um pensamento intenso, possa agir como um centro de radiações cerebrais, nem que as radiações projetadas em todos os sentidos desse cérebro possam influenciar outros, sobre os quais elas caem, visto como, bem entendido, esses últimos estejam afinados de maneira a vibrar em uníssono. Nos casos deste gênero, a absorção da energia pelo cérebro receptor tanto pode ser uma absorção seletiva, por força da qual a marcha ordinária dos pensamentos é simplesmente modificada, quanto uma absorção completa e, neste caso, o cérebro excitador determina, no cérebro receptor, a reprodução exata de seus próprios pensamentos.

Tal hipótese está longe de ser improvável. Ao contrário, parece apoiada por uma variedade de fatos curiosos, aos quais apenas faltou uma hipótese geral para entre eles estabelecer uma correlação.

Se esta hipótese for verdadeira, daí resulta que essas vibrações, ou radiações cerebrais, devem transpor o espaço exatamente com a mesma velocidade que a luz, com a única condição de que as vibrações cerebrais sejam da mesma ordem. É bem entendido que essa

igualdade das velocidades de propagação só é verdadeira para o éter livre. No éter que enche os espaços intermoleculares da matéria bruta ou, segundo a denominação técnica, o éter combinado, a velocidade de propagação das ondas varia conforme o caráter particular da matéria com a qual está associado. Um retardamento ou uma diminuição de velocidade das ondas cerebrais produzir-se-ia incontestavelmente durante sua passagem nas substâncias que compõem o crânio e a cabeça.

Se o pensamento se desloca no éter segundo um movimento ondulatório semelhante ao da luz, está em estado de circular em todas as direções que os raios luminosos podem seguir no éter.

Uma experiência muito conhecida em hipnotismo pareceria bastante favorável à hipótese da radiação cerebral: é aquela em que, depois que o paciente foi posto em estado de semiconsciência, ou de inconsciência completa, seu cérebro é levado a um estado de atividade mais ou menos pronunciada, pelas sugestões do hipnotizador (9).

(9) Esta frase é obscura. Parece que o autor alude às teorias do doutor Ochorowicz sobre a sugestão mental, que ocorreria quando o receptor está em estado de a-idéia, isto é, sem idéias próprias.

A propósito de sugestões desse gênero, seria interessante constatar se um hipnotizador, posto em posição tal que a luz, caindo sobre os seus olhos, fosse, a seguir, ferir os olhos do paciente, poderia se observar sim ou não, os atos de sugestão serão mais facilmente percebidos pelo cérebro do hipnotizado, com ou sem a intervenção dos raios luminosos.

Se essas especulações cerebrais têm a natureza das ondas do éter pode-se, em conseqüência, presumir que para elas existam fenômenos correspondentes aos da radiação termal, luminosa, elétrica ou magnética. E mesmo parecerá possível que os fenômenos de reflexão, de refração e, talvez mesmo, de dispersão dessas ondas aí se produzam (10). Neste ponto de vista, é interessante imaginar a

decomposição de uma onda completa do pensamento em suas ondas elementares, de maneira correspondente à decomposição de um feixe de luz num prisma.

(10) Em Cosmos de 27 de agosto de 1892. o senhor L. Reverchon assinala o fato da exteriorização da memória. Depois de haver lembrado minhas observações sobre a exteriorização da sensibilidade, acrescenta:

"E realmente extraordinário. Entretanto todos os dias assistimos a coisas que são quase tanto e que, entretanto, não nos admiram, habituados que estamos a lhes não prestar atenção. Eis uma que muitas pessoas poderão verificar e deve ser muito comum.

"Muitas vezes tenho ocasião de passar de um a outro andar, em busca um informe que me falta, e muitas vezes me tem acontecido esquecer, no trajeto, o motivo do meu deslocamento. Ora, geralmente não tenho que fazer senão, em sentido inverso, uma parte do caminho que acabo de percorrer, para me lembrar do que procurava

"Dado que: 1.º - os objetos junto dos quais eu passo me são absolutamente familiares e no mesmo grau; 2.º - não me é necessário voltar ao meu ponto de partida, onde os traços precisos me recolocariam na pista; 3.º - e que obrigado a fazer ora mais, ora menos, o caminho para chegar ao mesmo resultado creio poder concluir logicamente que há uma verdadeira exteriorização da memória em tal ou qual ponto do espaço, e que a passagem pelo ponto de exteriorização seja qual for, pode trazer a reintegração da memória exteriorizada.

"A distração produz, assim, a exteriorização, como a produziria o sono hipnótico; e, sem dificuldade, pode conceber-se que uma vontade enérgica, multiplicando a força do fenômeno, seja capaz de operar o transpasse em outro lugar.

Se as radiações ou ondas do pensamento participam da natureza da luz, pode-se entrever, nos horizontes afastados da ciência, a possibilidade de obter, por exemplo, por meio de uma lentícula, sua imagem fotográfica sobre uma placa convenientemente sensibilizada, mais ou menos conforme o método da reprodução da fotografia ordinária. Esse registo do pensamento, convenientemente empregado, talvez estivesse em estado despertar, numa época posterior, no cérebro de uma pessoa que submetesse à sua influência, pensamentos idênticos àqueles que tivessem sido fotografados. (11)

(11) Deve-se ver uma primeira realização desta hipótese no fato seguinte publicado há alguns anos pelo doutor Pinel e que, por mim mesmo, não tive ocasião de verificar:

"Um fenômeno hipnótico inegável, pois nós mesmos o praticamos, e a fotografia com auxílio do oftalmoscópio elétrico munido de uma chapa sensível da imagem sugestionada

a um sensitivo hipnotizado. O efeito é naturalmente instantâneo, como o fenômeno fotográfico em gelatino-bromureto.

"No mesmo instante em que se dá a sugestão, o sensitivo entrevé a imagens perfeitamente desenhada, do objeto designado: cavalo, serpente, pássaros, etc. Ora as células cerebrais, feridas pela palavra pronunciada, mandam a imagem ou desenho do objeto ou do animal à retina. Essa imagem se reflete na parte posterior do cristalino, na câmara do olho e, por ação virtual, cresce e se exterioriza como uma lente. O fenômeno se produz em todas as alucinações regressivas, em certos doentes; são aberrações da vista, como as há da audição, do olfato e de os sentidos.

Não dissimulo quanto é pouco provável que um registro de tal gênero possa ser obtido em futuro próximo, nem as excessivas dificuldades que parecem opor-se, mesmo, a que jamais seja tentado.

Enquanto não conhecermos nada de mais preciso sobre a natureza dessas vibrações cerebrais admitidas por hipótese e sobre seus comprimentos, estaremos forçosa e seriamente embaraçados quanto ao melhor método a empregar para as fixar de maneira permanente. Apenas submeto esta idéia como um exemplo daquilo que a ciência tem em reserva para os que vierem depois de nós. Permito-me fazer notar, a propósito, que provavelmente teria sido olhado como de todo impossível, há cem anos, transmitir pelo telefone ou reproduzir pelo fonógrafo a linguagem articulada.

Esse registro do pensamento, se pudesse ser obtido, não seria uma imagem do pensamento mesmo, nem grupos particulares de partículas, cujos movimentos alternativos acompanham ou produzem o pensamento, como também o traçado do registrador fonográfico não forma a imagem das palavras pronunciadas. Representaria pura e simplesmente os movimentos ondulatórios do éter, posto em movimento pelas operações cerebrais.

O olho que visse uma imagem deste gênero, dela não receberia nenhuma impressão; a matéria cerebral, só ela, poderia ser influenciada e pos-se em uníssonos com a excitação recebida.

Muitas vezes me diverti em adivinhar o que poderia ser uma máquina capaz de registrar os pensamentos de um cérebro em

atividade, numa película sensibilizada, posta no foco de uma forte lente, diante de uma pessoa absorvida em profunda reflexão.

Se, a seguir, se fizesse a película girar, como o cilindro de um fonógrafo, com a mesma velocidade com que tinha sido impressionada, e em condições de luz idênticas às da pose, as vibrações assim reproduzidas excitariam, no cérebro passivo, pensamentos idênticos aos da pessoa escolhida para a experiência.

Desnecessário dizer que uma máquina deste gênero jamais foi construída e que ainda se acha no domínio da irrealidade, aliás, do mesmo modo que as especulações que tive a honra de vos apresentar. Mais ainda: há tantas probabilidades contra o seu estabelecimento, que hesitei em a mencionar.

Algumas experiências poderiam ser feitas a título de ensaio, de maneira análoga no domínio da transmissão do pensamento, colocando grandes lentes ante os olhos de um hipnotizador, a uma distância conveniente, para fazer convergirem às radiações cerebrais sobre os olhos do sensitivo hipnotizado. Estas experiências poderiam ser ensaiadas com ou sem o auxílio dos raios luminosos.

Uma das mais sérias objeções à minha hipótese das radiações cerebrais é a raridade mesma dos fenômenos de telepatia e transmissão do pensamento. Permitir-me-ei fazer observar que essa raridade relativa se explica, talvez, pela presença, no corpo humano, de uma espécie de tela que protege o cérebro ou os centros nervosos contra os efeitos das radiações cerebrais. Não é impossível que os invólucros dos nervos sirvam de telas, que impedem o cérebro de receber radiações cerebrais.

O senhor Professor Tyndall, em sua obra sobre o som, lembra este fato bem conhecido que, no caso de vibrações simpáticas de dois diapásões, a energia do diapásão transmissor se gasta mais depressa que quando não provoca a vibração do diapásão receptor.

Um fenômeno análogo poderia ser observado no caso da transmissão do pensamento.

Como professor, muitas vezes tive uma sensação de esgotamento considerável, quando dava exames aos meus alunos.

A causa dessa fadiga talvez fosse uma dissipação rápida da energia devida à absorção de minhas radiações cerebrais pelos cérebros dos candidatos. Médicos me disseram que experimentavam uma grande lassidão no tratamento de certas moléstias, em que sua atenção era mais particularmente mantida alerta.

Se algo de verdadeiro existe na hipótese que acabo de esboçar em poucas palavras, haveria também o que chamarei uma espécie de radiação vital, que se produz e se espalha fora do corpo de uma pessoa bem saudável e que, por simpatia, pode provocar no corpo de pessoas mais fracas ou doentes, vibrações de um tipo normal ou mais sadio.

Se assim é, a antiga crença na eficácia da imposição das mãos e nas curas pelo magnetismo, achar-se-ia um tanto confirmado fora da causa que explica a maioria desses fatos, quero dizer, a histeria.

Emito a hipótese precedente das radiações cerebrais com muita dúvida e hesitação, e simplesmente como um convite aos que trabalham no domínio da telepatia ou da transmissão do pensamento. Assim, espero atrair sua atenção para alguns dos fenômenos, cuja explicação até aqui escapa à ciência.

NOTA H

Ação mecânica das radiações oculares

O senhor Jounet recentemente retomou as experiências do magnetizador Lafontaine com o seu zoomagnetômetro, e assim expõe os resultados a que chegou:

"Em 1893 e depois, refiz uma parte dessas experiências, as que se referem à ação do fluido das mãos humanas sobre uma agulha de cobre, suspensa num bocal cuidadosamente fechado.

"A agulha de cobre, furada ao meio, é suspensa, no interior do bocal de vidro fino, por um fio de seda não fiado; o fio é cosido pela extremidade superior ao centro de uma cobertura de pele, que fecha hermeticamente o bocal. Coloco o bocal sobre uma chaminé de mármore, solidamente embutida na parede. Sento-me em frente ao bocal, um pouco abaixo. O cômodo é fechado, estou só, eu mesmo preparei tudo. Estamos em plena luz. Nestas condições, estando a agulha bem repousada é perfeitamente imóvel, se aproximo a mão, os dedos em ponta, ponho a agulha em movimento, determino atrações e repulsões.

"Com o zoomagnetômetro tentei algumas experiências de que não fala Lafontaine; tentei pôr a agulha em tal ou qual sentido, tendo baixado as mãos e não tendo senão os olhos em frente a agulha; consegui pô-la em movimento na direção desejada.

"Então, estando o bocal posto sobre um círculo de papel, tendo na circunferência as letras do alfabeto em círculo, de maneira que uma das pontas da agulha ficava em frente à primeira metade do alfabeto, de A a L, e a outra ponta para segunda metade, de M a Z, quis ver se chegaria, pelo pensamento, a pôr a agulha em movimento, fazer ligeiramente que as pontas parassem em frente a tal ou qual letra e assim se formasse uma palavra desejada e previamente determinada.

"Consegui-o para palavras curtas, e que não exigiam grande amplitude de movimento da agulha; assim, formei as palavras roc, ère, nord, etc. Concluí que é possível, só pela ação mental e cerebral, pôr em movimento uma agulha de cobre suspensa num bocal de barro fechado e imóvel, e, pelas paradas dessa mesma agulha, diante das letras traçadas num círculo de papel, posto debaixo do bocal, sempre

pela única ação mental e cerebral, fazer traçar determinadas palavras, antes fixadas no espírito.

"Ora, um cérebro humano é mais flexível que uma agulha inerte. A possibilidade da sugestão mental se acha, pois, analogicamente confirmada por essas experiências com a agulha."

Essas experiências dão igualmente a chave desse fenômeno que o senhor Chevreul em vão havia tentado explicar pelos movimentos inconscientes, e que assim definia:

"Pensar que um pêndulo suspenso pela mão pode mover-se e que se move sem que se tenha consciência que o órgão muscular lhe imprime nenhum impulso; eis um primeiro fato.

"Ver esse pêndulo oscilar, e que essas oscilações se tornam mais amplas por influência da vista sobre o órgão muscular e sempre sem que se tenha consciência disto, eis um segundo fato."

Encontrar-se-ão em meu livro sobre a *Extériorisation de la motricité* fatos tendentes a provar que o olhar pode, como a luz, exercer uma ação desorganizadora poderosa sobre a força psíquica.

NOTA I

Sensibilização de substâncias diversas

(Extratos de meu diário de experiências)

1.º A água

14 de dezembro de 1891. - Sábado, 12 de dezembro, antes do meio dia, magnetizei fortemente o braço e a mão de Albert e de Béatrix, que tem ambos a propriedade de se exteriorizar. Quando se produziu a exteriorização, apresentei aos eflúvios de cada um deles

um copo de água diferente, para a carregar com sua respectiva sensibilidade. A seguir derramei algumas gotas de cada copo num terceiro copo; os dois sensitivos sentiram simultaneamente uma espécie de comoção elétrica muito viva. Enfim lancei o conteúdo dos dois copos no chão do pátio e mais ou menos no mesmo lugar, o que não produziu nenhum efeito sobre os sensitivos.

Hoje, segunda-feira, Albert me disse que imediatamente após a sessão, Béatrix e ele tiveram cólicas que duraram toda à tarde de sábado. As dores persistiram até esta manhã, sob a forma de contrações no estomago e nos membros; hoje não têm mais que lassidão e frouxidão.

3 de janeiro de 1892. - Sensibilizo um copo cheio d'água, colocando o entre as mãos da senhora Vix, levada até o estado de relação e exterioridade. A sensibilidade é transportada com o vidro até vários metro mas diminui com a distância.

Frascos de diversas substâncias mergulhadas na água dão sensações desagradáveis, mas vagas.

Uma gota d'água sensibilizada, jogada no fogo, lhe causa uma sensação de queimadura em cada mão.

Um bochecho d'água sensibilizada atirada por mim lhe dá uma forte irritação na garganta.

Desperto-a e, após algum tempo de repouso, retomando minhas experiências, entorpeço sua mão direita por ação prolongada em isónimo e ponho-lhe os olhos em estado de hiperexcitabilidade, para lhe faz ver os seus eflúvios. Então ela vê que a mão direita conservou sua luminosidade, tanto na pele quanto nas pontas dos dedos. Projetando algumas gotas de água sensibilizada em sua mão direita, a pele tornou novamente luminosa e sensível nas partes molhadas; assim sobre sua mão desenhei uma cruz, um círculo, etc.

15 de janeiro de 1892. - Pela primeira vez experimento a senhora Robert, que é muito sensível, mas que foi dirigida sobretudo do lado

da lucidez. - Desde os primeiros estados, sua sensibilidade se exterioriza mas aumenta e diminui exteriormente, segundo uma lei bastante confusa há um máximo de sensibilidade a uns dez centímetros da pele; e sente a palma das mãos como se estivessem em contacto, quando estão a uns vinte centímetros uma da outra; o que lhe causa admiração, porque jamais ouviu falar de semelhantes experiências.

Sensibilizo um copo d'água e ela ainda sente meus contactos no copo quando afastado dela uns oito metros e levado para a sala vizinha enquanto que suas camadas sensíveis não vão além de 3 ou 4 metros e seu redor. Ela pode assim contar o número de vezes que entrava dedo no copo, embora não me visse. Quando eu o mergulhava nos frascos de perfume, ela só percebia o contacto dos frascos.

14 de fevereiro de 1892. - A senhora Vix está profundamente adormecida; sensibilizo um copo d'água. Ela sofre quando bebo uma gota tiritada. Reanimoo-a, fazendo-a beber toda a água que está carregada seus eflúvios.

Mesmo desperta, ela experimenta sensações quando toco algumas gotas que ficaram no fundo do copo.

24 de fevereiro de 1892. - A senhora Andrée, adormecida pelo Reybaud, que me põe em contacto com ela, carregou um copo d'água com seus eflúvios; absorvo algumas gotas: ela manifesta um vivo sofrimento. Cada vez que, a seguir, ela vê algum dos assistentes fazer menção de beber essa água, ela se precipita sobre ele para lhe tomar copo das mãos.

3 de abril de 1892. - A senhora Lux é adormecida por mim; faço-a sensibilizar uma caçarola cheia d'água, depois peço a um terceiro para por no fogo; ao cabo de algum tempo a senhora Lux tem uma sensação de calor, posto seja quase insensível ao pinçamento que faz esse terceiro em suas camadas sensíveis.

24 de julho de 1892. - Adormeço profundamente a senhora Lux; faço-a por o braço e a mão numa cuba. Ao cabo de algum tempo a água lhe parece quente; ela sente vivamente quando toco na água, mesmo depois de ter retirado as suas mãos; experimenta uma vaga sensação quando esfrego a toalha com que enxugou a mão.

Quando movo a cuba e a água balança, ela tem aperto no coração, como se estivesse num navio.

Nos primeiros instantes depois que retirou a mão da água, se eu tomasse uma gota dessa água na ponta do dedo, atrás dela, e a seguir tocasse uma parte de meu corpo, ela sentia o meu toque na parte correspondente do seu; ao cabo de um tempo bastante curto, essa localização tinha desaparecido e não restava mais que uma vaga sensação do toque.

19 de julho de 1892 (Hospital da Charité). - Depois de haver carregado um ímã de ferradura com os eflúvios de um doente pelo método do doutor Luys, ponho os dois pólos desse ímã em dois copos diferentes. Esses copos adquirem para os sensitivos gostos diferentes agradável: para o pólo que vêm azul, desagradável para o que vêm vermelho. Demais, o ímã perdeu suas propriedades de traspasse, isto é, colocado na cabeça de um sensitivo, não produz mais neste os estados psíquicos do doente, cujos eflúvios havia absorvido.

Em 1895 tive ocasião de estudar durante vários dias e por várias vezes, a filha de um dos meus amigos, senhorita I. de P., na qual, depois de uma violenta emoção, sofrida na idade de 15 anos, se haviam declarado crises de histeria.

Quando a jovem estava em crise, apresentava a maior parte dos fenômenos observados em La Salpêtrière, depois caía num estado comatoso, seguido de uma excitação inteiramente anormal da sensibilidade.

Nesses momentos sentia quando a empregada retirava o vaso e muitas vezes tinha mal-estares inexplicáveis ao despejarem a urina no

gabinete sanitário. Aconselhei-a, quando se sentia num estado de sensibilidade anormal, derramar ela própria as suas águas no parque do castelo que habitava e de as derramar sobre a grama. O que tomou o hábito de fazer e sentiu-se bem. Um dia em quer cantando, virava o seu vaso sobre um arbusto, ouviram-na soltar um grito de dor, correram e constataram que, por engano, ela tinha regado um tufo de urtigas.

CF. - Num artigo recente, publicado pelo *Zukunft*, de Berlim, sob o título de *Les Cures sympathiques*, o dr. Karl Du Prel escreve:

"É interessante observar que muitos sonâmbulos falam de sua relação com seu magnetizador, como os Paracelsistas falam da mumie, e elas atribuem a essas relações efeitos sobre o seu organismo. Uma das sonâmbulas do doutor Kerner lhe disse (Kerner, *Histoire de deux somnambules*, 121, 132, 138): "Também conheço um meio pelo qual minha cabeleira, que acabo de perder, renasceria: debes pôr três mechas de teu cabelo num copo d'água; eu lavarei minha cabeça, todas as manhãs, com esta água e meus cabelos renascerão." Empregando esse remédio. Kerner notou, para seu grande espanto, que uma parte do cabelo da sonâmbula tinha tomado uma cor extraordinária, isto é, a dos cabelos dele, e lhe comunicou esta observação. Ela respondeu que o sabia, quando lhe havia pedido o remédio. Ela ainda obteve quatro mechas dos cabelos de Kerner e os pôs na mesma água. Seus cabelos tornaram-se cada vez mais espessos e tomaram inteiramente a cor e a solidez do cabelo de Kerner.

"Uma parte da água que ela tinha usado, tendo sido atirada por inadvertência sobre o fogão, ela teve uma dor de cabeça horrorosa, que só passou quando toda a água foi evaporada. Kerner lembra, a propósito a tradição popular que preconiza não se atirar fora os cabelos, mas que sejam queimados, para que deles não se possam servir para influências mágicas, e que, além disso, se os pássaros empregam esses cabelos para a construção de seus ninhos, as pessoas

a quem eles pertenceram sofrem dor de cabeça enquanto esses pássaros chocam."

Numa obra publicada muito recentemente (*Le Magnétisme curatif*) o senhor Bué lembra as experiências que mostram que a água pode absorver não só os eflúvios do magnetizado exteriorizado, mas, ainda, os do magnetizador.

"Para me assegurar, diz ele, repeti muitas vezes a seguinte experiência em sonâmbulos. Apresentava-lhes, de saída, um copo d'água pura e lhes perguntava: "Que vedes?" Admirados da pergunta, respondiam geralmente com um tom de marcada indiferença: "Ora! é um copo com água." Afastando-me, fazia alguns passes na água e no copo e os apresentava de novo, renovando a pergunta. Então era raro que meu sensitivo não testemunhasse espontaneamente o seu espanto, exclamando: Ah! como é bonita! como isto brilha! dir-se-ia água fosforescente..."

"Se eu fizesse, a seguir, o copo passar às pessoas presentes. pedindo-lhes que o magnetizassem, cada uma, por sua vez, o sensitivo chamado a se pronunciar sobre o estado da água percebia muito bem tantas camadas de nuances diferentes, quantos tinham sido os operadores, como se cada um de nós tivesse sucessivamente armazenado nessa água radiações de qualidades diversas, que estavam superpostas sem se confundirem."

2.º - O Sangue

Sobre o sangue não fiz nenhuma outra experiência além da mencionada à página 134 do Capítulo IV. Mas todos os autores antigos que se ocuparam da questão o olhavam como a mais rica substância em espírito vital, ou em sensibilidade, para usar o termo de que me tenho servido até aqui.

"Eis porque, diz Karl du Prel (*Les Cures Sympathiques*), procurava-se agir diretamente sobre ele, para curar abcessos, feridas, hemorragias. Depois de, uma sangria, por exemplo, era hábito enterrar o sangue, depois de lhe haver ajuntado ervas curativas. Isto corresponde ao que diz um sonâmbulo: "Quando me sangram, então sinto deixar-me uma grande quantidade de força magnética. Uma pessoa que fosse muito impressionável pelas influências magnéticas adormeceria facilmente aspirando o vapor que se escapa do sangue ao sair das veias." (Dr POTET, *Journal du magnetisme*, VIII, 172).

"Reichenbach chega à mesma conclusão. Diz, a propósito do sangue saturado de Od:" Em diferentes ocasiões, eu levantava os braços no ar diante da senhorita Zinkel que, então, à medida que o sangue descia, viam muito bem os meus braços empalidecendo e perdendo a sua luz. Quando eu os deixava cair, ela os via tornarem-se luminosos, desde que o sangue afluía à ponta dos dedos. Repeti esta experiência com a senhorita Zinkel vários anos mais tarde. A princípio mostrei-lhe minhas mãos e meus braços estendidos horizontalmente, depois os elevei verticalmente e logo ela os viu tornarem-se mais escuros. Estendidos horizontalmente, tornaram-se mais claros e, quando os deixava cair inteiramente, logo ela os via inteiramente luminosos. A luz óptica variava, pois, segundo a proporção de sangue contido nas veias." (*L'homme sensitif*, I, 766; II, 74).

"Isto explica como o sangue, tão rico em od, pode ser igualmente tão eficaz como mumie. Mas outras substância múmicas podem ser empregadas para as curas simpáticas.

"Wirdiq (*Nova medicina spiritum*, II, R. 27) diz: " Chamo mumie e considero como veículo de transplantação toda substância impregnada de espírito vital." Também ele cita em primeira linha o sangue, mas ainda menciona toda secreção ou excreção do corpo: urina, suor, leite, cabelos, unhas, que, separados do corpo, durante um certo tempo guardam uma porção de espírito vital.

"Cita igualmente o hálito e a saliva, que se encontram representando tão grande papel nas curas do magnetismo animal, assim como nas curas miraculosas do Velho e do Novo Testamento."

3.º Os animais

27 de junho de 1892. - Agora a sra. Lux tem um gatinho. Quando estava adormecida magneticamente, pus o gatinho sobre ela e o acariciei. Assim produzi nela uma tal irritação de nervos, que ela mordia os punhos e eu tive que parar.

Quando foi despertada, eu conversava sobre coisas quaisquer; de repente ela fez uma careta e disse que tinha na boca um gosto de carne que lhe repugnava, porque acabara de jantar e de tomar café. Constatei que nesse momento preciso, o gato, que ela não vira, estava por detrás dela, debaixo da mesa, comendo carne que lhe tinham preparado.

Ela me contou que esse gato, que dormia em sua cama, algumas vezes ia, à noite, exercitar as garras nas cortinas da janela, que sentia, então, irritação em suas próprias unhas, e que não podia parar senão se levantando e expulsando o gato.

A senhora Le Faure tem uma cadelinha, que põe quase constantemente no colo, mesmo durante minhas experiências. Quando está exteriorizada e carregou a cadela com sua sensibilidade, experimenta tudo o que eu faço passar a cadela; pretende mesmo sentir seus sentimentos e seguir seus pensamentos, que seriam análogos aos de uma pessoa, mas muito menos precisos.

Se isto fosse verdade, poder-se-ia assim abordar o estudo da psicologia dos animais.

4.º Os vegetais

18 de março de 1892. - Ponho um vaso de jacintos sobre os joelhos da senhora Lux, quando ela está em estados profundos. A flor carrega-se de sensibilidade; a senhora Lux desperta, sente os toques, o sopro que agem sobre a flor afastada dela alguns passos, e os sente nos joelhos.

29 de março de 1892. - Sensibilizo uma flor, com a senhora Lux exteriorizada. A flor apresenta uma camada sensível, uma espécie de auréola além de suas pétalas. As picadas feitas na auréola são sentidas mais vivamente pela senhora Lux do que as feitas na flor.

28 de junho de 1892. - A senhora Lux comprou uma sensitiva muito sensível. Trouxeram-na hoje mesmo. Disse ela que, à sua aproximação, a sensitiva fechou-se.

Quando aproxima as mãos da planta, elas são fortemente atraídas.

Adormeço a sra. Lux. Ponho a sensitiva ao seu lado, entre suas mãos, para a sensibilizar. Quando a planta está sensibilizada, a sra. Lux, ainda adormecida e colocada a um metro, sente as picadas que dou no ar, a 2 ou 3 centímetros da planta. Esta parece, aliás, estar cercada, como um ser humano, por camadas alternativamente sensíveis e insensíveis, até vários decímetros.

Quando toco a planta, fazendo que as folhas se fechem, a sra. Lux sente nas mãos como que fraturas, depois as mãos se contraem.

Repeti a experiência várias vezes no lapso de duas horas, procurando tocar na planta quando o sensitivo não podia vê-la. De cada vez determinei os mesmos fenômenos. Uma ação mais forte que as outras até produziu uma perda momentânea da consciência.

Quando a sra. Lux foi despertada, fiz seu dedo dirigir-se para a extremidade de um ramo; piquei o ar entre os dois, ela o sentiu e os folíolos do ramo me pareceram fechar-se um pouco.

Quando eu tinha na mão o vaso com a planta, parecia a sra. Lux que eu a tinha pela cintura; a sensação tornava-se mais forte quando

eu segurava a haste, e provoquei-lhe um ligeiro desmaio com contratura quando empunhei as folhas na mão.

Quando magnetizo a planta, subindo no sentido da seiva, ela se sente bem; é derrubada quando a magnetizo em sentido contrário.

30 de junho de 1892, - Continuação, com a senhora Lux dos fenômenos de atração ente os seus dedos e a sensitiva e das comunicações de sensação entre ela e a planta sensibilizada.

Magnetizei a sensitiva e, ainda hoje, bem me parece que eu fazia com que os folíolos se fechassem ligeiramente, pinçando-os à distância.

2 de julho de 1892. - Desperta, a sra. Lux não sente mais o cheiro de uma flor que carregou com os seus eflúvios, durante o seu sono sem dúvida porque há um acordo muito perfeito. É um fenômeno a verificar de novo.

CF. - No tomo VIII da *Bibliothèque du magnétisme animal* (pg. 115) encontra-se uma carta do senhor Le Lieure de l'Aubépin a Deleuze; na quais esses magnetizador relatam os casos seguintes, ocorridos à sonâmbula Manette:

"Manette estava adormecida em minha presença, tocando um ramo, de mirto, precedentemente magnetizado por mim, depois do que eu saí. Quando voltei, acompanhado por meu irmão, que me ajudava nos cuidados que lhe prodigalizei, encontrei Manette adormecida e numa crise que ela não tinha previsto.

"Depois de a ter tranqüilizado, perguntei de onde tinha vindo esta crise. Ela me respondeu, para grande admiração minha, que meu irmão era o seu autor, porque tinha atravessado com as unhas uma folha de mirto, que com ela estava em relação magnética; e que no mesmo momento em que o fazia, ela havia caído, presa de uma crise de nervos muito dolorosa.

"Acrescento que esse ramo de mirto estava a 6 metros da doente."

Uma das sonâmbulas do dr. Kerner, que havia estado muito tempo com um cepo na mão, dizia, quando este foi posto sobre uma mesa, que era preciso lhe contar porque ela não havia saído toda do cepo, e que o afastamento súbito de um objeto ou de uma pessoa, com a qual se tinha achado em relação, a afetava sempre penosamente. De outra vez, tendo nas mãos um ramo de noqueira, disse ela: " Se queimassem esse ramo embebido de meu magnetismo, eu sofreria dores atrozes em todas as partes de meu corpo e certamente morreria.

Se o pusessem na água, eu sentiria um arrepio percorrer todos os meus membros, toda a minha força seria absorvida pela água, eu teria febre e ficaria privada dos sentidos. A única coisa que me poderia salvar, então, seria fazerem com que eu bebesse dessa água e, assim, minhas forças seriam devolvidas." (KERNER, *Histoire de deux somnambules*).

A senhorita I. de P., da qual falei no artigo desta nota, apresentava, do ponto de vista da sensibilidade dos objetos exteriores, uma afinidade particular com os vegetais.

Quando estava nos seus períodos de hiperestesia sensorial em seguida a crises histéricas, experimentava abalos penosos, quando mexiam, perto dela, no caixão de madeira para achas de lenha, provindas das árvores do parque. Ela não podia nem mesmo ficar diante do fogo onde as achas ardiam, porque experimentava por todo o corpo sensações de queimadura; era obrigada a ir aquecer-se na cozinha, diante de um forno de carvão.

Um dia, quando deitada após uma de suas crises, ouviu golpes de machado numa árvore que derrubavam diante das janelas; pediu que parassem, porque sentia todos os golpes. Quando se levantou, notaram que tinha numa das pernas um estigma vermelho circular, à altura em que ela supunha terem atacado o tronco.

5.º Os ímãs

As experiências que comecei a respeito, ainda não são bastante numerosas para permitir deduzir as suas leis. Parece que cada pólo sensibilizado é o centro de camadas concêntricas sensíveis diferindo os eflúvios ódicos percebidos em azul ou em vermelho pelo sensitivo.

No capítulo V foram vistos os fenômenos de traspasse operados com o auxílio do ímã.

6.º Os metais

Sabe-se que a prata, e sobretudo o ouro, geralmente produzem uma sensação muito viva de queimadura, quando aplicados sobre uma das camadas da sensibilidade exteriorizada dos sensitivos. O que não se tinha ainda assinalado é que, nalguns entre eles, o ferro absorve os eflúvios da mesma maneira que a água nos outros.

Constatei este fenômeno de uma maneira extremamente clara, num jovem estudante de 20 anos, o senhor Laurent, e numa jovem senhora de 25 anos, Lina, modelo bem conhecido em Paris.

7.º Os cristais

18 de março de 1892. - Faço preparar uma dissolução saturada de hipossulfito de soda, a fim de ver se a cristalização da dissolução sensibilizada não pararia pela evaporação da sensibilidade.

Adormeço a senhora Lux; sensibilizo a dissolução com a sua mão direita; o senhor F. faz cristalizar a dissolução, nela jogando um cristal, sem que a senhora Lux o veja. Imediatamente ela solta um grito de dor e acaba por se esgotar, dizendo que sofre em todo o braço direito.

Nota. Esta experiência foi repetida com o mesmo sucesso com outros sensitivos. A cristalização sempre provocou a crisão da mão que tinha servido para sensibilizar a dissolução.

25 de março de 1892. - Eu tinha posto o balão de colo longo contendo o hipossulfito de soda num armário. Toco na superfície dos cristais com uma varinha diante da sra. Lux, que ainda sente o toque.

27 de março de 1892. - Deixo a sra. Lux no salão onde, com ela acabo de fazer diversas experiências. Ela conversa com pessoas que lhe pediam explicações, e, sem nada dizer, passo à sala vizinha onde, desde a véspera, e sem que o sensitivo o soubesse, tinha levado o balão contendo o hipossulfito cristalizado. Querendo saber se é sempre sensível enfio violentamente um punhal na camada superior. No mesmo instante um grito terrível se ouve no galão, e a sra. Lux, com os olhos cheio de lágrimas, cai inanimada aos olhos dos expectadores assustados.

5 de abril de 1892. - A cristalização do hipossulfito é levemente sensível no estado de vigília; mas muito mais sensível durante o sono profundo.

Junto-lhe água. A sra. Lux sente uma impressão de frio, e esta sensação persiste bastante tempo, talvez por força da redissolução dos cristais.

Quando se agita essa dissolução, a sra. Lux sente mal no coração.

19 de abril de 1892. - Eu tinha preparado uma dissolução de açúcar para saber se ela reteria melhor a sensibilidade exteriorizada do que; água pura. - Fazendo o ensaio com Albert L., nada constatei de muito saliente. Então fi-lo beber a água que ele havia carregado, para não deixar enfraquecer. Quando ele absorveu alguns cristais de açúcar, que não se tinham dissolvido, no fundo do copo, disse sentir fortes cólicas. Persistindo as cólicas, apesar da imposição das mãos, das sugestões, readormeci-o e o pus em estado de ver o interior de seu corpo. Ele disse que via os cristais todos brilhantes, porque tinham

condensado o fluido em suas faces e, então, estavam muito ativos e o queimavam. Terminei curando-o, fazendo-o tomar muita água, para dissolver o açúcar, mas ele gemeu durante uma hora e meia.

Esta experiência única não deve ser aceita senão com reserva, tanto mais quanto é preciso desconfiar do testemunho de certas pessoas que não perdem ocasião de provocar sobre elas a piedade do magnetizador.

8.º Os tecidos

2 de março de 1892. - A senhora Lux foi profundamente adormeci; numa poltrona de veludo; durante o seu sono, pedi-lhe que se sentasse noutra poltrona, depois sem nada dizer e sem que ela me visse, enfiei um alfinete no assento da poltrona que ela acabava de deixar: ela soltou um grito e recusou sentar-se na segunda, dizendo que tinham posto alfinetes nos assentos. Então alisei o veludo da primeira poltrona: e ela corou, sorrindo. Enfim sentei-me na mesma poltrona: ela pareceu oprimida e pediu que me levantasse, porque eu era muito pesado. Ao cabo de dois ou três minutos a poltrona não mais estava sensibilizada.

Nota. Desde que foi feita esta observação, a sra. Lux esteve muito doente e muito infeliz. Sob a influência das privações físicas e das dores morais, pacientemente suportadas, as faculdades se modificaram ela adquiriu uma parte da dos místicos. A sensibilidade, notadamente se dissolve hoje (em 1898) muito mais facilmente na seda que na água, propriedade que constatei numa outra vidente (Mireille).

Para a maior parte dos sensitivos, as luvas, as mesas, as camisas ficam durante algum tempo impregnadas de sua sensibilidade. Assim. para tais pessoas, quando tiram as roupas, é prudente pô-las num lugar seco e arejado, em vez de as deixar num local malsão, como aqueles onde geralmente põem a roupa suja. Pode-se logo tirar esta

sensibilidade, quer soprando nas roupas, quer mergulhando-as em água. Mas, então, é a água que se torna sensível.

9.º Substâncias gordas

14 de julho de 1893. - A sra. Lux sensibiliza muito rapidamente, com a mão, uma caixa cheia de cold-cream. Cada vez que toco no cold-cream, ela experimenta uma sensação nauseante e mal no coração, como se comesse gordura.

NOTA J

A exteriorização e o armazenamento da sensibilidade constatados por outros experimentadores.

I

Nos Etats profonds de l'hypnose (pgs. 39-49) já relatei um certo número de testemunhos antigos, relativos a esta ordem de fatos. Eis ainda outros

"Em certas histerias complicadas de sonambulismo, nos êxtases lúcidos, sejam quais forem às causas, observa-se um desenvolvimento todo particular da sensibilidade, que torna os sensitivos impressionáveis às sensações cujo objeto está fora da esfera de impressão normal. Assim, tais extáticos percebem ruídos a distâncias consideráveis, sentem as dores das pessoas presentes, são agradavelmente ou penosamente impressionados, curativamente ou fisiologicamente por tais ou quais pessoas, pelo contacto ou pela aproximação das mãos e, mesmo, pela vontade dessas pessoas.

"Para apoiar o que avanço, bastaria compulsar os anais religiosos, médicos e magnéticos, para encontrar um considerável número de

fatos que constataam a impressionabilidade de certos indivíduos mergulhados nos diversos graus do estado extático, sob a influência de outras pessoas mais ou menos em relação com eles. Seria fácil constatar que essa influência, em muitos casos, por vezes tão considerável, é inteiramente independente da imaginação e é devida a uma lei dinâmica." (Dr. CHARPIGNON, *Médecine animique*, pg. '133).

Em 1847 o doutor Burq constatou que uma sonâmbula chamada Clementine, em tratamento no hospital de Beaujon, não podia tocar num objeto de cobre sem experimentar a sensação de queimadura; para agir, o cobre não necessitava estar em contacto com a pele: produzia efeito a 30 centímetros de distância e mesmo através das cobertas. (Dr. MORICOURT, *Manuel de métallothérapie*, pg. 11).

Na *Chaine magnétique* de 15 de maio de 1889, diz o senhor Sausse ter conhecido um magnetizador que, depois de ter posto um sensitivo em sonambulismo, percorria os bancos da sala, pedindo que, numa das partes visíveis do corpo lhe fizessem uma marca qualquer: logo a marca era reproduzida no sensitivo. "A experiência mais conclusiva que o vi fazer foi a seguinte: o sensitivo se achava na cena com esse tom de alabastro dos anêmicos; a face e o pescoço estavam muito pálidos; o magnetizador, tendo sido fortemente pinçado no pescoço, imediatamente se produziu um vermelho muito vivo no pescoço do sensitivo, no mesmo lugar. Ora, havia uma distância de perto de 15 metros que o separava do magnetizador, e as pessoas interpostas entre eles interceptavam toda comunicação visível. Eu me achava a cerca de 8 metros do sensitivo e distingui perfeitamente a vermelhidão que vi produzir-se e desaparecer lentamente."

Os srs. de Krauz, de Siemiradzki e o doutor Higier observaram o toque a distância em Eusapia Paladino, nas experiências feitas em Varsóvia, em 1894 (*Revue d'hypnotisme*, 1894, pg. 173).

II

Comunicação do senhor Astère Denis, Diretor do Instituto hipnótico de Verviers

Sábado, 73 de maio de 1893, em Paris, às duas e meia da tarde, em minha presença, o senhor de Rochas procede a experiências de exteriorização da sensibilidade e de feitiçaria, com uma jovem senhora que ele chama senhora Lux.

É combinado que, voltando à minha casa em Verviers, verei se posso, evitando a sugestão, reproduzir os mesmos fenômenos numa mulher muito sensível, cuja sinceridade conheço de longo tempo, e que chamarei Aloud.

A 31 de maio, depois de haver adormecido Aloud, como de costume, levo-a a um sono mais pronunciado, por meio de passes lentos, indo do alto da cabeça ao vazio do estômago. De vez em quando o sensitivo solta suspiros que me anunciam que se sucedem estados mais e mais profundos.

Eu já havia notado esses suspiros, não sem espanto, e muitas vezes lhe havia perguntado, a propósito, se sofria. Ela sempre me respondia que estava bem.

O senhor de Rochas me havia dado a explicação: o suspiro é, na maioria dos sensitivos, indício de uma mudança de estado da hipnose.

Depois do primeiro suspiro, interroguei, o sensitivo.

- Quem sois vós? - Sou Aloud. Então não me conheceis, para perguntar quem sou?

Depois do segundo suspiro, de novo

- Quem sois vós? - Eu sou eu.

- Eu quem? - Não sei.

- Conheceis Aloud? - Astère a conhece bem.

- Então ela existe? - Ela existiu.

- Não existe mais? - Não.

Depois do terceiro suspiro:

- Quem sois vós? - Eu sou eu.

- Eu quem? - Não sei.

- A quem conheceis? - Eu vos conheço.

- Conhecestes Aloud? - Não.

- Vistes fulano ou sicrano? - Não.

- Conheceis outras pessoas? - Não.

Depois do quarto suspiro:

- Quem sois vós? - Sou Astère (12)

(12) Acha-se aqui essa invasão da personalidade do sensitivo pela do magnetizador, assinalada em les Etats profonds de l'hypnose, pgs. 20 e seguintes.

Estão circulo na sala. O sensitivo, que está sentado, agita-se; pergunto-lhe o que tem, responde: "Eu queria andar."

Supondo que me quis imitar, faço movimentos com a boca; o sensitivo agita-se de novo; interrogado, diz: "Eu queria mover a boca."

Faço-me pinçar o dedo pelo único amigo presente, que tinha prevenido com antecedência, a fim de evitar a possibilidade de suggestionar o sensitivo, comunicando minhas intenções à sua frente. Ele se agita ainda e se lamenta que o belisquem.

Levanto o braço direito várias vezes, cada vez mais violentamente Aloud parece cada vez mais atormentada; depois de um esforço que parece muito violento, ela própria consegue agitar o braço.

E fora de sua visão normal, isto é, atrás dela, pinço o vazio, afastando-me mais e mais de seu braço esquerdo, que tive o cuidado de não tocar. A 10 centímetros e a distância diversas, até 3 ou 4 metros, ela sente o efeito do pinçamento. Quando aproximo uma chama ou dou golpes de alfinete nas regiões cuja sensibilidade acabo de reconhecer, o sensitivo pretende estar queimado ou picado. Por pouco que eu opere com persistência, ela se ergue, soltando gritos:

"Picam-me! Queimam-me!" As sensações de dor são mesmo percebidas de uma a outra sala, ainda que fechada a porta de comunicação.

Sob o título de *Hypéresthésie de la sensibilité chez un sujet hypnotisé*, a *REVUE DE L'HYPNOTISME* publicou, em seu número de dezembro de 1893, um artigo no qual o dr. M. discute e combate os fenômenos de exteriorização e de feitiçaria do senhor de Rochas.

Vi em trabalho o senhor de Rochas e o seu contraditor. Os processos ele um diferem totalmente dos do outro.

O dr. M. contenta-se em por o seu hiperestésico num primeiro estado de Hipnose, mais ou menos profundo, conforme as disposições do sensitivo. Sabe-se que esse estado é favorável à sugestão; demais, o operador previne o sensitivo daquilo que dele quer obter. O senhor coronel de Rochas, ao contrário, por uma magnetização especial e prolongada, leva o sono a um grau extremo, ao qual não pensam chegar os que fazem a terapêutica hipnótica. E eis porque tantos médicos não conseguiram, malgrado seus reiterados ensaios, produzir picadas à distância.

O senhor de Rochas se guarda bem de suggestionar: se o faz, é inconscientemente; e suas precauções são de tal modo minuciosas, que não vejo como poderia produzir-se essa sugestão.

Quando o fenômeno de exteriorização é imitado por sugestão, só se produz se o sensitivo ouve um ruído de advertência: isto não demonstra menos a falsidade do fenômeno do que a ação de simular habilmente o sono hipnótico não demonstra a não-realidade desse sono.

Nem todos os sensitivos são aptos para produzir a exteriorização da sensibilidade. A princípio parece - eis uma verdade banal - que em todos não se pode provocar o mesmo grau de sono; muito freqüentemente tudo quanto se consegue é o simples fechar das pálpebras. Depois, mesmo que se consiga o sono profundo, as

disposições variam conforme os indivíduos; o sistema cerebral, posto que feito sobre o mesmo molde para a humanidade inteira, não dá em todas faculdades idênticas: há sensatos e loucos, sensitivos e obtusos, se assim me posso exprimir. Eis porque não se deve contar muito que, todo sensitivo submetido ao método do senhor de Rochas realize o fenômeno esperado, ainda que seja um sensitivo-modêlo em certos pontos de vista.

Consegui, entretanto, produzir em Aloud não só a exteriorização da sensibilidade, como se acaba de ver, mas ainda o que foi chamado, em referência a certas tradições, o feitiço.

Eis como procedi:

Para evitar qualquer ruído revelador e toda idéia preconcebida do sensitivo, com o seu desconhecimento carreguei com seus eflúvios um objeto pouco próprio para despertar sua atenção, uma simples maçã cozida, que dava a impressão de ali se achar por acaso.

Sempre Aloud sentiu e especificou o que, fora de sua visão normal, eu fazia à maçã: picada, pinçamento, pressão, queimadura e magnetização.

Se foi por hiperestesia que o fenômeno se produziu, é preciso reconhecer que esta sensibilidade chegou a um grau desconhecido e muito admirável, tanto mais quanto o feitiço continuou a produzir os seus efeitos, mesmo depois do despertar. Estando desprendido, o sensitivo se indignava porque eu tratava de imaginário o que dizia sentir no momento em que, sem que o soubesse e sem ruído, eu agia sobre a maçã.

Essas diversas experiências foram renovadas várias vezes com sucesso, mesmo quando eu fazia pinçar e dar golpes de canivete no vácuo, por um médico que eu tinha posto em relação com o sensitivo.

Devo ainda acrescentar que me aconteceu nada obter em certas circunstâncias, em que o sensitivo ou eu estávamos indispostos.

Este sensitivo, que levei especialmente para o lado da telepatia, me deu provas muito singulares de visão à distância, que não cabem aqui ser expostas; mas essa facilidade pode servir de base a uma objeção.

Não leu no pensamento e não sentiu simplesmente o que eu julgava que ele devia sentir? Não sou levado a crê-lo, porque esta lucidez é um fenômeno muito mais raro e mais difícil de explicar que o outro: o efeito era sempre sentido imediatamente quando eu pinçava, picava, aquecia ou magnetizava a maçã, embora eu não estivesse absolutamente convencido a priori do êxito, ao passo que só raramente o conseguia, quando queria dar uma ordem mental e que, se o conseguia, era ao preço de esforços prolongados.

Seja qual for a explicação que mais tarde se chegue a dar da exteriorização e do armazenamento da sensibilidade, de minha parte considero o fato como perfeitamente estabelecido.

III

Comunicação do senhor Horace Pelletier

A 15 de janeiro de 1894 o senhor Pelletier escreveu-me uma carta, da qual extraio o que segue:

"Um dos meus amigos, o senhor Costet, em minha presença, por meio de passes, adormeceu a Théophile A., um dos meus sensitivos. Tornou-o insensível, pinçou-o cruelmente, fê-lo respirar amoníaco; Théophile não se sentia bem. Vendo que era insensível, pinçou-o no antebraço, não no antebraço carnal, mas em sua radiação a 10 centímetros, mais ou menos, do corpo. Théophile não manifestou nenhuma impressão: estava em letargia, como morto.

"Então o senhor Costet despertou o sensitivo. A medida que este retornava consciência de si mesmo, sentia dores no antebraço em

frente ao lugar onde à atmosfera tinha sido pinçada, mas não havia no braço, no ponto onde sentia a dor, nenhum traço de pinçamento.

"A seguir o senhor Costet, por meio de passes, adormeceu um outro sensitivo, umas jovens senhoras, senhoras Gaston B. Ela passou pelas mesmas fases que seu predecessor. Pinçaram-lhe a carne, fizeram-na respirar amoníaco: ficou perfeitamente insensível. Depois pinçaram a sua atmosfera: sentiu perfeitamente os pinçamentos, deixando escapar gritos de dor. A seguir tomaram um alfinete e pinçaram de leve, muito de leve, apenas aflorando a atmosfera de seu braço a 8 ou 10: centímetros a senhora Gaston não sentiu a picada, como tinha sentido os pinçamentos.

"Um outro dia o senhor Costet ainda adormeceu a senhora Gaston, por meio de passes e a levou até um estado profundo de letargia, no qual a vida parecia tê-la abandonado completamente; depois aproximou e deixou, a uma distância de 13 centímetros de seu braço, um copo cheio de água, posto sobre uma mesa.

"Então, pinçaram a paciente à vontade; ela nada sentiu, não fez sombra de movimento. Pinçaram-na com uma agulha em várias partes do corpo, no pescoço, nas faces, na barriga das pernas, na mão: ela conservou a mesma insensibilidade. Enfim os assistentes puseram-se a pinçar com os dedos, cada um por sua vez, a superfície da água do copo a sra. B. sentiu todos os pinçamentos: para ela era uma verdadeira tortura. Com a mesma agulha já usada picaram a água e ela sentiu a picada, como se tivessem picado o seu braço. Levantaram a manga da jovem senhora, puseram-lhe a carne a mostra e acharam a pele arranhada ligeiramente, com uma pequena vermelhidão, fracamente sanguinolenta."

Nota. - Depois desta carta, o senhor Pelletier enviou a Paix universelle (número de 30 de setembro de 1894) um artigo no qual conta que obteve os mesmos efeitos, não mais por meio de passes, mas com a ajuda da simples fascinação pelo processo oriental.

"Eu coloco, diz ele, no meio de um velador uma garrafa de cristal cheia d'água: detrás do bojo da garrafa é colocada uma palmatória com uma ponta de vela acesa, cuja chama se vê do outro lado, através do bojo.

"Um sensitivo hipnotizável se acha sentado perto do velador, do mesmo lado oposto ao da vela e fixa o olhar sobre a chama da vela; ao cabo de cinco ou seis minutos o sensitivo adormece e fica mergulhado em profundo sono magnético. Há alguns dias eu começava a experiência com o mesmo sucesso habitual, quando me veio a idéia de ensaiar se por meio do mandeb eu poderia produzir o fenômeno da exteriorização da sensibilidade. Fiz aproximar outra mesa do sensitivo, a uma distância de cerca de 13 centímetros de seu braço direito e coloquei, do lado desse mesmo braço, bem à borda da mesa, um copo cheio d'água. Estando o sensitivo adormecido, deixei-o em seu profundo sono e esperei uns tantos minutos, talvez seis ou oito, depois pincei-o duramente em diversas partes do corpo, fazendo o papel de verdadeiro carrasco. O sensitivo não se mexeu, nada sentia, era um cadáver. Outras pessoas, cada uma por sua vez, sobre ele exerceram a sua ferocidade e ele não deu o menor sinal de dor: a insensibilidade era completa, absoluta. Então pus-me a pinçar fortemente a água do copo: o braço direito, vizinho do copo, fez um movimento muito acentuado, enquanto o outro braço, o esquerdo ficou completamente imóvel. Recomecei a torturar a água com os pinçamentos, como havia torturado o corpo carnal do sensitivo, e o mesmo braço direito teve um movimento ainda bem mais acentuado exprimindo uma viva dor. O braço esquerdo continuava a guardar sua imobilidade. É provável que se o copo tivesse sido colocado à esquerda, em vez de à direita, o braço esquerdo tivesse sentido a dor como o braço direito. As pessoas que assistiam à experiência também se puseram a pinçar a água e o mesmo fenômeno produziu-se

exatamente. A pessoa que adormeci por meio do mandeb é uma jovem de treze anos, Olymp Masson, filha de um dos meus sensitivos.

"O que ressalta de minha tentativa é que vem confirmar os fenômenos obtidos pelo senhor conde de R.; ela prova que eles não repousam numa ilusão e que não são, como imaginam alguns, efeito da sugestão. Mergulhada no sono, a mocinha ignorava o que dela eu queria obter e de meu lado, não lhe sugeri que sofresse tal ou qual dor, ao pinçar água; ela não suspeitava que, ao seu lado, perto de seu braço direito eu tivesse posto um copo de d'água. "

Voltando a esses fenômenos em outro artigo (La Paix universelle 1.º de dezembro de 1894), o senhor Pelletier disse que os obteve com a corrente de uma pilha. "Após o despertar, acrescenta ele, os sensitivos sobre os quais ópera sentem no braço carnal as conseqüências pinçamentos e das picadas que infligi à água do copo, e a dor persiste durante várias horas."

IV

Notas do dr. Encausse, chefe do laboratório de hipnotismo do dr. Luys, no Hospital da Charité, em Paris

18 de novembro de 1893

Depois de haver exteriorizado a sensibilidade de uma doente a sra. L., pelos processos habituais, fazemos aproximar as mãos do sensitivo, de modo que duas zonas de sensibilidade se toquem e que ele passa sentir o contacto de suas mãos, quando só as camadas sensíveis estão em contacto.

Nesse estado aproximamos uma vela acesa do sensitivo, passando rapidamente ao nível das mãos (apenas para nos assegurarmos da insensibilidade), e deixando-a demorar ao nível do ponto de junção das duas camadas de sensibilidade exteriorizada.

Então o sensitivo acusa uma viva sensação de queimaduras, e, depois da sessão, constatamos sobre cada mão uma pequena calosidade epidérmica, aliás insensível, mas que persiste por dois dias.

Marguerite J., que estava em tratamento nas salas, por uma afeção nervosa, uma manhã desceu ao laboratório, com a cabeça envolta em algodão. Declarou-nos que, desde a véspera sua face direita estava consideravelmente inchada. Ao exame constatamos os primeiros sintomas de um abcesso dentário. A propósito, quis tentar uma experiência. Pus Marguerite em estado de hipnose profunda (estado de relação) e exteriorizei a sensibilidade. Depois de ter constatado que a exteriorização estava produzida, tomei um bisturi e, fazendo o sensitivo abrir a boca, dei um golpe de bisturi no vazio ao meio da boca, com a lamina virada para a direita. A seguir despertei o sensitivo e mandei-a ao serviço.

Cerca de cinco minutos depois ela voltava, tendo à boca uma compressa cheia de sangue e nos contou que o abcesso (que, entretanto, ainda não estava maduro) se tinha aberto espontaneamente, quando subia a escada para reentrar na sala.

Nota. - Poder-se-á ainda consultar, sobre as experiências feitas na Charité, um artigo do senhor Just Sicard de Plauzolle, intitulado *les Expériences du Dr. Luys et de M. de Rochas sur l'extériorisation de la sensibilité* (ANNALES DE PSYCHIATRIE ET D'HYPNOLOGIE - fevereiro de 1863).

V

Extratos das atas da Sociedade magnética de França

(Sessão de 26 de novembro de 1892)

O senhor Durville fala do feitiço dos antigos e da prova de sua realidade, pelo menos em certos sensitivos. Esta prova, diz ele, é dada pelo magnetismo.

Todos os magnetizadores sabem que quase todos os sensitivos adormecidos são completamente insensíveis e quase todos têm igualmente notado que, muitas vezes, aproximando o sensitivo, este experimentava certas impressões. Mas o conhecimento dos magnetizadores não foi além. Era dado ao coronel de Rochas observar que a sensibilidade do sensitivo, que desapareceu da superfície do corpo, irradia em seu redor, a uma certa distância, de tal modo que picando ou pinçando a pele, o sensitivo nada experimenta, e que picando ou pinçando à distância, ele experimenta uma sensação análoga à da picada real. Daí o nome de exteriorização da sensibilidade, dado a esse fenômeno.

Não é tudo. A sensibilidade exteriorizada do sensitivo pode ser fixada num corpo qualquer: água, fruto, animal, etc.; e, picando este corpo, o sensitivo sente uma picada num ponto qualquer. Se se modelar uma figura de cera e com certas precauções se exteriorizar acima da sensibilidade do sensitivo, este sente os menores toques praticados na estatueta; se esta é picada, uma impressão igual é sentida no ponto correspondente e quase sempre um estigma fica marcado na pele. O senhor de Rochas obtém esses fenômenos pondo o sensitivo numa fase especial do estado sonambúlico, por processos bastante complicados.

"Baseando-me em minha teoria da polaridade, dia o senhor Durville pensei que esses processos fossem inúteis; e, por um artifício dos mais simples, obtive em sensitivos inteiramente despertos, esses fenômenos estranhos, que mostram melhor ainda a possibilidade do feitiço."

Esta exteriorização assim obtida pode igualmente ser fixada sob diversos corpos, e a sensibilidade irradia em torno deles como em

torno do sensitivo. Demais, a sombra do sensitivo, projetada numa parede por uma lâmpada torna-se sensível, de tal modo que picando esta parede, a uma distância de vários metros, o sensitivo experimenta impressão da picada no ponto correspondente. No sensitivo a exteriorização pode ser localizada em um membro, transferida de um braço a outro, de um braço a uma perna e reciprocamente. Pode-se mesmo transferi-la de um sensitivo á outro. - É o que ele demonstra numa série de experiências com quatro sensitivos, dos quais alguns, pouco sensitivos, jamais foram adormecidos completamente.

O senhor Démarest faz uma série de experiências com o sensitivo menos sensitivo, igualmente em estado de vigília. Fixa a sensibilidade do sensitivo num copo d'água (às ocultas do mesmo), aí mergulha um vidro de água de louro-cereja, depois um frasco de tintura de valeriana.

Sabe-se que a água de louro-cereja determina o êxtase nos sensitivos arrastados e que a valeriana os faz imitar as ações do gato. O primeiro fenômeno só foi notado pelos pródromos habituais do êxtase. O efeito da valeriana foi mais rápido e mais completo.

VI

Experiências do senhor Démarest

Um artigo publicado em abril de 1894 na *Revue scientifique des idées spiritualistes* e intitulado *Le Magismo*, expõe o fenômeno da exteriorização da sensibilidade e, da sua captação num copo d'água.

"São, acrescenta o autor, fenômenos correntes nos laboratórios nos gabinetes dos magnetistas, que procuram arrancar todos os segredos à esfinge da Psicologia.

"Um fenômeno não menos constante é o que se manifesta graças uma boneca de cera: toma-se cera virgem, ou cera para modelagem, e

modela-se uma boneca mulher ou homem - a distinção é feita pelas formas: seios e ancas.

"Põem-na entre as mãos do sensitivo. Se se tomou um pouco cabelo do paciente, ou da saliva, o efeito não é senão completo. Deixa-se entre as mãos do sensitivo essa boneca até o momento em que a sua sensibilidade é transposta para a figurinha.

"Depois toma-se a boneca e se afasta. Tudo quanto se faz com boneca o sensitivo sente. As picadas se marcam em sua pele. Vós impedis de respirar pela pressão sobre o peito da estatueta ou pelo estrangulamento.

"Mas eis fatos ainda mais palpáveis.

"O sensitivo tem consciência de seu desdobramento. Seu grande desejo é retomar a figurinha. Então, por vezes, assiste-se a uma luta entre o operador e o sensitivo.

"Durante uma dessas experiências, que fazíamos com o senhor Georges Démarest, tinha-se confiado a um terceiro a boneca de cera; o sensitivo quis retomá-la e na luta a figurinha foi decapitada.

"Tableau! O sensitivo cai por terra, quase morto - em todo o caso, sem movimento. Foi preciso muito tempo para o fazer voltar à vida.

"Mas não é tudo. Durante mais de oito dias o sensitivo conservou, em volta do pescoço, uma linha vermelha, comparável à que os membros da nobreza de 1795 e 1796 se faziam, para assistirem ao baile dos guilhotinados. Era como se lhes houvessem cortado o pescoço, e a seguir repostos a cabeça.

"Vejam outros fatos:

"Um dia a paciente deixa sua figurinha e se vai. O operador coloca a estatueta na gaveta de um velho móvel de uma sala fria onde, no inverno, a temperatura descia a zero.

"Em breve, em resposta a uma carta de convocação, vem-nos uma palavra, anunciando que o sensitivo estava de coma, vítima de uma pleurisia ou de uma bronquite. Lá fomos, e a doente nos perguntou o

que tinha acontecido à sua boneca. Depois de a haver magnetizado, reconfortado, ter feito desaparecer a febre, voltamos para casa, e o nosso primeiro cuidado foi reclamar a estatueta. Descobriram-na nessa geleira. Aqueceram-na. Três dias depois o sensitivo se levantava.

"Um fato não menos extraordinário é a descoberta da atmosfera de sensibilidade.

"Todo objeto gozando de vida, vegetal ou animal, sensibilizado pelo traspasse, tem, como o próprio sensitivo, uma camada que o envolve e na qual se acha a sensibilidade do sensitivo, que transferiu toda ou parte de sua sensibilidade ao objeto.

"A sensibilidade do sensitivo muito delicado se acha em sua sombra. Por vezes, estando anestesiado, ela se acha a 2 ou 3 metros, nas paredes."

VII

Extrato de *La force vitale*, pelo doutor Baraduc (pg. 112 e segs. - Paris, 1893)

Estando o sensitivo em estado de relação, quis transportar do primeiro a um segundo sensitivo, igualmente posto em estado de relação, a vitalidade psíquica do centro frontal 1.º ao centro frontal 2.º; do centro epigástrico 1.º ao centro epigástrico 2.º; do centro genital 1.º ao centro genital 2.º - fora de todo fenômeno de sugestão provinda de mim mesmo, estando os pacientes separados, em salas diferentes.

O meio de transporte consistia em três frascos cheios d'água, com os quais operei nas condições e circunstâncias seguintes:

Com Léontine em estado de relação, ponho sobre o seu epigastro e entre suas mãos um frasco com água simples: dois passes condensantes nessa água.

Meu criado, sensitivo exteriorizável, recebe o frasco e, a uma ordem minha, bebe o líquido. Léontine cai como uma massa de costas para o ar e levo algum tempo a fazê-las voltar, pondo a mão esquerda sobre o vazio epigástrico e chamando-a a si. Ela retoma parte dos sentidos e testemunha um horror invencível pelo sensitivo que bebeu sua vida esvaziando o frasco.

Jean é afastado e, sem o tirar dessa fase, examino o estado que ele apresenta.

A água tem um cheiro espantoso de bode, cerra-lhe a garganta na faringe; ela determina nele sobretudo um eretismo estomacal tal que ele se precipita sobre uma costeleta crua, com a necessidade instintiva de comer carne sangrenta: gordura, carne, tudo aí passa; e se não come os ossos, e que são muito duros para os dentes. Interrogado pelo Dr. Gama e os assistentes, responde que tem fome de carne sangrenta e que a acha excelente. Seu gasto habitual não é este e, no dia seguinte recusa uma costeleta não cozida.

A exteriorização da anima gastrica de Léontine, condensada no líquido bebido por Jean, neste produziu, então, uma necessidade orgânica um eretismo mímico, transmitiu uma superatividade funcional do órgão que o impeliu a comer com delícia a carne crua.

O gosto e a constrição da garganta lhe ficaram no dia seguinte até o meio-dia, hora na qual uma sugestão feita pelo sr, de R. tirou essa sensação, que lhe deixei, para ver a sua duração.

Na segunda sessão, pedindo ao sr, de R, interferência junto ao sensitivo, roguei-lhe que pusesse Léontine em disposição psíquica alegre para ver se, ao contacto do líquido na frente, Jean acusaria um estado análogo.

Um frasco d'água é posto sobre a cabeça de Léontine; fala-se-lhe de pessoas simpáticas, de condições e de situações nas quais ela estava muito feliz; ela está vermelha, corada, presta pouca atenção às palavras, fica distraída. Ao cabo de alguns instantes eu apresento, na

sala ao lado, o frasco ao contacto da fronte de Jean, perguntando-lhe o que sente: "Dor de cabeça, peso." Respondo-lhe: "Não é uma sensata que desejo conhecer, mas uma idéia. Sentes algo a este respeito?" Ele me responde: "A idéia da senhora que está no salão." Peço-lhe que me defina a natureza dessa idéia: "É uma idéia boa, alegre; ela pensa num senhor de 35 a 40 anos, moreno, de estatura mediana.",- Que faz ele? - Artista - Onde está? - Não sei."

O senhor de R. falava com Léontine durante este tempo. Mas Léontine gostava de um jovem, artista, que a tinha abandonado; e o cérebro Jean, ignorando o fato, refletiu a imagem e reproduziu o pensamento mais gravado no cerebelo de L., que foi unir-se ao seu artista sonhado (13).

(13) Esta explicação do doutor Baraduc é aventureosa; de fato, a experiência não deu resultado claro.

A terceira experiência tratou do foco genital. Durante alguns instantes um frasco é posto no baixo ventre de Léontine e, ao cabo um instante, tomo o frasco e o levo à fronte de Jean, que nada experimenta. Posto à nuca, determina um mal-estar que se traduz por movimentos de incômodos, uma espécie de enervamento, enquanto que, outra sala, Léontine, sempre em estado de relação, está enervada, excita e mantida pelo sr. de R. Levado ao epigástrio de Jean, produz uma comoção: descido à região pubiana, o frasco é derrubado. Imediatamente Léontine, na outra sala, caí, as pernas unidas num espasmo geral característico, do qual o senhor de R. a tira, mergulhando-a por uma pressão no meio da fronte, num êxtase religioso, no qual ela vê formas brancas que a deslumbram.

VIII

Experiências do senhor Boirac, doutor em letras, professor agregado de filosofia no liceu Condorcet (14)

(14) Este artigo do sr. Boirac para um jornal literário, escrito em março de 1895, resume grande número de experiências feitas por ele.

"Terei sonhado? Os fenômenos que vi na noite de domingo último eram bem reais?

Meu antigo professor, o senhor X., me havia convidado para experiências de hipnotismo, que devia fazer naquela noite. Como eu lhe perguntava, alguns dias antes, o que se devia pensar das experiências do senhor de Rochas, sobre a sensibilidade exteriorizada, ele me respondeu: "Vinde a minha casa, domingo à noite, pelas nove horas, e tentarei reproduzi-las em vossa presença. Julgareis por vós mesmo."

As nove horas, pois, eu era introduzido em casa do senhor X. por um rapaz de 15 a 16 anos, robusto, bem fornido, de traços regulares, tez morena, olhar vivo e direito; e minha primeira surpresa foi saber que esse jovem, originário dos Pireneus, era justamente o sensitivo sobre o qual deviam ser feitas as experiências.

"Talvez me lembreis, disse-me o senhor X., as notas publicadas nos jornais, sobre os fenômenos extraordinários, descobertos pelo senhor de Rochas. Confesso que estava bem disposto a partilhar da opinião das pessoas que não vêem nessa pretensa "exteriorização da sensibilidade" senão efeitos da sugestão, talvez mesmo simulação, duas causas de erro muito freqüentes e muito poderosas nessa ordem de experiências. Notai que as pessoas que assim falam eram, quase todas, médicos cuja opinião tem autoridade na matéria: eles declaravam jamais terem observado nada de semelhante. Entretanto, em junho último, quando eu acabava de adormecer pela segunda ou terceira vez um sensitivo, não este que vistes, mas um jovem operário parisiense, mais ou menos da mesma idade, de repente tive a idéia de tentar a experiência. Fiz trazer um copo, com água até a metade e, sem comunicar a ninguém a minha intenção, pu-lo entre as mãos do

sensitivo, previamente adormecido. Eu quase não esperava êxito, porque, conforme havia lido, o fenômeno tinha como condição necessária um estado particular do sono, uma espécie de sono à quarta ou quinta potência. Ora, o meu sensitivo acabava de ser adormecido nalguns segundos, pela fixação do olhar. Entretanto, ao cabo de dois ou três minutos, retirei o copo, afastei-me três ou quatro metros e bruscamente mergulhei os dedos na água. Instantaneamente o sensitivo, que se mantinha de pé, com os olhos fechados, estremeceu, como se atingido por uma descarga elétrica. Interrogado, respondeu-me que eu acabava de o ferir na mão, e indicou aquela que tinha posto em cima do copo. Mexi a água entre os meus dedos; logo ele se pôs a gritar que lhe doía, que eu lhe torcia a mão e imitava na mão o gesto que eu acabara de fazer na água. Os mesmos fenômenos, quando me colocava a três ou quatro metros, às suas costas. Desde então renovei e variei essas experiências com o mesmo sensitivo, com um segundo, operário parisiense como ele, enfim com o montanhês que acabais de ver. Sempre durante o sono hipnótico. Elas deram resultados que concordam em todos os pontos essenciais e que, talvez, publique um dia. Mas esta noite eu queria ensaiar algo de novo.

Talvez saibais que não há diferença absoluta entre o estado de vigília e o de hipnose. Passa-se de um ao outro por uma série indefinida de graus, e todos, ou quase todos os fenômenos, atração, contratura, sugestão, etc., que se produzem durante o sono, podem ser obtidos na maioria dos sensitivos em estado de vigília. Desde então, será lícita supor que se possa exteriorizar a sensibilidade de um sensitivo desperto. Vamos tentar verificar a hipótese.

A estas palavras, o professor fez Jean vir à sala onde nos encontrávamos e, quando ele se sentou, pôs-lhe entre as mãos um copo com água até a metade. Eu examinava o sensitivo com curiosidade: evidentemente estava bem desperto e respondia sem embaraço a todas as perguntas. Parecia sobretudo intrigado com esse

copo d'água, que esquentava entre os dedos. Depois de alguns instantes, o professor lhe pinçou levemente o punho, perguntando-lhe se sentia. Ele respondeu: absolutamente. Repetido o pinçamento um ou dois minutos depois, veio esta resposta eu não sinto mais nada. Então começou para nós a mais admirável série de fenômenos que seja possível observar.

Tendo o senhor X. simulado pinçar o ar a alguns centímetros acima do punho, o sensitivo teve um sobressalto, dizendo que lhe faziam mal. O copo foi retirado e nós estudamos essa estranha sensibilidade assim projetada fora da pele, a uma distância de cerca de doze centímetros. Por mim mesmo constatei que todos os pinçamentos feitos sobre a pele deixavam-no insensível, mas bastava pressionar ou torcer o ar acima para fazê-lo tremer e até gritar.

Já o sensitivo não nos olhava com a mesma confiança; punha-se na defensiva. Assim, quando o professor tomou o copo, ele perguntou, apreensivo, se ainda lhe iam fazer mal; e foi preciso prometer que se procederia muito suavemente. Mas, apenas o senhor X aflorou à superfície da água, Jean estremeceu, dizendo que acabava de ser tocado, e indicava o epigástrico. Foi ainda no epigástrico que sentiu uma picada feita na água e que percebeu as vibrações de um relógio posto em cima do copo. Movimentos giratórios imprimidos no líquido lhe faziam, dizia ele, girar o coração: acelerados, provocavam uma espécie de dança do ventre, que nos pediu parássemos imediatamente. De repente, tendo o senhor X. soprado ligeiramente no copo, vi o jovem fechar os olhos e cair inerte em sua poltrona, como se ferido pelo raio. Esse sopro o havia adormecido. Feitos alguns passes diante da frente, bastaram para o despertar, e ele nem mesmo pareceu suspeitar o que acabava de acontecer.

"Agora, diz o senhor X., vou tentar a experiência inversa, isto é, influenciar, por minha vez, o copo, e pô-lo entre as mãos do sensitivo, que mergulhará os dedos na água. - "Que resultado pensou eu, pode

ser esperado de uma tal experiência? Sem dúvida ele imagina sentir também os toques na água, feitos pelo sensitivo?" Minha curiosidade aumenta quando vejo o operador jogar um véu na cabeça de Jean, que sustenta o copo, onde mergulhavam dois dedos de sua mão direita. Afastando-nos ambos a uma distância de cerca de oito metros e ele me apresenta silencioso, seu punho direito, fazendo-me sinal para o pinçar. Obedeço: o sensitivo fica impossível." Vamos, diz o senhor X., a experiência fracassou; eu esperava consegui-la, como as outras, em estado de vigília: sem dúvida o sono é a sua condição necessária. Adormeçamos o sensitivo." Alguns passes e, pronto. Procedemos como acabávamos de fazer. Mas desta vez, desde que pinço o operador, o sensitivo se arrepia e se lamenta; indica o punho direito como sede da sensação, que parece muito viva.

Uma tela é posta entre ele e nós; mesma simpatia instantânea. O senhor X, me faz sinal de lhe tomar a mão e um terceiro assistente que acaba de entrar na sala é convidado por sinais a me pinçar o punho. Como se a sensação se transmitisse pelo corpo do senhor X., o sensitivo a experimenta, ao mesmo tempo que eu, mas muito mais forte. Parece debater-se contra um intolerável sofrimento. O senhor X. deve acalmá-lo. Diz: "Vou despertá-lo." Fenômeno talvez mais incompreensível que todos os outros, desperta-o fazendo passes não em torno de sua frente, mas acima do copo. À medida que sua mão passa e repassa, as pálpebras do sensitivo tremem, as pupilas rolam, os olhos se abrem. Eis o sensitivo voltado a si e, desnecessário dizer, não guardou qualquer lembrança do que acaba de se passar.

Se eu mesmo não tivesse visto esses fenômenos, certamente acusaria de impostura aquele que me relatasse. Decididamente, se esta nova ciência tender em suas pesquisas, nossos sobrinhos verão coisas estranhas.

IX

Nota fornecida pelo senhor Bodroux, doutor em ciências em Poitiers

Tive três sensitivos notáveis, nos quais provocava perfeitamente a exteriorização da sensibilidade.

O primeiro era uma mulher de 30 anos, sra. A.; o segundo um aluno de matemáticas especiais, M. B.; o terceiro uma jovem, senhorita C.

Com a sra. A. obtive facilmente três vezes esta experiência: não fiz senão uma experiência com o cabelo dos dois outros sensitivos.

Em estado de relação, os três viam os eflúvios saindo do corpo do magnetizador, azuis à esquerda, vermelhos à direita; apenas enquanto que a sra. A, e a srta. C. os descreviam sob a forma de chama, M. B. os descrevia como fitas.

Com a sra. A. a distância da primeira camada sensível da epiderme era de cerca de 50 centímetros; as camadas seguintes eram distantes de 1 metro e pudemos constatar a existência de dez dessas camadas; estas atravessavam as paredes facilmente.

Em M. B, e na senhorita C., à distância da primeira camada não era mais que uns trinta centímetros, à distância das outras era de 0m,60(15). Nestes dois sensitivos não determinei senão a posição de quatro dessas camadas.

(15) Notar-se-á que a lei de espaçamento das diversas camadas se produz, ainda aqui, conforme a teoria que propus; mas à distância entre as camadas é notavelmente diferente das que observei ordinariamente (achei distâncias mais ou menos semelhantes na senhora Vix, no momento em que ela se levantava de uma doença). Conforme pensei; esse espaçamento seria função dos ritmos da respiração e do pulso. Seria bom, na ocasião, verificar esta hipótese.

X

Uma experiência do senhor Phillippe

Atualmente existe em Lyon um curador célebre, chamado Phillippe. Uma senhora que muitas vezes a ele recorreu, há uns quinze anos, escreve-me a propósito de um fato ocorrido nessa época.

"Algumas vezes ele se divertia em fazer toda sorte de experiências. Um dia eu me queixava de um mal que sentia no coração; ele me disse, diante de todo mundo (havia mais de 200 pessoas): "Quereis sentir o vosso coração na mão a uma certa distância? " Era um pouco ridículo mas experimentei.

Ele me fez estender a mão em cima de uma mesa e me disse:

"Não vos mexais, ides sentir os batimentos." Muito surpreendida com efeito, por sentir fortemente os batimentos anunciados, exclamei; "Mas é verdade, eu os sinto muito bem." Nesse momento uma das minhas netas, que tinha 5 anos, intrigada, passa vivamente a mão sob a minha mão suspensa no vazio, acima da mesa; soltei gritos horríveis; parecia-me que garras de ferro me trituravam o coração; mas, muito lentamente também, esse senhor havia parado o braço da minha filha; estava pálido, e disse à assembléia que se a coisa se tivesse prolongado mais um segundo, eu poderia morrer.

"Ele tinha querido provar a todas as pessoas presentes que, sem adormecer, ele podia trazer a sensibilidade a uma certa distância da pessoa."

XI

Experiências do dr. Soire (de Lille)

Desde 1892 o doutor Soire havia reconhecido que, em certos casos, um sensitivo podia reconhecer, de olhos fechados, sobre que ponto de sua pele se dirigia à ponta de um estilete, que se passeava a alguma distância da pele.

Depois de publicada a primeira edição deste livro, em 1895, ele retomou suas experiências e confirmou os resultados que eu havia obtido, num artigo publicado pelos *Annales des sciences psychiques* (nov. dez. 1897), cujas passagens principais aqui reproduzo.

"O sensitivo que teve a bondade de se prestar a estas experiências é muito hipnotizável. A primeira vez que o hipnotizo, obtenho, repentinamente, o estado letárgico, depois, pelos processos habituais, é-me fácil fazê-lo passar à catalepsia; nesta fase da hipnose, obtenho a fascinação, o que indica uma sugestionabilidade muito grande. Da catalepsia eu o reconduzo rapidamente à letargia, para o fazer passar em seguida ao sonambulismo. Meu sensitivo chega muito rapidamente ao sonambulismo do terceiro grau, estado no qual é insensível a todas as excitações vindas de fora, mas está em comunicação direta comigo, ouve-me e me responderá se lhe der ordens. É essencialmente sugestionável, executa inconscientemente, involuntariamente, as sugestões que lhe faço, executará do mesmo modo as sugestões pós-hipnóticas: numa palavra, sua responsabilidade desapareceu completamente. Enfim, ao despertar, estará amnésico.

"Sendo tal o estado do sensitivo, de saída constato sua insensibilidade absoluta, picando-lhe vivamente a pele em diversos pontos do corpo com um alfinete; constato que há por toda parte anestesia completa; Então coloco um copo d'água entre as suas mãos, enquanto uma pessoa posta por detrás dele, tem as mãos hermeticamente aplicadas sobre seus olhos. Então pico com um alfinete a superfície da água contida no copo e logo o meu sensitivo, pela expressão de sua fisionomia e por um movimento involuntário, testemunha que sente uma dor. Pergunto-lhe, então, o que sente e ele

me responde: "Vós me picais a mão esquerda." Apoio, então, a ponta do meu alfinete no exterior da parede do copo, não tocando a água, e o sensitivo não exprime qualquer sensação. Mergulho de novo meu alfinete na água, sem, de qualquer modo, tocar o copo, logo o sensitivo me repete; "Vós me picais a mão esquerda." A experiência é repetida várias vezes; cada vez que pico o copo ele nada sente, quando, ao contrário, pico a água que ele contém, instantaneamente sente a picada e acaba por me dizer com uma certa impaciência: "Vós me fazeis mal, vós me picais."

"A propósito desta experiência, apenas farei notar que, quando eu pico o copo, apoio bem fortemente o alfinete em suas paredes, o sensitivo pode, então, sentir nas mãos uma certa comoção, uma sensação de contacto; se aí houvesse uma auto-sugestão, certamente ela se revelaria nesse momento; entretanto ele nada sente. Quando pico a superfície e da água, ao contrário, tenho o cuidado de não tocar com os dedos as paredes do copo; nenhuma comoção mecânica lhe pode ser transmitida e, contudo, é então que ele sente claramente a picada.

"Acrescentarei, ainda, que a primeira vez que fiz esta experiência com este sensitivo, não havia prevenido nem a ele, nem aos assistentes daquilo que eu ia fazer, e isto por uma boa razão: é que nem eu mesmo o sabia. A idéia de tentar a exteriorização da sensibilidade só me tinha vindo quando vi o sensitivo chegar tão facilmente ao mais alto grau do sonambulismo e, sem nada dizer, a pus em execução.

"Numa outra experiência, depois de ter posto o sensitivo no mesmo estado de sonambulismo e, como precedentemente, lhe haver posto entre as mãos o copo d'água, no qual tinha exteriorizado a sua sensibilidade, tomei o copo e o sustentei eu mesmo diante do sensitivo, a uma pequena distância, mas sem que ele tivesse contacto. Ele sentiu a picada do mesmo modo, mas me pareceu que a impressão

era um pouco menos forte. Em seguida, posto o copo d'água sobre uma mesa, em frente ao sensitivo, os resultados foram idênticos.

"Nessa mesma sessão fiz uma nova experiência. Em vez de picar a superfície da água com um alfinete, enfiei ligeiramente na água a extremidade do polegar e do index e, com os dedos postos assim, eu os apertei vivamente um contra o outro. O sensitivo testemunhou, como precedentemente, que sentia uma dor, mas com a diferença que, interrogado sobre o que experimentava, logo respondeu: Vós me beliscais e não: Vós me picais, como das outras vezes.

"Por várias vezes piquei e pincei a água alternativamente; nem uma só vez ele se enganou; dizia: "Vós me picais", cada vez que eu enfiava o alfinete na água, e "vós me pinçais" cada vez que eu pinçava a água com os dedos.

"Quis experimentar carregar diversas outras substâncias, que não a água, com a sensibilidade do sensitivo em experiência. A princípio tomei uma pequena placa de vidro, que recobri de veludo. Estando o sensitivo, como precedentemente, posto em estado de sonambulismo e anestesiado, a placa preparada foi posta entre as suas mãos; ele sentiu claramente as picadas feitas no pano que cobria a placa de vidro.

"O cartão não me deu resultados muito apreciáveis. Pelo menos nas circunstâncias em que o experimentei, não me pareceu carregar-se facilmente com a sensibilidade do sensitivo.

"A madeira mostrou-se mais favorável a esta experiência. Tabuinhas postas durante alguns instantes em contacto com o corpo do sensitivo carregaram-se de sua sensibilidade de tal modo que, mesmo depois de terem sido dele afastadas, ele sentia as picadas feitas na madeira."

Também experimentei com uma bola de betume, à qual dei vagamente a forma do sensitivo, fixando-a sobre uma placa de vidro. Sensibilizei o betume, aproximando-o do corpo do sensitivo, que tinha nas mãos a placa de vidro. Depois de alguns instantes, tendo eu

mesmo a placa a uma pequena distância do sensitivo, este sentia, ora na cabeça ora no corpo ou nos membros, as picadas que eram dadas nos fragmentos de betume que representavam essas diferentes partes do corpo. Tendo a seguir, cortado alguns cabelos do sensitivo, durante o seu sono, e o tendo implantado na porção de betume que representava a sua cabeça, ele se queixava vivamente quando os puxavam, dizendo que lhe arrancavam o cabelo.

"Para me dar conta da maneira por que a sensação chegava ao sensitivo, e da rapidez com que era percebida, instituí a seguinte experiência:

"Posto o sensitivo em sonambulismo, o copo d'água foi colocado em suas mãos e carregado de sensibilidade, como nas primeiras experiências. Constatei então que ele experimentava instantaneamente a sensação de picada quando eu mergulhava o alfinete na água. Um dos meus auxiliares nessas experiências delicadas, o senhor Leuliette, tinha os olhos fixados atentamente num cronômetro, enquanto dois outros auxiliares lhe assinalavam o instante preciso em que eu picava a superfície da água com o alfinete, e aquele em que a fisionomia do sensitivo exprimia sensação de dor. Nenhum tempo apreciável pôde ser marcado entre a duas ações. Então fiz tomar o copo d'água por um auxiliar, que o tinha na mão esquerda e que, com a direita, segurava a mão esquerda do sensitivo. Pode-se, então, constatar que se escoava uma fração de segundo entre o momento em que eu picava a água com o alfinete e o instante em que a fisionomia do sensitivo exprimia a sensação. Fazendo então, uma cadeia de duas, três pessoas, segurando-se as mãos, entre o copo d'água e o sensitivo, constatei um retardamento progressivo da sensação. Empregando cinco pessoas, obtive um retardamento de perto de dois segundos, entre o momento em que o alfinete tocava a superfície da água e o instante em que o movimento de fisionomia do sensitivo indicava que experimentava a sensação.

"Chego a uma experiência ainda mais curiosa que a que acabo de contar. Estando adormecido o sensitivo e, como de costume, posto em sonambulismo, toda a sua superfície cutânea está completamente anestesiada. Faço colocar á sua frente outra pessoa em estado de vigília inteiramente normal, e esta toma com suas duas mãos as mãos do sensitivo adormecido, de modo que sua mão direita segure a esquerda do sensitivo e a sua esquerda a direita do sensitivo adormecido. Estando as coisas assim dispostas, faço, por sugestão, passar a sensibilidade do sensitivo para a pessoa à sua frente, isto é, sugiro ao sensitivo que, nada mais sentindo ele mesmo, sentirá tudo o que for feito à pessoa colocada à sua frente (16).

(16) Esta sugestão era inútil. O sensitivo, quando num estado de exteriorização conveniente, sofre as sensações da pessoa com quem está em contacto com mãos ou qualquer outra parte do corpo. Ver pgs. 41 e 58. - A. R.

"Então pico com um alfinete a perna direita da pessoa em estado de vigília e o sensitivo logo me diz: Vós me picais na perna esquerda. É, com efeito, a que se acha no caso. Pico o sensitivo desperto no braço esquerdo, e o sensitivo adormecido me diz: Vós me picais no braço direito. Pico a pessoa desperta na orelha e o sensitivo me diz: Vós me picais na cabeça. Faço, então, esta observação que, sob a influência da picada, a pessoa em vigília faz um movimento involuntário; o sensitivo adormecido sente, por meio do contacto das mãos, uma contração muscular que o previne do momento em que é feita a picada. Admitindo por um instante, esta hipótese, como poder-se-á explicar que o sensitivo diferencie a picada feita no braço direito ou na perna esquerda, da feita na perna direita ou no braço esquerdo ou na cabeça?

"Mas havia um meio muito mais simples de reduzir a nada a objeção que poderiam ter tirado dos movimentos inconscientes da pessoa no estado de vigília, comunicados ao sensitivo adormecido: era interromper toda comunicação entre os dois sensitivos. Foi o que fiz

nas experiências seguintes. Depois de ter feito passar a sensibilidade do sensitivo em estado de sonambulismo ao que estava em vigília, fiz largar as mãos do sensitivo adormecido. Os dois sensitivos achavam-se, assim, completamente separados um do outro, não havia mais entre eles nenhum ponto de contacto material. Então piquei os membros da pessoa desperta, o sensitivo sentiu as picadas nos membros correspondentes, isto é, postos em relação, o lado direito correspondente ao esquerdo, assim como as feitas na cabeça. Se, em vez de picar, eu pinçasse um membro, o sensitivo fazia muito bem a diferença entre as duas sensações e dizia: Vós me pinçais, em vez de dizer: Vós me picais, como fazia das outras vezes (17).

(17) O sensitivo em estado de vigília estava encarregado da sensibilidade do sensitivo adormecido, pelo fato de lhe ter segurado as mãos e para ele se havia tornado uma mumie. Vide pgs. 54 e 75. - A. R.

Citarei em último lugar uma experiência que foi também interessante. Depois de ter posto o meu sensitivo em estado de sonambulismo, conduzi-o diante de uma parede e dispus as luzes de modo que a sua sombra fosse projetada exatamente sobre a parede. Sugeri-lhe, então, que a sua sensibilidade seria levada inteiramente sobre a sua sombra, isto é, que ele sentiria tudo o que fosse feito à imagem projetada por sua sombra na parede. Piquei a parede em torno da sombra do sensitivo em diversos pontos, ele não se mexeu e não exprimiu nenhuma sensação. Então piquei sobre a própria sombra e logo o sensitivo fez um movimento brusco e lamentou-se vivamente. Recomecei em diversos pontos fora de sua sombra, ele não sentiu absolutamente nada, mas desde que a sombra era tocada a sensação aparecia mais viva que na maioria das outras experiências. O sensitivo se lamentava da cabeça, quando piquei a sombra da cabeça, e sentia a dor no braço ou na perna, quando eu picava a sombra desses membros na parede. E quando, num dado momento, passei a mão na parede onde estava a sombra da cabeça, ele dizia: Vós me arranhais.

"As experiências que acabo de descrever devem dar lugar a algumas observações interessantes. Inicialmente, a exteriorização da sensibilidade no grau que acabo de descrever é um fenômeno bastante raro, seja porque não se testemunha senão no estado de hipnose, ao qual poucos sensitivos são susceptíveis de chegar; seja antes porque constitui uma das faculdades especiais ainda pouco conhecidas, mais ou menos desenvolvidas em certas criaturas, mas que não atingem um grau muito alto senão num pequeno número de casos. Não hesito em me ligar a esta última hipótese; com efeito, o sensitivo que observei apresenta esse fenômeno no terceiro e, mesmo, no segundo grau do sonambulismo. Ora, essas fases da hipnose, sem ser freqüente, encontram-se de vez em quando, ao passo que é a primeira vez que encontro esta exteriorização da sensibilidade desde vários anos que a procuro.

"Farei observar, em segundo lugar, que esses fenômenos não se apresentam sempre com a mesma intensidade. Cada vez que operei com, este sensitivo, sempre obtive a exteriorização da sensibilidade, mas, algumas vezes, suas sensações eram vagas e carentes de limpidez, quer porque ele estivesse menos bem disposto antes da hipnose e o sono se desenvolvesse menos bem, quer porque algumas circunstâncias exteriores tenham podido contrariar as experiências. Assim, em certos casos, sob a influência da picada, ele experimentava bem uma dor, mas não podia dizer qual era a sua natureza. Dizia: "Vós me fazeis mal", mas não podia distinguir se o picava ou se o pinçava.

"Em certos casos, ele distinguia bem o gênero de sensação e a natureza da dor, mas não chegava a localizá-la na região que devia corresponder ao ponto tocado no objeto ou na pessoa. Assim, numa das sessões de experiências, a sensação, que entretanto era bem nítida, foi constantemente percebida na mão esquerda. Em outras experiências, era na cabeça que o sensitivo sentia as picadas e as

impressões feitas no objeto carregado de sua sensibilidade. Em outras circunstâncias ele chegava a uma certa localização das sensações, mas ainda um pouco; imperfeita. Assim, atribuía à cabeça tudo o que era feito à cabeça à parte superior do corpo do outro sensitivo, e ao corpo tudo o que era feito ao tronco e aos membros. Constatei, também, que, em certos casos, quando as sensações eram vagas e mal localizadas, se despertasse sensitivo e o hipnotizasse de novo, obtinha sensações mais nítidas, com uma localização de notável precisão.

"Em certos casos, afirmando ao sensitivo, por sugestão, que sensibilidade desapareceu e se acha traspassada e no objeto ou na pessoa sensibilizada, obtêm-se fenômenos mais claros. Bem entendido, esta sugestão não é feita senão antes de começar essas experiências, e tem-se o cuidado, no momento preciso das experiências, que o sensitivo não possa ser prevenido dos diversos movimentos efetuados.

"Agora como podemos explicar esses fenômenos de exteriorização da sensibilidade? Direi a seguir que constatei o fenômeno, e o fiz constatar por numerosas testemunhas. Mas até agora não lhe encontro nenhuma explicação satisfatória. Quero aqui apenas responder a algumas objeções ou a algumas interpretações que poderiam ser tentados a lhe dar, e que devem ser rejeitadas.

"Para começar, creio ser inútil discutir o embuste. As pessoas que testemunharam minhas experiências e as condições nas quais foram feitas não podem guardar qualquer dúvida a tal respeito.

"A convivência inconsciente do sensitivo seria uma objeção mais séria. Sabe-se que os sensitivos em sonambulismo gozam de uma extrema acuidade em todos os sentidos; o sensitivo poderia ver através das pálpebras, poderia dar-se conta, pelo sentido da audição, daquilo que se passa e reagir inconscientemente ou se fazer uma auto-sugestão. A objeção de convivência inconsciente e de auto-sugestão da

parte do sensitivo pode reunir-se em uma só e os argumentos que vou dar responderão a uma e outra.

"1.º - Lembrarei que, na primeira experiência que fiz, o sensitivo não podia saber o que eu ia fazer, desde que eu mesmo não o sabia. Só tive a idéia de ensaiar com ele a exteriorização da sensibilidade, depois que ele estava em sonambulismo.

2.º - Quando o copo d'água não mais está em suas mãos, mas colocado detrás dele, sente a picada e, entretanto, não pode ver. Também nada pode ouvir, porque o movimento de enfiar um alfinete na água não produz outro ruído senão qualquer outro movimento, em consequência do qual ele não reage.

"3.º - Quando o sensitivo tem nas mãos o copo d'água, se pico as paredes do copo, o sensitivo experimenta certamente uma sensação de contacto. Se houvesse auto-sugestão, é então que esta deveria desenvolver-se. Não há, entretanto, nada disto, ele nada sente; mas se pico a água sem tocar no copo, isto é, sem que possa experimentar a menor sensação direta, ele testemunha que sente a picada.

"Não insistirei muito sobre a objeção feita há um certo tempo, ante a sociedade de hipnologia pelo senhor Mavroukakis. Nosso colega mostrava à Sociedade uma pessoa hipnotizada, tendo às mãos um copo d'água e, picando o copo d'água, lhe dizia:" Eu vos pico na cabeça, eu vos pico no braço, eu vos pico na perna. Evidentemente o sensitivo experimentava todas as sensações, que assim lhe eram sugeridas. É preciso jamais ter sido testemunha das experiências de exteriorização da sensibilidade para as assemelhar a tais manobras.

"Ninguém jamais negou que a um sensitivo hipnotizado se pode sugerir uma sensação de picada, de queimadura ou outra, num ponto determinado. Aqui o copo d'água nada acrescenta à coisa, e esta experiência não faz senão demonstrar a sugestão verbal, que todo mundo conhece.

"Na exteriorização da sensibilidade, ao contrário, tomamos todas as precauções necessárias para que o sensitivo não seja prevenido de modo algum do momento em que se vai picar o objeto que está carregado de sua sensibilidade. Tem-se o cuidado de fazer manobras análogas sobre objetos circundantes ou semelhantes àquele para o qual transferiram a sua sensibilidade. Foi o que demonstramos na experiência do copo, onde se picou a parede do vaso; e, entretanto, sem ser prevenido, o sensitivo manifesta claramente que experimenta as impressões levadas sobre o objeto carregado de sua sensibilidade, e não as experimenta nos circundantes ou nos outros objetos.

"Uma outra interpretação, durante certo tempo, me tinha parecido mais plausível; e, entretanto, como ides ver, tive que a abandonar por força de certas experiências minhas. Essa interpretação consistia em supor que o operador que praticava a picada no objeto sensibilizado inconscientemente fazia uma sugestão mental, que era recebida e compreendida pelo hipnotizado. Essa hipótese, com efeito, daria conta do fato que o sensitivo experimenta e distingue os diferentes gêneros de sensações, picadas, queimaduras, pinçamentos, etc. Ela explicaria, também que ele as localiza em tal ou qual parte do corpo, quando essas sensações são experimentadas por um sensitivo posto à sua frente; e, mesmo neste caso, a sugestão mental poderia vir tanto do sensitivo impressionado quanto do operador.

"Esta hipótese mesma mostrou-se insuficiente quando constatei, em certos casos determinados, um retardamento da sensação no sensitivo hipnotizado. Quer o copo d'água seja tido pelo próprio sensitivo, quer por três, quatro ou cinco pessoas, em comunicação com o sensitivo, a sensação deveria ser tão rapidamente percebida por ele, se fosse exata a hipótese da sugestão mental. Esta é direta; seria, pois instantânea, num como noutro caso e não poderia apresentar o retardamento regular que constatamos em certas circunstâncias.

"Este fenômeno tão curioso da exteriorização da sensibilidade não pode, pois, ser agora explicado pela sugestão mental, mais que por outras hipóteses que examinamos. O fato bem constatado por um certo número de experiências, feitas ante numerosas testemunhas, não pode mais, agora, ser posto em dúvida, mas devemos reconhecer que no estado atual dos nossos conhecimentos ele fica, ainda agora, totalmente inexplicável."

NOTA K

O OD, veículo da força vital (18)

(18) Esta nota é as traduções livres, feitas pelo dr. Thomas, de um artigo do barão Karl du Prel, saído em Uebersinnliche Welt (nov. dez. 1896). Suprimi algumas passagens de duplo emprego com os fatos citados no cap. V.

Graças ao progresso da evolução, a linha de demarcação entre os diferentes reinos da natureza, e mesmo entre os reinos orgânico e inorgânico, apaga-se de mais a mais.

Falando-nos da alma das plantas, Pechner ainda não atingiu os limites inferiores da vida. Pode-se ir até o átomo e atribuir-lhe uma faculdade de percepção - o que Leibnitz fez para as suas mônadas. - Mas é melhor não falar da vida senão nos seres e nos corpos que, pela primeira vez revelam uma força formadora e organizadora; não se trata senão de um arranjo molecular fixo, como nos cristais.

Reichenbach mostrou que, nos processos da cristalização, há desenvolvimento de od, e que esse desenvolvimento pode ser acompanhado de fenômenos luminosos, muitas vezes visíveis a olho normal, mas sempre perceptíveis para os sensitivos na obscuridade (19). Reportando-nos aos mais elevados graus da vida terrestre, o

fenômeno da reprodução no homem é, segundo ele, ligado a uma rutilância ódica extraordinária. (20) Os cristais são as formas mais inferiores nas quais o od se polariza. (21) Além disso Reichenbach procurou a ação dos cristais sobre os sensitivos e demonstrou que esta ação, assim como o alvor ódico, emana sobretudo dos pólos e das arestas, isto é, dos pontos onde se exerce o efeito formador (22). Esta força dos cristais, como a chama Reichenbach por abreviação, é em tudo semelhante, por seus efeitos, à que age nos pólos dos ímãs minerais, não que haja identidade com estes últimos, mas é como um elemento separável. O que a diferencia é que ela não atrai; como o ímã, substâncias inorgânicas, nem desvia a agulha imantada, nem produz corrente galvânica induzida nos fios metálicos; mas tem isto de comum com o magnetismo mineral, do qual é como que um elemento isolável, atrair os corpos vivos. Desde 1788, Petetin mostrou nos catalépticos que o ímã atrai as mãos, e Reichenbach constatou numa sensitiva, a srta. Nowotny, que, todas as vezes que ela era posta em catalepsia, um ímã em ferradura, posto perto dela, atraía as suas mãos, que aí vinham aderir como um pedaço de ferro e o seguiram em seus movimentos. Ora, a força emanada dos cristais não atrai os corpos inertes, mas os corpos vivos. Os cristais atraíam as mãos da srta. Nowotny e as contraíam mesmo energicamente.

(19) REICHENBACH, *Der sensitive Mesnsch.*, I, 750. I, 254, 438.

(20) *Ibid.* I, 173.

(21) *Ibid.* I, 529.

(22) *Ibid.* I, 587-595. I, 210-258.

É, pois, com razão que diz Reichenbach que essa afinidade, essa atração que mostra a força emanada dos cristais para os corpos vivos, ao passo que não age sobre os corpos privados de vida, é um fato muito extraordinário e o indício de uma correlação poderosa entre ela e a natureza íntima daquilo a que chamamos vida (23). Lembrando que os cristais exercem sua ação mais enérgica pelas arestas, de sorte que os sensitivos determinam, muito facilmente, com os dedos, os

pólos e os eixos, ser-se-á levado a considerar como muito provável que essa força dos cristais é a que os constrói, que é, em consequência, uma força formadora, idêntica à força vital dos corpos orgânicos. É, pois, nos cristais que se vê aparecer pela primeira vez algo de análogo à vida, uma força organizadora. Existe mesmo nos cristais, segundo Jordan e Paget, uma espécie de força reprodutora, capaz de reparar as perdas de substância." A faculdade, diz Paget, de reparar os estragos sofridos, não pertence exclusivamente aos seres vivos; os cristais igualmente recuperam sua integridade quando um fragmento deles foi destacado, se forem colocados nas condições que presidiram a sua formação (24).

(23) REICHENBACH, *Die Dynamide*, I, 55.

(24) Paget, *Pathologie*, I, 152.

No homem, o crescimento é assegurado pela nutrição e pela assimilação, que repousam sobre uma transformação das substâncias alimentares, portanto sobre um processo químico. Ora, Reichenbach provou que toda ação química está ligada a um desenvolvimento de od (25). Portanto, na digestão gastro-intestinal dos alimentos e sua absorção pelo sangue, assim como no processo químico ligado à respiração, há desenvolvimento de od, que impregna o organismo e serve para o seu crescimento. Desde então, todas as vísceras, todas as partes internas do organismo devem espalhar os alvares ódicos. É sobre este fato que repousa a possibilidade, para os sonâmbulos, de explorar o interior de seus corpos e o das outras pessoas.

(25) REICHENBACH *Der sensitive Mensch*, I, 700; II, 350, 432.

Mas desde que o od dos cristais é idêntico ao que se escoa das mãos humanas, é preciso procurar no magnetismo animal a prova que o od é o princípio formador, o veículo da força vital, porque o magnetismo animal, respondendo a um grau de vida mais elevado, a força vital aí aparecerá com mais nitidez que nos cristais. A saúde, a vida mesma depende da presença, da energia e da mobilidade deste

agente, ao qual se deram os mais diversos nomes. Alma do mundo, força vital, eletricidade animal, fluido magnético, magnetismo vital, antropina, od: são tantos nomes para designar uma só e mesma coisa. Todos os que fizeram pesquisas sobre este assunto são unânimes em dizer que o estado de saúde depende do grau de atividade desse agente. Nem a fisiologia, nem a patologia fizeram pesquisas nessa direção; limitar-nos-emos, pois, a pôr em evidência essa assimilação, e talvez identidade, do od com a força vital, numa categoria de fenômenos onde ele ressalta sobretudo claramente, isto é, nos casos em que o od humano é exteriorizado e serve para carregar um corpo estranho.

Constata-se logo de saída que os indivíduos, cujo od é exteriorizado, perdem a sua força vital. É assim que os sonâmbulos tornam-se insensíveis e perdem a consciência, os médiuns de efeitos físicos enérgicos e de materializações caem num estado de extrema fraqueza pela perda de força mediúnica ou de od; é como se a vida os deixasse. Vemos ainda que os sonâmbulos tornam-se anestesiados porque o od exteriorizado arrasta consigo a sensibilidade e mesmo a conserva, quando dela nos servimos para carregar substâncias inertes, por exemplo, a água. As experiências do senhor de Rochas são, a tal respeito, peremptórias. Vemos, enfim, que se o magnetização transfere o seu od para um organismo estranho, não só este ganha em vitalidade, mas se torna capaz de realizar uma atividade orgânica toda especial, que se manifesta por uma similitude completa entre certos órgãos do sensitivo e os correspondentes do magnetizador. Mas examinemos a questão mais detalhadamente.

Já Mesmer considerava a magnetização como uma comunicação de força vital. Mas o seu método para estabelecer o equilíbrio ódico entre dois indivíduos, por meio de passes, não é o único possível. Esta força já existia antes de Mesmer, e sua atividade deve ter sido notada em todos os tempos, e desde a mais alta antiguidade. A crença popular

ainda hoje atribui uma idade avançada aos instrutores, devido às suas contínuas relações com a juventude. Diz Plínio que o corpo todo inteiro de um homem bem saudável age sobre um doente (26). Que essa influência emana particularmente das mãos, os antigos igualmente o sabiam, pois que Vergílio fala da "mão que cura" (27). Somente mais tarde Albert de Haíler, depois Humboldt e Reill estabeleceram a teoria da atmosfera nervosa envolvendo cada organismo e susceptível de ser atravessada por um organismo estranho. Essa influência é tanto mais marcada quanto a fusão das emanções ódicas é mais íntima. Kluge teve ocasião de tratar um homem que sofria, sobretudo à noite, de ataques nervosos. Esse homem achava-se instantaneamente livre de seus ataques trocando de leito com sua mulher. Então caía num profundo sono e, ao despertar, sentia uma reconquista de forças que persistia por algum tempo (28). Lê-se na Bíblia que Elias deitou-se sobre o corpo do filho da viúva de Sarepta, tido como morto, e o chamou à vida (29). Em outros termos, ele reforçou a força vital, a ponto de desaparecer, pelo od de seu próprio corpo. O doutor Gilibert, aflito por uma violenta doença nervosa, apresentava diariamente, em determinadas horas, acessos muito dolorosos. Um de seus amigos, lembrando-se do caso de Elias, deitou-se então sobre ele e cada vez o doente passava de um estado muito penoso a um indizível bem-estar (30).

(26) *PLINE Hist. nat., VI.*

(27) *VIRGILE Eneide XII, 402.*

(28) *KLUGE Versuch einer Darstellung des animalischen Magnetismus, 250.*

(29) *Reis, 17. 19-24.*

(30) *Exposé des cures opérées en France par le magnetisme animal, II, 141.*

Numerosos exemplos provam que as emoções vivas têm o caráter comum de aumentar o escoamento do od. A princesa de Ligne, quando seu filho era por todos declarado perdido, lançou-se sobre ele e o cobriu com o corpo, como em êxtase, durante uma meia-hora, e o cerrou contra o coração, até que ele voltou à vida (31). O doutor

Desprès, vendo sua mulher em agonia, recusou seguir seus amigos, que o queriam afastar do leito, pediu-lhes que saíssem e, uma vez só, despiu-se e tomou sua mulher nos braços, para a aquecer. Ao cabo de vinte minutos ela voltou à existência e alguns dias depois se achava com saúde (32). A força magnética do hálito quente se explica da mesma maneira. Conta Borelli que um criado, à sua volta do campo, encontrando o seu senhor no leito de morte e feitos os preparativos para o enterro, abraçou-o com persistência e lhe soprou na boca até que ele voltou à vida (33). Relata Cohausen, segundo Grubelius, que uma mulher que acabava de dar à luz pela primeira vez, tinha tido uma síncope e estava considerada como morta. Sua serva fiel logo correu, deitou-se sobre ela e lhe soprou na boca até que ela voltou a si: O médico lhe perguntou onde aprendera esse remédio extraordinário; ela respondeu que o tinha visto aplicar em Altenburg e que sabia que as parteiras muitas vezes traziam à vida crianças recém nascidas, que passavam por mortas (34). Este fato se acha numa obra de Cohausen, cujo título lembra uma inscrição sobre mármore, encontrada em Roma (35) e, segundo a qual, um certo Clodius Hermippus tinha vivido cento e quinze anos e 5 dias, graças ao sopro quente de moças - *pueliarum anhelitu* -; esta inscrição não nos diz se esse romano era o diretor de um instituto de moças ou se foi imitando o exemplo do rei David que ele chegou a esse resultado. As experiências de Reichenbach (36) e toda a bibliografia do magnetismo nos ensinam que o sopro, em razão de sua origem nos processos químicos do pulmão, constitui uma fonte de od importante. Os sensitivos constataam que seu sopro é luminoso, assim como o de outras pessoas (37). Mas como a emanção ódica se faz por toda a superfície do corpo, a presença de uma pessoa bem sadia por vezes basta para dar forças a um doente. Observou-se numa agonizante que ela caía em seu leito, pálida e sem respiração, como morta, cada vez que seu marido, que outrora a tinha magnetizado, deixava o quarto e ela voltava

sempre a si, quando ele voltava. O médico pediu insistentemente ao marido que se afastasse definitivamente; acabou obtendo-o; então a mulher recaiu e não se ergueu mais (38).

(31) PUYSEGUR *dês cures opérées em France par lê magnetisme animal*, II, 141

(32) FOISSAC, *Rapports et discussions*, 272

(33) BORELLUS, *Cent. 3*, observ. 58

(34) COHAUSEN. *Van der seltenen Art seis leben durck das Anhauchen junger Madchen bis auf 115 Jahre su verlangern*. C.4.

(35) REINESIUS, *Syntagma inscriptionum antiquorum*.

(36) *Der sensitive Mensch*. I, 165, 321, 387.

(37) *Ibid.*, II, 359, 361.

(38) *Archiv. Fur thierischen Magnetismus*, I. p. 140.

Do momento que o quimismo orgânico está ligado a uma produção de od, também é preciso que o excreta do corpo humano - a mumie dos paracelsianos - sejam carregadas de od. É provavelmente sobre esta propriedade que repousa a vantagem tão grande para o bebê, do leite humano e não sobre ser ele quimicamente diferente do leite de vaca. Cohausen conta ter tratado um homem de cerca de 60 anos, que desposou uma bela e jovem mulher, e que, ao cabo de um ano de casado foi atingido por uma "febre quente." A jovem assegurava que o doente não tomava alimento, nem bebidas ou remédios, e Cohausen ficou muito admirado de o ver recuperar a saúde e mesmo de ficar melhor do que antes. Finalmente a mulher em questão confessou que seu marido todos os dias bebia o seu leite, que para ele substituía qualquer outro alimento. A este propósito, o mesmo Cohausen lembra estas palavras de Agrippa: "A natureza deu à mulher um leite tão fortificante que não só é apto para alimentar as crianças, mas ainda as curar, e mesmo curar os adultos. Suponho que é a esta circunstância que aludia Salomão, quando dizia: "Onde não há mulher, o doente suspira." O leite de mulher é soberano para pessoas

fracas e doentes, e um meio seguro de dar a vida às que estão perto de morrer. Marsile Ficin diz por seu lado: "A árvore humana seca e perece depois de 70 anos, por vezes também depois de 60 anos. Então é preciso começar a umedecê-las com leite de mulheres jovens, para lhe dar frescor (39). Galiano assegura que na consumpção os médicos gregos prescreviam beber no próprio seio o leite de uma ama jovem e saudável; segundo ele, o resultado não é o mesmo se se contentassem em lhe dar esse mesmo leite num recipiente (40).

(39) *COHAUSEN*, 239.

(40) *GALIEN Methodus medendi*, III, C. 12.

Diz Maxwell: "O remédio universal não é outra coisa que o espírito de vida multiplicado num sensitivo apropriada (41) e ressalta de todo o seu livro que não entende outra coisa por isso senão o que nós chamamos magnetismo animal ou od. Mas se, agindo sobre um organismo estranho, a od exterior pode trazê-lo à saúde, é preciso mesmo concluir que representa o mesmo papel no organismo primitivo, isto é, que é o portador, o distribuidor da força vital, e que a doença invade onde a atividade ódica está ausente ou, pelo menos, enfraquecida. Diz Paracelso que a doença surge nas partes do organismo onde não podem chegar os espíritos vitais. Assim se explica, também, que sendo o od para os olhos dos sensitivos um fenômeno luminoso, os sonâmbulos vejam luminosas as partes sãs, obscuras as partes doentes, quer seja o exame no próprio corpo, quer no dos outros. Desde que o movimento ódico - o Enormon de Hipócrates - está entravado, o próprio fenômeno perde a sua intensidade.

(41) *MAXWELL. Mediuna magnetica*, II, *Supplem.* 94.

É possível dar-se conta da ação profunda e íntima que o od exerce sobre o organismo estranho, no qual penetra, pelo sono profundo que se apodera dos recém-nascidos, quando se magnetiza a mãe ou a ama, cujo leite eles bebem (42). Tendo o doutor Louyet magnetizado uma

mulher, esta entrou em casa e amamentou sua criança; esta caiu num sono profundo, que persistiu durante vinte e quatro horas e, quando nesse intervalo, aproximavam-lhe o seio, ela fazia muitos movimentos de sucção, mas sem acordar. Num outro caso, o mesmo médico foi chamado para uma senhora com febre tifóide e no sexto mês de gravidez. Como depois de dois dias ela não sentia o feto mover-se, julgou-o morto e dois médicos confirmaram essa idéia, visto como os batimentos do coração do feto eram imperceptíveis. Mas antes de recorrer a meios extremos, decidiram chamar como terceiro médico o doutor Louyet. Este conseguiu ouvir, muito fracos, alguns batimentos do coração do feto, por meio do estetoscópio. Magnetizou a senhora e logo os batimentos do coração, explorados pelo estetoscópio, foram reconhecidos dez vezes mais fortes que antes (43).

(42) *DU POTET, Journal du magnétisme, XVI, 563.*

(43) *Ibid., XIV, 324, 354.*

Se um organismo sã pode fornecer força vital a um doente e, se, em outros termos, a saúde é contagiosa, a lógica é que o inverso seja igualmente verdadeiro, que a doença possa ser transmitida por um agente doente, o que está desde muito tempo estabelecido na literatura magnética. Não poderia aqui haver dúvida quanto ao transporte de um bacilo, como no primeiro caso, de um bacilo da saúde quanto, no segundo, de um bacilo da doença. Há bacilos em todos os organismos, mas não pululam senão nos que estão enfraquecidos e, então, não são necessariamente causa da doença, mas antes, efeito. A medicina, pois, deverá renunciar a procurar, em todos os casos de contágio, o bacilo nocivo que teria determinado. É que existe um contágio ódico sem bacilo, e é esse gênero de contágio que se observa na magnetização, muitas vezes mesmo em detrimento do magnetizador. Du Potet afirma que lhe aconteceu mais de cem vezes, malgrado a persistência de uma excelente saúde, experimentar dor física quando tratava de gotosos e de pessoas sofrendo de afeções articulares inflamatórias, ser tomado

de um movimento febril, quando cuidava de tíficos. Uma vez, dando seus cuidados a um colérico, sentiu suas próprias entranhas se contraindo espasmodicamente, mas sem dor. Quando tratava de surdos, era-lhe um sinal de êxito sentir calor e prurido nas orelhas. No tratamento da sífilis, freqüentemente sentia dores ósseas bastante intensas e, então, achava-se em posição de dizer aos doentes que tinham feito uso de mercúrio, o que eles escondiam intencionalmente. Enfim, afirma que em dez doentes, pela menos sete lhe transmitiam os sintomas de sua doença, atenuados, bem entendido, de sorte que suas próprias impressões o punham na via do diagnóstico, como é o caso de muitos sonâmbulos. Outros magnetizadores em grande número corroboraram estes fatos, e mais de um, segundo ele, teriam renunciado à profissão, por causa deste inconveniente (44).

(44) *DU POTET. Thérapeutique magnetique, 145, 146.*

Seja como for, só os sintomas são transmitidos, e não a causa da doentes. A gente se desembaraça facilmente, se desmagnetizando ou fazendo se desmagnetizar. A influência do doente sobre o magnetizador pode mesmo ir tão longe que os papéis se achem invertidos e que, em lugar do doente, é o magnetizador que adormece e se torna sonâmbulo; citam-se vários exemplos disto. (45)

(45) *Esposé des cures, I, 299.*

Mas o que melhor põe em evidência o papel de distribuidor de força vital do od é que, transferido a um doente, nele desenvolve uma atividade organizadora especial, em tudo semelhante à que exerceu no organismo original, o do magnetizador. O sonâmbulo ou vidente de Kerner deste recebia cabelos, por meio dos quais preparava uma água capilar, cujo uso lhe transformou a cabeleira originariamente fina e negra, numa cabeleira castanho-clara, firme e espessa, semelhante a do magnetizador (46). Relata Werner que cada vez que lhe aparecia uma espinha na fronte, no rosto, ou no nariz, uma semelhante se formava na região correspondente do sonâmbulo que ele tratava (47).

A sonâmbula, que durante tanto tempo serviu às experiências de Donato, tinha originariamente cabelos louro claros; depois sua cabeleira tornou-se cada vez mais escura, como a de seu magnetizador. Até os traços de seu rosto acabaram tornando-se tão semelhantes aos de Donato, que os tomavam por irmão e irmã (48).

(46) KERNER, *Geschichte sweier Somnanbullen*, 381-383.

(47) WERNER, *Die Schutzgeister*, 266.

(48) CAVAILHON, *La fascination magnétique* 120.

Eis ainda um fato que prova indiretamente que o od é o distribuidor da força vital. Do momento que a magnetização consiste num gasto de força vital, em proveito do doente, deve constatar-se esse gasto ou perda no magnetizador. Já Jussieu, que recusou assinar o relatório da Academia de Medicina sobre Mesmer, e publicou um especial, constata que muitos magnetizadores estão completamente esgotados por uma prática prolongada da magnetização e não recuperam suas forças senão se pondo diante do balde mesmeriano ou se fazendo magnetizar (49). Chardel diz que a magnetização exagerada enfraquece não só a faculdade motora do operador, mas ainda suas faculdades intelectuais, em particular a memória (50). Afirma Amelin que se o doente não for influenciado, o magnetizador não tem perda de força vital, que de modo algum está em relação com a força muscular desenvolvidas (51). Para diminuir a perda de forças e assegurar seu traspasse integral para o doente, ele construiu uma grande bandeja de madeira, fixada sobre um bolo de asfalto, por meio de quatro cavilhas; então colocava-se com o doente sobre esse aparelho isolante, e o efeito era consideravelmente aumentado. (52)

(49) *Rapport de l'un de commissaires*, 14.

(50) CHARDEL, *Esquisse de la nature humaine*, 223, 245.

(51) GMELIN. *Der thierische Magnetismus*, I, 79, - *Fortgesetzte Unter-suchungen*, 354.

(52) GMELIN. *Der thierische Magnetismus*, II, 65, 178. - WIENHOLT *Heilkraft des thierischen Magnetismus*, I, 14, 251; II, 7. - BARTELS, *Grundzüge einer Physiologie und*

Physik des animalischen Magnetismus, 30 - KLUGE. *Darstellung des animalischen Magnetismus*, 85. - GMELIN. *Fortgesetzte Untersuchungen*, 408.

Quanto melhor a saúde do sensitivo, menos esgotado se sente o magnetizador. Eis o que diz o dr. Barth: "Eu me sentia tirar mais força por um sensitivo delicado e emagrecido em 20 minutos do que por outros em uma hora. (53) Uma condição prévia de sucesso, é, pois, que o operador possua mais força vital que o sensitivo; caso contrário, o inverso pode produzir-se, e o equilíbrio ódico estabelecer-se em sentido oposto. Conta o professor Bartels que um jovem, tendo querido magnetizar sua esposa, caiu, ele próprio, no sono magnético. Foi, pois, ela quem o tratou e, assim, o livrou de uma fraqueza nervosa (neurastenia) inveterada (54). Uma menina de oito anos era tratada, alternativamente, por uma sonâmbula e por um magnetizador. Ambos eram necessários, porque a menina se embebia de magnetismo como uma esponja e não chegava a ser saturada. Ao cabo de oito sessões a menina tornou-se sonâmbula e, desde esse momento, ela mesma dirigiu o tratamento (55). Assegura Bende Bendsen, fundando-se numa experiência de três anos, feita sobre si mesmo e sobre outros, que um tratamento magnético aplicado com perseverança, de uma a duas horas, enfraquece mais que qualquer trabalho corporal. A perda de forças se faz sentir principalmente nos braços, mãos e dedos. Os magnetizadores que sentem muito vivamente o escoamento de fluido pelas mãos sobretudo, fatigam-se de cair (56). Em breve, perdem o od é perdem a força vital; portanto, o od é o portador, o distribuidor da força vital.

(53) BARTH. *Der Lebens magnetismus*, 188.

(54) BARTELS, 169.

(55) *Hermes XI*, 312.

(56) *Archiv. IX*, 1, 77, 119.

É certo dizer que em todos os tempos houve magnetizadores de profissão que, malgrado todos os seus esforços, não experimentam nenhum esgotamento, o que se deve à sua rápida reparação das forças.

O quimismo orgânico é, aliás, uma fonte de od muito abundante (57) quem quer que possua um bom estomago e pulmões são, repara, pois, depressa, pela digestão e pela respiração, as perdas de od. Isto não basta para elucidar completamente a questão; com efeito; há magnetizadores que experimentam uma necessidade formal de magnetizar, uma necessidade de ceder de suas forças, e que se sentem mal quando deixam de lado as magnetizações durante algum tempo (58). Este fato parece contraditório com o que temos dito do gasto de força vital na magnetização. Esta contradição, posto que aparente, mereceria ainda ser explicada.

(57) REICHENBACH, *Die Dynamide I*, 119, 121.

(58) *Hermas*, I, 76.

Tomemos um exemplo. De si mesmo diz Du Potet que é como o protótipo da saúde, que jamais esteve doente e sempre teve um excesso de força vital (59). Casou-se tarde, em segundas núpcias, com uma jovem que os médicos tinham declarado incurável e que a curou. Morreu aos 87 anos e magnetizou até à morte. Do mesmo modo, um magnetizador não menos ativo, Lafontaine casou-se em segundas núpcias com uma jovem que havia curado. Eis, assim, um dispêndio excessivo de força vital, ligado a uma saúde indestrutível. Então! Por paradoxal que isto pareça, não é esta saúde florescente a causa de semelhante poder funcional, mas é ela o efeito da perda continua de od, incessantemente substituído. Esta substituição é adequada a uma renovação incessante de od. É assim que se explica o mal-estar de um magnetizador de profissão, quando cessa de funcionar durante algum tempo. Não é o dispêndio de od que lhe é uma necessidade, é a sua renovação. Eis a que simplicidade se reduz o problema da saúde!

Mas que fez a medicina desse problema tão simples? De todos os sistemas, é ainda o dos niilistas da medicina, dos higienistas, que mais se aproxima de sua verdadeira solução. Sua divisa é: "trocas intra-

orgânicas", e Precisamente as trocas intra-orgânicas determinam uma constante renovação de od.

(59) *DU POTET. Thérapeutique magnétique, 144.*

O que ainda prova que o sensitivo magnetizado é um receptor de força vital, é que fontes inertes de od podem, tão bem quanto as vivas, servir de adjuvantes para reforçar a magnetização. Já Mesmer se servia de hastes de aço e de ferro como condutores; a concentração de od, assim produzida é bem visível para os sonâmbulos, pelo reforço do brilho que lhe é próprio (60). Courant se colocava sobre o tamborete de uma máquina elétrica, submetia-se à ação da eletricidade e assegurava que nessas condições seu magnetismo produzia um efeito cem vezes mais considerável (61) Arnot, igualmente se servia de um aparelho isolante, e sua sonâmbula afirmava que então sua força magnética era bem maior, porque o magnetismo não se escoava logo no solo (62). Parece que a ação atinge seu maximum de energia quando o magnetizador e o paciente estão ambos sentados sobre a prancha isolada e se comunicam com uma máquina elétrica em atividade, por meio de correntes fixadas nos pés de cada cadeira (63). Produz-se sempre um acréscimo da ação quando o portador do od entra em vibração, não só pela eletricidade, mas ainda pelo calor e pelo som. É por este motivo que Mesmer utilizava a música. Quanto à ação da música sobre os doentes, da qual nada mais se quer saber hoje ou apenas se recomeça a falar timidamente, a obra de Kluge fala explicitamente e aí se encontra uma bibliografia sobre o assunto (64). Enfim, é preciso observar que o veículo de od, assim como o portador de eletricidade, age como multiplicador. É em razão deste fato que vemos a lei da diminuição da força na razão inversa do quadrado das distâncias ceder o passo, nos fenômenos ocultos, por exemplo, na telepatia, a uma outra lei, que só se pode explicar de uma maneira: é que a força posta em atividade não irradia em todos os sentidos, mas se transmite na direção que lhe assina a vontade.

(60) KLUGE. *Versuch einer Darstellung des animalischen Magnetismus*, 394.

(61) RAGON. *Maçonnerie oculte*, 46.

(62) ARNOT. *Beitrage zu den durck den animal magnetismus bewirtklen Erscheixwxgen*, 135.

(63) KLUGE. *Versuch* 395.

(64) KLUGE. *Ibid.* 398

Segundo Mesmer, os corpos que agem mais energicamente sobre o homem são os de seus semelhantes. Eis porque a ação do magnetizador deve ser ajudada pelas fontes vivas de od. Uma sonâmbula aconselhou ao seu magnetizador que ele próprio se fizesse magnetizar antes de operar sobre ela (65). O próprio Mesmer recomenda formar uma cadeia com o maior número possível de pessoas, das quais uma põe a mão sobre o doente, enquanto o magnetizador fica na extremidade da corrente (66). Hufeland diz: Quando a pessoa que se punha em relação comigo para magnetizar a doente, uma sonâmbula sofrendo de câimbras, sustentava com a mão esquerda a direita da doente, e com a direita a minha esquerda, enquanto que com a direita eu tocava a mão esquerda da doente, o acesso doloroso desaparecia imediatamente e se podia apreciar seu bem-estar pela expressão da fisionomia e por suas palavras (67). Deleuze recomenda igualmente a corrente humana e acrescenta que, se aí se empregarem pessoas do campo, é bom lhes pedir que roguem a Deus em comum pelo doente, o que é um excelente meio de manter a atenção e dirigir a intenção (68). A isto pode-se acrescentar - excluindo de saída toda recitação mecânica de preces ou ladainhas - que há um fator moral, a emoção íntima e o desejo de socorrer, que intervém poderosamente; porque o fator psíquico opera aqui exatamente como nos adjuvantes puramente físicos, a vibração molecular; (talvez não se devesse, também, aqui negligenciar a influência das forças ocultas, chamadas pela prece). Lê-se no jornal Hermès: "Colocai em círculo, de um e outro lado do doente, várias pessoas bem saudáveis, que têm fé na virtude curadora do magnetismo

e se interessam pelo doente, e não se prestam à operação por simples curiosidade. Essas pessoas devem pos-se em contacto pelos polegares, de sorte que a pessoa colocada à direita do doente o toque com a mão esquerda, e a colocada à sua esquerda, com a mão direita. O magnetizador deve formar um dos anéis da cadeia, e quando quer fazer passes magnéticos, seus vizinhos devem colocar as mãos sobre suas espáduas (69). O aumento da ação magnética aqui não pode ser notado senão pela sensação que sofre o doente; na obscuridade ela é controlada pela visão dos sensitivos: "Se se colocar certo número de pessoas, diz Reichenbach, numa mesma fila, de sorte que se liguem pelas mãos do mesmo nome, forma-se uma cadeia de indivíduos do qual o último à esquerda e o último à direita fornecem um desprendimento luminoso bem mais enérgico que numa só pessoa (70).

(65) *exposé de différentes cures. Supplement 10.*

(66) *MESMER Aphorismes 302.*

(67) *HUFELAND Ueber Sympathie, 166.*

(68) *DELEUZE Instruction pratique, 91.*

(69) *Hermés, I, 85.*

(70) *REICHENBACH Odische Begebenheiten, 87.*

Na primeira metade deste século a idéia que se fazia da força vital não é mais sustentável. Uma força que forma o corpo, o vivifica e o conserva, mas não tem suporte material, nem substrato físico, deveria parecer cada vez mais suspeita, com o progresso das ciências naturais: acabou-se cancelando-a totalmente e reduziu-se o homem a um problema de química, porque o fenômeno químico é comum à natureza inorgânica e parecia o mais próprio para explicar a vida. Mas todos os esforços, feitos pelo materialismo para explicar os fenômenos ou funções outrora atribuídos à força vital, pelas leis de um escalão inferior da natureza, sempre deixaram um resíduo inexplicado e ficarão tão vãos como por exemplo, a tentativa de resolver os problemas da estereometria pela geometria plana. Não podemos, pois,

privar-nos da força vital para explicar o homem, mas seremos obrigados a restabelecê-la em tal situação e sob uma forma tal, que ela esteja ao abrigo das objeções muito justas que lhe foram opostas outrora. Mesmer e Reichenbach encontraram precisamente o veículo material dessa força misteriosa no od, e o od está bem à altura de sua missão, que é fornecer a solução do problema da vida. Numa vasta série de fenômenos, que se pode acompanhar até no domínio dos cristais, ele nos aparece como o formador, organizador e vivificante, mesmo quando está exteriorizado e transferido a um organismo estranho.

No fim de sua mais importante obra, Reichenbach fez a comparação do od com as outras forças - ou "dynamides" como as chama - da natureza: o calor, a eletricidade, a luz, o magnetismo, e mostrou quanto mais profundas essas forças, o od penetra em nossa vida física e psíquica. "Se, pois, diz ele, o od penetra tão intimamente na esfera corporal e espiritual do homem, se participa visivelmente e de maneira peremptória no funcionamento da alma, comparado a qualquer outra força, está ostensivamente mais aproximado do princípio de vida que existe em nós. E o está mesmo aproximado em tão alto grau que é difícil, e mesmo impossível traçar uma linha de demarcação entre o espiritual e o ódico. É esta fusão tão íntima entre os dois que nos força a estabelecer este problema:" o od é simplesmente um princípio agindo sobre o nosso princípio espiritual,

ou faz parte integrante de nós? É um simples componente do nosso elemento mental, ou uma porção constituinte do nosso ser espiritual? (71). Ajunta Reichenbach que esta questão nos coloca "no sólio das coisas elevadas": com efeito, é fácil de se dar conta que Reichenbach não escreveu, nem mais, nem menos, que a física da magia. Entrou nesse domínio tão longe quanto lho permitiam as suas premissas. Ultrapassou de muito os seus contemporâneos, aceitando sem idéias preconcebidas os fenômenos do sonambulismo, e mesmo o

das mesas girantes. Aliás aí não via outra coisa senão fenômenos conforme as leis da Natureza, como todos os outros. É um capítulo de uma psicologia e de uma física inexploradas e que não podem ser estudadas senão tomando por ponto de partida o od ou o agente de nome qualquer, que lhe seja equivalente.

(71) REICHENBACH. *Dei sensitivo Mensch.*, II, 707, 708.

Nada de magia sem alma, porque é a ação extracorpórea da alma que constitui a magia. Que a alma seja, ela própria, de natureza ódica ou que o od não seja senão o meio de união entre a alma e o corpo (então o perispírito dos espíritas), Reichenbach deixa a questão aberta. De qualquer maneira as funções anímicas, as funções vitais, tanto quanto o exercício do pensamento, estão ligados a fenômenos ódicos. Como a força vital - assim como vimos - pode exteriorizar-se graças ao od, e ser transportada, segue-se que o pensamento pode igualmente ser exteriorizado. A transmissão do pensamento, pois, logicamente impor-se-ia a priori, mesmo se a experiência não tivesse estabelecido a sua realidade.

Desde então a magia se acha de posse de sua discriminante necessária: a ação extra-corpórea da alma ou repousa sobre a exteriorização da força vital, ou sobre a do pensamento, ou, enfim, sobre uma combinação desses modos de atividade nos fenômenos onde uma coisa pensada, uma idéia-imagem intensa se acha organicamente realizada pela força vital, como no olhar das mulheres grávidas e na produção das marcas mais estigmatizadas.

NOTA L

Medicação por traspasse em seres vivos

Este gênero de medicação ainda está muito em uso no campo, e duas obras foram recentemente publicadas sobre a Zooterapia pelo doutor Hochtetten de Reutlingen, e o doutor Raoux, de Lausanne. Poder-se-á igualmente consultar o Tratado Experimental de Magnetismo, pelo senhor Durville (tomo II, pgs. 163-182).

A Zooterapia foi recomendada várias vezes pelos sonâmbulos. No tomo IX dos Archives du magnétisme animal (pg. 153), vê-se que, durante o tratamento da viúva Petersen pelo doutor Bendsen, aconteceu duas vezes que seu cão teve nas pernas trazeiras câimbras que só o deixaram depois de várias horas. A doente declarou ao médico, durante seu estado sonambúlico, que o cão tinha sido infeccionado por ela. Diante disso, Bendsen lhe perguntou se era possível transferir à vontade suas câimbras para um animal: Seria preciso, respondeu ela, que meu próprio cão, que se achando sempre em contacto comigo partilha dos meus eflúvios, fosse magnetizado ao mesmo tempo que eu e que, então, fosse posto em contacto com minhas mãos e meus pés. Neste caso minha câimbra passaria para ele, mas isto não daria resultado com outro cão. O meu, ao contrário, ora fica em minha cama, ora em meus joelhos; eu o acaricio e às vezes lhe mastigo o pão de que o alimento. E tudo isto o põe comigo numa relação de magnetismo animal muito íntimo."

Ela não quis que o doutor experimentasse neste sentido, mas ele fez a experiência com um outro doente: "Durante o inverno de 1819, fiz a experiência com um outro doente, sofrendo de câimbras e empreguei um cão estranho. Eu o pus aos pés da doente sem o magnetizar e, por mais que o cão se debatesse, as câimbras o pegaram. Ele virava os olhos, torcia a boca, crispava os pés, exatamente como o fazia a doente, quando as câimbras lhe tomavam os braços e as pernas. Mas, depois de dois minutos, pos-se novamente a correr no quarto, procurando esconder-se."

Um outro dia a viúva Petersen aconselhou ao seu médico que lhe aplicasse carne fresca contra dor de cabeça. Ele o fez várias vezes com sucesso, depois dava a carne ora ao seu cão, ora a um cão da vizinhança. De cada vez esses animais ficavam com a mesma doença.

Para este efeito o dr. Muller empregava Pombos. Eu ouvi médicos dizerem que tinham usado esse processo com sucesso, depois de terem aberto o ventre do animal, e que a carne assim aplicada se corrompia muito rapidamente.

O doutor Ochorowicz colheu testemunhas semelhantes.

"Contaram-me, disse ele, vários fatos de cura, sobretudo em doentes de reumatismo, realizadas unicamente pelo contacto de pessoas ou mesmo de animais jovens e sãos. Num caso muito extraordinário para ser citado sem prova, as galinhas serviram de remédio e morreram depois de terem curado o doente! Não menciono este fato senão para atrair a atenção dos observadores sobre o que se passa todos os dias nos campos, e que talvez os médicos não tenham razão para desdenhar." (De la suggestion mentale, pg. 220).

É também o que dizia o célebre doutor Hufeland (1762-1839), que durante muito tempo foi diretor da Academia militar de medicina e cirurgia de Berlim: "Observando o efeito produzido pela exposição dos animais mortos de fresco sobre os membros paralisados, e animais vivos sobre partes dolorosas, parece que não se deveria repelir este método terapêutico." (L'Art de prolonger la vie, léna, pg. 7).

Os feiticeiros modernos do Béarn ainda empregam o processo da transplantação.

Eles curam certos males, como as dores, os reumatismos, a febre, pelos remédios vivos. Paia isto, recomendam ao doente abraçar uma árvore a plenos braços, pronunciando as seguintes palavras... A transmissão da doença à árvore geralmente se faz muito bem, se neles acreditarmos. Eles prescrevem por animais novos (mais particularmente cães) na cama dos reumáticos e em contacto com os

membros atingidos. O animal recebe o mal em menor grau que o homem e o cede às plantas, quando penetra nos prados.

O Journal du magnétisme (tomo XV, pg. 537) contou o fato seguinte, que reúne todas as variantes do fenômeno da transplantação:

Uma jovem, a senhorita A. V., sonâmbula, tomada de inveja de outra sonâmbula, sua rival, deixou bruscamente o salão de experiências de seu magnetizador. Fosse por efeito da estação, fosse por mágoa, a srta. A... caiu gravemente doente; uma febre violenta a devorava desde mais de três semanas; todo remédio foi ineficaz para a salvar e ela repetia em seu leito de dor, à sua família aflita: "Oh! só o senhor G... me pode curar. Mas eu o feri, deixando-o - E eu, eu estou convencido, respondeu seu irmão, que ele viria..." O senhor G. não hesitou um minuto. - Encontrou a doente presa de uma febre intensa e a transpiração tinha inundado até o segundo colchão. Magnetizou-a com fé, força e caridade. Achando-se um pouco calma, o senhor G. avistou à janela uma magnífica planta de cânhamo. "Gostais muito deste cânhamo? perguntou à mãe. - Eu, senhor, não penso senão na saúde e na vida de minha filha!" Então avançando para a janela, o senhor G. aproximou-se do cânhamo e despejou sobre ele todos os miasmas mórbidos que havia tirado de junto da doente. No dia seguinte, nova magnetização da moça, cuja melhora já era muito pronunciada. O cânhamo tinha tomado um tom amarelo. No dia seguinte a srta. A... estava perfeitamente bem; nesse mesmo dia o cânhamo secou como se a lava de um vulcão tivesse passado por ele. No dia seguinte a doente estava curada e o cânhamo morto! A sra. V. disse ao magnetizador: "Olhai, senhor, eu vou arrancar o cânhamo. Para que guardar uma planta morta? - Não, senhora, por favor, interrompeu o senhor G... deixai-me fazer minha experiência." Então o magnetizador aproximou-se do triste cânhamo, cuja haste amarela estava inclinada, e cujas folhas estalavam sob os dedos como as folhas

mortas em dezembro estalam sob os pés que as esmagam. Pôs-se a magnetizar a planta ressecada em sentido inverso, para a libertar de todos os miasmas pestilentos de que estava saturada. Depois pediu um vaso d'água, que também magnetizou para lhe dar uma virtude benfeitora, e regou lentamente, complacentemente, o cânhamo fanado, ignorando o que podia resultar. No dia seguinte as hastes estavam erguidas, e as folhas mortas começavam a se destacar. No terceiro dia todas as folhas velhas tinham caído e o cânhamo tinha reverdecido. No quarto dia (e a doente estava perfeitamente curada), a planta estava admirável e luxuriante com renovos de galhos e folhas, cheios de vida e de ardor. - Doente eu mesmo, e encantado com esses fatos, continua o narrador, apressei-me em adquirir duas plantas, que o senhor G... também magnetizou com o fluido e a vontade de transplantar o mal. Minha cabeça se desembaraça, minha febre diminui mas, em compensação, a begônia discolor inclina suas folhas amarelecendo, a roseira está seca como se tivesse sido vítima de um incêndio, e eu tenho a crueldade de assistir com prazer aos últimos momentos de minhas duas flores, destinadas à morte.

NOTA M

A simpatia a grandes distâncias.

Extrato de *La Vie après la Mort*, por J. Baissac

Como exemplo de traspasse da sensação, fora de toda participação da vontade, poderíamos citar o de um infeliz, supliciado na roda no último século, cuja pobre mãe, distante mais de 15 léguas, sentiu em si todos os golpes que recebia o seu filho, no momento em que lhos davam. A história nos foi contada, há muito tempo, por um homem

dos mais veneráveis, filho de um honesto convencional, deputado do Lot, que tinha sido juiz no caso.

Os Proceedings abundam em fatos de gênero análogo, todos publicados sob a garantia da Sociedade. Eis um dos mais característicos, que lhe foi comunicado pelo Professor Ruskin:

Brantwood, Coniston, 27 de outubro de 1883.

"Levantei-me em sobressalto, sentindo que acabava de receber forte golpe na boca, e com a sensação muito clara de que tinha sido cortada e que sangrava abaixo do lábio superior; logo tomei meu lenço de bolso e o apertei pela ponta na parte sofredora. Eu me havia sentado e, ao cabo de alguns segundos, quando retirei o lenço, fiquei admirada de não ver sangue. Só então me convenci de que era impossível que tivesse sido ferida e, como estava perfeitamente adormecida no momento da sensação, julguei que não passasse de um sonho. Olhei o relógio e vi que eram 7 horas; percebendo que Arthur, meu marido, não estava no quarto, inferi, com razão, que como fazia bom tempo, ele devia ter saído para um passeio matinal em canoa, no lago. Então readormeci. Ao pequeno almoço, as nove e meia, Arthur voltou, um pouco atrasado, e notei que se havia sentado de propósito um pouco mais longe de mim, que de costume, e que, de vez em quando, passava furtivamente o lenço no lábio, exatamente como eu tinha feito. "Arthur, perguntei, porque fazes isto?" E acrescentei, um pouco inquieta: "Sei que te machucaste, mas já direi como o sei. - Ora! disse ele, quando eu navegava, chega de súbito uma rajada, que torce a barra do leme, recebo um diabo de golpe de barra na boca, abaixo do lábio superior; correu bastante sangue, e tive que parar. - Sabes, perguntei eu, que horas eram quando a coisa se deu? - Respondeu ele: Podiam ser cerca de 7 horas." Então contei o que me tinha acontecido, para sua grande surpresa e a de todos os que

tomavam café conosco. Foi em Brantwood que a coisa se passou, há cerca de três anos."

A carta que precede é assinada por Joan R. Severn. É seguida de uma outra do marido dessa senhora, que a confirma em todos os detalhes.

Ao primeiro dos dois fatos de sugestão ou traspasse de sensação, que acabo de referir, talvez objetem que a mãe do infeliz supliciado, sabendo da condenação de seu filho e esperando o que aconteceu, pode sofrer, na circunstância, o contra-golpe de sua imaginação. Não me lembro se, no relato que me foi feito, me disseram que essa mãe, que entretanto estava a uma distância de 15 léguas, ignorava o que devia acontecer. A concentração da espera, contada entre as causas que podem determinar o êxtase, a catalepsia, a hiperestesia e a maior parte dos estados que se conhecem, poderia, se ela não o ignorasse, explicar sua própria tortura, como explica os estigmas evidenciados de muitos santos. São Francisco de Sales diz dos de São Francisco de Assis: "Sua alma, amolecida, enternecida e quase inteiramente fundida em sua dor amorosa, achou-se por este meio extremamente disposta a receber as impressões e marcas do amor e dor de seu soberano amante. Porque a memória estava toda diluída na lembrança desse divino amor, a imaginação aplicada seguramente em se representar às feridas e contusões que os olhos viam então tão perfeitamente bem impressos na imagem presente. O entendimento recebia as espécies infinitamente vivas que a imaginação lhe fornecia e, enfim, o amor empregava todas as forças da vontade para se deleitar e conformar com a paixão do bem-amado cuja alma sem dúvida se achava transformada num segundo crucifixo. Ora, a alma como forma e senhora do corpo, usando de seu poder sobre este, imprimiu as dores das chagas de que estava ferida nos lugares correspondentes aos que seu amante os havia suportado. O amor é admirável para aguçar a imaginação, a fim de que penetre no exterior (72).

(72) *Traite de l'amour de Dieu*, liv. VI, Ch. XV.

Mas o segundo lato, o da senhora Severn, se recusa a qualquer explicação deste gênero. Aqui a sensação é transmitida por si mesma, independentemente da vontade de um, como da imaginação do outro.

NOTA N

O filtro de Marie de Clèves.

A História nos conservou a lembrança da louca paixão que Marie de Clèves, esposa do príncipe de Conde, inspirou ao duque de Anjou. Este príncipe, obrigado a deixar a França para ir sentar-se no trono da Polônia, lhe escrevia cartas ardentes de ternura, com sangue que tirava do dedo por uma picada. No mesmo dia em que soube da morte de Carlos IX, lhe mandou um correio para a avisar que em breve seria rainha de França. Esta promessa trouxe infelicidade à jovem princesa, que não tardou em ser levada (a 30 de outubro de 1574) por um mal desconhecido, cuja origem tanto foi atribuída ao príncipe de Conde, seu marido, quanto à rainha Catarina de Médicis. Henrique III sentiu um profundo desespero; esteve de luto muito tempo por aquela a quem tanto tinha amado e jamais a esqueceu.

Eis como Saint-Foix conta a origem desta afeição extraordinária:

"O casamento do rei de Navarra, depois Henrique IV, com Margarida de Valois, e o do príncipe de Conde com Marie de Clèves, de dezesseis anos, a figura mais encantadora, depois de haver dançado bastante e se achando um pouco incomodada pelo calor do baile, passou a um vestiário, onde uma das mulheres da rainha-mãe, vendo sua camisa suada, a fez vestir uma outra. Não havia senão um momento que ela tinha saído daquele vestiário, quando o duque de Anjou, depois Henrique III, que também tinha dançado muito, ali entrou para arranjar a cabeleira e enxugar o rosto com o primeiro pano

que encontrasse; era a camisa que ela acabava de tirar. Voltando ao baile, ele lançou os olhos sobre ela, e a olhou, dizem, com tanta surpresa como se jamais a tivesse visto. Sua emoção, sua perturbação, seus transportes e toda a solícitude que começou a lhe demonstrar eram tanto mais admiráveis quanto até então ele tinha parecido bastante indiferente a esses mesmos encantos que, nesse momento, faziam sobre a sua alma uma impressão tão viva."

APÊNDICE

Nas páginas precedentes, procurei estabelecer a realidade de certos fenômenos desconhecidos ou contestados até aqui pela ciência oficial, não só descrevendo observações e experiências, mas ainda mostrando que esses fenômenos podiam, até certo ponto, ser explicados pelas forças já conhecidas e que as objeções hoje levantadas contra eles se verificaram em todos os tempos, contra todas as descobertas. Com efeito, é somente quando os fatos são admitidos como possíveis que, geralmente, se decidem a observá-los e publicá-los (1).

(1) "Falando em geral, o inconcebível de um fato físico, por força de seu desacordo com noções preconcebidas, não é uma prova de sua impossibilidade ou de sua não existência. O progresso intelectual consiste quase sempre em retificar ou derrubar velhas idéias, das quais um grande número foram consideradas como evidentes durante longos períodos intelectuais... Poder-se-iam acumular exemplos indefinidamente. Até a descoberta da decomposição da água, da verdadeira combustão e das afinidades relativas do potássio e do hidrogênio para o oxigênio, era impossível conceber uma substância que se queimasse em contacto com a água; um dos atributos reconhecidos da água - em outros termos, uma parte do conceito da água - era que ela é o contrário do fogo. Esse conceito preliminarmente era falso e, quando foi destruído, o inconcebível de uma substância tal como o potássio desapareceu."

(STALLO. La Matière et la Physique moderne; Paris, 1884, pg. 109.)

Tais são, por exemplo, os que relatam o dr. H. Goudard, no artigo seguinte, publicado nos *Annales de psychiatrie et d'hypnologie* (número de janeiro de 1895).

Em dezembro de 1891, prestei meus cuidados a srta. Galt..., professora de vinte e cinco anos, espírito muito culto, muito séria, muito ponderada, atingida de desordens menstruais, consistentes de regras irregulares e dolorosas e de nevralgias variadas.

Testemunha da cura rápida e radical, pelo tratamento hipnótico, de uma de suas amigas, em consequência de distúrbios dispépticos e menstruais, caída num verdadeiro estado de marasmo, até então rebelde a todos os tratamentos, ela me havia pedido que lhe proporcionasse o benefício do mesmo método.

No começo, a despeito de várias tentativas, não me foi possível obter o sono hipnótico, propriamente dito, nem suggestionar proveitosamente a minha doente. Por exemplo, ela apresentou aptidões muito notáveis e muito particulares, revelando-se um sensitivo magnético de primeira ordem.

Refratária aos meios habituais, era influenciada extraordinariamente pelos passes, e muito sensível à atração e, em geral, às ações à distância, o que me deu ocasião de fazer, com o seu consentimento, bem entendido, experiências muito interessantes, que aqui não cabem ser relatadas.

Entre outras particularidades, ela via, em estado normal, os eflúvios que Reichenbach chama ódicos, saindo de seus dedos e, mais abundantemente, dos meus, assim como das bordas e da superfície de um copo d'água que tinha nas mãos. Acredite-se que eu fazia o possível para evitar toda influência sugestiva nessas pesquisas. Aliás, eu sempre me impus como regra registrar os fenômenos que se apresentam tal qual acaso nos oferece, convencido de que um método qualquer, em semelhante assunto, não pode senão prejudicar a exatidão da observação.

Uma noite - 18 de dezembro - a sra. B., também professora no mesmo estabelecimento, estando presente - eu a tinha posto entre mim e a lâmpada, de modo que me achava na sombra projetada por ela.

A srta. Galt... declarou espontaneamente que via meus olhos luminosos, móveis e projetando longos eflúvios, análogos aos que ela tinha visto, até então, saindo de meus dedos ou dos seus, mas muito mais brilhantes.

Querendo convencer-me da realidade do fato, fiz apagar a lâmpada. Estando fechadas as janelas, fazia noite negra. Pedi ao sensitivo que nos desse conta de suas impressões. Aqui copio textualmente minhas notas tomadas na mesma noite.

" Olhai-me. Que vedes?

- Duas colunas luminosas saindo dos vossos olhos e, abaixo, duas outras colunas paralelas mais aproximadas... elas saem das narinas.

- E agora?

- Abaixo das quatro colunas luminosas, vejo um outro feixe de clarões. "Tendes a mão perto do queixo."

Era exato.

"E agora?

- Vejo um outro feixe como o primeiro, fora e mais baixo."

Era a minha mão esquerda, que eu acabava de por ao lado e um pouco abaixo da direita.

A srta. Galt... ainda continuou um momento a descrever muito exatamente as mudanças de lugar de minha cabeça e de minhas mãos.

A obscuridade era tal que a sra. B., testemunha, nada distinguia de minha pessoa, posto que colocada mais perto de mim que o sensitivo. Repeti a mesma experiência várias vezes com o sensitivo, sempre com o mesmo sucesso.

Note-se que a srta. Galt... estava, ou parecera estar, no seu estado normal. Eu digo parecia, porque creio que só o fato de minha presença

criava um estado particular, que ela não podia definir de outro modo senão dizendo que se sentia outra.

Outros fenômenos, aos quais tinha pensado não dever fazer senão uma discreta alusão, porque ainda me pareciam difíceis de expor ao público francês, apesar disso recentemente se afirmaram com tanto brilho, que necessitam de um estudo especial. Encontra-lo-ão em meu livro sobre A exteriorização da motricidade.

Será a honra dos homens ousados e generosos, cujas experiências relatarei, a despeito das hostilidades por vezes agressivas, terem reabilitado a ciência, da falência de que a acusa o diretor da *Revue des Deux-Mondes*.

Diz ele: "De fato as ciências físicas ou naturais nos tinham prometido suprimir o mistério. Ora, não só não o suprimiram, mas hoje vemos claramente que não o esclarecerão jamais. Elas são impotentes, não digo para resolver, mas para apresentar convenientemente as únicas questões que importam: são as que tocam à origem do homem, à lei de sua conduta e de seu destino futuro. O incognoscível nos rodeia, nos envolve, nos aperta, e não podemos tirar das leis da física ou dos resultados da fisiologia nenhum meio de conhecer algo disto (après une visite au Vatican. *Revue des Deux-Mondes*, 1º de janeiro de 1895).

Certamente a Ciência não tem a pretensão de resolver todos os problemas, mas é, ao menos, temerário estabelecer limites às suas investigações, e o senhor Brunetière talvez tivesse sido menos afirmativo se tivesse lido dois livros publicados recentemente, um em Montpellier, pelo doutor Coste (*les Phénomènes psychiques occultes*, tese de doutoramento), o outro em Genebra, pelo senhor Metzger (*le Spiritisme Scientifique*).

Arrastados, com efeito, de maneira inelutável pela evolução ascendente da humanidade, penetramos, neste momento, por todos os lados, nesse mundo do ALÉM, que não tínhamos entrevisto até aqui,

senão através dos ensinios simplistas das religiões e dos mitos obscuros do Oriente.

FIM